

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

GLEITON MALTA

**O PROCESSAMENTO COGNITIVO
EM TAREFAS DE (RE)TRADUÇÃO:
UM ESTUDO BASEADO EM RASTREAMENTO OCULAR, REGISTRO DE
TECLADO E *MOUSE* E PROTOCOLOS RETROSPECTIVOS**

BELO HORIZONTE – MG

2015

GLEITON MALTA

**O PROCESSAMENTO COGNITIVO EM TAREFAS DE (RE)TRADUÇÃO:
UM ESTUDO BASEADO EM RASTREAMENTO OCULAR, REGISTRO DE TECLADO E *MOUSE*
E PROTOCOLOS RETROSPECTIVOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Estudos da Tradução

Orientadora: Prof. Dra. Adriana Silvina Pagano

Coorientador: Prof. Dr. Igor A. Lourenço da Silva

BELO HORIZONTE – MG

2015

M261p

Malta, G.

O processamento cognitivo em tarefas de (re)tradução [manuscrito] : um estudo baseado em rastreamento ocular, registro de teclado e mouse e protocolos retrospectivos / Gleiton Malta. – 2015.

249 f., enc. : il., tabs., grafs., color., p&b.

Orientadora: Adriana Silvina Pagano.

Coorientador: Igor Antônio Lourenço da Silva.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Estudos da Tradução.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 211-220.

1. Traduções e interpretação – Teses. 2. Traduções – Estudo e ensino – Teses. 3. Língua espanhola – Traduções para o português – Teses. 4. Serviços de tradução – Métodos experimentais – Teses. I. Pagano, Adriana Silvina. II. Silva, Igor Antônio Lourenço da. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título.



FOLHA DE APROVAÇÃO

O processamento cognitivo em tarefas de (re)tradução: um estudo baseado em rastreamento ocular, registro de teclado e mouse e protocolos verbais

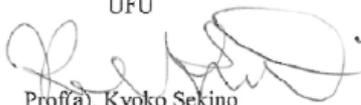
GLEITON MALTA MAGALHÃES

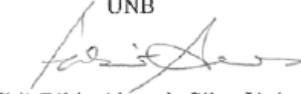
Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Estudos da Tradução.

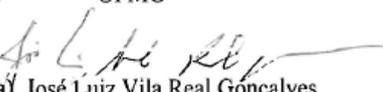
Aprovada em 11 de dezembro de 2015, pela banca constituída pelos membros:

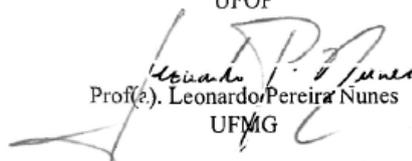

Prof(a). Adriana Silvina Pagano - Orientador
UFMG


Prof(a) Igor Antônio Lourenço da Silva
UFU


Prof(a). Kyoko Sekino
UNB


Prof(a). Fábio Alves da Silva Júnior
UFMG


Prof(a). José Luiz Vila Real Gonçalves
UFOP


Prof(e). Leonardo Pereira Nunes
UFMG

Belo Horizonte, 11 de dezembro de 2015.

À minha mãe, Terezinha Malta, natural de São Benedito/CE, e ao meu pai, Antônio O. Magalhães, Natural de Ibiapina/CE, que, antes mesmo da universidade, já me tinham formado para a vida.

AGRADECIMENTOS

Tal como o *continuum* que representa o perfil novato/experto, a gratidão também possui graus, porém de intensidade. Não obstante, o *continuum* da gratidão se inicia em um ponto e termina não sabemos onde, tamanha é a complexidade desse sentimento. E é nesse ponto, cujo local é impossível especificar, que se encontra meu sentimento (estado?) de gratidão.

Ao final desta jornada, cujo estudo foi desenvolvido por diversas mãos, a eficácia das palavras perde terreno para o sentimento, e mesmo que eu me esforce, não consigo traduzir minha gratidão. Gratidão...

A meus incansáveis orientadores, Profa. Dra. Adriana Pagano e Prof. Dr. Igor A. L. Da Silva, pela generosidade, empenho, profissionalismo, paciência, humildade, ensinamentos e, principalmente, por terem endurecido sem nunca perder a ternura. ¡*Muchísimas gracias!*

À Profa. Dra. Kyoko Sekino, pelos números, pela estatística, pelos cafés que tomamos (e pelos que ainda vamos tomar), pela eficiência, pelas discussões, pelo compartilhar anseios, pela doação, pelas viagens com o Tobii, pela grata companhia.

Ao Prof. Dr. Fábio Alves, que, mesmo na sua atribulada vida acadêmica, encontrou tempo para contribuir para este trabalho, desde a gestação até sua conclusão.

Ao Prof. Dr. José Luiz Gonçalves Vila Real, pela disponibilidade e interesse irrestrito em contribuir.

Ao Prof. Dr. Leonardo Pereira Nunes, por se disponibilizar a contribuir para este estudo.

Aos 79 voluntários, em especial aos 62 de Brasília, que se disponibilizaram para as coletas e tornaram possível esta pesquisa.

A todos(as) do LETRA, pelo acolhimento e apoio – em especial a Arthur de Melo Sá, Norma Fonseca, Karina Szpak e Rodrigo Araújo.

Aos meus familiares pelo apoio e por compreender minhas ausências.

Al profesor y hermano Idelso Taset, por la sinergia, confianza, ayuda y por los conflictos que me han hecho evolucionar como hombre y como profesional.

Al profesor y amigo Miguel Ángel Tumbarell Rodríguez, ¡POR TODO!

À UnB, por me possibilitar dedicar nove meses exclusivamente ao doutorado.

À FALE/UFMG, por me oferecer um ambiente de pesquisa público, gratuito e de qualidade.

Aos meus professores das escolas públicas de ensino fundamental e médio e do ensino superior.

Aos meus amigos dos Centros Interescolares de Línguas de Brasília.

Às minhas origens.

A dupé bàbá mì Òsòòsi, mo juba!

*Tudo que existe, existe talvez
porque outra coisa existe.
Nada é, tudo coexiste:
talvez assim seja certo.*

Fernando Pessoa

RESUMO

Este estudo foi desenvolvido no Laboratório Experimental de Tradução (LETRA), da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e afilia-se ao campo disciplinar dos Estudos da Tradução – mais especificamente, aos estudos descritivos orientados para o processo tradutório. O objetivo foi caracterizar o processo tradutório em uma tarefa de (re)tradução (TAHIR-GÜRÇALAR, 1998) a partir de dados de registro de teclado e *mouse* (*key-logging*) e rastreamento ocular (*eye-tracking*) triangulados com protocolos retrospectivos colhidos após conclusão da tarefa (ALVES, 2005). A análise buscou investigar evidências de esforço cognitivo com base em indicadores do processo tradutório, como movimentos recursivos, pausas e número e duração de fixações (O'BRIEN, 2006; ALVES; PAGANO; DA SILVA, 2009; JAKOBSEN; JENSEN, 2008). Estudantes de tradução e professores de espanhol como língua estrangeira, todos com experiência em tradução, realizaram uma tarefa na qual receberam três textos de insumo – um texto original em língua espanhola e duas traduções do mesmo em português do Brasil – para a produção de um quarto texto, uma nova tradução do texto original. O texto original é um excerto de uma narrativa de aproximadamente 80 palavras. O processo tradutório dos participantes foi capturado em tempo real por programa de gravação de acionamentos de teclado e *mouse* (Translog-II) e por rastreador ocular (Tobii T60). Imediatamente após a tarefa, foram coletados protocolos verbais livres e guiados, gravados em áudio e transcritos. Condizentes com Hvelplund (2011, 2015a; 2015b), os resultados revelaram maior alocação de esforço cognitivo no processamento do texto-alvo e prevalência da atenção visual primeiramente no texto-alvo, depois no texto-fonte e, ocasionalmente, nas duas traduções recebidas como insumo. No que diz respeito às fases do processo tradutório, os participantes da pesquisa despenderam mais tempo na fase de redação, seguida da fase de orientação e, por último, da fase de revisão, sendo esta a mais heterogênea, ora realizada com foco somente no texto-alvo, ora com foco entre texto-alvo e texto-fonte e, em menor frequência, com foco entre o texto-alvo e as traduções prévias. O tempo despendido na fase de revisão também evidenciou variação entre participantes, corroborando os resultados de Carl *et al.* (2011). Os protocolos verbais corroboraram os resultados de rastreamento ocular, que indicam maior atenção visual primeiro no texto-fonte e depois no texto-alvo; confirmaram, ainda, menor atenção visual e dispêndio de esforço nos textos traduzidos recebidos como insumo da tarefa, além de revelar aspectos de percepção dos participantes sobre a tarefa realizada.

Palavras-chave: Processo tradutório. (Re)tradução. Esforço cognitivo. Rastreamento ocular. Português-espanhol.

ABSTRACT

This research was conducted at the Laboratory for Experimentation in Translation, at Faculdade de Letras (FALE), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Affiliated to process-oriented studies within the discipline of Translation Studies, it aimed at describing the translation process in a (re)translation task (TAHIR-GÜRÇALAR, 1998) by analyzing data collected through key-logging, eye-tracking and verbal protocols carried out upon task conclusion (ALVES, 2005). The aim was to identify indicators of cognitive effort in the translation process such as recursive movements, pauses and fixation count and duration (O'BRIEN, 2006; ALVES; PAGANO; DA SILVA, 2009; JAKOBSEN; JENSEN, 2008). Translation students and teachers of Spanish as a foreign language with experience in translation received an 80-word excerpt from a short story in Spanish and two published translations of that excerpt into Brazilian Portuguese, and were requested to produce a new version in Portuguese language. The translation process of those participants was recorded in real time through the key-logging software Translog-II and eye-tracking software Tobii Studio with an eye-tracker Tobii T60. Upon completion of the task, free and guided verbal protocols were recorded in audio and later transcribed. Confirming Hvelplund's (2011, 2015a; 2015b) findings, this study showed greater allocation of cognitive effort on processing the target text and prevalence of visual attention first on the target text, then on the source text and occasionally on both translated texts received as input. Regarding the stages of translation process, participants spent more time on drafting, then on orientation, and finally on revision. Revision proved to be the most heterogeneous stage, sometimes being conducted with a focus only on the target text, sometimes on a comparison of the source and target texts and, less frequently, on further processing of the target text and both translations. Similarly to Carl et al. (2011), this investigation showed variation regarding the time devoted to revision by participants. Verbal protocols corroborated the eye-tracking results, which indicated more visual attention devoted first to the target text, and then to the source text. They also confirmed less visual attention and effort spent on the translated texts that participants received as input to carry out the task. Additionally, they revealed aspects related to participants' perceptions on that task.

Keywords: Translation process. (Re)translation. Cognitive effort. Eye-tracking. Portuguese/Spanish.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Posição da (re)tradução em relação a outros textos	28
Figura 2 - Participantes da pesquisa: recrutamento e exclusão	56
Figura 3 - Dendograma com os agrupamentos realizado pelo R.....	58
Figura 4 - Tela do Tobii Studio 3.2.2 com as áreas de interesse (AOI)	65
Figura 5 - Tela do Tobii e Translog User com o leiaute do teste de leitura e cópia.....	66
Figura 6 - Tarefa nas configurações 1 e 2	67
Figura 7 - Comando (<i>brief</i>) da tarefa.....	67
Figura 8 - Tela do Tobii Studio 3.2.2 com as microáreas de interesse (MAOI)	68
Figura 9 - Relação núcleo-satélite	70
Figura 10 - Relação multinuclear	70
Figura 11 - Estrutura retórica do ST	71
Figura 12 - Estrutura retórica da T1	71
Figura 13 - Estrutura retórica da T2	71
Figura 14 - Fluxograma dos procedimentos individuais da sessão de coleta.....	75
Figura 15 - Tela do aplicativo LRSB (Linear Representation Spreadsheet Builder)	79
Figura 16 - Exemplo de planilha gerada pelo LRSB (Linear Representation Spreadsheet Builder).....	79
Figura 17 - Telas do Translog-II: (a) horizontal e (b) vertical	81
Figura 18 - Configuração do primeiro leiaute utilizado no estudo exploratório	82
Figura 19 - Segundo leiaute elaborado para o estudo.....	83
Figura 20 - Equações para obtenção do número de visitas aos lados direito e esquerdo da tela do computador	93
Figura 21 - Síntese do comportamento do olhar referente às visitas por grupo e por AOI....	104
Figura 22 - Relação T1-T2 e duração/número de visitas.....	104
Figura 23 - Tela do Excel com exemplo de contagem de fixações e criação de sequência linear de acessos de P01 (adaptado).....	109
Figura 24 - Tela do Excel com a contagem geral das transições por participantes.....	110
Figura 25 - Combinações de transições para testes estatísticos de comparação	116
Figura 26 - Síntese/relação do comportamento do olhar referente às fixações (em número e em duração) por grupo e por AOI.....	133
Figura 27 - relação número/duração das fixações T1-T2	133
Figura 28 - Representação linear com pausas de diferentes tipos durante a tradução de P09	153
Figura 29 - Mapas de calor de G1, G2 e todos os participantes	191
Figura 30 - Modelo processual da (re)tradução	192
Figura 31 - Modelo sequencial da tradução (Gile, 1995).....	197
Figura 32 - Representação das quatro AOI em estudos processuais distintos: processo de dublagem e de (re)tradução.....	199
Figura 33 - Comparativo entre as durações média das fixações e das visitas no ST, na T1 e na T2	201

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de visitas por AOI	90
Gráfico 2 - Visitas por AOI (%)	90
Gráfico 3 - Diferença (%) dos números de visitas registrados entre as AOI.....	92
Gráfico 4 - Porcentagem de visitas nas MAOI.....	98
Gráfico 5 - Duração média das visitas (milissegundos)	100
Gráfico 6 - Porcentagem das transições ST[TT, T1,T2 e Ts] e TT[ST, T1, T2 e Ts].....	112
Gráfico 7 - Transições (%) T1[ST, T2, TT e ST-TT] e T2[ST, T1, TT e ST-TT]	114
Gráfico 8 - Número de fixações por AOI.....	120
Gráfico 9 - Fixações por AOI (%)	120
Gráfico 10 - Diferença (%) registrada do número de fixações entre as AOI	121
Gráfico 11 - Porcentagem de fixações nas MAOI.....	126
Gráfico 12 - Duração média das fixações por AOI (em milissegundos).....	128
Gráfico 13 - Duração das fases do processo de redação por participante (em milissegundos)	140
Gráfico 14 - Duração da tarefa por fase do processo tradutório no G1	142
Gráfico 15 - Duração da tarefa por fase do processo tradutório no G2.....	142

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pressupostos, perguntas, objetivos e hipóteses da pesquisa.....	24
Quadro 2 - Termos utilizados para o cálculo das variáveis de rastreamento ocular	35
Quadro 3 - Variáveis de rastreamento ocular mais comuns nos estudos de usabilidade.....	35
Quadro 4 - Variáveis mais frequentes nas pesquisas processuais da tradução.....	36
Quadro 5 - Tarefa de tradução e suas características.....	51
Quadro 6 - Tarefa de revisão e suas características	51
Quadro 7 - Tarefa de pós-edição e suas características	52
Quadro 8 - Proposta de tarefa de (re)tradução e suas características	52
Quadro 9 - Perfil dos participantes da pesquisa	57
Quadro 10 - Textos utilizados no experimento	64
Quadro 11 - Trechos divergentes no TT e no TR.....	70
Quadro 12 - Traduções da partícula “ya” em outras línguas.....	72
Quadro 13 - Variáveis utilizadas no estudo.....	76
Quadro 14 - Classificações do coeficiente de variação	88
Quadro 15 - Agrupamento dos participantes	89
Quadro 16 - Tempo de duração da pausa na fase de orientação, por participante, e descrição do processo	147
Quadro 17 - Duração da pausa na fase de revisão, por participante, e descrição do processo	149
Quadro 18 - Processo e segmentação textual de P05	158
Quadro 19 - Processo e segmentação textual de P08	159
Quadro 20 - Processo e segmentação textual de P10	160
Quadro 21 - Processo e segmentação textual de P02	162
Quadro 22 - Processo e segmentação textual de P09	165
Quadro 23 - Processo e segmentação textual de P03	168
Quadro 24 - Processo e segmentação textual de P06	170
Quadro 25 - Processo e segmentação textual de P07	171
Quadro 26 - Trechos do ST mais citados pelos participantes no protocolo livre.....	173
Quadro 27 - Representações lineares envolvendo a macro UT “ <i>sin estorbarse</i> ”.....	174
Quadro 28 - Representações lineares envolvendo a UT “ <i>ya no quedaba nada por hacer fuera de unos platos sucios</i> ”	175
Quadro 29 - Representações lineares envolvendo a UT <i>Nos habitamos Irene y yo a persistir solos en ella</i>	177
Quadro 30 - Respostas dos participantes ao protocolo guiado sobre a tarefa	182
Quadro 31 - Resumos dos resultados referentes à variável número de visitas.....	185
Quadro 32 - Resumos dos resultados referentes à variável duração das visitas.....	186
Quadro 33 - Resumos dos resultados referentes às transições entre AOI.....	187
Quadro 34 - Resumos dos resultados referentes à variável número de fixações.....	188
Quadro 35 - Resumos dos resultados referentes à variável duração de fixações	189
Quadro 36 - Resumo das fases do processo tradutório.....	189
Quadro 37 - Definição processual de (re)tradução.....	193

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de visitas por participante e por AOI	91
Tabela 2 - Resultados estatísticos relativos ao número de visitas	92
Tabela 3 - Visitas realizadas por AOI e por configuração da tarefa (C1 e C2).....	93
Tabela 4 - Número de visitas realizadas pelo G1	94
Tabela 5 - Número de visitas realizadas pelo G2	95
Tabela 6 - Resultados estatísticos relativos ao número de visitas intra e intergrupo	96
Tabela 7 - Tamanhos dos textos (ST, T1 e T2) e suas respectivas microáreas (MST, MT1 e MT2)	97
Tabela 8 - Resultados dos testes estatísticos referentes ao número de visitas nas MAOI.....	99
Tabela 9 - Duração média das visitas por AOI e por participante (em milissegundos)	100
Tabela 10 - Resultados estatísticos referentes à variável duração das visitas	101
Tabela 11 - Duração média das visitas por AOI e por participante do G1 (em milissegundos)	102
Tabela 12 - Duração média das visitas por AOI e por participante do G2 (em milissegundos)	103
Tabela 13 - Resultados estatísticos da variável duração das visitas por grupo de participantes	103
Tabela 14 - Resultados referentes à duração média das visitas por participante e por MAOI (em milissegundos)	107
Tabela 15 - Resultados da comparação estatística dos dados referentes à duração da visita entre as microáreas.....	107
Tabela 16 - Número absoluto de transições entre AOI: ST[ST, T1, T2, TT] e TT[ST, T1, T2, TT]	111
Tabela 17 - Número absoluto de transições entre AOI: T1[ST, T2, TT] e T2[ST, T1, TT] ..	113
Tabela 18 - Transições entre ST, TT, T1 e T2	115
Tabela 19 - Resultados estatísticos referentes às transições interáreas	117
Tabela 20 - Número de fixações por participante e por AOI	121
Tabela 21 - Desvio padrão e coeficiente de variação após exclusão de <i>outliers</i>	122
Tabela 22 - Resultados estatísticos referentes ao número de fixações	123
Tabela 23 - Número médio de fixações por AOI – Grupo 1	123
Tabela 24 - Número médio de fixações por AOI – Grupo 2	124
Tabela 25 - Resultados estatísticos referentes ao número de fixações intragrupos.....	125
Tabela 26 - Resultados estatísticos referentes ao número de fixações nas MAOI.....	127
Tabela 27 - Duração média das fixações por AOI e por participante (em milissegundos). ...	129
Tabela 28 - Resultados dos estatísticos referentes à variável duração das fixações.....	130
Tabela 29 - Duração média da fixação por AOI e por participante do G1 (em milissegundos)	131
Tabela 30 - Duração média da fixação por AOI e por participante do G2 (em milissegundos)	131
Tabela 31 - Resultados estatísticos inter e intragrupos referentes à variável duração das fixações	132

Tabela 32 - Resultados referentes à duração média das fixações por participante e por MAOI (em milissegundos)	135
Tabela 33 - Resultados da comparação estatística.....	136
Tabela 34 - Resultados do teste de correlação para a variável visitas	137
Tabela 35 - Resultados do teste de correlação para a variável fixações.....	138
Tabela 36 - Duração total da tarefa por participante em ordem crescente (em milissegundos)	140
Tabela 37 - Dados de duração da tarefa por grupo e por fase do processo tradutório (em milissegundo).....	141
Tabela 38 - Resultados das diferenças estatísticas entre G1 e G2 referentes aos tempos total e relativo	143
Tabela 39 - Número de pausas por participante e por fase do processo tradutório.....	144
Tabela 40 - Média de duração das pausas (em milissegundos) por participante e por fase do processo tradutório.....	146
Tabela 41 - Duração média da pausa na fase de orientação por grupos de participantes.....	148
Tabela 42 - Duração média da pausa na fase de revisão por grupos de participantes.....	150
Tabela 43 - Duração das pausas na fase de redação por participante e em ordem crescente .	151
Tabela 44 - Duração das pausas na fase de redação por grupos de participantes.....	152
Tabela 45 - Dados de acionamentos de teclas (Ins/Del.).....	155
Tabela 46 - Dados quantitativos relativos às microunidades de tradução.....	156
Tabela 47 - Tempo despendido com o protocolo livre.....	179
Tabela 48 - Tempo despendido com o protocolo guiado	182
Tabela 49 - Resultados dos testes comparativos referentes aos números de visitas e fixações entre as áreas e microáreas do ST, da T1 e da T2.....	201
Tabela 50 - Resultados dos testes comparativos referentes à duração média de visitas e fixações entre as áreas e microáreas do ST, T1 e T2	202
Tabela 51 - Matriz de transição entre ST, TT, T1 e T2 (em %).....	204

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AOI:	Área(s) de interesse (<i>areas of interesting</i>)
APE:	Pós-edição automática (<i>automatic post-editing</i>)
C:	Configuração
CIL:	Centro Interescolar de Línguas
cm:	Centímetro(s)
CV:	Coefficiente de variação
Del:	Deleção
DELE:	Diploma de espanhol como língua estrangeira
DP:	Desvio padrão
dv:	duração da visita
ELE:	Espanhol como língua estrangeira
EST:	Participante estudante
Exp.:	Experiência
FALE:	Faculdade de Letras
G:	Grupo
HPE:	<i>Human post-editing</i>
HR:	Hipótese da retradução
IL:	Instituto de Letras
I-VT:	<i>Velocity-threshold identification</i>
Ins:	Inserção
L1	Língua 1
LD:	Lado direito
LE:	Lado esquerdo
LETRA:	Laboratório Experimental de Tradução
LRSB:	Linear Representation Spreadsheet Builder
LSF:	Linguística Sistêmico-Funcional
MAOI:	Microárea(s) de interesse
min:	Minuto(s)
ms:	Milissegundo(s)
MST:	Microárea de interesse do texto-fonte
MTT:	Microárea de interesse do texto-alvo
MT1:	Microárea de interesse da tradução 1
MT2:	Microárea de interesse da tradução 2
MU:	Microunidade(s) de tradução
np:	Não paramétrico
ns:	Não significativo
PEMT:	<i>Post-editing machine translation</i>
PRO:	Participante professor
RST:	Teoria da Estrutura Retórica do texto (<i>Rhetorical Structure Theory</i>)
s:	Segundo(s)
SPSS:	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
ST:	Texto-fonte (<i>source text</i>)
TA:	Tradução automática
TAE:	Transição de auxílio à expressão
TAP:	Protocolo verbal (<i>think-aloud protocol</i>)
TCE:	Transição de contraste/confirmação da expressão
TL:	Língua-alvo (<i>Target language</i>)
TT:	Texto-alvo (<i>target text</i>)

T1: Tradução 1
T2 Tradução 2
UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais
UnB: Universidade de Brasília
UT: Unidade de Tradução

Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	19
1.1	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS, PERGUNTAS, OBJETIVOS E HIPÓTESES DA PESQUISA	23
2	ARCABOUÇO TEÓRICO	26
2.1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	27
2.2	A (RE)TRADUÇÃO	27
2.3	OS ESTUDOS PROCESSUAIS DA TRADUÇÃO.....	31
2.3.1	Rastreamento ocular e processamento cognitivo em tradução.....	33
2.4	TAREFAS EM EXPERIMENTOS COM ABORDAGEM PROCESSUAL	41
2.4.1	Tarefa de tradução	42
2.4.2	Tarefa de revisão.....	45
2.4.3	Tarefa de pós-edição.....	47
2.4.4	A tarefa de (re)tradução.....	49
3	METODOLOGIA.....	54
3.1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	55
3.2	PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	55
3.3	INSTRUMENTOS E MATERIAIS	59
3.3.1	Instrumentos de coleta em tempo real	59
3.3.1.1	Rastreador ocular Tobii T60.....	59
3.3.1.2	Programa de registro de teclas e movimentos de <i>mouse</i> – Translog-II	60
3.3.2	Instrumentos introspectivos.....	61
3.3.2.1	Protocolo verbal retrospectivo	61
3.3.2.2	Questionário prospectivo	62
3.4	O EXPERIMENTO	63
3.4.1	O texto e o leiaute da tarefa	63
3.4.1.1	O texto	63
3.4.1.2	O leiaute da tarefa.....	65
3.4.1.3	A delimitação das microáreas de interesse (MAOI).....	68
3.5	OS PROCEDIMENTOS.....	72
3.5.1	Sessão de coleta de dados	72
3.6	METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS.....	75
3.6.1	Variáveis de rastreamento ocular e de registro de teclado e <i>mouse</i>	75
3.6.2	Extração e análise dos dados.....	77
3.6.2.1	Extração e análise dos dados de rastreamento	77
3.6.2.2	Extração e análise dos dados de registro de teclado e <i>mouse</i>	78
3.7	ESTUDO EXPLORATÓRIO	80
3.7.1	Estudo exploratório: histórico da elaboração do desenho experimental	80
3.7.2	Estudo exploratório: aplicação da tarefa com o leiaute definitivo	83
3.7.3	Estudo Piloto	84
4	ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS.....	86
4.1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	87
4.2	DADOS DE RASTREAMENTO OCULAR.....	87
4.2.1	Visitas.....	89
4.2.1.1	Número de visitas	89
4.2.1.1.1	Visitas às microáreas de interesse (MAOI)	97

4.2.1.2	Duração das visitas	99
4.2.1.2.1	<i>Duração das visitas nas microáreas de interesse (MAOI)</i>	105
4.2.2	Transições realizadas entre as AOI	108
4.2.3	Fixações	119
4.2.3.1	Número de fixações	119
4.2.3.1.1	<i>As fixações nas microáreas de interesse (MAOI)</i>	126
4.2.3.2	Duração das fixações	128
4.2.3.2.1	<i>A duração das fixações nas microáreas de interesse (MAOI)</i>	134
4.2.4	Conclusões acerca dos resultados extraídos a partir do rastreamento ocular	136
4.3	DADOS DE ACIONAMENTOS DE TECLADO (KEY-LOGGING)	139
4.3.1	Considerações iniciais	139
4.3.2	Dados temporais: tempos total e relativo de execução da tarefa	139
4.3.3	As pausas	143
4.3.3.1	Número de pausas.....	144
4.3.3.2	Duração das pausas.....	145
4.3.4	Teclas acionadas (<i>logged keys</i>)	154
4.3.5	As microunidades de tradução (Micro UT)	155
4.4	OS PROTOCOLOS VERBAIS	178
4.4.1	Os protocolos livres	178
4.4.2	Os protocolos guiados	181
4.5	RESUMO E TRIANGULAÇÃO DOS DADOS	184
4.6	UM MODELO PROCESSUAL DA (RE)TRADUÇÃO	190
5	DISCUSSÃO	194
5.1	PERGUNTA DE PESQUISA 1.....	195
5.2	PERGUNTA DE PESQUISA 2.....	200
5.3	PERGUNTA DE PESQUISA 3.....	202
5.4	PERGUNTA DE PESQUISA 4.....	205
	CONCLUSÕES	207
	REFERÊNCIAS	213
	APÊNDICE A: Transcrição protocolo livre	223
	APÊNDICE B: Transcrição protocolo guiado	230
	APÊNDICE C: Termo de consentimento livre e esclarecido	244
	APÊNDICE D: Questionário estruturado	246

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa insere-se em um conjunto de investigações processuais realizadas no Laboratório Experimental de Tradução (LETRA), da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PosLin). Está vinculada ao campo disciplinar dos Estudos da Tradução, mais especificamente aos estudos descritivos orientados ao processo.

As primeiras pesquisas com abordagem processual inseridas no campo disciplinar dos estudos da tradução, cujo objeto de estudo envolve os processos mentais, foram os trabalhos desenvolvidos por Krings (1986) e Königs (1987). Em território nacional, o LETRA é o principal centro de pesquisa em processo tradutório, tendo contribuído, desde o ano 2000, com teses de doutorado e dissertações de mestrado para a abordagem processual.

Segundo Hurtado Albir e Alves (2009), analisar o processo de tradução a partir de um viés cognitivo é uma tarefa complexa – não somente pelo fato de o processamento cognitivo não ser passível de observação direta, mas também pelas dificuldades ampliadas pelas especificidades do próprio processo tradutório. Destarte, as fases do referido processo, o grau de especialidade e de conhecimento de domínio, bem como a complexidade das habilidades exigidas, desempenham papel preponderante no ato tradutório (HURTADO ALBIR; ALVES, 2009, p. 54). Para abranger essas especificidades, diferentes tipos de tarefas são elaborados com o intuito de coletar dados que possam apresentar informações indicativas de processamento e de esforço cognitivo¹.

Desenhos experimentais, os quais contemplam diferentes tipos de tarefas com diferentes objetivos de pesquisa, são propostas de estudos empíricos capazes de trazer à tona o que está subjacente ao ato tradutório e, assim, por meio da inferência, permitir que se acesse indiretamente o processo de tradução. Nesse sentido, o interesse dos pesquisadores na pesquisa processual tem se concentrado em tarefas envolvendo: i) tradução (*e.g.*, ALVES; PAGANO; DA SILVA, 2009, 2011; BUCHWEITZ; ALVES, 2006; DA SILVA, 2012; DA SILVA; OLIVEIRA; LIMA, 2008; FERREIRA, 2010, 2012; JAKOBSEN; JENSEN, 2008; LIPARINI CAMPOS, 2010; PAVLOVIĆ; JENSEN, 2009); ii) revisão (*e.g.*, BRUNETTE; GAGNON; HINE, 2005; KÜNZLI, 2007a; MOSSOP, 2007; ROBERT, 2008); e iii) pós-edição (*e.g.*, ALMEIDA; O'BRIEN, 2010; KOGLIN, 2015; KRINGS, 2001; O'BRIEN, 2006; O'BRIEN *et al.*, 2014; PAGANO; ARAÚJO, 2013; SEKINO, 2015). A (re)tradução enquanto tarefa específica não parece ter sido contemplada em estudos com abordagem processual até o momento.

¹ Esforço cognitivo e carga cognitiva são usados neste trabalho como sinônimos.

Se do ponto de vista processual há carência de estudos que tenham a (re)tradução como tarefa principal de investigação, no âmbito dos estudos do produto tradutório há uma série de trabalhos desenvolvidos. O tema, apesar de bastante antigo, ganhou *status* de objeto de pesquisa a partir do texto basilar de Berman (1990). Em seu artigo intitulado *La retraduction comme espace de la traduction*, publicado em um número da revista *Palimpsestes* (cf. BENSIMON, 1990), Berman lança o olhar para o que denominou como hipótese da (re)tradução. Para o autor, ao passo que as traduções² envelhecem, os textos originais continuam eternamente “jovens” (BERMAN, 1990, p. 1). Isso ocorreria devido ao contexto histórico, social, cultural, dentre outros motivos, em que as traduções estão inseridas. Para Berman (1990), toda tradução realizada após a primeira tradução de uma obra é uma (re)tradução.

Segundo a *Routledge encyclopedia of translation studies* (BAKER; MALMKJAER, 1998), o termo (re)tradução, embora algumas vezes seja utilizado para se referir à tradução indireta, é mais comumente empregado para definir o ato de traduzir um trabalho que já foi previamente traduzido de dada língua-fonte para uma mesma língua-alvo (TAHIR-GÜRÇALAR, 1998, p. 233). De acordo com Tahir-Gürçalar (1998, p. 233), a maioria dos trabalhos de (re)tradução envolve textos literários, sendo a (re)tradução, nesse caso, vista como bem-vinda e inclusive necessária. Já entre textos técnicos, ela não somente não é comum como não é aconselhável, assevera o autor.

Gambier (1994, p. 413), por outra parte, define a (re)tradução como “uma nova tradução, em uma mesma língua, de um texto já traduzido, em totalidade ou em parte”³. Tanto Berman como Gambier convergem no sentido de que vários motivos levam um texto a ser retraduzido. Eles vão desde a atualização de uma tradução que já não representa para o público atual a obra original, até questões comerciais, como o lançamento de novas (re)traduções em datas comemorativas. O fato é que, segundo os autores, a primeira tradução tem sempre uma tendência a ser mais assimiladora em função do argumento de se garantir sua legibilidade pelo público-alvo. Nesse caso, a (re)tradução seria, então, “um retorno ao texto-fonte”⁴ (GAMBIER, 1994, p. 414); portanto, se aproximaria mais dele que a primeira tradução. Esse

² Traduções prévias é o termo que será utilizado para referir-se especificamente às traduções constantes do leiaute da tarefa proposta neste estudo, evitando confusão com o termo traduções.

³ Tradução do autor para: “*serait une nouvelle traduction, dans une même langue, d’un texte déjà traduit, en entier ou en partie*”.

⁴ Tradução do autor para: “*un retour au texte-source*”.

seria o princípio da hipótese da (re)tradução, ou seja, as traduções mais recentes se aproximam mais do texto-fonte (doravante, ST⁵), enquanto as mais antigas se distanciam.

Diferentes teóricos têm proposto estudos que buscam corroborar ou refutar a referida hipótese. São os casos de Pym (1998), Paloposki e Koskinen (2001, 2010), Susan-Sarajeva (2003), Desmidt (2009), O’Driscoll (2009), Deane (2011) e Dastjerdi e Mohammadi (2013). Em todos os casos, o foco das investigações tem sido o produto tradutório, sendo que não foram encontradas nas pesquisas bibliográficas, estudo algum que investigue uma tarefa de (re)tradução sob a perspectiva processual.

Retornando ao tema dos estudos processuais da tradução e tendo como base o estudo de Paloposki e Koskinen (2010) sobre a (re)tradução, a intervenção aqui proposta é fomentada principalmente pela alta frequência em que (re)traduções são publicadas, tanto dentro como fora do território nacional. Segundo Paloposki e Koskinen (2010, p. 34), no ano 2000, de um total de 359 traduções publicadas na Finlândia, 261 eram de novas traduções, 89 eram reimpressões e nove se tratavam de (re)traduções, número bastante expressivo considerando-se que o finlandês é uma língua minoritária.

No Brasil, não são raros os exemplos de obras traduzidas ao português que já foram reeditadas, relançadas, reimpressas e/ou retraduzidas. Do mundo hispânico, a obra *La casa de los espíritus*, de Isabel Allende, publicada no Chile em 1982, teve, em 2013, sua 43ª edição traduzida no Brasil. Tal como a obra de Allende, a obra mais célebre do Prêmio Nobel de Literatura (1982) *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez (1967), foi traduzida para mais de 35 idiomas. No Brasil, com mais de 38 edições, a obra foi retraduzida por tradutores diferentes dentro da própria editora (Record), Eric Nepomuceno e Eliane Zaguri. Em 2009, o Brasil ganhou uma edição comemorativa dos 40 anos da obra. Segundo seu tradutor, o escritor Eric Nepomuceno, em entrevista à agência EFE reproduzida pelo Portal G1⁶, trata-se de uma tradução completamente nova, já que a obra original tinha sido revisada pelo próprio García Márquez. *Como água para chocolate*, clássicos como *Don Quijote*, de Cervantes, com mais de 38 edições, *Casa tomada*, de Julio Cortázar, entre tantos outros títulos, para citar somente os do mundo hispânico, já foram alvo desse fenômeno chamado (re)tradução.

⁵ Do inglês, *source text*. As siglas foram escolhidas com base nas denominações em inglês, as quais são utilizadas no ambiente R.

⁶ EFE. Brasil ganha edição comemorativa de “Cem anos de solidão”. In: Portal G1, 13 out. 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL1339456-7084,00-BRASIL+GANHA+EDICAO+COMEMORATIVA+DE+CEM+ANOS+DE+SOLIDAO.html>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

Os casos de reedições, reimpressões e de (re)traduções elencados anteriormente são somente poucos exemplos desse gigantesco mercado que movimentava milhões e emprega tradutores. Diante desse quadro e considerando que a (re)tradução é uma atividade frequente e importante, assim como a tradução e a pós-edição, é relevante um estudo que contemple o processo cognitivo em uma tarefa de (re)traduzir. A possibilidade de se examinar o desempenho durante uma tarefa específica ainda não estudada em condições empírico-experimentais também justifica este estudo. Finalmente, pelo fato de este estudo contemplar dois perfis de participantes, sendo um deles estudantes de tradução e o outro, professores de espanhol como língua estrangeira, os dados poderão apontar características e padrões que, em um futuro, contribuirão para o ofício dos tradutores no mercado e para sua formação.

No que tange à metodologia utilizada, como detalhado no Capítulo 3, o processo tradutório foi capturado em tempo real por meio de programa de registro de teclado e *mouse* (Translog-II) e de equipamento de rastreamento ocular (Tobii T60); os dados extraídos foram triangulados com protocolos retrospectivos, livres e guiados, e com dados sobre o perfil dos participantes previamente coletados via questionário prospectivo. Trata-se de uma proposta de estudo exploratório, tendo em vista que o tipo de tarefa proposto, envolvendo a (re)tradução, ainda não foi explorado. O par linguístico em questão é o espanhol-português.

A seguir são apresentados os pressupostos teóricos que conduzem às perguntas gerais de pesquisa, juntamente com os objetivos formulados com base nessas perguntas e as hipóteses.

1.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS, PERGUNTAS, OBJETIVOS E HIPÓTESES DA PESQUISA

Esta pesquisa parte de quatro pressupostos, apresentados no Quadro 1. Para cada pressuposto, vinculam-se perguntas de pesquisa, objetivos e hipóteses.

Quadro 1- Pressupostos, perguntas, objetivos e hipóteses da pesquisa

<p>Pressuposto 1: Dados extraídos de gravação dos movimentos de teclado e <i>mouse</i> (movimentos recursivos e pausas) e de rastreamento ocular (número e duração de fixações) apontam para indicadores de esforço cognitivo (ALVES; PAGANO; DA SILVA, 2009; O'BRIEN, 2006) em tarefas de leitura e tradução (JAKOBSEN; JENSEN, 2008; HVELPLUND, 2015a).</p>
<p>Pergunta 1: Em um desenho experimental em que o participante é exposto a três textos como insumo para a produção de um quarto texto, como será a alocação de esforço cognitivo?</p>
<p>Objetivo 1: Analisar o processo tradutório de dois grupos de participantes na execução de uma tarefa demandando a atenção para três textos como insumo na produção de um quarto texto.</p>
<p>Hipótese 1: Uma tarefa de (re)tradução, por envolver mais de um texto como insumo, apresentará uma configuração de alocação de esforço distribuída entre os diferentes insumos, com predomínio no texto-alvo.</p>
<p>Pressuposto 2: A leitura para fins de tradução é um tipo especial de leitura (SHREVE <i>et al.</i>, 1993). A leitura do ST durante a tradução escrita envolve cerca de cinco vezes mais fixações que a leitura para simples compreensão e tem por objetivo verificar se a mensagem do texto-fonte foi reformulada no texto-alvo (HVELPLUND, 2015a). A leitura para fins de compreensão difere da leitura para tradução, principalmente no número de fixações (HVELPLUND, 2015a).</p>
<p>Pergunta 2: Em um desenho experimental envolvendo uma tarefa de (re)tradução, em que medida o participante tenderá a dedicar mais atenção ao ST (em língua estrangeira) ou às traduções prévias (em língua vernácula)?</p>
<p>Objetivo 2: Observar o comportamento do olhar registrado no ST, em língua estrangeira, comparado com o comportamento registrado nas traduções prévias, em língua vernácula.</p>
<p>Hipótese 2: O número de fixações será maior no ST que nas traduções prévias.</p>
<p>Pressuposto 3: Na tarefa de tradução, há uma alternância entre o texto-fonte (geralmente estático) e o texto-alvo (dinâmico), que pode ser em paralelo ou seriado (CARL, 2013, p. 2). Em uma tarefa envolvendo mais de uma área de interesse, o ST é a área sobre a qual incide maior atenção visual (HVELPLUND, 2015b).</p>
<p>Pergunta 3: Qual é o padrão de alternância quando há mais de um insumo?</p>
<p>Objetivo 3: Averiguar em que medida o padrão de alternância de acesso entre o texto-fonte, o texto-alvo e as traduções prévias é diferente daquele registrado em tarefas de tradução.</p>
<p>Hipótese 3: Em uma tarefa cujo desenho contempla quatro áreas de interesse, a atenção visual incidirá mais sobre o texto-alvo, que, por sua vez, será o elo de ligação entre os outros textos.</p>
<p>Pressuposto 4: Segmentos que envolvem problemas de tradução provocam a aplicação de uma ou mais estratégias para a resolução do problema (KRINGS, 1986). A presença dessas estratégias é marcada por indicadores de problemas, sejam verbalizações, pausas e/ou modificações no texto-alvo (CARL; DRAGSTED, 2012; KRINGS, 1986, ALVES; GONÇALVES; SZPAK, 2012).</p>
<p>Pergunta 4: Como o participante lida com um problema de tradução gerado por dois insumos, em língua vernácula, com interpretações diferentes do texto original, em língua estrangeira?</p>
<p>Objetivo 4: Averiguar como os participantes lidam com um problema particular de (re)tradução gerado por duas interpretações distintas fornecidas pelos insumos na língua-alvo.</p>
<p>Hipótese 4: À medida que problemas de tradução apareçam, o participante buscará apoio nas traduções prévias para solucioná-lo, optando pela solução existente em uma das traduções prévias.</p>

Fonte: Elaboração do autor.

Os pressupostos elencados serão apresentados mais detalhadamente no capítulo seguinte, Arcabouço Teórico, que, juntamente com esta Introdução e mais quatro capítulos, além das

Conclusões, compõem a presente tese. São eles: Capítulo 2, Arcabouço teórico; Capítulo 3, Metodologia da pesquisa; Capítulo 4, Apresentação e análise dos dados; e Capítulo 5, Discussão; seguidos da Conclusão, Referências e Apêndices.

O Capítulo 2, dividido em três seções, apresenta o arcabouço teórico que fundamenta este estudo. Na primeira seção, abordam-se os estudos orientados ao produto sobre a (re)tradução. Na segunda, o rastreamento ocular e processamento cognitivo são os temas principais. Na terceira e última seção, apresentam-se as principais tarefas utilizadas nos estudos experimentais com abordagem processual, por meio das quais o tema do processamento cognitivo segue sendo abordado.

O Capítulo 3 é dedicado à metodologia de pesquisa. Nele, detalham-se o experimento, seus participantes, os instrumentos e materiais, as variáveis utilizadas no estudo, os procedimentos de coleta e análise dos dados, além dos procedimentos e resultados do estudo piloto e do estudo preliminar.

A análise dos dados é realizada no Capítulo 4, onde são apresentados os resultados de rastreamento ocular, de registro de teclado e *mouse* e dos protocolos retrospectivos. Os dados de rastreamento ocular contemplam número e duração de visitas, o fluxo de transições interáreas, bem como número e duração de fixações. Os dados de acionamentos de teclado e *mouse* abrangem o tempo total e relativo de duração da tarefa, número e duração de pausas e número de microunidades de tradução. Com os protocolos retrospectivos, livres e guiados, analisa-se a metarreflexão dos participantes com relação à tarefa executada. O capítulo é encerrado com a seção de triangulação dos dados e com a apresentação do modelo e da definição processual da (re)tradução.

No Capítulo 5, discutem-se os resultados. Para tanto, as perguntas e as hipóteses de pesquisas são retomadas, contrastando resultados de outras pesquisas com os deste estudo.

A presente tese se encerra com as Conclusões, seção na qual se abordam as contribuições e limitações deste estudo, além de sugestões para pesquisas futuras; seguidas das Referências e dos Apêndices.

2 ARCABOUÇO TEÓRICO

2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este capítulo está dedicado à base teórica que fundamenta este estudo. Está dividido em duas seções: a primeira dedicada aos estudos sobre (re)tradução; e a segunda, aos estudos processuais da tradução, aos tipos de tarefas mais frequentemente utilizados e à questão do esforço cognitivo. Na seção seguinte, será apresentado o arcabouço teórico acerca dos estudos sobre (re)tradução.

2.2 A (RE)TRADUÇÃO

O primeiro autor a dissertar sobre o tema da (re)tradução foi Berman (1990), em seu artigo intitulado *La retraduction comme espace de la traduction*, publicado em um número da revista *Palimpsestes* (BENSIMON, 1990) dedicado à (re)tradução. Para o autor, ao passo que as traduções envelhecem, os textos originais continuam eternamente “jovens” (BERMAN, 1990, p. 1). Isso ocorreria devido ao contexto histórico, social e cultural, dentre outros motivos, em que as traduções estão inseridas. Para Berman (1990), toda tradução realizada após a primeira tradução de uma obra é uma (re)tradução.

O autor também afirma que toda “grande tradução é uma (re)tradução”, embora o contrário não seja verdadeiro. As grandes traduções estão marcadas por características que fazem com que não envelheçam: são um evento na cultura de chegada; compartilham de grande sistematicidade; são o lugar de encontro entre a língua-fonte e a língua-alvo; criam um vínculo intenso com o original; dentro da atividade do tradutor, são um precedente incontornável e são (re)traduções (BERMAN, 1990, p. 3). Para Berman (1990), não é necessário que toda a obra de um escritor esteja traduzida para que uma seja considerada (re)tradução; basta que um texto tenha sido traduzido para que todos os outros entrem no espaço da (re)tradução (1990, p. 3).

Para Berman (2007, p. 96), as (re)traduções se encontram em posição privilegiada, em oposição tanto ao texto original quanto à primeira tradução. Elas se aproximariam mais do texto original do que as traduções, já que gozariam da possibilidade de se averiguar o que foi apagado nas traduções e de utilizar o que foi exitoso nelas.

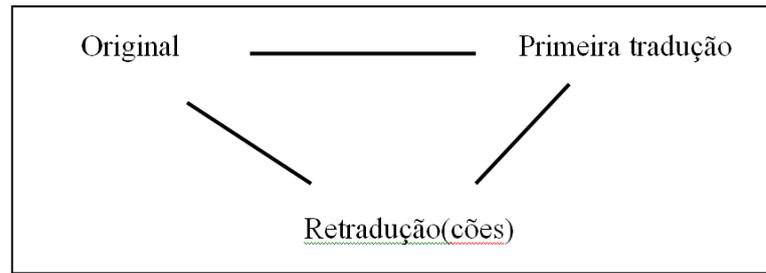


Figura 1 - Posição da (re)tradução em relação a outros textos

Fonte: Berman (2007, p. 97. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres *et. al.*)

O tradutor que retraduz não pode deixar de prescindir das traduções realizadas anteriormente. O processo que vai desde a primeira tradução até a última, no qual esta última se alimenta e se aproxima mais do ST, é denominado como modelo de progressão histórica (*history-as-progress model*), pois considera as diferenças e possibilidades que tradutores possuíam antes e possuem no momento da última (re)tradução. O referido modelo advoga que as traduções mais recentes buscam recuperar no original aquilo que foi perdido na(s) primeira(s) tradução(ões) (GAMBIER, 1994). Assim, quanto mais recente uma (re)tradução, mais próxima ela está do original. Gambier (1994) e Bensimon (1990) convergem com essa teoria ao afirmarem que, levando em conta o contexto cultural e editorial da cultura-alvo, as primeiras traduções tendem a suprimir a alteridade do texto traduzido e a executar mudanças motivadas pela preocupação com a aceitação e legibilidade do texto (GAMBIER, 1994, p. 414). As primeiras traduções têm como objetivo adaptar os trabalhos estrangeiros e introduzi-los na cultura de chegada (BENSIMON, 1990, p. ix).

De acordo com Pym (1998, p. 83), um dos motivos que leva às (re)traduções é o fato de as traduções de um mesmo texto serem muito divergentes, especialmente quando o texto é muito complexo. O autor classifica como “(re)traduções passivas” aquelas que não causam incômodo na cultura de chegada, que foram realizadas em períodos distantes, sendo que a fronteira geopolítica e cultural entre elas também é distante. O contrário desse tipo de (re)tradução é o que o autor nomeia de “(re)tradução ativa”, ou seja, traduções localizadas no mesmo contexto cultural ou geracional e que trazem, dentre outras, características culturais que provavelmente causam desacordo entre elas.

Pym (1998) esclarece as possibilidades de uma (re)tradução ativa por meio de três exemplos, todos eles dados a partir de fatos reais que ocorreram na Idade Média na Europa e que mostram que as (re)traduções ativas podem ter diversas causas:

1. um mesmo tradutor que produziu três traduções de um texto: a primeira sendo diretamente do texto-fonte; a segunda adicionando comentários didáticos sobre a tradução, mas omitindo alguns trechos; e a terceira com comentários e com o texto completo. É o que Pym (1998) chama de (re)tradução ativa baseada na cultura-meta;
2. um rei pede a dois tradutores para refazerem e corrigirem uma tradução que ele possuía já há vinte anos. Os tradutores tinham o mesmo padrão, o mesmo texto-fonte e a mesma língua-alvo. Tal ordem resulta no retorno do rei aos negócios de traduções, por mandar corrigir uma tradução que ele possuía. Pym (1998) refere-se a esse caso como (re)tradução comandada. Esse tipo de (re)tradução é bastante atual no mundo editorial; e
3. durante o período de guerra civil, dois comandantes rivais traduzem em um mesmo momento um mesmo texto. As traduções são diferentes, o que não significa necessariamente que as estratégias utilizadas difiram muito. O que importa é que cada comandante terá acesso exclusivo à sua tradução. É o que Pym (1998) denomina apenas (re)tradução.

Susan-Sarajeva (2003) afirma que a ideia de recuperação do que foi perdido pode ser fruto de crenças. A autora elenca uma série de argumentos para reforçar o fato de que não há dados empíricos que comprovem o postulado pelo modelo de progressão histórica. Dentre eles, pode-se destacar a ideia de que a primeira tradução é mais assimiladora, enquanto a (re)tradução é menos assimiladora. A autora advoga que ambas as características podem ser encontradas tanto em traduções como em (re)traduções. Outro ponto diz respeito à lacuna de tempo entre uma tradução e o surgimento da (re)tradução. Nesse caso, a autora se justifica dando exemplos de obras que foram retraduzidas imediatamente depois de serem traduzidas. Assevera, também, que o argumento de que uma (re)tradução é demandada porque a primeira tradução sempre é deficiente, assimiladora, literal, dentre outros, não é forte o suficiente, já que outros motivos, inclusive de natureza extratradução, podem fomentar a realização de (re)traduções. A autora contesta a ideia de que uma (re)tradução só é demandada pela necessidade da cultura-meta – se assim o fosse, o ST não teria nada de interessante para ser retraduzido. A autora chama à reflexão sobre o fato de que a não existência de uma (re)tradução não quer dizer, em absoluto, que a tradução existente não seja boa.

Desde o surgimento da hipótese da (re)tradução (doravante HR) postulada por Berman (1990), pesquisadores vêm realizando estudos sobre o tema e indagam, sob o viés do produto,

a referida hipótese. Isso acontece com os autores aqui citados bem como com outros, como Paloposki e Koskinen (2001) Desmidt (2009), O’Driscoll (2009), Deane (2011) e Dastjerdi e Mohammadi (2013), cujos estudos não têm o processo tradutório como objeto de pesquisa.

Distante da questão levantada pela hipótese da (re)tradução e do modelo de progressão histórica, Paloposki e Koskinen (2010) partem de outros motivos pelos quais as (re)traduções (e as reedições e reimpressões) são tão frequentes. Afirmam que mensurar conceitos como “melhor”, “proximidade” ou “precisão” é “singularmente difícil” no que tange à tradução (PALOPOSKI; KOSKINEN, 2010, p. 30). Ademais, os trabalhos sobre (re)tradução utilizam metodologias e diferentes parâmetros de análise, o que torna difícil a comparação dos resultados desses estudos.

Para as autoras, não se pode concluir que a necessidade de uma (re)tradução surge quando as edições mais antigas “envelhecem”. Novas traduções custam caro; por isso, há de se decidir sobre o que reimprimir e o que (re)traduzir, e essa escolha parece perpassar pelos perfis das editoras em momentos diferentes. Nesse sentido, editoras mais jovens, sem estoque de muitas obras, tendem a (re)traduzir, enquanto editoras mais antigas, com vasto estoque de obras, tendem a reimprimir. No entanto, as autoras afirmam que há no mercado um *marketing* positivo com relação às (re)traduções, por elas atraírem mais publicidade que as novas traduções e as reimpressões.

Em um estudo realizado acerca das (re)traduções na Finlândia, Paloposki e Koskinen (2010) mostram que a maioria das (re)traduções são de clássicos. Um clássico é retraduzido muitas vezes, ou o caminho inverso também é percorrido, ou seja, uma obra se transforma em um clássico após sua (re)tradução. Entretanto, é a variedade de textos e de práticas editoriais que envolvem a (re)tradução que chama à atenção, além da dificuldade de se distinguir o que são (re)traduções e versões editadas (PALOPOSKI; KOSKINEN, 2010).

Paloposki e Koskinen (2010) concluem que outros fatores extratextos desempenham um papel relevante na questão da (re)tradução, ou seja, o contexto local e os atores envolvidos, desde tradutores, editores e outros agentes do mercado editorial. Há, ainda, a linha tênue que separa a revisão da (re)tradução ou mesmo de novas traduções. Sobre esse tema as autoras asseveram:

A suposta revisão pode consistir em alterações linguísticas menores para acompanhar o processo de normalização de uma língua sem alterar as expressões idiossincráticas do primeiro tradutor, mas esse tipo de processo também pode acabar sendo chamado de uma nova tradução [...]. Em seguida, novamente, um revisor pode acabar por melhorar o estilo de todo o texto

[...]. Se nós simplesmente olharmos para o que aconteceu com os textos e esquecermos o que supostamente ocorreu com eles após a revisão, modernização ou (re)tradução, vamos acabar com um esquema multicamadas onde a tradução anterior pode ter sido usada por tradutores posteriores de maneiras muito diferentes: correção ortográfica, correção estilística, correção à luz do texto de origem ou, no outro extremo da escala, uma tradução completamente nova, não indicando qualquer proximidade com a tradução anterior (as diferentes traduções de *Les Misérables* em finlandês são todas bastante idiossincráticas e não parecem depender uma da outra). (PALOPOSKI; KOSKINEN, 2010, p. 47)⁷

A catalogação binária entre primeiras traduções e (re)traduções ou estas e as revisões talvez deva ser repensada, já que, segundo as autoras, nem sempre é útil. Advogam que as diferentes versões “deslizam entre si, ou mesmo se aglutinam” (PALOPOSKI; KOSKINEN, 2010, p. 47). Nesse sentido, a hipótese da (re)tradução se torna coadjuvante em um ambiente em que atuam diferentes atores e contextos. Por isso e por este estudo estar galgado na abordagem processual, prescindir-se-á de qualquer ligação com a referida hipótese para a consecução do experimento aqui proposto, cujo objetivo principal é a caracterização do processo de (re)tradução e não a indagação à HR.

2.3 OS ESTUDOS PROCESSUAIS DA TRADUÇÃO

Como já citado na Introdução, as pesquisas no campo disciplinar dos Estudos da Tradução com abordagem processual surgiram na década de 1980, com Krings (1986) e, posteriormente, com Königs (1987). Segundo Rodrigues (2002, p. 24), o interesse em investigar o processo tradutório advém, basicamente, de dois motivos: o primeiro diz respeito à percepção de que os modelos teóricos até então vigentes “não representavam a realidade da tradução tal como vivenciada pelos próprios tradutores” e eram quase sempre elaborados sem embasamento empírico. O segundo motivo, ainda segundo Rodrigues (2002, p. 24), representa a preocupação de pesquisadores com o fato de o tradutor estar, frequentemente,

⁷ Tradução do autor para: “A purported revision may consist of minor linguistic amendments to keep up with the standardization process of a language without changing the idiosyncratic expressions of the first translator, but this kind of a process may also end up being called a new translation [...]. Then again, a reviser may end up enhancing the style of the whole text [...] If we simply look at what has happened to the texts and forget what they have purportedly been through – revision, modernization or retranslation – we end up with a multi-layered schema where a previous translation may have been used by later translators in very different ways: orthographic correction, stylistic correction, correction against the source text, or, at the other end of the scale, a completely new translation, not indicating any closeness to the previous translation (the different translations of *Les Misérables* into Finnish are all fairly idiosyncratic and do not seem to depend on each other).”

ausente de qualquer “fundamentação teórica tanto sobre o produto quanto sobre o processo da tradução”.

Segundo Dragsted e Carl (2013, p. 135), nos estudos de processos cognitivos voltados para a tradução, várias tentativas têm sido empreendidas com o intuito de se capturar as diferentes facetas que envolvem o processo tradutório. Para os autores, os modelos criados para representar os processos envolvidos na produção da tradução têm em comum a relação estabelecida entre um texto-fonte (insumo) e um texto-alvo (produto), bem como a interação entre outros recursos, como os conhecimentos anteriores (*background knowledge*), armazenados na memória de longo prazo. Para Dragsted e Carl (2013), a natureza da relação que envolve texto-fonte e o texto-alvo (doravante TT⁸) é descrita de diferentes formas pelas pesquisas.

Um dos grandes problemas nos estudos processuais da tradução em décadas anteriores era a gama de metodologias utilizadas nas investigações, não havendo uma padronização que possibilitasse a comparação dos resultados advindos de dados quantitativos e qualitativos concernentes aos estudos processuais. Essa ausência de uma metodologia comum impedia não só a comparação de dados, mas também que desenhos experimentais fossem replicados com diferentes tipos de participantes e pares linguísticos. Isso levava à falta de rigor metodológico que, junto à delimitação do objeto de estudo, constitui um desafio a ser enfrentado (FRASER, 1996; TIRKKONEN-CONDIT, 2000).

Em parte, o desafio vem sendo defrontado. Com a padronização das metodologias utilizadas nas pesquisas e com o surgimento de programas como Translog (cf. JAKOBSEN; SCHOU, 1999), tornou-se possível a extração de dados referentes ao tempo de execução das tarefas, à delimitação das fases do processo tradutório e à segmentação textual em tempo real (cf. JAKOBSEN; SCHOU, 1999; JAKOBSEN, 2005). Com a incorporação dos rastreadores oculares (*e.g.*, Tobii)⁹ nos estudos da tradução, dados acerca do comportamento do olhar envolvendo número e duração de fixações, sacadas, *gazes*, medição de tamanho e dilatação de pupila, dentre outros, não só deram maior robustez às pesquisas processuais, como também trouxeram novas formas de coleta e análise de dados. As informações observáveis coletadas por meio de rastreadores oculares e programas de gravação de acionamentos de teclas e

⁸ Do inglês, *target text*. As siglas foram escolhidas com base nas denominações em inglês, as quais são utilizadas no ambiente R.

⁹ TOBII. Disponível em: <<http://www.tobii.com/>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

mouse podem ser indicativos de processos cognitivos não observáveis que têm lugar durante as tarefas de tradução (PAVLOVIĆ; JENSEN, 2009).

Concomitantemente ao surgimento dessas tecnologias, metodologias de análise e interpretação de dados foram implementadas e incrementadas. O uso dos protocolos verbais – método anterior aos recursos tecnológicos aqui citados – por meio dos quais o participante verbaliza seus pensamentos durante ou após a execução de uma tarefa, é um exemplo dessa evolução. Com a utilização de programas de gravação de teclado (*e.g.*, Translog-II), por meio da função *replay*, o participante pode rever sua produção e verbalizar sobre ela à medida que a vai revendo, sem necessidade de se recorrer aos *Think Aloud Protocols* (TAP) de estudos iniciais sistematizados por Ericsson e Simon (1993), cuja técnica causa impacto no ato tradutório e distorce a atividade cognitiva sob escrutínio (CARL; JAKOBSEN; JENSEN, 2008). Estudos comprovam aumento no tempo de execução (KRINGS, 2001; JAKOBSEN, 2003) e um efeito degenerativo na segmentação textual (JAKOBSEN, 2003) quando do uso dos protocolos concomitantes ao ato de traduzir, os quais impingem “uma sobrecarga cognitiva para os sujeitos envolvidos nos experimentos empírico-experimentais em tradução” (ALVES, 2005, p. 113).

Contudo, tanto Jakobsen (2003) como Alves (2003) concordam com a pertinência do uso dos TAP, desde que sejam tomados os devidos cuidados referentes à sua aplicação. Nesse sentido, Alves (2005) sugere o uso dos protocolos retrospectivos, que, “utilizados em conjunto com a função *replay* do programa Translog imediatamente após a coleta de dados no computador, permitem a captura de dados inferenciais indiretos sobre a utilização de apoio interno” (ALVES, 2005, p. 113).

Os protocolos são analisados e triangulados com outros dados, metodologia que propicia ao pesquisador diversos ângulos de observação de um mesmo fenômeno, além de uma interpretação mais segura e fidedigna do fenômeno observado (cf. ALVES, 2003, 2005; JAKOBSEN, 2002, 2003; HANSEN, 2003). Detalhes acerca dos instrumentos de coleta utilizados nesta pesquisa são fornecidos no Capítulo 3, dedicado à metodologia da pesquisa.

2.3.1 Rastreamento ocular e processamento cognitivo em tradução

Um dos temas mais recorrentes nas pesquisas a respeito do processo tradutório é o relativo ao processamento e esforço cognitivo. Advindo da psicologia (FISKE; TAYLOR, 1984;

GARBARINO; EDELL, 1997; LEE; SWINNEN; SERRIEN, 1994), esforço cognitivo é entendido como a mobilização de forças quando da tomada de decisões, envolvendo acentuado uso de recursos cerebrais (LEE; SWINNEN; SERRIEN, 1994). No âmbito da tradução, o esforço cognitivo pode ser atribuído à conjunção de uma série de variáveis relativas a dados extraídos, como: pausas, movimentos recursivos, número e tamanho de fixações, *scanpath*, *gazes* e dilatação de pupila (e.g., ALVES; PAGANO, DA SILVA, 2009, 2011; HVELPLUND, 2011, 2015a; KOGLIN, 2015; O'BRIEN, 2005, 2006, 2009; PAVLOVIĆ; JENSEN, 2009; SEKINO, 2015). Além das variáveis citadas, o esforço cognitivo é também associado a evidências encontradas em protocolos verbais (livres e/ou guiados).

As pesquisas acerca dos movimentos oculares foram sistematizadas por Rayner (1998). Em seu artigo, considerado como obra basilar sobre o tema, Rayner estuda a associação entre o movimento do olhar e o processamento de informações. Just e Carpenter (1980) nomearam essa associação como princípio da relação olho-mente (*eye-mind assumption*), segundo o qual, operações cognitivas têm impacto nos movimentos dos olhos durante a execução de uma tarefa. Tendo a leitura como base dos estudos, o princípio da relação olho-mente advoga que, por meio da fixação, de sua localização e da sequência do movimento do olhar, pode-se inferir como a mente processa uma informação. Assim, de acordo com o princípio da relação olho-mente, o olhar se detém em uma palavra e permanece nela o tempo necessário para seu processamento. Resultados consistentes de pesquisas têm comprovado que há uma relação estreita entre duração da fixação e esforço cognitivo (RAYNER, 1998).

Dentro dos estudos envolvendo o movimento do olhar, diferentes variáveis são utilizadas para aferir, dentre outros, o esforço cognitivo. De acordo com Giannotto (2009), um dos problemas encontrados nas pesquisas que lidam com técnicas de rastreamento ocular está ligado à falta de padronização na utilização das variáveis utilizadas nos experimentos. Baseado em Jacob e Karn (2003), Giannotto (2009) define os principais termos empregados para o cálculo de variáveis do rastreamento ocular. O Quadro 5 apresenta uma síntese desses termos.

Quadro 2 – Termos utilizados para o cálculo das variáveis de rastreamento ocular

Termo	Definição
Fixação	São períodos em que os olhos permanecem praticamente parados. Normalmente é definida por dois parâmetros: tempo mínimo necessário para ser considerada uma fixação (100 ms) e amplitude do movimento máximo aceito para ser considerada uma fixação (raio de 50 pixels, quadrado de 40x40 pixels ou dois graus), mas também pode ser definida em relação à sua velocidade máxima (menor que 100 graus/segundo), dependendo do algoritmo usado para identificar as fixações.
Sacada	São movimentos rápidos usados para reposicionar a fóvea de um ponto de interesse a outro. Quando são usados algoritmos de detecção de fixação, é representada implicitamente pela distância de uma fixação a outra.
AOI	Área de interesse. Região que apresenta alguma característica importante para o pesquisador. É definida pelo pesquisador e/ou sua equipe e não pelo participante.
<i>Scanpath</i>	Sequência ordenada de fixações e sacadas executada pelos olhos do usuário.
(Olhar) <i>Gaze</i>	Sequência de fixações sucessivas em uma AOI. A duração da <i>gaze</i> é obtida pela soma da duração das fixações que a compõem, e sua posição é a posição média dessas fixações. Uma <i>gaze</i> pode ser composta por diversas fixações e pequenas sacadas, sendo que a primeira fixação que caia fora da AOI marca o fim da <i>gaze</i> .

Fonte: Giannotto (2011, p. 74).

Em pesquisa bibliográfica sobre as variáveis mais utilizadas em investigações nos estudos de usabilidade¹⁰, Jacob e Karn (2003) compilaram as seis mais comuns em 20 trabalhos realizados de 1950 a 2003. As variáveis mais frequentes estão resumidas no Quadro 3.

Quadro 3 - Variáveis de rastreamento ocular mais comuns nos estudos de usabilidade

Variáveis	Ocorrência nas 20 pesquisas
Número de fixações (total)	11
Tempo de <i>gaze</i> por AOI (proporção)	7
Duração média da fixação (total)	6
Número de fixações em cada AOI	6
Duração da <i>gaze</i> em cada AOI	5
Taxa de fixação (total): fixações/segundo.	5

Fonte: adaptado de Jacob e Karn (2003).

No âmbito dos Estudos da Tradução, é possível observar o uso de algumas variáveis relacionadas ao esforço cognitivo. Dentre elas, as mais frequentes são: número de fixações

¹⁰ Segundo a norma ISO 9241, usabilidade é a medida pela qual um produto pode ser utilizado com efetividade, eficiência e satisfação. Os estudos da usabilidade (engenharia de usabilidade) e ergonomia tratam, dentre outros, da interface homem-computador, visando, dentre outros objetivos, o bom desempenho do usuário quando da realização de uma tarefa (cf. CYBIS; BETIOL; FAUST, 2007).

(total e por AOI), duração média das fixações, número e duração de visitas, número e duração das sacadas (transições), tempo total da *gaze* (total e por AOI) e tamanho e dilatação de pupila. No Quadro 4, foram catalogados alguns trabalhos importantes na área dos estudos processuais da tradução realizados entre 2006 e 2015 que utilizaram essas variáveis.

Quadro 4 - Variáveis mais frequentes nas pesquisas processuais da tradução

Variáveis (indicadores de esforço cognitivo)	Autores
Número de fixações (total)	O'Brien (2009); Jakobsen e Jensen (2008); Pavilović e Jensen (2009); Alves, Pagano e Da Silva (2009; 2011); Alves, Gonçalves e Szpak (2014); Hvelplund (2015a; 2015b); Sekino (2015)
Tempo de duração da <i>gaze</i> (total)	Jakobsen e Jensen (2008); Pavilović e Jensen (2009); Alves, Pagano e Da Silva (2009; 2011); Hvelplund (2011, 2014)
Duração média da fixação (tTotal)	Jakobsen e Jensen (2008); Pavilović e Jensen (2009); Hvelplund (2011, 2014, 2015a; 2015b); Sjørup (2011, 2013); Sekino (2015)
Número de fixações em cada AOI	Jakobsen e Jensen (2008); Alves, Pagano e Da Silva (2009); Sekino (2015)
Duração da <i>gaze</i> em cada AOI	Jakobsen e Jensen (2008)
Dilatação de pupila	O'Brien (2006, 2009); Pavilović e Jensen (2009); Hvelplund (2011, 2014, 2015a, 2015b); Koglin (2015)
Tamanho da pupila	O'Brien (2009); Pavilović e Jensen (2009); Balling e Hvelplund (2011, 2014, 2015a, 2015b); Koglin (2015)
Número de visitas	Jakobsen e Jensen (2008); Hvelplund (2015b)
Duração das sacadas (transições)	Jakobsen e Jensen (2008)
Área de interesse (AOI)	Jakobsen e Jensen (2008); Pavilović e Jensen (2009); O'Brien (2009); Alves, Pagano e Da Silva (2009; 2011); Alves, Gonçalves e Szpak (2014); Hvelplund (2011, 2014, 2015a; 2015b); Koglin (2015); Sekino (2015)

Fonte: Elaboração do autor.

Vale ressaltar alguns conceitos e parâmetros adotados nas pesquisas. Segundo Pollatze e Rayner (1989, apud KELLOG, 2007, p. 234) as fixações tendem a ter uma duração entre 200 a 350 ms, ou, segundo Giannotto (2009, p. 59), mais que 100 e menos que 400 ms. Entre as fixações estão os chamados movimentos sacádicos, ou simplesmente sacadas. A principal função da sacada é apresentar uma nova região do texto à visão foveal;¹¹ por isso, é muito difícil que haja processamento de informação durante as sacadas e, sendo assim, no caso da leitura, as palavras são processadas sempre por meio de fixações. A duração da fixação, por sua vez, depende do tipo e do tamanho da palavra. Assim que um objeto é fixado pelo olhar,

¹¹ A fóvea é a parte do olho onde existe a maior concentração de fotorreceptores (cones e bastonetes), que são responsáveis pela obtenção da informação da cena. É diferente da área periférica, onde a densidade de fotorreceptores diminui com a distância (NINO, 2011).

ele é instantaneamente processado, sendo possível reconhecer, então, um padrão nos movimentos do olhar associados à observação de algo. Esse ir e vir dos olhos (as sacadas) entre um objeto (ou palavra) e outro se dá frequentemente no sentido esquerda-direita, no caso da leitura em inglês (ou outras línguas europeias). Porém, registram-se sacadas no sentido contrário, as chamadas *regressões*, que ocorrem sempre que dificuldades na interpretação do texto (ou palavras) são encontradas, gerando um movimento na direção oposta ao da leitura comum, ou seja, da direita para a esquerda. Ocorrem também, frequentemente, no final de uma linha para a próxima linha. Segundo Just e Carpenter (1983), instruções tendem a consumir menos tempo de leitura, aproximadamente 12% do tempo total, pois nesse tipo de categoria não é frequente movimentos oculares de *regressão* ou releitura (JUST; CARPENTER, 1983, p. 335). Além disso, (CARPENTER, 1980) também afirmam que, geralmente, a palavra situada no final dos períodos tende a ter uma duração de fixação maior que a média.

Contudo, é importante ressaltar a diferença entre visitas e transições (sacadas). À primeira, entende-se pela movimentação do olhar para acessar uma área de interesse, ou seja, cada vez que a atenção visual sai de uma área e entra em outra, registra-se uma visita. É registrado em uma AOI. Por transição, entende-se o movimento do olhar realizado intra e interáreas de interesse. Neste estudo, consideram-se somente as transições interáreas. Ao contrário das visitas, as transições são registradas, minimamente, entre duas ou mais AOI.

Contudo, no caso da leitura para tradução, outras atividades, não encontradas na leitura monolíngue (leitura para fins de compreensão), estão envolvidas na leitura do texto-fonte (ST) e do texto-alvo (TT). Leitura para tradução e rastreamento ocular são os temas da subseção seguinte.

2.3.2. Leitura para tradução e rastreamento ocular

Como visto anteriormente, a localização e duração da fixação e a sequência do movimento do olhar são indicativos de processamento de informação durante a leitura. Há evidências também de que as fixações variam de acordo com o tipo de palavra fixada, se são extensas ou se são de conteúdo ou instrução. Todavia, de acordo com Shreve *et al.* (1993), a leitura para fins de uma tarefa de tradução é um tipo especial de leitura, devendo, portanto, ser abordada de forma específica. A produção bem-sucedida no TT da mensagem que o tradutor-leitor

formula a partir do ST é um dos diferenciais da leitura concomitante à tradução. O trabalho de Shreve *et al.* (1993) é pioneiro no que diz respeito à finalidade da leitura. Com base na comparação de três tipos de leitura – (i) leitura antes de traduzir, (ii) leitura antes de parafrasear e (iii) leitura para compreensão –, os resultados do trabalho apontam para um aumento no tempo de execução da leitura para tradução, com menos palavras lidas por minuto, corroborando a hipótese de que a leitura para a tradução é um tipo especial de leitura.

Jakobsen e Jensen (2008), investigando leituras com propósitos distintos, utilizam, dentre as tarefas de leitura propostas em seu estudo, uma tarefa de tradução com vistas a comparar o comportamento do olhar entre os diferentes propósitos de leitura em um grupo de seis tradutores profissionais e seis estudantes de tradução. O aumento no número e na duração de fixações em um crescente que vai de leitura para compreensão, leitura para possível tradução, leitura para tradução *prima vista*¹² e leitura para tradução escrita foi um dos resultados da pesquisa. Os resultados dos autores revelaram, ainda, que, na tarefa de leitura dedicada à tradução escrita, a atenção visual é maior no ST que no TT no caso dos estudantes, mas maior na área destinada ao TT no caso dos tradutores profissionais.

Ao contrário da leitura para compreensão, a leitura para tradução do ST é descontínua, já que o fluxo de produção é interrompido para a execução de outras atividades, como: leitura do TT, monitoramento do uso do teclado, consulta a dicionários e a outras fontes de pesquisa. No entanto, a maior diferença em termos empíricos entre a leitura para compreensão e a leitura concomitante à tradução está no número médio de fixações. Enquanto no primeiro caso há o registro de menos de uma fixação por palavra, na leitura durante a tradução escrita registra-se a média de 3,7 fixações por palavra (JAKOBSEN; JENSEN, 2008).

Se por um lado os dados de Jakobsen e Jensen (2008) mostram maior esforço cognitivo para compreender um texto para fins de tradução que para outras finalidades, por outro apontam que a leitura do ST exige operações cognitivas mais robustas que as demandadas para a leitura do TT. Os autores asseveram que o aumento no número e na duração das fixações na área do TT é resultado do processo de “monitoramento visual do texto, necessário para a gestão e controle paralelos à produção textual”¹³ e do “tipo diferenciado de leitura, que inclui o

¹² Leitura de um texto em uma língua X e sua tradução de forma concomitante e oral para uma língua Y.

¹³ Tradução do autor para: “*visual text monitoring that is necessary as a means of managing and controlling concurrent written text production*”.

monitoramento visual do andamento da tradução”¹⁴ (JAKOBSEN, JENSEN, 2008, p. 119-120).

Alves, Pagano e Da Silva (2011) replicaram, no par linguístico inglês-português, o estudo realizado por Jakobsen e Jensen (2008). O estudo envolveu tarefas de leitura com três finalidades específicas: i) responder a perguntas de compreensão de leitura; ii) produzir um resumo oral; e iii) traduzir um texto oralmente concomitante à sua leitura (*i.e.*, tradução a *prima vista*). O estudo consistiu em duas condições experimentais. Na primeira, os participantes, seis estudantes de tradução e seis tradutores profissionais, foram convidados a ler três textos jornalísticos breves sobre o mesmo assunto, publicados em diferentes sítios de notícias e, portanto, com diferentes estruturas retóricas. Na segunda, os participantes foram convidados a ler três textos breves de divulgação científica com estruturas retóricas similares, porém sobre três tópicos diferentes. O estudo baseou-se em dois pressupostos principais: i) que os indivíduos iriam despender mais tempo e registrar maior número e duração de fixações à medida que a complexidade das tarefas aumentasse; e ii) que o uso de duas condições experimentais diferentes possibilitaria investigar se as descobertas apontariam para as mesmas tendências nas variáveis observadas, independentemente da mudança de tema e de da estrutura retórica. Assim, esperava-se que a tarefa demandando responder a perguntas de compreensão de leitura apresentasse menor esforço, enquanto a tradução *prima vista* exigisse mais em termos de esforço cognitivo, devido à leitura simultânea de um texto e a verbalização de sua tradução (ALVES; PAGANO; DA SILVA, 2011, p. 176).

Ao contrário do mostrado no estudo de Jakobsen e Jensen (2008), na pesquisa de Alves, Pagano e Da Silva (2011) tanto os profissionais como os estudantes demandaram mais tempo na leitura para compreensão que na leitura para a tradução *prima vista*. Os autores atribuem ao perfil dos participantes (estudantes de tradução e tradutores profissionais) um dos motivos que levaram às diferenças entre os resultados dos dois estudos, já que nem a competência tradutória nem a proficiência nas línguas em questão puderam ser comparadas nos dois estudos. Afirmam, ainda, que os participantes não eram familiarizados com a tarefa de ler e traduzir oralmente, o que também pode ter impactado nos resultados. O número de fixações dos profissionais na leitura para tradução foi maior que o número registrado pelos estudantes, resultado também divergente daquele de Jakobsen e Jensen (2008). Todavia, o resultado pode ter sido influenciado pelo uso de filtros diferentes, o Clearview no primeiro estudo e o Tobii

¹⁴ Tradução do autor para: “*they required a different kind of reading that included visual monitoring of the progress of translation*”.

Studio no segundo. Na média de fixações, similarmente ao estudo de Jakobsen e Jensen (2008), também houve um acréscimo na duração da fixação comparando a leitura para resumo e a leitura para tradução, passando de 325 ms, no primeiro caso, para 396 ms no segundo (ALVES; PAGANO; DA SILVA, 2011, p. 186).

Segundo Hvelplund (2015a), a leitura em uma tarefa de tradução pode ser condicionada pelo tipo de texto, a familiaridade com o assunto e a experiência do leitor na condição de tradutor. Contudo, é o propósito da leitura que determinará que o comportamento desse leitor. Sobre a leitura concomitante à tradução, o autor argumenta:

O objetivo subjacente à leitura no caso da tradução, e especificamente à leitura durante a tradução, é essencialmente a compreensão de todas as potenciais interpretações do ST e do significado pleno desse texto, de modo que sua mensagem possa ser reelaborada no TT. Porém, a leitura durante a tradução envolve mais que a compreensão do ST. Com efeito, em algum momento durante o processo de tradução, o TT é lido também para fins de compreensão, mas o objetivo não é o de examinar o TT detalhadamente como algo novo e desconhecido. Antes, o objetivo da leitura do TT durante a tradução é verificar se a mensagem do ST foi reelaborada no TT como previsto. A questão, então, não é se existe um tipo especial de leitura para a tradução, mas, sim, como muitos tipos especiais de leitura coexistem durante a tradução. (HVELPLUND, 2015a, p. 2)¹⁵

Para Hvelplund (2015a), a leitura durante a tradução consiste em diversos tipos, com atividades diferentes e subjacentes. Segundo o autor, a leitura monolíngue¹⁶ é marcada por poucas e curtas fixações e leitura ininterrupta suave. Em trabalhos publicados anteriormente, Hvelplund (2015a) encontrou fixações com média de duração de 205 ms, citando o estudo de Jakobsen e Jensen (2008), e de 225 ms, citando o estudo de Rayner (1998). No caso da leitura concomitante à tradução, a duração média encontrada foi de 218 ms, no estudo de Jakobsen e Jensen (2008), e de 212 ms, no estudo realizado por Shamin *et al.* (2008) (HVELPLUND, 2015a, p. 5). Os resultados de sua pesquisa mostram que o número de fixações é maior quando da leitura do ST sem a atividade de digitação; posteriormente, bem próximos, vêm o TT com digitação e o TT sem digitação.

¹⁵ Tradução do autor para: “*The underlying purpose of translation reading, and specifically for this contribution reading during translation, is essentially to comprehend all the potential interpretations of a source text and to grasp the full meaning potential of this text, so that its intended message may be transferred to a target text. But reading during translation involves more than source text comprehension. Indeed, the target text is also read at some point during the translation process, also for the purpose of comprehending a text, but the purpose is not to study the target text closely as a new, unknown, unfamiliar text. Rather, the purpose of target text reading during translation is to verify that the source text message has been transferred into the target text as intended. The question then is not if there is a special kind of reading for translation, but rather how many special kinds of reading go on during translation.*”

¹⁶ Leitura monolíngue e leitura para fins de compreensão são utilizados como sinônimos neste estudo.

A duração das fixações é maior em média na área do TT (432 ms) em relação ao ST (256 ms) (HVELPLUND, 2015a, p. 13-14). Os resultados dos testes estatísticos apontaram que as fixações no ST paralelo à digitação são significativamente menores do que aquelas no mesmo ST sem a digitação e maiores que aquelas no TT com a digitação. A duração média da fixação no ST, sem a digitação, é maior que no TT, que, por sua vez, é menor que no TT com digitação. Para Hvelplund (2015a, p. 19), essa circunstância “desafia seriamente o princípio da relação olho-mente de rastreamento ocular, uma vez que, nesses casos de atividade paralela, não se pode assumir abertamente que recursos cognitivos são alocados exclusivamente quando o ST está sendo olhado”¹⁷.

Isso significa que há mais interrogações no processo de leitura e produção textual envolvendo a tradução que o aparato tecnológico ainda não alcança. Pode-se inferir que, ao digitar, talvez os participantes não tenham mais a preocupação em processar a informação, pelo menos no que diz respeito ao primeiro processamento. A partir da revisão, ou da leitura da primeira versão do texto produzido, novos processamentos são realizados, o que faz a leitura paralela à digitação ser menos dispendiosa em termos cognitivos que a leitura com digitação.

Todos os estudos elencados anteriormente fizeram uso de tarefas de tradução em seus desenhos experimentais. O estudo aqui proposto contempla um desenho cuja tarefa ainda não foi caracterizada processualmente. Por isso, anterior à apresentação do desenho experimental proposto, faz-se necessária a diferenciação de cada um dos tipos de tarefas mais utilizados nas pesquisas orientadas ao processo, tema da seção seguinte.

2.4 TAREFAS EM EXPERIMENTOS COM ABORDAGEM PROCESSUAL

No estudo do processo de tradução, os pesquisadores lançam mão de desenhos experimentais que, por sua vez, dependendo do objetivo do estudo, envolvem tarefas, frequentemente de: i) tradução; ii) revisão; e/ou iii) pós-edição. As tarefas, geralmente, são precedidas de um comando (*brief*), no qual se fornecem informações básicas acerca do que se deseja que o participante da pesquisa execute. Cada tipo de tarefa possui características específicas visando capturar em tempo real o processo tradutório dos participantes.

¹⁷ Tradução do autor para: *This circumstance seriously challenges the eye-mind assumption of eye tracking, since in these cases of parallel activity it cannot be assumed straightforwardly that cognitive resources are allocated exclusively to the ST being looked at.*

Nas próximas subseções, serão elencados resultados de estudos cujos desenhos experimentais contemplam os três tipos de tarefas elencados. As pesquisas estão organizadas de acordo com o tipo de tarefa utilizado. Na última subseção, explicitam-se os pressupostos que fundamentam a proposta de uma tarefa de (re)tradução.

2.4.1 Tarefa de tradução

Uma tarefa de tradução é caracterizada por contemplar, minimamente, um ST em determinada língua e a produção de um TT em outra língua. Tarefas de tradução são utilizadas em pesquisas experimentais com diversos objetivos, como: averiguar o impacto da direcionalidade e do conhecimento de domínio; analisar processos de perfis diferentes (*e.g.*, tradutores experientes e novatos, estudantes de tradução e especialistas); e descrever e investigar o processamento cognitivo. Alguns exemplos são apresentados a seguir.

Buchweitz e Alves (2006) utilizaram uma tarefa de tradução para subsidiar dados sobre direcionalidade de tradução e recursividade como uma das possíveis variáveis para medir esforço cognitivo. No estudo, os autores observam o comportamento concernente às fases de orientação, redação e revisão do processo de tradução de cinco estudantes de tradução e cinco tradutores profissionais realizando tarefas de tradução direta e inversa. Para isso, lançam mão dos protocolos verbais, do programa Translog 2006 para a gravação de movimentos do teclado e *mouse*, além do programa Camtasia para a gravação da tela do computador. O texto utilizado no experimento é do tipo jornalístico. Usando a metodologia de triangulação de dados (cf. ALVES, 2003), os autores concluíram que a tradução inversa, aquela em que o tradutor traduz um texto de sua língua materna ou da sua língua 1 (L1) para uma língua estrangeira, requer mais tempo e possivelmente mais esforço. Concluíram também que a segmentação textual – que, no caso da tradução inversa, tende para a ordem da palavra e, no caso da tradução direta, para a ordem do grupo/sintagma –, as pausas, o tempo de execução e os movimentos recursivos podem ser indicativos de maior ou menor esforço cognitivo.

Ferreira (2010, 2012) também utiliza uma tarefa de tradução para investigar o processamento cognitivo de tradutores em tarefas de tradução direta e inversa. Na pesquisa de 2010, o texto utilizado no experimento foi do tipo científico com o tema anemia falciforme. Na de 2012, a autora utilizou dois textos de popularização da ciência: um, em língua inglesa, da área de física, que versava sobre o ato de amassar uma folha de papel; e outro, em língua portuguesa, sobre um aparelho capaz de avaliar sabores de forma mais eficiente que a língua humana.

Como Buchweitz e Alves (2006), a autora analisou as fases de orientação, redação e revisão do processo tradutório. Em ambos os estudos da autora, os participantes da pesquisa despenderam mais tempo na tarefa de tradução inversa, dado confirmado no estudo realizado em 2012 (FERREIRA, 2012). Com relação à divisão dos textos em unidades de tradução, os estudos também apontam para uma segmentação mais para o nível da palavra na tradução inversa e para o nível do grupo/sintagma na tradução direta. A autora também lançou mão da metodologia de triangulação de dados quantitativos e qualitativos.

Também abordando o tema da direcionalidade da tradução e utilizando rastreamento ocular, Pavlović e Jensen (2009) propõem um estudo sobre o processamento cognitivo de estudantes de tradução e tradutores profissionais em tarefas de tradução direta e inversa. Utilizam como variáveis para inferir o esforço cognitivo o tempo da *gaze*, a duração da fixação e a dilatação de pupila. Os resultados apontam que o processamento do TT requer mais esforço cognitivo que o processamento do ST em ambas as direções (*i.e.*, direta e inversa) e que tradutores profissionais demandam menos esforço cognitivo em ambas as direções que os estudantes. Contudo, não logram confirmar em todas as variáveis se tarefas de tradução inversa demandam mais esforço que tarefas de tradução direta. Os dados confirmam essa hipótese no caso dos profissionais, porém não a confirma no caso dos estudantes.

Cabe ressaltar que, nos estudos de Buchweitz e Alves (2006) e Ferreira (2010, 2012), o par linguístico utilizado nas pesquisas foi o inglês>português(L1)>inglês. Já no estudo de Pavlović e Jensen (2009), o par em questão é o Dinamarquês(L1)>Inglês>dinamarquês. Os textos utilizados nos experimentos são do gênero jornalístico, ou seja, não literários.

No estudo proposto por Da Silva, Oliveira e Lima (2008), as tarefas de tradução são utilizadas para averiguar o comportamento de pesquisadores expertos na função de tradutores e seu produto tradutório. As tarefas de tradução inversa português-inglês são realizadas por quatro participantes, e os textos utilizados são excertos de introduções de artigos científicos. No estudo, os autores se atêm, dentre outros, ao tamanho e à característica dos segmentos textuais. Utilizam o programa Translog 2006 para a captura do processo, além da metodologia de triangulação para analisá-los. Concluem que o conhecimento de conteúdo parece ter impacto positivo sobre o processo tradutório, tendo influência sobre o tamanho e o tipo dos segmentos e a recursividade. Assim, os dados processuais sugerem que o conhecimento de conteúdo pode aumentar a capacidade dos indivíduos de trabalhar com segmentos mais longos. Se por um lado os resultados indicam que o conhecimento de domínio leva a uma

segmentação mais para o nível do grupo que da palavra, por outro ele não pode ser um indicador de que o produto tradutório é mais adequado aos propósitos da tarefa tradutória.

Alves, Pagano e Da Silva (2009) utilizam a metodologia de triangulação (rastreador ocular, programa de registro de teclado e *mouse* e protocolos verbais) para, em condições experimentais, averiguar: i) leitura e tamanho médio da fixação sob a perspectiva de dois filtros diferentes de rastreadores oculares, quais sejam: Clearview e Tobii Studio; ii) o impacto da direcionalidade no tempo de execução da tarefa; e iii) correlação entre protocolos retrospectivos e dados de rastreamento ocular e de registro de teclado e *mouse* acerca da resolução de um problema coesivo de tradução. A pesquisa, que teve como participantes oito tradutores profissionais, apontou que o uso de diferentes filtros tem forte impacto sobre os resultados. Além disso, os dados revelam que os participantes tendem a despender mais tempo na fase de redação na primeira tarefa de direta, enquanto despendem mais tempo de revisão na tarefa de tradução inversa. Com relação à direcionalidade, os resultados mostram que ela não tem impacto significativo. Os autores concluem que o uso sincronizado de protocolos verbais, rastreamento ocular e dados de gravação de teclado e *mouse* abre novas possibilidades para a pesquisa da atividade metacognitiva dos tradutores.

Utilizando a interface entre os estudos processuais da tradução e a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), Alves, Pagano e Da Silva (2011) propõem um estudo também baseado em dados de rastreamento ocular, de gravação de teclado e *mouse* e protocolos livres e guiados. Baseados no conceito de metáfora gramatical (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999) e no comportamento de oito tradutores brasileiros profissionais, apresentam uma proposta de metodologia e procedimentos analíticos que podem ser utilizados para investigar determinados fenômenos na produção multilíngue. A abordagem dos autores exhibe a potencialidade de explorar dados de rastreamento ocular para explicar processos cognitivos em tradução. Os resultados mostram, ainda, que o conceito de metáfora gramatical parece oferecer uma abordagem produtiva para evidenciar instâncias de esforço no processamento da linguagem, mapeando unidades de alinhamento e unidades de tradução.

Nas pesquisas acima mencionadas, o perfil dos participantes das pesquisas cujos desenhos experimentais incluem tarefas de tradução são tradutores profissionais, estudantes de tradução e tradutores em formação. Da Silva (2007, 2012), diferentemente dos outros estudos, utilizou pesquisadores expertos de outras áreas como participantes. Em seu estudo de 2007, pesquisadores da área de medicina realizaram uma tarefa de tradução utilizando o Translog 2006. Os resultados apontam impacto do conhecimento de domínio na recursividade, na

duração da fase de orientação, praticamente realizada junto à fase de redação (orientação *on line*), e na segmentação textual. Em 2012 (*idem*), o estudo contou com 32 participantes brasileiros e alemães, entre especialistas (físicos não tradutores) e tradutores profissionais. Utilizou um texto de popularização da ciência da física sobre a resistência de bolas de papel amassado, objetivando, dentre outros, aferir o esforço cognitivo na (des)metaforização de significados. Além do Translog, o estudo fez uso de rastreador ocular e incluiu protocolos verbais retrospectivos livres e guiados. Os resultados apontaram para comportamentos parecidos entre os perfis, porém com monitoramento da tradução mais eficiente por parte dos tradutores (DA SILVA, 2012, p. 231).

Outro estudo com participantes especialistas não tradutores é o realizado por Braga (2011). Quatro pesquisadores de um centro de pesquisa nuclear e quatro tradutores profissionais traduziram um resumo de 281 palavras, escrito originalmente em língua portuguesa, cujo tema era rejeitos radioativos. A tradução foi realizada no Translog 2006. O produto tradutório foi então analisado tendo por subsídio a LSF. Posteriormente, em outro estudo (BRAGA, 2012), a autora utilizou os mesmos perfis (pesquisadores) do estudo de 2011, porém com o objetivo de submeter o produto tradutório dos participantes a diferentes perfis de avaliadores.

Todos os estudos acima citados têm em comum o uso de tarefas de tradução em condições experimentais orientadas ao processo tradutório. Em todos os experimentos, o uso de rastreador ocular, de programa de gravação de teclado e *mouse* e/ou protocolos verbais, em conjunto ou separadamente, são semelhanças metodológicas. Além disso, há certa homogeneidade nos tipos de textos utilizados, cabendo sublinhar que, em nenhum dos experimentos, lançou-se mão do uso de textos literários.

A revisão é o tema da subseção seguinte.

2.4.2 Tarefa de revisão

Segundo Künzli (2007b), é comum na indústria da tradução que outra pessoa, que não o tradutor inicial (*original translator*), revise o texto traduzido. Geralmente, a primeira tradução (*draft translation*) é enviada para uma revisão por meio da qual o revisor faz correções e sugestões (KÜNZLI, 2007a). A revisão pode ser realizada pelo próprio tradutor, por outro tradutor ou por um revisor não tradutor. Consoante o autor, esse procedimento tem recebido pouca atenção de pesquisadores sob a perspectiva do processo (KÜNZLI, 2007b, p. 117).

Para Robert (2008), em um estudo exploratório realizado com o objetivo de estudar o impacto dos procedimentos de revisão sobre o processo e o produto da tradução, a definição de revisão varia de acordo com o contexto no qual está inserida. Pode ser parte do processo de escrita e mesmo do processo de tradução, mas também pode ser um processo realizado separadamente. Diante disso, a autora diferencia basicamente doze tipos de revisão levando em consideração cinco questões:

1. O quê? A revisão é de um texto traduzido ou de um texto original? Essa pergunta é essencial para diferenciar o termo revisão dentro dos estudos da tradução e em outras disciplinas (ROBERT, 2008, p. 4);
2. Quem? Quem revisa é quem traduziu ou outro profissional? Cabe também indagar se revisor é um tradutor ou não;
3. Quando? Se for o próprio tradutor que realiza a revisão, ela pode ocorrer durante ou depois do processo de tradução. Porém, segundo a autora, para que seja considerada revisão, ela tem que ser realizada antes da entrega do texto ao cliente final. Quando a revisão é realizada pelo próprio cliente, é chamada de “validação¹⁸” (ROBERT, 2008, p. 7). Se quem revisa não é o próprio tradutor, então a revisão será realizada após o processo de tradução.
4. Como? Como os procedimentos de revisão são organizados; e
5. Por quê? Refere-se à função da revisão, se é para a averiguação de terminologia ou de correção gramatical, ou se é para examinar o grau de equivalência entre o ST e o TT.

No caso da tradução, segundo Mossop (2007), a revisão pode ser realizada de forma: i) bilíngue (*comparative revision*), na qual o revisor tem acesso ao ST; ou ii) monolíngue (*unilingual revision*), na qual o revisor não tem acesso ao ST. Deve-se considerar ainda quem faz a revisão: um tradutor, um revisor, um tradutor-revisor ou mesmo um grupo de revisores/tradutores. Brunette, Gagnon e Hine (2005), em um estudo orientado ao produto, mostram que o produto final da revisão bilíngue possui maior qualidade que o da revisão monolíngue. Como na tarefa de tradução, diferentes gêneros textuais podem ser utilizados, embora, para as pesquisas experimentais, textos não literários são os mais adotados (*e.g.*, BRUNETTE; GAGNON; HINE, 2005; KÜNZLI, 2007b; MOSSOP, 2007; ROBERT, 2008).

Para Krings (2001), o que diferencia a revisão (*revising human translation*) da pós-edição (*post-editing machine translation*, abordada na Subseção 2.3.3) é que o revisor busca na sua

¹⁸ *Validation.*

tarefa checar a correspondência, seja cultural ou de outra ordem, entre o ST e o TT, a fim de identificar possíveis omissões e mal-entendidos. O objetivo do pós-editor é outro, qual seja: ajustar o texto produzido pela máquina para que reflita, com a maior precisão possível, o significado do texto-fonte (KRINGS, 2001, p. 7).

A pós-edição é o tema da subseção seguinte.

2.4.3 Tarefa de pós-edição

O termo pós-edição “se refere ao ato de corrigir uma proposta de tradução (desde uma simples palavra a um documento inteiro)”¹⁹ (SILVA, 2014, p. 26). Consoante Silva (2014), ela pode ser uma pós-edição de uma tradução automática (PEMT, do inglês *post-editing machine translation*) ou uma pós-edição humana (HPE, do inglês *human post-editing*). Segundo Koglin (2015, p. 28), inicialmente havia uma crença de que itens lexicais possuíam significados estanques e precisos; portanto, “a tradução automática poderia funcionar de forma satisfatória e sem a necessidade de intervenção humana”, o que ainda não ocorreu, já que a tradução crua gerada pela máquina ainda pode apresentar qualidade mínima ou insuficiente (KOGLIN, 2015). Nesse sentido, a tradução automática, cujo marco acadêmico foi o primeiro congresso sobre problemas e desafios da tradução automática, realizado em 1952, é assim descrita por Koglin (2015, p. 33):

A tradução automática resulta do processo automático de tradução de uma língua por outra através de sistemas tradutórios executados por uma máquina. Tais sistemas, por serem constituídos de arquiteturas distintas, costumam gerar uma tradução crua com necessidade de intervenção – ou de pós-edição – em pontos distintos.

Portanto, tarefas de pós-edição, (cf. KOGLIN, 2015; KRINGS, 2001; O’BRIEN, 2002, 2010; O’BRIEN *et al.*, 2014; PAGANO; ARAÚJO, 2013; SEKINO, 2015) são aquelas nas quais um pós-editor edita um texto traduzido automaticamente por um sistema de tradução, com o menor número de intervenções possível (KRINGS, 2001). A pós-edição pode ser realizada tanto pelo homem como por um programa computacional, ou seja, a pós-edição automática (APE, do inglês *automatic post-editing*). Neste trabalho, o termo pós-edição é utilizado para referir-se à pós-edição automática (*post-editing machine translation*).

¹⁹ Tradução do autor para: “*the term post-editing refers to the act of correcting a translation proposal (from a single word or character to a complete document).*”

Contudo, anterior à fase de pós-edição, que, segundo O'Brien (2002), deve ser realizada preferencialmente por um tradutor, devido a seus conhecimentos sobre tradução, o texto a ser traduzido pelo sistema pode receber um tratamento anterior para minimizar problemas estruturais que podem comprometer a tradução automática crua, isto é, a tradução realizada pelo sistema de tradução automática. Esse processo denominado de pré-edição (*pre-editing*) é, para Krings (2001, p. 183), uma das estratégias mais importantes para que o produto da tradução automática seja aceitável. De acordo com Climent, Moré e Oliver (2003), problemas no ST envolvendo pontuação e palavras grafadas erroneamente podem acarretar erros significativos de tradução. Tais problemas são evitáveis com a realização da pré-edição.

Tal como ocorre com a revisão, a pós-edição também pode ser monolíngue, sem acesso ao ST, ou bilíngue, com acesso ao ST. O que caracteriza a pós-edição, diferenciando-a da revisão, são, grosso modo, dois pontos: i) na pós-edição, o texto a ser pós-editado foi traduzido automaticamente por um sistema de tradução, enquanto na revisão foi traduzido pelo homem; e ii) a revisão engloba todo o texto, isto é, desde a estrutura gramatical e do texto a correções de estilo, terminologia etc., enquanto a pós-edição preza pelo menor esforço. Nesse sentido, Krings (2001) postula três tipos de esforço: temporal, técnico e cognitivo. O primeiro se refere ao mínimo de tempo possível despendido para a execução da tarefa; o segundo, a procedimentos como: deletar, inserir e reordenar o texto; e o terceiro, à carga cognitiva²⁰ exigida no momento da realização da pós-edição (cf. KOGLIN, 2015; SEKINO, 2015). O maior e o menor esforço, segundo Krings (2001), dependem do objetivo de uso do texto a ser pós-editado.

Sekino (2015), investigando processos de pós-edição e tradução, utiliza tarefas de pós-edição e de tradução para averiguar, à luz da Teoria da Relevância, o processamento cognitivo na relação esforço-efeito no par linguístico japonês-português. O estudo mostrou que, no caso dos estudantes, tanto na tarefa de tradução como na de pós-edição, o número médio de fixações é maior no ST que no TT. Já os tradutores profissionais registraram maior número médio de fixações na área do TT da tarefa de pós-edição e na área do ST da tarefa de tradução. Contudo, não se encontraram diferenças entre os grupos, já que “tanto o grupo de estudantes quanto o dos tradutores se comportaram da mesma maneira diante da inédita tarefa de pós-edição” (SEKINO, 2015, p. 135). A variável duração média das fixações também foi maior no grupo de estudantes, na área do ST, tanto na tradução como na pós-edição. Os profissionais tiveram maior duração da fixação registrada no TT, na tarefa de pós-edição, e no

²⁰ Os termos carga cognitiva e esforço cognitivo são utilizados neste estudo como sinônimos.

ST, na tarefa de tradução. Em seu estudo, Sekino (2015) conclui, dentre outros, que os estudantes apresentaram maior esforço cognitivo que os profissionais.

Também utilizando a Teoria da Relevância como suporte teórico, Koglin (2015) pesquisou os efeitos cognitivos e o esforço de processamento de metáforas em tarefas de pós-edição e tradução. Com base na duração das fixações e na dilatação de pupila, o esforço cognitivo despendido na pós-edição de metáforas e não metáforas foi maior que sua tradução, convergindo com O'Brien (2002) que advoga que as “habilidades necessárias à pós-edição são comprovadamente diferentes das habilidades necessárias à tradução” (KOGLIN, 2015, p. 164).

O campo de pesquisa voltado para a pós-edição é vasto e complexo, já que seu estudo requer habilidades e conhecimentos advindos de diversas disciplinas, como: tradução, linguística, psicologia cognitiva, estatística aplicada e linguística computacional (O'BRIEN *et al.*, 2014). Não obstante, pós-editar não parece ser uma tarefa muito comum entre tradutores e estudantes de tradução, como sugere o estudo de Sekino (2015).

Segundo O'Brien (2004), pós-editar é diferente de revisar e de traduzir. O papel do pós-editor é editar, modificar e/ou corrigir um texto pré-traduzido por um sistema de tradução automática. Já o papel do revisor consiste em corrigir erros de digitação, de conteúdo, de formatação e de pontuação, dentre outros.

Na subseção seguinte, apresenta-se a proposta de tarefa de (re)tradução utilizada neste estudo.

2.4.4 A tarefa de (re)tradução

O rótulo (re)tradução é utilizado por alguns autores para nomear um texto traduzido a partir de uma tradução, e não do respectivo texto original. Esse tipo de tradução é mais conhecido como tradução indireta (TAHIR-GÜRÇALAR, 2001, p. 233), como seria o caso de um texto escrito em sânscrito foi traduzido ao inglês e um tradutor o retraduz do inglês para o português.

Contudo, o termo (re)tradução é mais comumente utilizado para se nomear: i) a ação de traduzir, para uma língua-alvo, um texto de uma língua-fonte que já foi traduzido para aquela mesma língua-alvo; e ii) um texto que já possui uma tradução para uma língua-alvo e é retraduzido para essa mesma língua-alvo (TAHIR-GÜRÇALAR, 2001, p. 233). Esse segundo conceito é o adotado no estudo objeto da presente tese. Segundo Berman (1990, 2007), a

(re)tradução perpassa pela consulta à(s) outra(s) tradução(ões) existente(s), ou seja, o (re)tradutor deve acessá-las para produzir a sua. (Re)tradução é um termo empregado na tradução de textos literários, não sendo utilizado no caso de outros tipos de texto, como os textos técnicos (TAHIR-GÜRÇALAR, 2001).

A (re)tradução pode ser demandada por diferentes motivos, seja pela adequação de uma tradução já existente às normas vigentes do sistema linguístico de chegada, seja pelo fato de a(s) tradução(ões) existente(s) não cumprir(em) mais sua função para o leitor, ou mesmo por ela(s) ter(em) “envelhecido” (BERMAN, 1990). Para Berman (1990), as traduções envelhecem ao passo que os originais não. Esse é outro motivo para que uma obra seja (re)traduzida. Segundo o autor, as grandes traduções, geralmente, são (re)traduções, pois estariam mais próximas do ST, seriam menos assimiladoras, enquanto as primeiras traduções estariam mais distantes, já que teriam a tendência a serem mais domesticadoras (BERMAN, 1990, 2007).

Contudo, como aventado na Introdução, a (re)tradução também é um fenômeno mercadológico, cujo *marketing* é mais produtivo se comparado à reedição, à reimpressão e à tradução. Outrossim, de acordo com Palopsoski e Koskinen (2010), (re)traduzir é mais comum nas grandes editoras, pois já possuem estoque suficiente de traduções e lhes é mais rentável (re)traduzir, reimprimir e reeditar obras já consagradas, seja em datas comemorativas, seja para colocar no mercado uma (re)tradução de uma obra que pode ter ficado esquecida por um tempo. O tema da (re)tradução é desenvolvido na Seção 2.4.

Para visualizar as principais características das tarefas acima consideradas, os Quadros 5 a 8 trazem: na primeira coluna, definição e estrutura da tarefa; na segunda coluna, os tipos de textos mais utilizados; na terceira coluna, especificidades de cada tarefa.

Quadro 5 - Tarefa de tradução e suas características

Tarefas de tradução		
Definição/Estrutura	Tipo de texto	Especificidades
Produção de um TT em uma língua a partir de um ST em uma outra língua. Nos desenhos experimentais, contempla um espaço destinado ao ST e outro para a produção do TT.	Não literário. Buchweitz e Alves (2006); Ferreira (2010, 2012); Pavlović e Jensen (2009); Da Silva, Oliveira, Lima (2008); Da Silva (2012); Jakobsen e Jensen (2008); Liparini Campos (2010); Alves, Pagano e Da Silva (2009; 2011); Braga (2012); Hvelplund (2011).	- O texto-fonte é produzido por humano, não por máquina. - Com acesso ao ST. - Nos estudos experimentais, geralmente quem traduz é um tradutor, um estudante de tradução ou um especialista não tradutor exercendo a função de tradutor. - Pesquisas de direcionalidade.

Fonte: Elaboração do autor.

Quadro 6 - Tarefa de revisão e suas características

Tarefa de revisão		
Definição/estrutura	Tipo de texto	Especificidades
Interferências realizadas em um texto (traduzido ou não) visando à sua melhoria. Pode ser realizada na ordem da palavra, do grupo, da frase e da oração. Geralmente, utiliza-se somente o campo do texto a ser revisado, mas pode contemplar, no caso do texto traduzido, um espaço destinado ao ST e outro ao TT.	Não literário. Brunette, Gagnon e Hine (2005); Mossop (2007); Robert (2008); Künzli (2007a, 2007b)	-Texto produzido por ser humano. - Para que seja considerada revisão, deve ser realizada antes da entrega ao cliente (ROBERT, 2008). - A revisão pode ser feita por um tradutor, um revisor, ambos, ou por um grupo. - O objetivo da revisão é checar a correspondência, seja cultural ou de outra ordem, entre o ST e o TT, buscando possíveis omissões e mal-entendidos (KRINGS, 2001). Além de corrigir erros de digitação, de conteúdo, de formatação e de pontuação.

Fonte: Elaboração do autor.

Quadro 7 - Tarefa de pós-edição e suas características

Tarefa de pós-edição		
Definição/estrutura	Tipo de texto	Especificidades
Edição de um texto traduzido automaticamente por um sistema de tradução. Pode contemplar um espaço destinado ao ST e outro ao TT ou somente um espaço destinado ao TT.	Não literário. Klings (2001); O'Brien (2006); Almeida e O'Brien (2010); Pagano e Araújo (2013); O'Brien <i>et al.</i> (2014); Fonseca (2014); Sekino (2015); Koglin (2015).	<ul style="list-style-type: none"> - O texto a ser pós-editado foi traduzido por um sistema de tradução automática. - Preza pelo menor esforço e menor manipulação do texto (dependendo do objetivo de uso do texto). - É recomendável que seja feita por um tradutor. - O objetivo da pós-edição é ajustar o texto produzido pela máquina para que reflita, com a maior precisão possível, o significado do texto-fonte(KRINGS, 2001). Quem pós-edita geralmente possui a língua do texto traduzido como L1/materna. Pode ser bilíngue (com acesso ao ST) ou monolíngue (sem acesso ao ST).

Fonte: Elaboração do autor.

Quadro 8 - Proposta de tarefa de (re)tradução e suas características

Tarefa de (re)tradução		
Definição/estrutura	Tipo de texto	Especificidades
Tradução de um texto já traduzido para o mesmo sistema linguístico. Engloba, necessariamente, o acesso à(s) tradução(ões) existente(s) e ao ST. Devido a isso, o desenho de uma tarefa de (re)tradução pode englobar vários espaços: um destinado ao ST, outros (um ou mais de um) para a(s) tradução(ões) já publicada(s) e outro para a produção da (re)tradução.	Literários. Berman (1990; 2007); Gambier (1994); Pym (1998); Susan-Sarajeva, (2003); Paloposki e Koskinen (2001; 2010). Ressalta-se que esta tarefa ainda não foi reportada pela literatura com orientação ao processo.	<ul style="list-style-type: none"> - O texto a ser retraduzido foi produzido pelo homem. - O retradutor deve acessar as outras traduções para produzir a (re)tradução. - Todo texto que já foi parcial ou completamente traduzido e o será novamente é considerado (re)tradução. - Realizada por um (re)tradutor. - Tradução direta. Quem retraduz geralmente possui a língua do texto traduzido como L1/materna. - Realizada com acesso ao ST.

Fonte: Elaboração do autor.

Reitera-se que as três primeiras tarefas (*i.e.*, tradução, revisão e pós-edição) têm sido utilizadas em diversos estudos conforme mostrado anteriormente. A tarefa de (re)tradução aqui proposta é inédita no que diz respeito às pesquisas experimentais orientadas ao processo tradutório.

Assim, o desenho da tarefa aqui proposta foi elaborado de forma a simular uma tarefa de (re)tradução, que se caracteriza pelo acesso a, pelo menos, dois textos de entrada, um ST e uma ou mais traduções, para a produção de um terceiro ou quarto texto (ou mais), dependendo do número de traduções disponíveis. No caso desta pesquisa, os participantes tiveram acesso a três textos de entrada, sendo um ST e duas traduções (nomeadas como traduções prévias), uma mais antiga, datada de 2005, e uma mais recente, de 2013.

O capítulo seguinte se dedica ao detalhamento da metodologia de pesquisa.

3 METODOLOGIA

3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Metodologias de cunho quantitativo vêm cada vez ganhando mais espaço nos Estudos da Tradução, principalmente na abordagem processual. Depois da introdução de rastreadores oculares e de gravadores de acionamentos de teclas e *mouse*, que permitiram a extração de dados numéricos passíveis de manipulação e testes estatísticos, as pesquisas voltadas para o processo de tradução, escrita, leitura, pós-edição e revisão tiveram suas metodologias de pesquisa incrementadas.

Parte dessa mudança, que introduziu informações quantitativas às pesquisas processuais, é resultado dos estudos promovidos por Jakobsen (1999). Segundo o autor, é importante que os dados tenham como características a “não subjetividade” e a precisão, para que possam apresentar resultados corroboráveis.

Com o advento dessas novas metodologias de coleta, extração e análise de dados, juntamente com os instrumentos introspectivos já existentes, a técnica de triangulação dos dados, cujos resultados atingidos possibilitam outros ângulos de visão sobre um mesmo objeto de estudo, passou a ser utilizada amplamente nos estudos processuais da tradução (JAKOBSEN, 1999; ALVES, 2001, 2003, 2005).

Este capítulo está dedicado ao detalhamento do processo de elaboração do desenho experimental da pesquisa. Está dividido em sete seções, a saber: i) participantes da pesquisa, seção que se dedica a esclarecer o recrutamento e a seleção dos participantes; ii) instrumentos e materiais, seção que elenca os instrumentos de coletas de dados; iii) desenho experimental, seção que descreve como o experimento foi concebido, abordando os textos utilizados e o leiaute da tarefa; iv) procedimentos, seção que relata o passo a passo dos procedimentos de coleta; v) metodologia de análise de dados, seção que apresenta a metodologia empregada para a extração e análise dos dados; vi) estudo piloto, seção que relata o estudo piloto realizado que culminou na efetivação do estudo preliminar; e vii) estudo preliminar, última seção, na qual são apresentados os resultados do estudo preliminar realizado com 37 participantes, cujas análises e resultados encaminharam o estudo definitivo.

3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Inicialmente, foram recrutados, respectivamente, 17 e 62 participantes para o estudo exploratório e para a coleta final. À medida que o estudo foi sendo desenvolvido e a

metodologia de análise dos dados sendo aperfeiçoada, vários participantes foram excluídos do estudo, conforme mostrado na Figura 2. Os 17 participantes do experimento piloto não fizeram parte do estudo preliminar, portanto, não estão inclusos na Figura 2.



Figura 2 - Participantes da pesquisa: recrutamento e exclusão
Fonte: Elaboração do autor

Como mostrado na Figura 2, logo na fase de coleta dos dados, dois participantes foram excluídos devido ao fato de terem realizado uma tradução inversa, mesmo tendo recebido um *brief* solicitando uma tradução direta. Consoante O'Brien (2009, p. 257), a porcentagem mínima de rastreamento para que os dados do participante possam ser utilizados é de 70%. Então, dos 60 participantes, foram mantidos 37 com porcentagem média de rastreamento ocular igual ou superior a 70%, dos quais quinze eram professores brasileiros de espanhol como língua estrangeira (doravante, ELE) e 22 eram estudantes de tradução português-espanhol. Posteriormente, foram excluídos 16 participantes cujos dados eram mais heterogêneos: 11 por não terem experiência em tradução, dois por terem mais de dez anos de experiência e três por terem tido seus dados de gravação de teclado e *mouse* classificados como *outliers*. Por fim, após a análise de um ponto específico do texto cujas traduções utilizadas como insumo na tarefa traziam interpretações divergentes, conforme explicado mais adiante na Subseção 3.4.1.3, excluíram-se os participantes que não conseguiram resolver o problema de tradução.

Depois do processo de seleção, restaram 14 participantes, dos quais dez são estudantes de tradução e quatro são professores de ELE, todos com mais de um ano e menos de quatro anos

de experiência em tradução. Todos possuem nível intermediário ou superior de língua espanhola, comprovada com certificação ou, no caso dos estudantes, com estudos superiores a cinco semestres ou 300 horas²¹ de língua espanhola. O Quadro 9 apresenta o perfil dos 14 participantes. Os dados foram coletados por meio de questionário estruturado, respondido *online* via ferramenta *survey* do Google. Devido à quantidade considerável de dados, foram mantidos os números que representam os participantes de acordo com a ordem original de realização da coleta, evitando maiores manipulações, o que aumentaria as chances de erros.

Quadro 9 - Perfil dos participantes da pesquisa

Participante	Idade (em anos)	Línguas Estrangeiras	Certificado de Proficiência	Estada no Exterior (em meses)	Experiência em Tradução (em anos)	Tipo de Tradução
P01	24	Espanhol	DELE C1	6	2-4	Literária
P02	36	Inglês e espanhol	DELE C2	0	0-2	Outro
P03	21	Espanhol	Não	7-12	2-4	Técnica, literária, legendagem
P04	22	Espanhol	Não	7-12	2-4	Literária
P05	23	Espanhol e inglês	Não	0	0-2	Técnica, científica
P06	21	Espanhol	CIL Avançado	0	2-4	Técnica, literária, científica
P07	26	Espanhol	CIL Avançado	0	2-4	Literária, técnica
P08	23	Espanhol e inglês	Sim	Sim	2-4	Literária
P09	21	Espanhol	Não	0	0-2	Técnica, científica
P10	27	Espanhol	Não	0	0-2	Literária
P11	36	Espanhol	Licenciatura	0	0-2	Científica
P12	37	Espanhol e francês	Licenciatura	0	0-2	Outro
P13	34	Espanhol	Licenciatura	0	2-4	Outro
P14	46	Espanhol, inglês e francês	DELE C2	0	2-4	Técnica, literária, legendagem

* Centro Interescolar de Línguas. Escolas públicas especializadas no ensino de línguas da Secretaria da Educação do Distrito Federal. O diploma avançado contempla mais de 400h. Diploma Espanhol como Língua Estrangeira.

A média de idade dos participantes é de 28 anos (DP = 7,947). Oito participantes afirmaram ter experiência em tradução literária, tipo demandado na tarefa realizada durante o experimento; o restante afirmou ter experiência em outros tipos de tradução. Os que

²¹ O nível C1 (Domínio) compreende quatro módulos de 30 horas, cumprindo um total de 120h. É o nível anterior ao C2, último dos níveis na escala de proficiência. (cf. <www.saopaulo.cervantes.es>).

afirmaram não possuir certificado de proficiência são estudantes de tradução do quinto semestre ou superior da UnB, nível no qual já cumpririam as matérias de línguas, ou seja, 360h.

Em seguida, realizou-se um agrupamento dos participantes para fins de comparação entre os comportamentos de grupos com perfis distintos. O agrupamento foi efetuado de forma automatizada pelo programa R, que levou em consideração o tempo absoluto despendido para a execução da tarefa, os tempos relativos das fases de orientação, redação e revisão do processo tradutório, além dos anos de experiência dos participantes. O resultado foi a identificação de dois grupos (G1 e G2), conforme mostra o dendograma gerado pelo programa R (Figura 3).

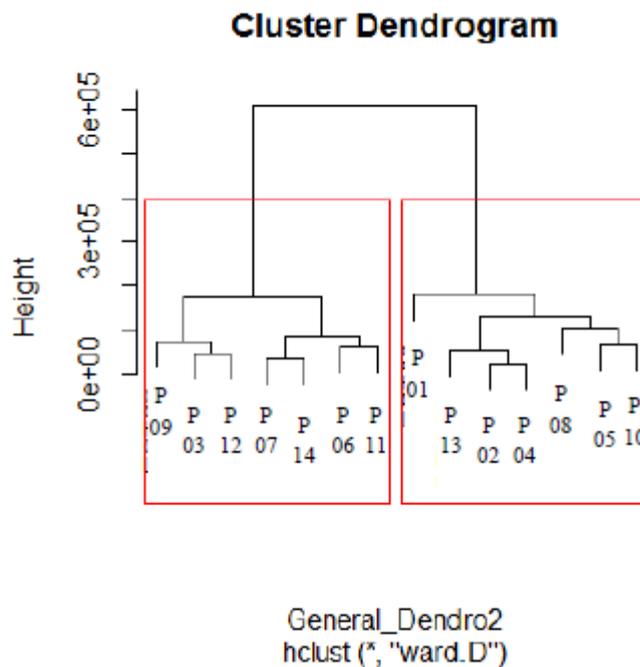


Figura 3 - Dendograma com os agrupamentos realizado pelo R
Fonte: Elaboração LETRA

G1, formado por P03, P06, P07, P09, P11, P12 e P14, é caracterizado por um processo mais lento, fundamentalmente na fase de redação. Já G2, formado por P01, P02, P04, P05, P10 e P13, é caracterizado por um processo mais rápido, principalmente na fase de redação.

3.3 INSTRUMENTOS E MATERIAIS

Utilizaram-se, para a coleta de dados, dois tipos de instrumentos. Um dos tipos permitiu a coleta de dados em tempo real, o que teve lugar por meio de um rastreador ocular (Tobii T60)²² e de um gravador de acionamentos de teclas e *mouse* (Translog-II). O outro tipo foi constituído por verbalizações dos participantes e envolveu a obtenção de Protocolos Verbais Retrospectivos livres e guiados. Descrevem-se esses instrumentos nas subseções a seguir.

3.3.1 Instrumentos de coleta em tempo real

3.3.1.1 Rastreador ocular Tobii T60

O aparelho utilizado para rastreamento ocular foi um Tobii T60 com tela de LCD de 17 polegadas, 16 *bits* e resolução de 1280x1024 pixels. Para identificar e armazenar dados acerca do posicionamento dos olhos na tela do computador, foi utilizado o *software* Tobii Studio (versão 3.2.2). Com essa tecnologia, é possível mapear/gravar a movimentação do olhar durante a execução da tarefa de tradução, em tempo real, além de observar a produção textual.

A coleta principal foi realizada na Universidade de Brasília (UnB). Para tal, firmou-se um acordo interuniversitário entre o Instituto de Letras (IL) da Universidade de Brasília (UnB) e a Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O rastreador foi instalado em uma sala, exclusivamente com iluminação artificial, localizada no Laboratório de Línguas do IL/UnB. Seguindo um protocolo rigoroso para a coleta, foram tomados todos os cuidados referentes à instalação, à iluminação do local, à posição da cadeira e à distância adequada entre a tela e o participante (60 a 70 cm). Essa preparação é um dos requisitos para que a coleta fosse realizada como previsto e se obtivessem dados válidos.

Por se tratar de um aparelho que se assemelha a um computador de mesa, não se registram maiores impactos com relação ao experimento, que manteve as condições ambientais de coleta em um estado o mais próximo possível ao natural, do ponto de vista estrutural. Cada sessão de coleta, incluindo a aplicação dos protocolos verbais, durou em média aproximadamente 35 minutos.

²² TOBII TECHNOLOGY. Disponível em: <<http://www.tobii.com/>> Acesso em: 1 nov. 2015.

As variáveis de rastreamento ocular que fazem parte deste estudo são: Visitas (número e duração), fixações (número e duração) e fluxo de transições. Além das variáveis elencadas, utiliza-se ainda a função *replay* do Tobii Studio para averiguar os procedimentos realizados pelos participantes. Essa função possibilita rever o processo de produção dos participantes juntamente com o rastreamento ocular, ou seja, pode-se averiguar o movimento do olhar do participante e aferir em que partes do texto incide a atenção visual. Essa função também foi utilizada na análise dos protocolos verbais, conforme relatado na Subseção 3.3.2.1.

3.3.1.2 Programa de registro de teclas e movimentos de *mouse* – Translog-II

Concomitantemente ao rastreador ocular (Tobii T60), utilizou-se um programa que grava os acionamentos de teclas e movimentos de *mouse*, o Translog-II. O programa foi concebido para adquirir dados objetivos do processo de tradução (CARL, 2012); porém, também pode ser utilizado para estudos sobre leitura e escrita por computador. O programa, criado em 1995 (cf. JAKOBSEN; SCHOU, 1999), possui dois componentes que funcionam de forma independente: o Translog user e o Translog Supervisor. Com o primeiro, pode-se gravar o processo de tradução (ou escrita); com o segundo, pode-se rever, por meio da função *replay*, o processo capturado em tempo real. No caso das análises, os dados são exportados para programas como o Excel.

Existem outros programas de gravação de teclado, como o ScriptLog²³ e o Inputlog²⁴. Contudo, a escolha pelo Translog se deu devido ao fato de o programa ter sido concebido especialmente para a pesquisa em tradução, enquanto os outros foram concebidos para pesquisas voltadas somente para a escrita. Além disso, o programa é amplamente utilizado pela comunidade científica que pesquisa os processos de tradução (CARL, 2012, p. 155).

A versão utilizada neste estudo é o Translog-II. Com o programa, é possível registrar dados do usuário referentes a todas as teclas acionadas e à movimentação do olhar (caso haja um rastreador instalado). O programa classifica os dados como: i) inserção; ii) deleção (apagar); iii) navegação (movimentos do cursor); iv) copiar, cortar e colar; v) tecla voltar; ou vi) operações de *mouse*. Uma das vantagens no uso do Translog-II é o fato de ele funcionar em segundo plano; portanto, não interfere no processo de escrita ou de tradução (CARL, 2012, p. 155). As variáveis advindas do registro dos movimentos de teclado e *mouse*

²³ SCRIPTLOG. Disponível em: <www.scriptlog.net/demo.asp>. Acesso em: 22 nov. 2015.

²⁴ INPUTLOG. Disponível em: <www.inputlog.net/download.html>. Acesso em: 22 nov. 2015.

deste estudo são: pausas (número e duração), acionamentos de teclas (inserção e deleção) e segmentação textual (número de microunidades de tradução).

Na subseção seguinte, são apresentados os instrumentos introspectivos de coleta de dados.

3.3.2 Instrumentos introspectivos

3.3.2.1 Protocolo verbal retrospectivo

Segundo Alves, Pagano e Da Silva (2009), os protocolos verbais foram o principal instrumento de coleta de dados na primeira década de existência das pesquisas processuais em tradução (metade da década de 1980 e metade da década de 1990). Advindo da psicologia, o protocolo verbal é uma técnica de coleta de dados na qual o indivíduo verbaliza seus pensamentos sobre uma tarefa. Dessa forma, o participante da pesquisa descreve verbalmente suas sensações, intenções, pensamentos e procedimentos ocorridos durante a tarefa. Os protocolos verbais podem ser realizados durante a execução de uma tarefa (denominados protocolos concomitantes) ou logo após a execução (denominados protocolos retrospectivos). A principal função dos protocolos é possibilitar um acesso indireto aos processos cognitivos (ERICSSON; SIMON, 1984). Nesse caso, os processos cognitivos são abordados por meio de manifestações metacognitivas, as quais, por sua vez, proporcionam a percepção de características importantes dos processos investigados (GONÇALVES, 1998).

Contudo, estudos demonstram diferenças nos resultados obtidos por meio dos tipos de protocolos, o concomitante e o retrospectivo. Fraser (1996) afirma que o protocolo retrospectivo aplicado imediatamente após a realização da tarefa produz relatos inferenciais mais estruturados que os protocolos em voz alta (concomitantes). Outras pesquisas (cf. ALVES, 1996, 1997; ALVES; GONÇALVES, 2003) comprovam que as verbalizações retrospectivas produzem relatos mais voltados para aspectos inferenciais e contextuais do processo tradutório, referentes a resoluções de problemas em tradução.

Os protocolos concomitantes tiveram sua eficácia contestada com os estudos realizados por Jakobsen (2002, 2003), segundo os quais a segmentação textual dos tradutores é maior e a produção é mais lenta com a aplicação desse tipo de protocolo. Esse dado revela que a influência dos protocolos concomitantes sobre a atividade do tradutor é

bastante significativa, introduzindo uma sobrecarga cognitiva. Devido a isso, muitas vezes se opta pelo protocolo retrospectivo, por meio do qual o participante executa sua tarefa e, após seu término, pode revê-la e proceder às verbalizações. Tal procedimento é possível, por exemplo, com o aporte de programas de computador como o Translog (JAKOBSEN, SCHOU, 1999). Por meio do auxílio da função *replay*, o participante pode rever seu processo e então relatar o que pensava, sentia, além de seus procedimentos de identificação e resolução de problemas. Alves (2003, p. 76) afirma que os protocolos retrospectivos são realmente profícuos, no sentido de que, com eles, o pesquisador pode acessar informações acerca do processo tradutório de forma mais detalhada, já que se realçam aspectos inferenciais importantes para a tomada de decisão e para a resolução de problemas.

Diante do exposto, este estudo utiliza os protocolos verbais retrospectivos livres e guiados. No primeiro caso, os participantes assistem ao próprio processo, acelerado em 500%, por meio da função *replay* do Translog-II, e verbalizam livremente acerca da tarefa realizada. No segundo caso, o protocolo guiado, as verbalizações surgem a partir de um roteiro de perguntas sobre pontos específicos do processo e do produto tradutório. Esse roteiro foi dividido em três blocos: o primeiro contém duas perguntas sobre a tarefa; o segundo compreende três perguntas sobre o texto de um modo geral; e o terceiro consiste de cinco perguntas sobre aspectos pontuais do texto.

Os protocolos verbais foram transcritos literalmente sem uso de notações específicas de transcrição que indiquem características do relato tais como: pausas, aumento de volume de voz, alongamento de vogais, etc. As transcrições dos dois protocolos de cada participante podem ser consultadas nos Apêndices A e B. Ademais, em ambos os protocolos os participantes tiveram o olhar rastreado, o que possibilita saber para onde eles olham na tela do computador durante as verbalizações.

3.3.2.2 Questionário prospectivo

Aplicou-se aos 60 participantes inicialmente recrutados um questionário estruturado, solicitando-lhes informações acerca de sua experiência com tradução e com o espanhol como língua estrangeira. O questionário foi respondido *on-line* por meio do aplicativo *survey* do Google. O uso dessa plataforma facilita a compilação dos dados em forma de números e

estatística descritiva. O questionário foi preenchido após a sessão de coleta, sendo que os participantes que foram excluídos por terem produzido uma tradução inversa, não o preencheram. Detalhes sobre os procedimentos são apresentados na Seção 3.5.

3.4 O EXPERIMENTO

3.4.1 O texto e o leiaute da tarefa

3.4.1.1 O texto

Como apontado anteriormente, este estudo busca observar o comportamento dos participantes da pesquisa em uma tarefa de (re)tradução, a qual implica ter de lidar com mais de um insumo para a produção do texto-alvo. Para tanto, disponibilizaram-se aos participantes o ST e duas traduções dele. O texto-fonte escolhido, um excerto de uma obra literária originalmente escrita em espanhol, variedade argentina, possui 98 palavras e data de 1946. As traduções desse excerto têm suas publicações datadas de 2005 e 2013 e possuem, respectivamente, 99 e 92 palavras. Os trechos em questão estão reproduzidos no Quadro 10.

Quadro 10 - Textos utilizados no experimento

Texto-Fonte – <i>Casa Tomada</i> – de Júlio Cortázar (1946)	Tradução 1 – de Alicia Ramal (2005)	Tradução 2 – de Heloísa Jahn (2013)
<p><i>Nos gustaba la casa porque aparte de espaciosa y antigua guardaba los recuerdos de nuestros bisabuelos, el abuelo paterno, nuestros padres y toda la infancia.</i></p> <p><i>Nos habituamos Irene y yo a persistir solos en ella, lo que era una locura pues en esa casa podían vivir ocho personas sin estorbarse.</i></p> <p><i>Hacíamos la limpieza por la mañana, levantándonos a las siete, y a eso de las once yo le dejaba a Irene las últimas habitaciones por repasar y me iba a la cocina.</i></p> <p><i>Almorzábamos al mediodía, siempre puntuales; ya no quedaba nada por hacer fuera de unos platos sucios.</i></p>	<p>Gostávamos da casa porque, além de ser espaçosa e antiga, guardava as lembranças de nossos bisavós, do avô paterno, de nossos pais e de toda a nossa infância.</p> <p>Acostumamo-nos Irene e eu a persistir sozinhos nela, o que era uma loucura, pois nessa casa poderiam viver oito pessoas sem se estorvarem.</p> <p>Fazíamos a limpeza pela manhã, levantando-nos às sete horas, e, por volta das onze horas, eu deixava para Irene os últimos quartos para repassar e ia para a cozinha. O almoço era ao meio-dia, sempre pontualmente; já que nada ficava por fazer, a não ser alguns pratos sujos.</p>	<p>Gostávamos da casa porque além de espaçosa e antiga ela guardava as lembranças de nossos bisavós, do avô paterno, de nossos pais e de toda a infância.</p> <p>Irene e eu nos acostumamos a persistir sozinhos nela, o que era uma loucura pois naquela casa podiam morar oito pessoas sem aperto. Fazíamos a limpeza pela manhã, levantando às sete, e por volta das onze eu deixava Irene tomando conta dos últimos aposentos e ia para a cozinha. Almoçávamos ao meio-dia, sempre pontuais; não restava mais nada por fazer, fora uns poucos pratos sujos.</p>
Número de palavras: 98	Número de palavras: 99	Número de palavras: 92

Fonte: Elaboração do autor

Os experimentos com abordagem processual utilizam em suas pesquisas diversos gêneros textuais, mas são raros aqueles que adotam textos literários (narrativas). No caso desta pesquisa, o uso de um excerto de um texto literário se deu devido ao tipo de tarefa proposta, ou seja, uma tarefa de (re)tradução.

A escolha do texto se deu de forma criteriosa, já que não era aconselhável autorizar a consulta a outros meios que não fossem as traduções disponibilizadas. A saída da tela e o acesso a outros meios de consulta, como dicionários e páginas *web*, criariam variáveis de difícil controle. Portanto, o trecho escolhido para tradução foi uma narração cujo vocabulário e estrutura são simples. Na Subseção 4.1.1.3, são apresentadas as estruturas retóricas das duas traduções e do ST utilizados como insumo.

3.4.1.2 O leiaute da tarefa

O'Brien (2009, p. 261) sugere o uso de fonte tamanho 16 com espaçamento duplo entre as linhas. Contudo, devido à presença de três textos de entrada na mesma tela, utilizou-se fonte tamanho 15 e espaçamento entrelinhas de 1,5. Essa configuração foi adotada após aplicação do primeiro piloto do experimento, conforme relatado adiante na Seção 3.7 destinada à apresentação do estudo piloto.

O ST foi disponibilizado em uma janela na parte superior da tela do computador. As traduções foram disponibilizadas em duas janelas – à esquerda e à direita –, às quais a tradução mais antiga (T1) e a tradução mais recente (T2) foram distribuídas aleatoriamente para cada participante. Ao centro, entre as duas traduções, foi disponibilizado o espaço da janela do Translog-II destinado à produção textual dos participantes, ou seja, o TT. A Figura 4 mostra esse leiaute.

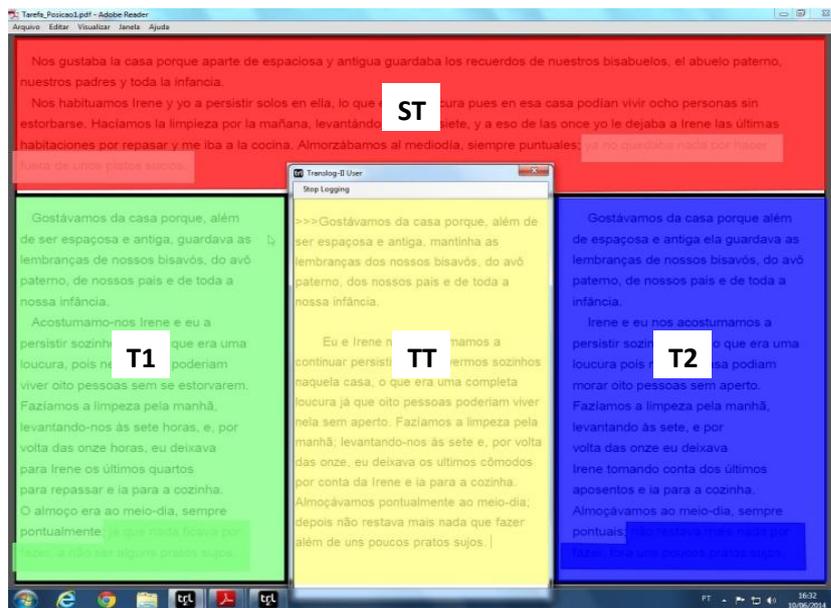


Figura 4 - Tela do Tobii Studio 3.2.2 com as áreas de interesse (AOI)
Nota: ST=texto-fonte, TT=texto-alvo; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

Conforme referido anteriormente, o leiaute da tarefa contempla o uso de três textos de entrada (*input texts*). As áreas coloridas representadas na Figura 4 são denominadas área de interesse (AOI), a partir das quais foram extraídos os dados de rastreamento ocular. A produção do TT foi a única AOI para a qual, além dos dados de rastreamento ocular, também foram registrados os movimentos de teclado e *mouse* por meio do programa Translog-II. Para a

montagem do leiaute, os textos que serviram de insumo (ST, T1 e T2) foram salvos em um único arquivo PDF. Ao centro, sobrepôs-se a tela do Translog User, na qual o TT foi digitado. Cabe sublinhar que, antes da realização da tarefa definitiva, os participantes executaram uma tarefa de leitura e cópia, cujo leiaute (Figura 5) foi idêntico, à exceção do texto, àquele da tarefa da coleta definitiva.

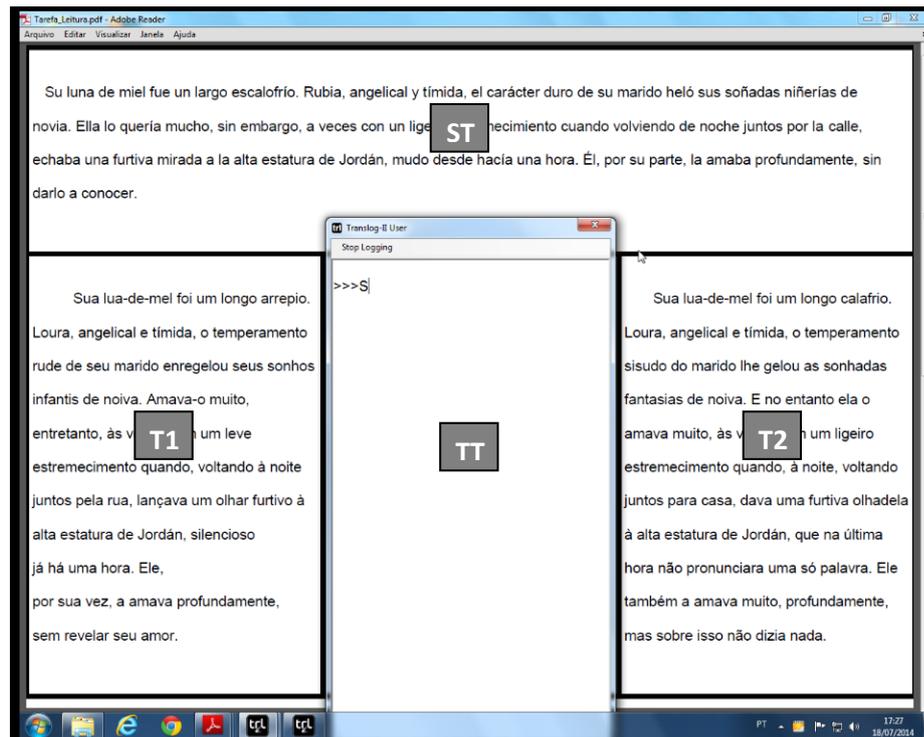


Figura 5 - Tela do Tobii e Translog User com o leiaute do teste de leitura e cópia
Nota: ST=texto-fonte, TT=texto-alvo; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

A tarefa foi realizada em duas configurações:

1. na configuração 1, a tradução mais antiga, de 2005, encontra-se à esquerda da tela do computador, enquanto a mais recente, de 2013, encontra-se à direita da tela; e
2. na configuração 2, as duas traduções prévias²⁵ invertem os lugares, de modo que a mais recente, de 2013, passa para o lado esquerdo e a mais antiga, de 2005, passa para o lado direito da tela.

Os participantes catalogados com números ímpares (*e.g.*, P01 e P02) realizaram a tarefa na configuração 1, enquanto os participantes registrados com números pares (*e.g.*, P05, P13) executaram a tarefa na configuração 2. A Figura 6 representa as tarefas nessas duas

²⁵ Termo utilizado neste estudo para designar T1 e T2.

configurações. Tal procedimento teve como objetivo evitar que uma tradução ou outra tivesse maior número de acessos devido sua localização na tela do computador.

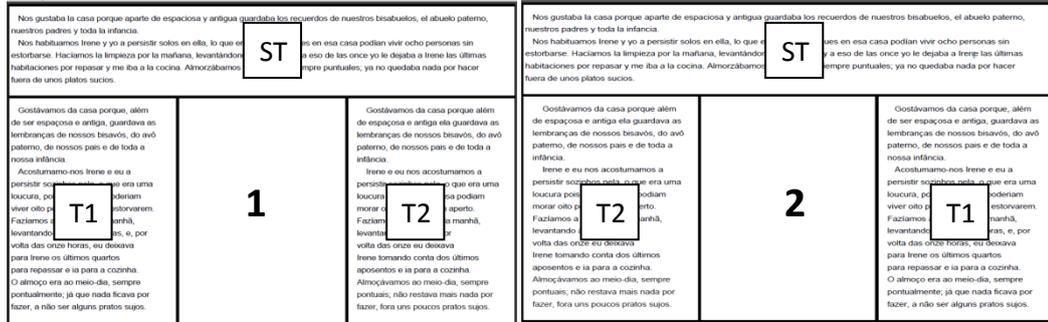


Figura 6 - Tarefa nas configurações 1 e 2

Nota: ST=texto-fonte, TT=texto-alvo; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

Com essa configuração, buscou-se averiguar: i) em quais das traduções prévias o participante busca mais apoio, se na tradução mais recente ou na mais antiga (ou mesmo em nenhuma); ii) qual é o esforço cognitivo despendido em uma tarefa na qual três textos de entrada são utilizados como insumo para produção do texto-alvo; e iii) se há uma tendência de os participantes olharem mais para um dos lados da tela, independentemente do posicionamento da T1 e da T2. Os participantes não foram informados sobre qual era a tradução mais antiga nem qual era a mais recente, tampouco seus respectivos tradutores.

A tarefa foi precedida de um comando (*brief*), conforme reproduzido na Figura 7, o qual orientou o participante sobre o que ele deveria fazer.

Você verá no topo da tela o trecho inicial de um conto original em espanhol, e logo abaixo, à esquerda e à direita, duas de suas traduções para o português. Entre elas haverá um espaço em branco para que você traduza para o português esse mesmo texto original a pedido de uma nova editora brasileira. Você tem liberdade para reproduzir total ou parcialmente uma das traduções e/ou combinar parte das duas.

Figura 7 – Comando (*brief*) da tarefa

Fonte: Elaboração do autor

Após o participante ter lido o comando e afirmar estar pronto, iniciava-se a tarefa. Para evitar que o participante acionasse alguma tecla equivocadamente, o acionamento da tecla para iniciar o Tobii era dado pelo pesquisador após o consentimento do participante.

3.4.1.3 A delimitação das microáreas de interesse (MAOI)

Com base em um problema de tradução particular envolvendo a estrutura retórica do texto, foram criadas, dentro das AOI, microáreas de interesse (MAOI), com vistas à observação do comportamento tradutório dos participantes no que diz respeito a visitas e fixações. Tendo a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) como suporte, delimitou-se, então, uma porção de texto na qual se detectou um problema de tradução com a partícula “*ya*” do sistema do espanhol e as traduções prévias. Consequentemente, os trechos correspondentes nas traduções prévias (T1, T2) e no TT também foram marcados e delimitados como MAOI. A Figura 8 representa as microáreas de interesse dentro das grandes áreas.

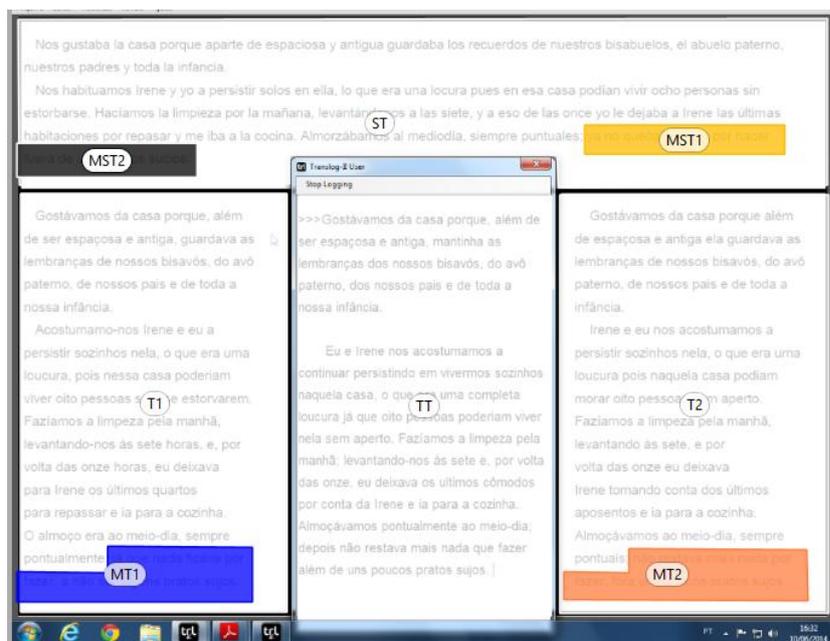


Figura 8 - Tela do Tobii Studio 3.2.2 com as microáreas de interesse (MAOI)

Nota: MST1=microárea texto-fonte 1; MST2=microárea texto-fonte 2; MTT=microárea texto-alvo; MT1=microárea tradução 1; T2=microárea tradução 2.

As MAOI, áreas coloridas delimitadas dentro das AOI, englobam os seguintes trechos:

- MST (MST1+MST2): *Ya no quedaba nada por hacer fuera de unos platos sucios.*
- MT1: Já que nada ficava por fazer, a não ser alguns pratos sujos.
- MT2: Não restava mais nada por fazer, fora uns poucos pratos sujos.
- MTT: 14 interpretações de cada participante.

Ressalta-se que, como a área destinada à produção textual não é estática, as MTT estavam localizadas em diferentes espaços dependendo de onde a microárea aparece na produção de cada indivíduo. Portanto, as MTT não estão representadas na Figura 8 e foram delimitadas uma a uma, individualmente. Além disso, devido ao fato de a tarefa ter sido executada em duas configurações, a MT1 estava à esquerda na configuração 1 e à direita na configuração 2, enquanto a MT2 estava à direita na configuração 1 e à esquerda na configuração 2. Com relação à MST, representada na Figura 8 por MST1 e MST2, configura-se, em termos de análise, uma única MAOI. Foram separadas no leiaute da tarefa para que não houvesse o registro de dados de rastreamento ocular que não fizessem parte da área a ser analisada, já que o trecho destacado para análise começa em uma linha e termina na outra.

Retomando os trechos delimitados dentro das microáreas, a análise linguística do ST e das traduções prévias foi realizada com base na Teoria da Estrutura Retórica (RST, do inglês *Rhetorical Structure Theory*). Para a análise, lançou-se mão dos pressupostos da LSF (HALLIDAY; HASAN, 1976; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

A utilização da RST se justifica por ser uma teoria descritiva que busca o estudo da estrutura do texto e a relação entre suas partes. Para a RST, a coerência do texto e as combinações entre as orações são determinadas pelas relações retóricas estabelecidas no nível discursivo (MATTHIESSEN THOMPSON, 1988). O casamento entre a RST e a LSF se dá a partir do momento em que ambas as teorias são funcionalistas, ou seja, consideram a função dos elementos linguísticos no ato comunicativo como peça-chave para o estudo da língua. A RST demonstra, nesse sentido, sua filiação à LSF (ANTÔNIO, 2010, p. 82). Com as duas teorias, é possível entender as relações discursivo-gramaticais que envolvem o trecho do texto traduzido e observado neste estudo.

A organização das relações²⁶ existentes entre os grupos de orações pode ser de dois tipos: i) núcleo-satélite, cuja relação é de uma porção de texto subsidiária (satélite) de outra que funciona como núcleo; e ii) multinuclear, na qual não há uma relação de suplemento ou auxílio de uma porção de texto com a outra, ou seja, as duas são núcleos distintos. As duas relações estão ilustradas nas Figuras 9 e 10.

²⁶ Existem aproximadamente 25 relações (MANN; THOMPSON, 1987). Para mais informações sobre as relações, cf. RST. Disponível em: <www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>. Acesso em: 5 mar. 2015.

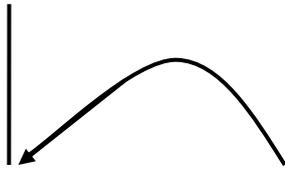


Figura 9 - Relação núcleo-satélite

Fonte: ANTÔNIO, 2010, p. 86.

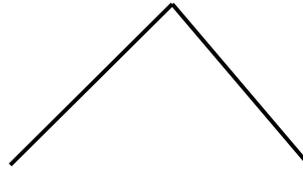


Figura 10 - Relação multinuclear

Fonte: ANTÔNIO, 2010, p. 86.

No trecho “*ya no quedaba nada por hacer fuera de unos platos sucios*”, a partícula “*ya*” é classificada, segundo a LSF, como classe de palavra adverbial – função de Adjunto Modal de Temporalidade (HALLIDAY; HASAN, 1976). A *Nueva gramática de la lengua española* (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2010) classifica “*ya*” como advérbio de fase²⁷, ou seja, evoca um intervalo temporal, estágio ou fase que é posterior à situação expressa pelo predicado verbal ao qual modifica. Portanto, a interpretação da Real Academia Española e da LSF são congruentes no que diz respeito a essa partícula.

As traduções prévias possuem interpretações diferentes do trecho em questão (QUADRO 11).

Quadro 11 - Trechos divergentes no TT e no TR

ST (1946)	T1 (2005)	T2 (2013)
Almorzábamos al mediodía, siempre puntuales; ya no quedaba nada por hacer fuera de unos platos sucios.	O almoço era ao meio-dia, sempre pontualmente; já que nada ficava por fazer, a não ser alguns pratos sujos.	Almoçávamos ao meio-dia, sempre pontuais; não restava mais nada por fazer, fora uns poucos pratos sujos.

Enquanto na T1 “*ya*” é interpretada como partícula causal (já que), na T2 é interpretada como temporal (Ø). As Figuras 11, 12 e 13 representam as estruturas retóricas do ST, da T1 e da T2 respectivamente.

²⁷ Advérbio de tempo, em português.

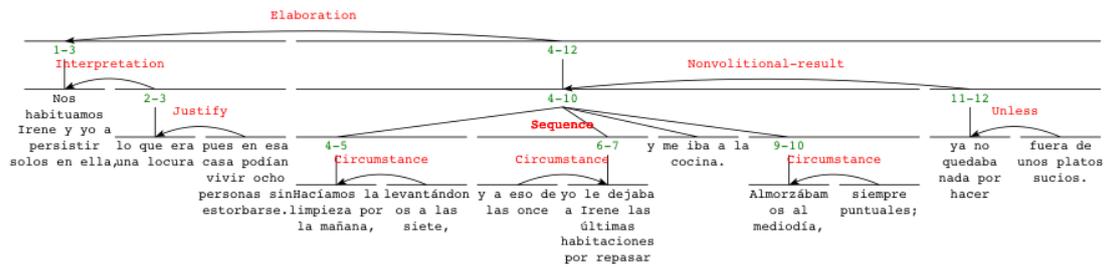


Figura 11 - Estrutura retórica do ST

Fonte: elaboração do autor

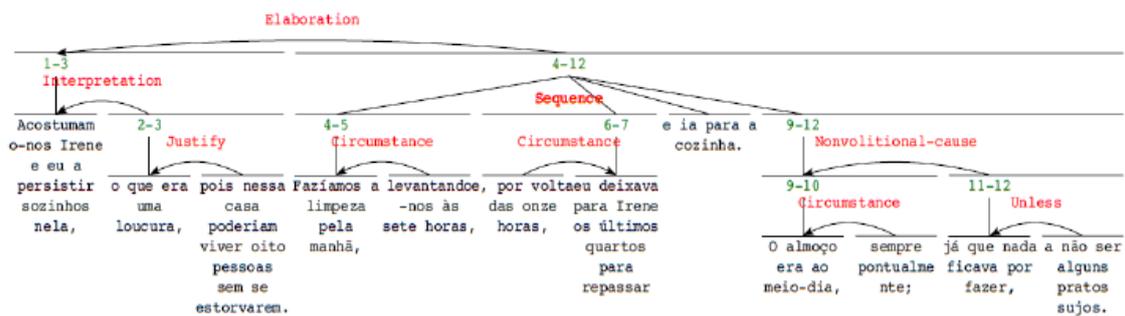


Figura 12 - Estrutura retórica da T1

Fonte: elaboração do autor

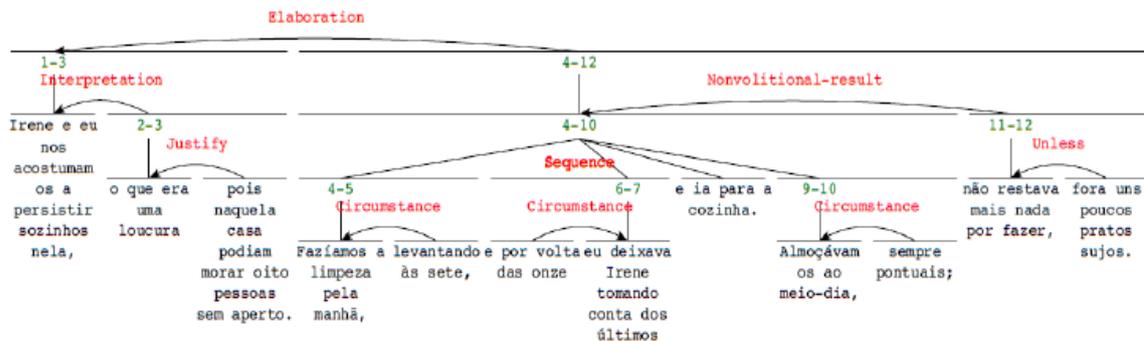


Figura 13 - Estrutura retórica da T2

Fonte: elaboração do autor

Como mostrado na Figura 12, a tradução mais antiga possui uma estrutura na qual o correspondente da partícula “ya” em português representa resultado de uma ação e é, portanto, causal. Essa interpretação é diferente daquela apresentada no ST e na T2 (Figura 11 e Figura 13, respectivamente), que parece apontar melhor a intenção do autor, que emprega a partícula como temporal. As Figura 12 e Figura 13 mostram, ainda, que a relação núcleo-satélite é diferente nas interpretações dadas na T1 e na T2, sendo esta última a que mais se aproxima da

estrutura do ST (Figura 11), já que a relação estabelecida é de temporalidade e não de causalidade. Traduções em outras línguas também registram a interpretação da partícula “*ya*” como sendo temporal e não causal. Os exemplos do excerto em questão podem ser vistos no Quadro 12.

Quadro 12 - Traduções da partícula “*ya*” em outras línguas

Inglês	Italiano	Alemão	Português (T2)	Português (T1)
We lunched at noon precisely; then there was nothing left to do but a few dirty plates.	Pranzavamo a mezzogiorno, sempre puntuali; non restava molto da sbrigare, tranne pochi piatti sporchi.	Immer pünktlich um zwölf Uhr aßen wir zu Mittag; es blieb dann nichts mehr zu tun, außer ein paar Teller zu spülen.	Almoçávamos ao meio-dia, sempre pontuais; não restava mais nada por fazer, fora uns poucos pratos sujos.	O almoço era ao meio-dia, sempre pontualmente; já que nada ficava por fazer, a não ser alguns pratos sujos.
Adjunto Modal de Temporalidade	Adjunto Modal de Temporalidade	Adjunto Modal de Temporalidade	Adjunto Modal de Temporalidade	Conjunção causal

Diante do problema de tradução encontrado e conforme relatado na Seção 3.2 dedicada aos participantes da pesquisa, sete deles foram excluídos por não terem resolvido o problema de tradução aqui descrito, optando pela interpretação disponível na T1.

3.5 OS PROCEDIMENTOS

3.5.1 Sessão de coleta de dados

A sessão do experimento compreendeu um total de oito passos para cada participante, incluindo o primeiro procedimento anterior à coleta propriamente dita, ou seja, seu agendamento. São eles:

1. agendamento, via correio eletrônico ou telefone, do horário da coleta: devido à quantidade de participantes e em razão da limitação do período em que o rastreador estaria disponível para a coleta em Brasília, criou-se uma agenda *on-line*, na qual se programavam as coletas tanto dos participantes deste estudo (62)

quanto os da pesquisa de Sekino (2015)²⁸. No ato do agendamento, realizado pelo pesquisador, era solicitado aos participantes que evitassem o uso de maquiagem muito forte e, caso necessário, lavassem a área no entorno dos olhos e limpassem os óculos antes da coleta. Para cada participante, era agendado um período de uma hora. Os participantes levaram aproximadamente de 25 a 45 min para concluir toda a coleta;

2. recepção dos participantes no local da coleta: cada participante era recebido e imediatamente recebia esclarecimentos sobre o projeto. Após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C) pelo participante, o pesquisador lhe questionava se havia alguma dúvida – em caso positivo, ela era sanada e o termo era assinado; em caso negativo, o termo era imediatamente assinado caso participante estivesse de acordo com os termos da pesquisa. Não houve participante que se negasse a assinar o termo;
3. realização do teste de cópia: uma vez esclarecido sobre o projeto de pesquisa, o participante era convidado a se sentar no local da coleta e era instruído a realizar o teste de cópia, tarefa cujo leiaute era idêntico ao da coleta definitiva, com tipos de insumos também idênticos, ou seja, um texto-fonte do tipo narrativo em língua espanhola e duas traduções em língua portuguesa, porém com textos distintos. Imediatamente antes da realização desse teste, porém, era realizada a calibragem do equipamento, que consistia em adequar o sistema de rastreamento aos olhos de cada participante. Nesse processo, cada participante acompanhava com o olhar, em um primeiro momento, bolas amarelas que percorriam cinco pontos da tela, chamados de pontos de calibragem. Dentro das bolas há um ponto preto, para o qual o participante deveria dirigir sua atenção. Em seguida, o processo era repetido com bolas vermelhas. Tal repetição se dava pela necessidade de se realizar a calibragem tanto para o Tobii Studio como para o Translog-II. Por motivos externos ao rastreador (*e.g.*, cansaço, posicionamento do participante diante da tela, sujeira em óculos, maquiagem em demasia, cor e formato dos olhos), a calibragem às vezes precisava ser repetida diversas vezes até que estivesse adequada. Uma vez calibrado, iniciava-se a sessão de cópia. Com esse teste, além de baixar o estresse do participante e familiarizá-lo com a tarefa, era possível aferir a sua capacidade técnica de digitação e a porcentagem

²⁸ Cf. Sekino (2015).

de rastreamento ocular, além de ajustes na distância e altura da cadeira e/ou da tela do rastreador. Concluía-se essa parte com o salvamento dos dados em uma pasta específica nomeada teste de cópia;

4. realização da tarefa de (re)tradução: uma vez realizado o teste de cópia, aferia-se a porcentagem de rastreamento e identificava-se algum erro no procedimento de coleta. Alguns erros tais como a não calibragem em todos os pontos de calibragem eram comuns, problemas resolvidos com ajustes na tela do rastreador (distância e angulação), limpeza de óculos e/ou retirada de excesso de maquiagem e recalibragem. Recalibrava-se o rastreador novamente por duas vezes (para o Tobii e para o Translog-II), e iniciava-se a coleta principal, relativa à (re)tradução. O participante então lia o comando (*brief*) e, após sua autorização, apareciam a tela com os textos e o espaço para a produção textual. A tarefa terminava quando o participante verbalizava sua conclusão. O pesquisador, então, ativava a tecla *stop* do Translog-II e salvava os dados em uma pasta específica; o mesmo era feito com os dados do Tobii Studio, cuja gravação era encerrada logo em seguida;
5. aplicação do protocolo verbal livre: terminada a tarefa de (re)tradução, o pesquisador explicava o próximo passo, que consistia na coleta do protocolo verbal livre. Por meio da função *replay* do Translog Supervisor e com o vídeo do processo de produção textual reproduzido a uma velocidade aumentada em 500%, o participante podia rever o próprio processo de (re)tradução. À medida que ele o revia, ele podia verbalizar livremente seus procedimentos. Em alguns momentos, foi necessária a intervenção do pesquisador para que o protocolo fluísse, por isso foram necessárias perguntas como: o que você estava fazendo neste momento? Todos os protocolos foram gravados em áudio no próprio Tobii Studio, salvos em pasta específica e posteriormente transcritos (Apêndice A). Durante o protocolo o olhar do participante era rastreado;
6. aplicação do protocolo verbal guiado: concluído o protocolo verbal livre, o pesquisador deixava a produção final do participante disponível na tela do computador e iniciava o protocolo guiado, que era gravado pelo próprio Tobii Studio, salvo em uma pasta específica e posteriormente transcrito (Apêndice B). O olhar dos participantes era rastreado em ambos os protocolos;

7. aplicação do questionário (Apêndice D): terminada a sessão de coleta, o participante era instruído a responder o questionário estruturado. Caso desejasse e dispusesse de tempo, ele poderia usar os computadores do próprio laboratório e responder ao questionário, o que não ocorreu; e
8. terminada a sessão, o pesquisador agradecia a participação, comprometia-se a divulgar a pesquisa quando concluída, resguardando o anonimato do participante, e despedia-se dele, colocando-se à sua disposição para quaisquer esclarecimentos posteriores.

A Figura 14 resume os procedimentos individuais realizados na sessão de coleta.

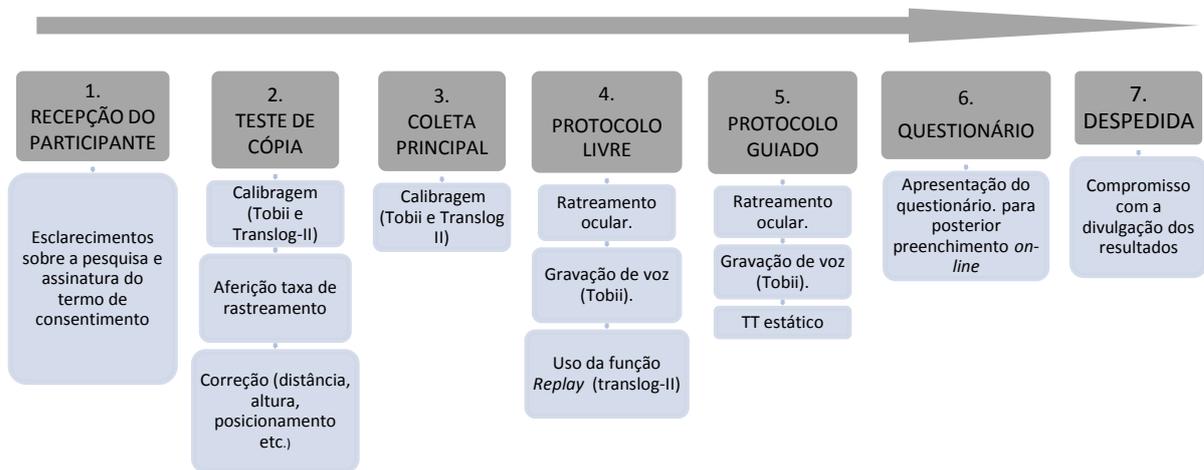


Figura 14 – Fluxograma dos procedimentos individuais da sessão de coleta

3.6 METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS

3.6.1 Variáveis de rastreamento ocular e de registro de teclado e *mouse*

Como apresentado no capítulo teórico deste estudo, o esforço cognitivo pode ser estudado por meio de indicativos. Neste estudo, esses indicativos são provenientes de certas variáveis oriundas: i) dos dados de rastreamento ocular e de registro de teclas e *mouse*, no caso dos instrumentos de coleta em tempo real; e ii) dos protocolos verbais, no caso dos instrumentos introspectivos.

No primeiro caso, são indicativos de esforço cognitivo variáveis como número e duração de fixações, número e duração de visitas, bem como número e duração de pausas de produção textual e movimentos recursivos (*e.g.*, inserções e eliminações). No que se refere aos dados coletados via instrumentos introspectivos, as informações dos protocolos verbais são utilizadas como complemento à interpretação dos dados anteriormente citados, buscando-se averiguar a capacidade de metarreflexão do participante.

Contudo, com o fim de se estudar o processamento cognitivo em processos de tradução, alguns dados devem ser descartados. Just e Carpenter (1980) pontam que, em uma leitura silenciosa, a média da duração das fixações gira em torno dos 225 ms. Pavlović e Jensen (2009) e Hvelplund (2011) descartam participantes com fixações com duração média menor que 200 ms. Sjørup (2013) descarta os participantes com fixações com duração média inferior a 180 ms, mesmo valor utilizado neste estudo.

Com relação às pausas, Alves (2005, p. 8) define ritmo cognitivo como “um padrão de alternância rítmica entre pausas e redação no decorrer de um tempo total de produção textual”. Nesse sentido, o autor assevera que as pausas podem ser consideradas um indicativo de processos cognitivos subjacentes. Diante disso, o número e a duração das pausas também foram analisados.

Jakobsen (2005) classifica as pausas entre longas e curtas. As pausas longas costumam ocorrer no início e no fim do processo de tradução. Ocorrem, também, antes e depois de um parágrafo ou oração. Com base nessas observações, Jakobsen identificou as três fases do processo tradutório: orientação, redação e revisão. Para este estudo, adotou-se a duração de 2,4 segundos, métrica proposta por Jakobsen e adotada por pesquisas recentes do LETRA.

Diante do exposto, as variáveis utilizadas no presente estudo são aquelas apresentadas no Quadro 13.

Quadro 13 - Variáveis utilizadas no estudo

Variáveis utilizadas no estudo
Duração média da fixação (≥ 180 ms) total, por AOI e MAOI
Número de fixações total, por AOI e MAOI
Número e duração de visitas total, por AOI e por MAOI
Número de transições entre AOI
Número e duração das pausas (2,4 s)
Segmentação textual em microunidades de tradução (número)

3.6.2 Extração e análise dos dados

Similarmente à metodologia de coleta, a metodologia de análise também foi pautada na metodologia de triangulação de dados. Partiu-se do pressuposto de que a combinação de diferentes instrumentos de coleta proporciona “maior rigor metodológico, maior potencial de replicabilidade dos estudos e, conseqüentemente, maior capacidade de generalização dos resultados” (ALVES, 2003, p. 14).

Dito isso, a análise dos dados se deu de forma independente e interligada. Primeiro, analisam-se os dados referentes a cada variável: número e duração de visitas (total, por AOI e por MAOI), número e duração de fixações (total, por AOI e por MAOI), transições realizadas entre as AOI, número e duração de pausa (total e por fase do processo tradutório), número de microunidades de tradução e dados dos protocolos verbais. Posteriormente, os dados são triangulados.

3.6.2.1 Extração e análise dos dados de rastreamento

Para a extração dos dados de rastreamento, é necessária a criação de cenas. Primeiramente foram criadas as cenas para, então, serem criadas as áreas de interesse. Essas cenas, criadas no âmbito do programa Tobii Studio 3.3.0, possibilitaram a exclusão de trechos do processo que não interessavam à pesquisa, como a leitura do comando e resquícios de tempo desassociados da tarefa em si, como os relacionados com ativação da tecla *stop* (Translog-II) e com o encerramento do Tobii Studio, ambos realizados pelo pesquisador.

Uma vez criadas as cenas, que iniciam no momento em que o participante começa a ler o ST e terminam quando o participante conclui a tarefa, foram criadas as áreas de interesse (AOI) com o auxílio da função “Create AOI”, do próprio Tobii Studio. Como o objetivo central deste estudo é a caracterização do processo de (re)tradução, criaram-se quatro grandes áreas, uma para cada texto envolvido no processo, ou seja, ST, TT, T1 e T2.

Posteriormente, procedeu-se à extração dos dados relativos, às transições (visitas) e às fixações, adotando-se como filtro o padrão do Tobii Studio I-VT (*velocity-threshold identification*). O referido filtro classifica o movimento do olhar em três categorias: fixações, sacadas e indeterminado (*unclassified*). Foram descartados todos os participantes que apresentaram taxa de rastreamento ocular inferior a 70%, ou seja, aqueles que ficaram menos

de 70% do tempo olhando para a tela do computador (*gaze time on screen*). Apesar de haver autores que questionam essa medida arbitrária (cf. HVELPLUND, 2014), optou-se pelo seu uso, tendo em vista que outras pesquisas já a utilizaram e que ainda há uma falta de consenso no que tange à definição do que seja significativamente alto (O'BRIEN, 2009). Parte-se do pressuposto que quanto maior o número e duração de visitas e fixações, maior o esforço cognitivo.

Foram extraídos os dados de rastreamento das AOI e das MAOI. Os dados foram exportados para tabelas do Excel e organizados para a leitura por outros programas estatísticos como o R, versão 3.1.1 e o SPSS (Statistical Package for the Social Sciences)²⁹ versão 17. Com o programa R, foram realizados os testes de normalidade de Shapiro Wilk e os testes comparativos (*i.e.*, teste T e Wilcoxon pareados); com o SPSS, foram realizados os testes de correlação.

3.6.2.2 Extração e análise dos dados de registro de teclado e *mouse*

Com respeito aos dados de registro de teclado e *mouse*, empregou-se o aplicativo LRSB (Linear Representation Spreadsheet Builder)³⁰ para extrair os dados (Figura 15).

²⁹ O *software* passou a se chamar IBM SPSS. Disponível em: <<http://www-01.ibm.com/software/analytics/spss/>> e <<http://semiologiamedica.blogspot.com.br/2009/10/o-spss-statistical-package-for-social.html>>. Acesso em: 10 nov. 2015. Neste estudo, utiliza-se somente a sigla SPSS.

³⁰ *Software* livre desenvolvido por Gabriel Eduardo na Universidade Federal de Uberlândia (Projeto 2014PBG00083) com supervisão do professor Dr. Igor A. Lourenço da Silva. Disponível em: <<https://github.com/gabrieleduardo/LRSB/blob/master/Netbeans%20Project/LRSB/dist/LRSB.jar>>. Acesso em: 28 set. 2105.

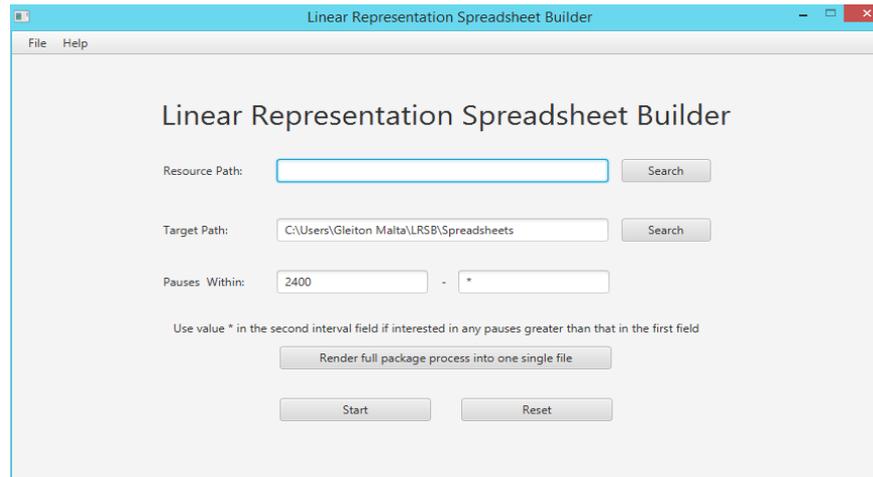


Figura 15 – Tela do aplicativo LRSB (Linear Representation Spreadsheet Builder)

Como pode ser depreendido da Figura 15, o LRSB trata os arquivos extraídos do Translog-II e disponibiliza os dados em forma de tabela. A representação linear e a contagem das microunidades de tradução são geradas a partir do valor da pausa determinado pelo pesquisador, de acordo com seus objetivos de pesquisa. Ao clicar em “Start”, o programa gera planilhas como a demonstrada na Figura 16 .

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1	Subject	MicroUnit	LinearRep	Pause	Start	End	Duration\	ins	del	
2	PE24	1	{Down}{Up}Gostávamos da cada[Back][Back]sa porque alã@m da €	0	12260	67219	54959	44	2	
3	PE24	2	[Left][Left][Left][Left][Left][Left][Left][Left][Right][Righ	2465	67220	76283	9063	11	1	
4	PE24	3	gi[Back]uaed[Back][Back]e[Back]rdac[Back]va as reci[Back]ordaã\$ã	2684	76284	110962	34678	49	6	
5	PE24	4	o avã{[Left][Left][Left][Left][Left][Left][Left][Left][Right][Right][Right][Left][Left]	11092	110963	136406	25443	45	2	
6	PE24	5	ossa infãncia.[Return]Nos a[Back]han[Back]bituamos[Left]	2761	136407	152006	15599	30	2	
7	PE24	6	[Left][Left][Left][Left][Left][Left][Left][Left][Left][Left][Left]	4446	152007	172752	20745	17	3	
8	PE24	7	per[Back]rsistir s	4633	172753	184625	11872	12	1	
9	PE24	8	ox[Back]zinhos nela, o que era uma loucura, pois nessa cada podiam	8081	184626	223062	38436	86	1	
10	PE24	9	perto. Fazã-amos a limpeza pela manhã£, levatãivamos ã s sete, e	12980	223063	249162	26099	62	0	
11	PE24	10	uando dava umas onze horas eu deu[Back]ixava Irene nas [Back]	4789	249163	268757	19594	49	2	
12	PE24	11	[Back][Back]os ã@timos quartos para p	2823	268758	285090	16332	25	2	
13	PE24	12	ara repassar e ia atã@ a cozinha. Almoã\$ãivamos ao meio [Back]-di	10686	285091	314247	29156	78	4	
14	PE24	13	[Back]; eu nã£[Back][Back][Back][Back][Back][Back]ã; nã£o faã\$st[Back][E	2964	314248	334979	20731	45	12	
15				5416				553	38	
16										

Figura 16 - Exemplo de planilha gerada pelo LRSB (Linear Representation Spreadsheet Builder)

Como mostra a Figura 16, a planilha gerada pelo LRSB disponibiliza dados referentes à sequência de microunidades (coluna B), a representação linear (coluna C), as pausas com valores iguais ou superiores ao mínimo de 2400 ms determinado pelo pesquisador, tempo de início e fim da microunidade (colunas E e F, respectivamente), duração do processo de elaboração da microunidade (coluna G), bem como número de acionamentos de inserção e

eliminação (colunas H e I). As planilhas geradas são individuais, por participante. Parte-se do pressuposto que quanto maior o número de segmentos e duração da pausa, maior o esforço cognitivo.

Vale salientar que, para análise dos dados de segmentação textual, restrito ao número de microunidades de tradução, utilizou-se informação advinda dos protocolos verbais, além de observação direta dos processos dos participantes por meio da função *replay* do Tobii Studio.

Com os dados extraídos e adequadamente refinados, procedeu-se à análise, sistematizada, primeiramente, com os dados gerais e, posteriormente, por AOI, por MAOI, por grupo de participante (G1 e G2), por participante e por fase do processo tradutório, dependendo da pertinência da análise, além dos protocolos livres e guiados. Mais especificamente, os dados de rastreamento foram tratados em termos gerais, por AOI, por MAOI e por grupo de participante; os dados de registro de teclado e *mouse* foram tratados em termos gerais (*e.g.*, duração total da tarefa), por fase do processo tradutório, por grupo de participantes e por participante; e os dados introspectivos foram tratados por tipo de instrumento (protocolos livre e guiado) e por participante.

3.7 ESTUDO EXPLORATÓRIO

Para a consecução desta pesquisa, realizou-se um estudo exploratório e um estudo piloto. O primeiro teve como objetivo a validação de todo o desenho experimental definitivo. O segundo foi empreendido para verificar resultados preliminares e realizar possíveis ajustes e abrangeu duas etapas, conforme relatado nas Subseções 3.7.1, 3.7.2 e 3.7.3 a seguir.

3.7.1 Estudo exploratório: histórico da elaboração do desenho experimental

Para a elaboração do desenho experimental, a pesquisa perpassou por basicamente três fases. São elas: i) elaboração de um desenho piloto inicial e sua aplicação ao pesquisador principal desta pesquisa; ii) reelaboração do desenho e aplicação do segundo piloto a 17 participantes selecionados na FALE-UFMG, dentre eles pesquisadores do LETRA; e iii) estabelecimento do desenho definitivo.

Por se tratar de um experimento no qual o desenho lança mão de uma tarefa de (re)tradução, era necessário que os participantes tivessem acesso minimamente a uma tradução publicada

do texto a ser (re)traduzido. No entanto, o programa utilizado para gravar o uso do teclado e do *mouse* (Translog-II) disponibiliza somente duas telas, uma para o ST e outra para o TT, podendo estar dispostas uma abaixo da outra, horizontalmente, ou uma paralela à outra, verticalmente Figura 17.

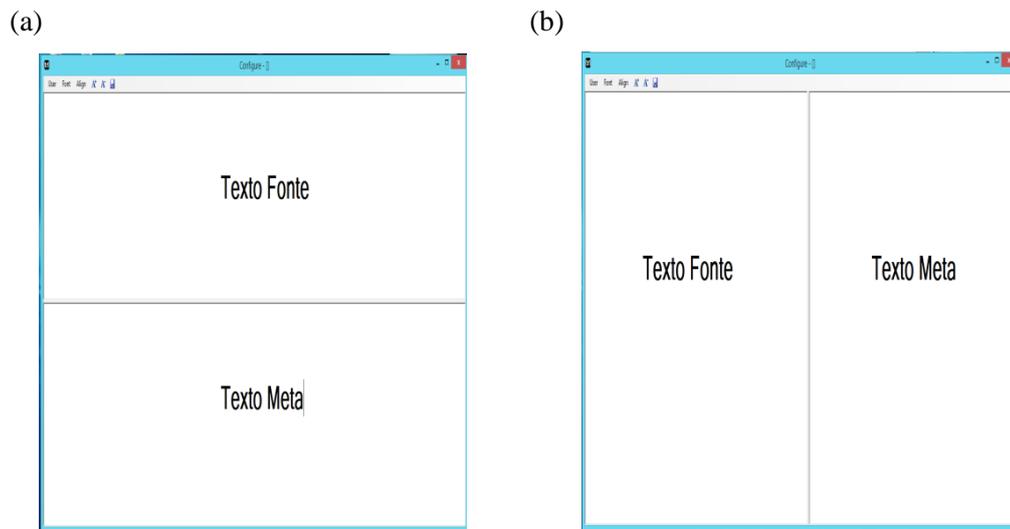


Figura 17 - Telas do Translog-II: (a) horizontal e (b) vertical

Como pode ser observado na Figura 17, o Translog-II não oferece a possibilidade de apresentação de três ou quatro janelas nas quais pudessem estar dispostas a(s) (re)tradução(ões). Cogitou-se a possibilidade de disponibilizá-las impressas, porém isso geraria problemas de coleta, já que o olhar dos participantes não seria rastreado, acarretando em variáveis de difícil controle.

Diante desse problema de configuração, propôs-se um desenho no qual o participante teria na coluna à sua esquerda o ST, na coluna do meio uma tradução do ST e na coluna da direita o espaço destinado à produção do participante. Quando da testagem do desenho experimental piloto a um participante, percebeu-se que a localização do ST e da T1 poderia acarretar problemas quando do rastreamento ocular, já que o participante teria que cruzar a T1 para acessar o ST e voltar para sua produção. O uso desse desenho poderia dificultar a aferição dos dados relacionados às visitas por área de interesse (AOI), além de aumentar a possibilidade de influências da T1 sobre a produção do participante, devido à sua localização no leiaute.

A Figura 18 representa o primeiro leiaute da tarefa. A linha vermelha representa uma sacada e, neste caso, também uma transição, ou seja, o caminho percorrido pelo olhar entre uma fixação e outra e entre duas AOI. As bolas vermelhas representam as fixações.

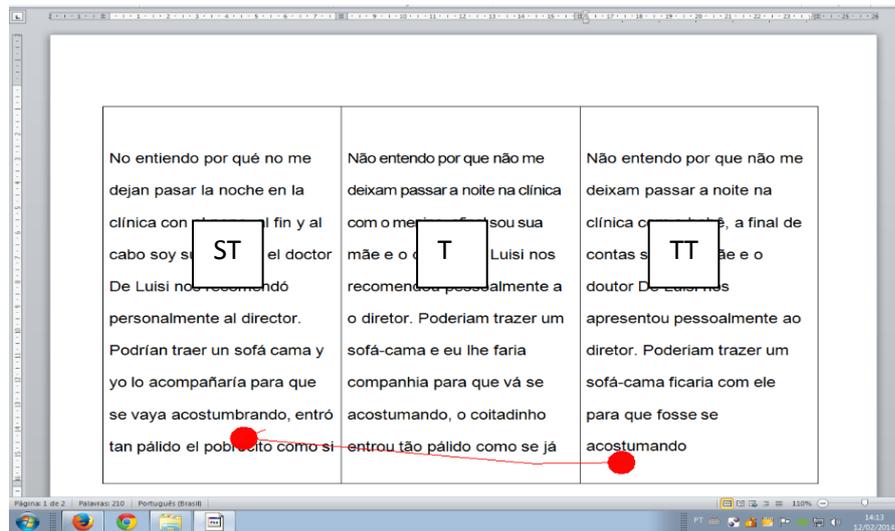


Figura 18 - Configuração do primeiro leiaute utilizado no estudo exploratório

Diante disso, propôs-se outro desenho experimental, no qual o espaço para a produção textual estaria na coluna do centro, o que evitaria que o olhar cruzasse a T1 para acessar o ST. Na Figura 19, na primeira coluna está o ST, ao meio a janela do Translog-II para a produção textual e na terceira coluna a tradução (T) desse mesmo texto. Como os desenhos foram testados com participantes voluntários que também fariam parte da coleta definitiva, o texto (re)traduzido no primeiro desenho foi substituído para minimizar o impacto da tarefa anterior sobre a segunda.

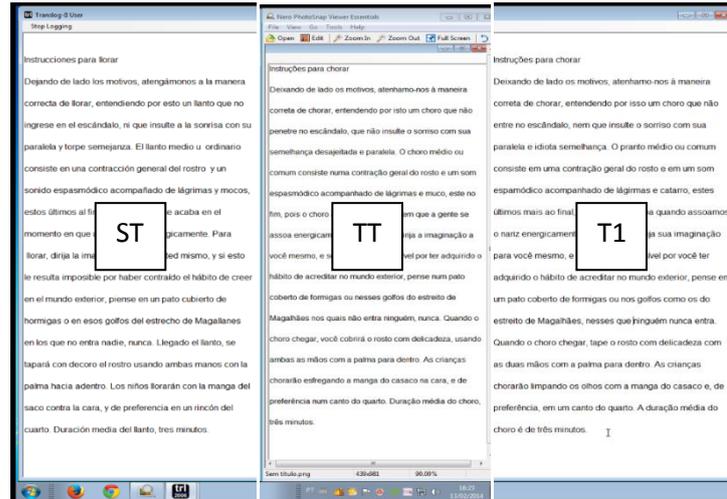


Figura 19 - Segundo leiaute elaborado para o estudo

Embora o presente desenho tenha sido aplicado de forma satisfatória, ainda causava ruídos para a coleta e interpretação dos dados de rastreamento, posto que, caracterizar o processo de (re)tradução, foi necessário disponibilizar pelo menos duas traduções do mesmo texto, o que era impossível dentro da configuração do Translog-II.

Para se evitar ao máximo que o participante retirasse o olhar da tela, o que resultaria em perda de dados de rastreamento, chegou-se ao terceiro e definitivo leiaute, descrito anteriormente na Subseção 3.4.1.2.

3.7.2 Estudo exploratório: aplicação da tarefa com o leiaute definitivo

Esta fase do estudo exploratório contou com participantes recrutados na FALE-UFMG. Dos 17 participantes recrutados, oito tiveram os dados validados pelo rastreador ocular. Na ocasião, foram analisados dados referentes ao número e à duração das fixações em geral e de acordo com a posição de execução da tarefa. Na configuração 1, os resultados apontaram, em ordem decrescente, maior número e maior duração média de fixações no TT, no ST, na T1 e na T2. Na configuração 2, também foram registrados maior número e maior duração média de fixações no TT seguido do ST; porém, a T2 obteve mais ocorrências de fixação que a T1, ao passo que a T1 registrou maior duração média das fixações que a T2.

Além dos resultados preliminares, com a primeira fase do estudo piloto, constatou-se que a posição das traduções prévias na tela do computador exercia impacto na tarefa. Ademais, o perfil dos participantes não estava bem delimitado, já que a amostra foi composta por tradutores, pesquisadores e estudantes de língua espanhola, perfis muito distintos e de difícil comparação. Com os resultados, foi possível perceber a necessidade de ajustes, principalmente no perfil dos participantes e na elaboração de outros instrumentos de coleta, além do rastreador e do Translog-II. Em consequência disso, elaborou-se o questionário prospectivo, tendo por base outros questionários já utilizados pelo LETRA, refinou-se o protocolo guiado e incluiu-se o protocolo livre. O estudo exploratório, então, estava dividido em sete etapas: agendamento da coleta, assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, realização do teste de cópia, realização da coleta definitiva, aplicação do protocolo guiado e preenchimento do questionário estruturado.

Uma das maiores dificuldades nos estudos de cunho experimental diz respeito à escassez de participantes com perfil adequado à pesquisa, ou seja, tradutores profissionais que se disponibilizem a participar, voluntariamente, dos experimentos. Por essa razão, o perfil dos participantes foi delimitado como professores de ELE e estudantes de tradução, ambos com nível intermediário ou superior de língua espanhola. Também se decidiu pela realização de um convênio interuniversitário (UFMG-UnB), o qual possibilitou a instalação do Tobii T60 na Universidade de Brasília.

3.7.3 Estudo Piloto

Uma vez estabelecido o desenho experimental, realizou-se um estudo piloto no qual foram analisados dados de 37 participantes. As análises comparativas entre os grupos de professores e estudantes se mostraram ineficazes, tendo em conta que nenhuma das combinações analisadas tendo por base a separação por perfil obteve resultados estatisticamente significativos. Ao contrário do estudo exploratório, no estudo piloto não foi detectado qualquer impacto referente à localização das traduções prévias na tela do computador, resultado satisfatório que reafirmou a pertinência do leiaute da tarefa. Como resultados, apresentou, em média, maior número e duração de visitas e fixações primeiramente no TT, depois no ST, seguido da T2 e da T1.

Uma das mudanças geradas com os resultados do estudo piloto se relaciona com a melhor delimitação do perfil dos participantes, selecionando-os a partir de variáveis relacionadas a dados do processo tradutório como, tempo de execução total e relativo da tarefa e a dados como idade e experiência em tradução, conforme mostrado na Seção 3.2, resultando na seleção dos 14 participantes deste estudo.

Outra mudança foi a comutação/adequação de alguns pressupostos e objetivos da pesquisa, principalmente aqueles concernentes à hipótese da (re)tradução, cuja tentativa de indagação via abordagem processual tinha se mostrado infrutífera. Esse tipo de reformulação é possível em estudos exploratórios como este, o qual, sem muitas informações disponíveis, o objeto de estudo vai sendo desvendado com o desenvolvimento da investigação. Se antes um dos objetivos da pesquisa era indagar, processualmente, a hipótese da (re)tradução, o objetivo final se tornou caracterizar o processo de (re)tradução e propor uma definição de cunho processual. Essas mudanças, propiciadas pelo estudo piloto, substanciaram o estudo e o enriqueceram teórica e metodologicamente, culminando nos resultados apresentados no capítulo que segue.

4 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este capítulo, subdividido em quatro grandes seções, dedica-se à apresentação e análise dos dados. A primeira seção contempla os dados quantitativos de rastreamento ocular (*i.e.*, visitas, fixações e transições) nas áreas de interesse (AOI) e nas microáreas de interesse (MAOI). A segunda seção apresenta os dados sobre as pausas, o tempo total de realização da tarefa e os tempos relativos despendidos em cada fase (*i.e.*, orientação, redação e revisão) do processo tradutório. A terceira seção descreve a segmentação textual em microunidades de tradução. A quarta seção enfoca os protocolos verbais retrospectivos.

4.2 DADOS DE RASTREAMENTO OCULAR

Nesta seção, apresentam-se os dados quantitativos referentes ao rastreamento ocular dos participantes durante a execução da tarefa de (re)tradução. Incluem-se, nestes dados, número e duração das visitas, bem como número e duração das fixações em todas as AOI e MAOI. Os dados estão organizados de acordo com a disposição dos participantes em dois grupos, que, conforme apresentado na Seção 3.8, são: G1, mais lento na execução da tarefa e maior homogeneidade no processo; e G2, mais rápido e menos homogêneo, quando comparados os processos tradutórios dos grupos.

O tratamento dos dados numéricos foi realizado por meio dos programas Excel, R e SPSS. Nas tabelas, são apresentados, além dos dados por participante, por grupo e por AOI, a média, o desvio padrão e o coeficiente de variação de cada conjunto de dados. O desvio padrão e o coeficiente de variação são medidas de dispersão. Como os dados de rastreamento nem sempre são homogêneos, o coeficiente de variação cumpre a função de normalizar o desvio padrão em relação à média, aferindo, assim, a variabilidade dos dados em cada variável e grupo. Como não é comum o uso dessa medida de dispersão em estudos com abordagem processual, fazem-se necessários esclarecimentos sobre o referido coeficiente.

Segundo Garcia (1989), o coeficiente de variação possibilita comparar variáveis de naturezas distintas, além de oferecer uma ideia da precisão dos dados. Utilizado principalmente em experimentos agrônômicos, são classificados em baixo, médio, alto e muito alto. O Quadro 14 traz duas classificações.

Quadro 14 – Classificações do coeficiente de variação

Classificação/Teórico	Pimentel Gomes (2000)	F. Ferreira (1991)
Baixa dispersão	Menor ou igual a 10%	Entre 10% e 15%
Média dispersão	Entre 10% e 20%	Entre 15% e 20%
Alta dispersão	Entre 20% e 30%	Entre 20% e 30%
Muito alta dispersão	Maior que 30%	Maior que 30%

Fonte: Elaboração do autor³¹

Contudo, as classificações constantes do Quadro 14 são baseadas em dados agrícolas (GARCIA, 1989) e é necessário levar em consideração cada experimento e suas especificidades, ou seja, o CV deve ser classificado levando em consideração cada processo. Quanto maior o CV mais disperso é o conjunto de dados, quanto menor mais homogêneo. Ferreira (1991) considera de boa precisão dados que apresentam CV de até 20%, porcentagem adotada neste estudo. No entanto, como não há registros de valores de classificação de CV para experimentos com abordagem processual em tradução, o maior objetivo com o uso do CV é averiguar quais áreas (*i.e.*, ST, TT, T1 e T2) possuem dados mais ou menos dispersos e aventar hipóteses sobre o porquê das dispersões, comparação que pode ser incrementada com o uso desse coeficiente.

Para averiguar se houve impacto devido à posição das traduções prévias nos lados direito e esquerdo da tela do computador, uma análise levando em consideração as referidas configurações também foi realizada. Desse modo, formaram-se dois grupos de sete participantes cada: um cuja tarefa foi realizada na configuração 1; e outro cuja tarefa foi realizada na configuração 2. Realizaram-se análises dos dados referentes às visitas. Salienta-se que o agrupamento realizado por configuração da tarefa somente foi utilizado quando da análise da variável número de visitas. Essa análise foi necessária para aferir o impacto da disposição das traduções prévias no processo dos participantes. Para todas as outras variáveis, foi considerado, a título de análise, o agrupamento executado pelo programa R. Assim, têm-se os agrupamentos disponibilizados no Quadro 15.

³¹ Adaptado de <www.ufscar.br/jcfogo/EACH/Arquivos/Classif_CV.pdf>. Acesso em 22 fev. 2015.

Quadro 15 - Agrupamento dos participantes

Agrupamento realizado pelo programa R				Agrupamento segundo configuração da tarefa	
G1 (+ lento)	Exp. Anos	G2 (+ rápido)	Exp. Anos	GC1	GC2
P03	2-4	P01	2-4	P01	P03
P06	1-2	P02	2-4	P02	P05
P07	2-4	P04	1-2	P04	P08
P09	1-2	P05	1-2	P06	P09
P11	2-4	P08	1-2	P07	P10
P12	1-2	P10	1-2	P12	P11
P14	1-2	P13	2-4	P14	P13

Nota: P = Participante; Exp.=experiência; G=grupo; C=configuração.

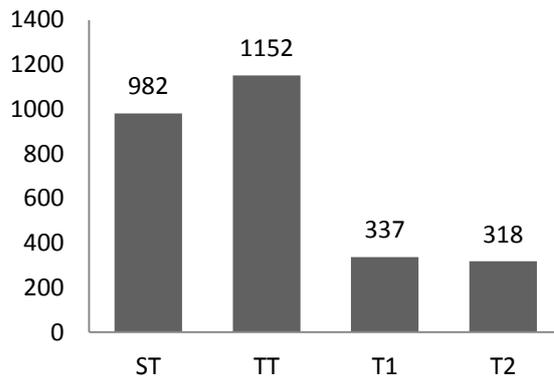
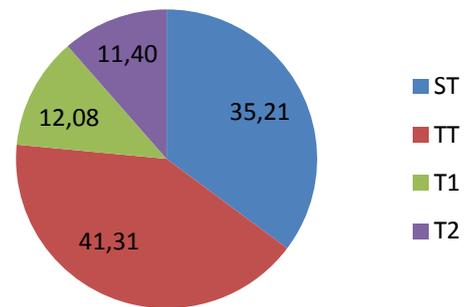
Uma vez selecionados os participantes, procedeu-se à descrição e análise dos dados. A subsecção seguinte contempla a variável visitas, correspondente às transições entre as áreas de interesse.

4.2.1 Visitas

Esta subsecção subdivide-se em três partes. A primeira dedica-se à apresentação e análise dos dados concernentes ao número de visitas no total, nos lados direito e esquerdo da tela do computador, por AOI e MAOI e por grupo de participantes, conforme agrupamento descrito no Quadro 15. A segunda apresenta e analisa os dados referentes às transições entre as AOI. A terceira dados referentes à duração das visitas.

4.2.1.1 Número de visitas

Ao extrair os dados de rastreamento referentes às visitas de todos os participantes realizadas a todas as AOI, obtém-se um total de 2.789 visitas. Observa-se maior acesso em ao texto-alvo (TT), com 1.152 visitas (41,31%), seguido, nesta ordem, do texto-fonte (ST), com 982 (35,21%); do T1, com 337 (12,08%); e do T2, com 318 visitas (11,4%), conforme disposto no Gráfico 1 e no Gráfico 2.

Gráfico 1 - Número de visitas por AOI**Gráfico 2** - Visitas por AOI (%)

Nota: TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

Com relação às visitas ao TT e ao ST, os dados condizem com aqueles descritos na maioria das pesquisas processuais, as quais apontam que o processamento do TT envolve maior esforço que o processamento do ST. Todavia, quando os participantes são analisados separadamente, observa-se que dois deles, P06 e P09, realizaram mais visitas ao ST que ao TT (Tabela 1).

Além disso, a Tabela 1 mostra que seis participantes visitaram mais a T2 que a T1 (P03, P04, P09, P10, P13 e P14), sendo que, entre os dois últimos participantes (P13 e P14), a diferença é mínima.

Tabela 1 - Número de visitas por participante e por AOI

Participante	ST	TT	T1	T2	TOTAL
P01	92	102	8	5	207
P02	41	57	15	9	122
P03	73	112	31	39	255
P04	50	63	13	29	155
P05	37	49	19	17	122
P06	68	59	39	23	189
P07	44	64	35	32	175
P08	95	105	25	11	236
P09	113	107	40	50	310
P10	106	111	8	10	235
P11	68	93	29	18	208
P12	69	82	27	24	202
P13	72	83	24	26	205
P14	54	65	24	25	168
TOTAL	982	1152	337	318	2789
Média	70,14286	82,28571	24,07143	22,71429	199,2143
DP	24,07954	22,58805	10,46947	12,43091	50,9467
CV (%)	34,329	27,45	43,493	54,727	25,57382

Nota: DP = desvio padrão, CV=coeficiente de variação; TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

Consoante a Tabela 1, a amostra apresenta dados dispersos, com destaque para T2 (CV=54,72%) e T1 (CV=43,49%). As menores dispersões se encontram no total das visitas (CV=25,57%) e no TT (CV=27,45%). Esses valores provavelmente representam alto nível de heterogeneidade entre os participantes no que diz respeito ao número de visitas às AOI.

Ao aplicar o teste T pareado (cf. Tabela 2), a diferença entre o número de visitas em cada AOI é significativa em diferentes casos: entre ST e T1, ST e T2, TT e ST, TT e T1, e TT e T2, todas com $p < 0,05$. No entanto, as diferenças foram não significativas (*ns*) quando a relação envolve somente as traduções prévias, ou seja, T1 e T2.

Tabela 2 - Resultados estatísticos relativos ao número de visitas

Combinação		Resultados	
ST-T1	$t(13) = 6.6571$	$p = 0,01571$	ST>T1
ST-T2	$t(13) = 6.7485$	$p = 0,01365$	ST>T2
TT-ST	$t(13) = -3.8572$	$p = 0,00198$	TT>ST
TT-T1	$t(13) = -8.7056$	$p = 0,000000876$	TT>T1
TT-T2	$t(13) = -8.9945$	$p = 0,0006063$	TT>T2
T1-T2	$t(13) = 0,5669$	<i>ns</i>	T1>T2

Nota: ns=não significativo; TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2; t =teste T.

Os resultados expostos na Tabela 2 indicam que há diferenças significativas entre o número de visitas realizadas ao ST e ao TT relacionados às traduções prévias. Em ambos os casos, as visitas são mais frequentes no TT e no ST, e bastante menos frequentes nas traduções prévias. Também houve diferença significativa nas visitas imprimidas ao TT e ao ST, com maior frequência de acessos no primeiro caso, ou seja, na área do TT.

A diferença é de 17,31% quando se compara o número de visitas registrado no ST (982) e aquele no TT (1152) e de 5,97% quando se comparam os números relativos à T1 (337) e à T2 (318). Se a diferença entre essas AOI pode ser considerada baixa, o mesmo não pode ser afirmado quando a relação envolve o número total de visitas registrado no par ST-TT (2134) e no par T1-T2 (655), caso em que a diferença é de 225,80%, conforme mostra o Gráfico 3.

Gráfico 3 - Diferença (%) dos números de visitas registrados entre as AOI

As diferenças representadas no Gráfico 3 significam, por um lado, que os acessos às áreas da T1 e da T2 foram muito inferiores aos acessos registrados nas áreas do ST e do TT, por isso os resultados significativos nos testes estatísticos referentes ao número de visitas realizadas ao ST e ao TT em comparação com as realizadas à T1 e à T2, cuja diferença não é significativa (cf. Tabela 2). Por outro, configura-se um comportamento que, a princípio, parece ser bastante parecido ao registrado em tarefas de tradução, cuja relação ST-TT é a dominante.

Conforme explicitado na metodologia, devido ao fato de a tarefa ter sido executada em duas configurações com a T1 ora à esquerda, ora à direita da tela do computador, os participantes foram divididos, também, por configuração de realização da tarefa. O grupo que realizou a tarefa na C1 tinha a T1 à esquerda e a T2 à direita da tela do computador; o grupo que realizou a tarefa na C2 tinha a ordem das traduções prévias invertida, isto é, a T1 à direita e a T2 à esquerda. Esse tipo de desmembramento possibilita a aferição do número de visitas realizadas a cada lado da tela do computador e, portanto, a avaliação da possibilidade de o posicionamento das traduções prévias ter tido algum impacto no processamento dos participantes (Tabela 3).

Tabela 3 - Visitas realizadas por AOI e por configuração da tarefa (C1 e C2)

AOI/configuração	TT	ST	T1	T2	TOTAL
C1	492	418	161	147	1218
C2	660	564	176	171	1571
TOTAL	1152	982	337	318	2789

Nota: C=configuração; TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

Como mostrado na Tabela 3, a T1 na C1, ou seja, à esquerda da tela do computador obteve 161 visitas, ao passo que a T2, localizada ao lado direito, também na configuração 1, obteve 147. Por sua vez, na configuração 2, registraram-se mais visitas à T1 (176), no lado direito, que à T2 (171), que está do lado esquerdo. Somando-se o número de visitas, observa-se que a T1 foi ligeiramente mais visitada que a T2. Para obter o número de visitas em cada lado da tela do computador, utilizaram-se as equações da Figura 20.

$$LE=T1C1+T2C2 \text{ e } LD=T1C2+T2C1$$

Figura 20 - Equações para obtenção do número de visitas aos lados direito e esquerdo da tela do computador

Nota: LE=lado esquerdo; LD=lado direito; T1C1=tradução 1 à esquerda; T2C2 tradução 2 à esquerda, T1C2=tradução 1 à direita; T2C1=tradução 2 à esquerda.

O número total de visitas realizado às AOI localizadas nos lados esquerdo e direito (LE e LD, respectivamente) foi de 655, ou seja, 23,48% das visitas realizadas em todas as AOI. Utilizando a equação descrita na Figura 20, o LE obteve 332 visitas, isto é, 11,90% do total de visitas, enquanto o LD obteve 323, ou seja, 11,58%. Levando-se em conta somente os lados

direito e esquerdo, nota-se maior número de visitas ao lado esquerdo (50,69%) que ao lado direito (49,31%), com uma diferença de 2,78%. Essa diferença não alcança o nível de significância ($p > 0,05$), o que denota que não houve impacto significativo referente à posição das traduções prévias na tela do computador. Nota-se que a percentagem de acessos às traduções prévias é inferior à percentagem de acessos ao TT e ao ST, o que significa que as áreas das traduções prévias foram acessadas esporadicamente.

Como exposto no início deste capítulo, os 14 participantes foram organizados pelo programa R em dois grupos. Como também já esclarecido na metodologia da pesquisa, o agrupamento se deu a partir de variáveis como duração total da tarefa, tempos relativos de execução das diferentes fases do processo tradutório (*i.e.*, orientação, redação e revisão) e período de experiência em tradução. A Tabela 4 e a Tabela 5 apresentam os dados referentes ao número de visitas de acordo com os agrupamentos realizados pelo R.

Tabela 4 - Número de visitas realizadas pelo G1

Participante	ST	TT	T1	T2	TOTAL
P03	73	112	31	39	255
P06	68	59	39	23	189
P07	44	64	35	32	175
P09	113	107	40	50	310
P11	68	93	29	18	208
P12	69	82	27	24	202
P14	54	65	24	25	168
TOTAL	489	582	225	211	1507
Média	69,85714	83,14286	32,14286	30,14286	215,2857
DP	21,59806	21,52075	6,067085	11,09698	50,54277
CV(%)	30,91747	25,88407	18,87538	36,81461	23,47707

Nota: DP = desvio padrão, CV=coeficiente de variação, TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

Os dados do grupo 1 (Tabela 4) – pese que ainda apresentam dispersão – mostram menor heterogeneidade na T1 (CV=18,87%) e maior na T2 (CV=36,81%). No TT e no Total, os dados se aproximam da homogeneidade (CV=20%), o que pode ser indício de um comportamento mais próximo a um padrão, embora não se possa confirmar esse padrão em conjunto com as outras áreas, quais sejam ST e T2. No tocante ao TT e ao ST, observa-se que a maioria dos participantes visitou mais o TT se comparado com o ST, à exceção de P06 e P09. A diferença do número de visitas imprimidas ao T1 e ao T2 é bastante pequena na maioria dos participantes do G1, à exceção de P06 e P11, o que fez dessa área um conjunto

homogêneo, com um desvio padrão relativamente baixo, de 6,06. Esse dado expressa que os tipos de visitas realizados a essas áreas são parecidos.

Tabela 5 - Número de visitas realizadas pelo G2

Participante	ST	TT	T1	T2	TOTAL
P01	92	102	8	5	207
P02	41	57	15	9	122
P04	50	63	13	29	155
P05	37	49	19	17	122
P08	95	105	25	11	236
P10	106	111	8	10	235
P13	72	83	24	26	205
TOTAL	493	570	112	107	1282
Média	70,42857	81,42857	16	15,28571	183,1429
DP	28,10016	25,31045	6,97615	9,105205	49,66363
CV (%)	39,89881	31,08301	43,60094	59,56676	27,11743

Nota: DP = desvio padrão; CV=coeficiente de variação, TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

Diferentemente do G1, o G2 apresenta dispersão de dados maior, mostrando-se um conjunto heterogêneo em todas as AOI. Contudo, observa-se que, no TT e no ST (Tabela 5), a primeira sempre obteve maior média de visitas que a segunda em todos os participantes do grupo e a diferença entre as visitas feitas à T1 e à T2 também é menor que no G1. Por outro lado, a média no G1 é maior que no G2, o que sugere que aquele grupo acessa mais vezes as diferentes áreas, o que pode ter impactado na duração do tempo de execução total da tarefa.

Na comparação entre os grupos, o teste T pareado não acusou significância. Porém, na comparação entre o número de visitas realizadas pelo G1 à T1 e o número de visitas realizado à mesma área pelo G2, o resultado chegou bem próximo do nível de significância ($t(6)$, $P = 0,0557$). Seguindo com os testes estatísticos comparativos intra e intergrupos, obtiveram-se os resultados apresentados na Tabela 6. Utilizaram-se o teste T pareado para os conjuntos de dados paramétricos e o teste de Wilcoxon para os conjuntos de dados não paramétricos.

Tabela 6 - Resultados estatísticos relativos ao número de visitas intra e intergrupo

Comparação Intergrupo			
TTG1-G2	$t(6) = 0,1611$	<i>ns</i>	G1>G2
STG1-G2	$t(6) = -0,0384$	<i>ns</i>	G1<G2
T1G1-G2	$t(6) = 4,3334$	$p = 0,004911$	G1>G2
T2G1-G2	$t(6) = 2,8382$	$p = 0,02964$	G1>G2
Comparação Intragrupo			
Grupo 1		Grupo 2	
TT-T1	$t(6) = -6,1524; p = 0,0008452$	TT-T1	$t(6) = -6,3044; p = 0,0007428$
TT-T2	$t(6) = -8,0424; p = 0,0001976$	TT-T2	$t(6) = -5,7514; p = 0,001203$
ST-T1	$t(6) = 5,1603; p = 0,002094$	ST-T1	$t(6) = 4,7582; p = 0,003132$
ST-T2	$t(6) = 6,3957; p = 0,0006881$	ST-T2	$t(6) = 4,4201; p = 0,004471$
T1-T2	$t(6) = 0,562; ns$	T1-T2	$t(6) = 0,2059; ns$
TT-ST	$t(6) = -2,0776; ns$	TT-ST	$t(6) = -8,645; p = 0,000132$

Nota: ns=não significativo; TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2; t =teste T.

Os resultados da Tabela 6 mostram que, na combinação T1-T2, em ambos os grupos, a diferença entre as visitas dos participantes não foi significativa, com $p < 0,05$ com G1>G2 (Tabela 4 e Tabela 5). No G1, tampouco houve diferença significativa entre os participantes no que diz respeito às visitas TT-ST. Em contrapartida, observam-se resultados significativos, em ambos os grupos, no restante das combinações intragrupo, ou seja, nas relações TT[T1-T2] e ST[T1-T2]. No grupo 2, na relação TT-ST, o resultado também foi significativo. Esses resultados significativos indicam que os participantes lidam de forma diferente com as AOI, ou seja, acessam com mais frequência e permanecem mais tempo no TT e no ST, e acessam esporadicamente e permanecem menor tempo na T1 e na T2.

Retomando o resultado não significativo nos dois grupos para a combinação T1-T2, tem-se um possível indicativo de os números de visitas às referidas AOI são parecidos dentro dos grupos. Contudo, na comparação intergrupual, a diferença é significativa tanto na T1 como na T2, o que pode representar um comportamento distinto de ambos os grupos diante das traduções prévias. O maior número de visitas realizado pelo G1 às traduções pode ter impactado na no tempo de duração total da tarefa, já que o G1 foi mais lento que o G2.

As MAOI são o objeto de análise na subseção seguinte.

4.2.1.1.1 Visitas às microáreas de interesse (MAOI)

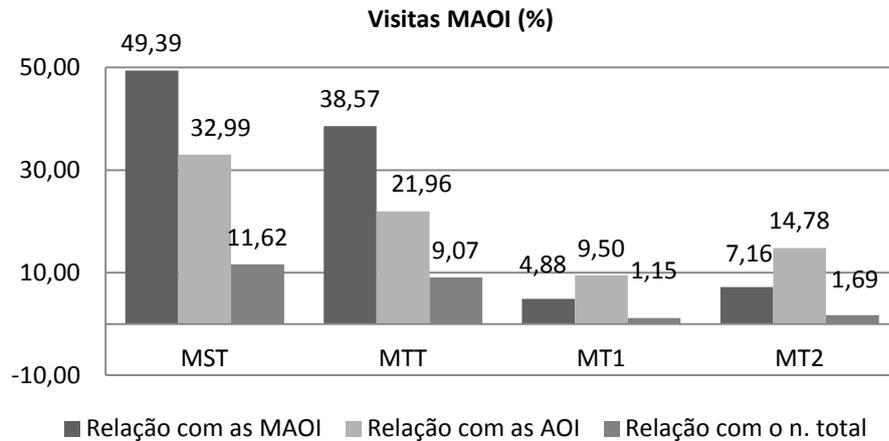
O ST possui 98 palavras, ou 462 caracteres sem espaçamento. A T1 possui 99 palavras, ou 473 caracteres sem espaço, e a T2 92 palavras ou 442 caracteres sem espaçamento. Por sua vez, a microárea do texto-fonte (MST) é formada por 11 palavras, ou 47 caracteres sem espaços, a microárea da tradução 1 (MT1) possui 12 palavras, ou 49 caracteres sem espaçamento, e a microárea da tradução 2, 11 palavras, ou 52 caracteres sem espaçamento. Em média, cada microárea representa 11,26% do total do texto, conforme mostra a Tabela 7.

Tabela 7 – Tamanhos dos textos (ST, T1 e T2) e suas respectivas microáreas (MST, MT1 e MT2)

AOI	Palavras	Caracteres	MAOI	Palavras	%	Caracteres	%	Média %
ST	98	462	MST	11	11,22	47	10,17	10,69
T1	99	473	MT1	12	12,12	49	10,35	11,24
T2	92	442	MT2	11	11,95	52	11,74	11,86

Nota: ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2. MST=microárea texto-fonte; MT1=microárea tradução 1; MT2=microárea tradução 2.

Do número total de visitas (2.789), 653 (23,52%) foram registradas nas MAOI. A MST foi a que recebeu o maior número de visitas, 324, seguida pela microárea do texto-alvo MTT, com 253. O comportamento registrado é inverso ao registrado nas grandes áreas, nas quais o TT possui maior registro de visitas que o ST, o que pode ser um indicativo de que a tradução do trecho é problemática. A MT2 recebeu mais visitas que a microárea da tradução 1 (MT1), com 47 e 32 visitas, respectivamente. Relacionando as porcentagens de visitas registradas nas MAOI umas com as outras, com as registradas nas AOI e com o valor total de visitas, obtém-se o resultado exposto no Gráfico 4.

Gráfico 4 - Porcentagem de visitas nas MAOI

Nota: MTT=microárea texto-alvo; MST=microárea texto-fonte; MT1=microárea tradução 1; MT2=microárea tradução 2.

Observa-se, no Gráfico 4, que, em relação às próprias MAOI, quase metade dos acessos foi realizado à MST (49,39%), seguido pela MTT, pela MT2 e MT1. Essa mesma configuração se repete com os valores registrados dentro das AOI, porém com porcentagens na MT1 e na MT2 maiores que aquelas observadas nas relações entre as MAOI para ambas as traduções prévias. Isso significa que do número de acessos realizados à T1 e à T2, 9,50% e 14,78% dessas visitas caíram nas respectivas microáreas. A última configuração implica a relação com o registro total de visitas, cujos números apontam maior porcentagem de acesso à MST (11,62%) e à MTT (9,07%). A MT1 e a MT2 possuem porcentagens de acesso pequenas, ou seja, 1,69% e 1,15%, respectivamente.

Ao comparar os acessos às microáreas conforme exibido na Tabela 8, observa-se que as diferenças entre MST e MTT e entre MT1 e MT2 não são significativas. Em contrapartida, as diferenças entre as visitas realizadas na MST e na MTT, comparadas com o registro de visitas nas microáreas das duas traduções prévias, são significativas, o que reforça a ideia de que as visitas realizadas às referidas microáreas são distintas em número e em duração, ou seja, mais frequentes e mais duradouras na MST e na MTT que na MT1 e na MT2.

Tabela 8 - Resultados dos testes estatísticos referentes ao número de visitas nas MAOI

Combinações	Resultados		
MST-MTT	V = 87; $p = 0.02954$		MST>MTT
MT1-MT2	V = 31; <i>ns</i>		MT1<MT2
MST-MT1	V=105; $p = 0,001088$	MT1 np	MST>MT1
MST-MT2	V=105; $p = 0,0001221$	MT2 np	MST>MT2
MTT-MT1	V= 0; $p = 0,001094$	MT1 np	MTT>MT1
MTT-MT2	V= 2; $p = 0,0003662$	MT2 np	MTT>MT2

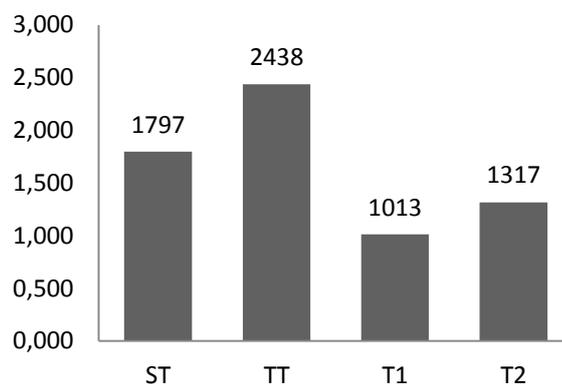
Nota: nP = não paramétrico, ns=não significativo; MTT=microárea texto-alvo; MST=microárea texto-fonte; MT1=microárea tradução 1; MT2=microárea tradução 2, V=teste de Wilcoxon.

Uma possível interpretação dos dados tem relação com o tipo de visita realizado. A falta de significância na combinação MT1-MT2 indica que a relação dos participantes com essas microáreas são parecidas. A diferença entre os números registrados nas AOI e nas MAOI é que, no caso das AOI, há maior número de visitas no TT, enquanto nas MAOI o número de visitas é maior na MST. Isso pode indicar que o processamento do TT é mais oneroso que do ST, porém, quando da existência de um problema de tradução, a carga cognitiva maior incide sobre o ST.

4.2.1.2 Duração das visitas

Com relação à duração das visitas, os participantes despenderam, em média, 1,641 s. nas visitas. A AOI em que a média de duração da visita é maior é o TT, seguido pelo ST, pela T2 e pela T1, respectivamente (cf. Gráfico 5). Tal como ocorreu com os dados referentes ao número de visitas, sua duração também foi maior, em média, no TT (2438 ms), seguido do ST (1797 ms). Em contrapartida, enquanto o número de visitas à T1 (337) foi superior ao registrado em T2 (318), na duração das visitas a T2 possui média superior à T1 – 1,317 segundos e 1,013 segundos, respectivamente.

Apesar de a duração média registrada no TT ser maior que no ST, encontram-se exceções entre os participantes. P03 (Tabela 9) possui tempo médio maior no ST que no TT. O mesmo ocorre ao analisar as áreas da T1 e da T2: esta possui as médias de duração maiores que aquela; porém P05, P09 e P11 registram média de duração da visita maior na T1 que na T2, um dos motivos pelos quais o CV é elevado.

Gráfico 5 - Duração média das visitas (milissegundos)

Nota: TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

A variável duração das visitas, tal como a variável número de visitas, também aponta para a heterogeneidade dos dados, como pode ser averiguado na Tabela 9, a seguir.

Tabela 9 - Duração média das visitas por AOI e por participante (em milissegundos)

Participante	ST	TT	T1	T2
P01	1160	3200	840	1280
P02	2310	3060	990	1020
P03	1910	1830	910	960
P04	2010	2540	730	1680
P05	2210	2940	1130	930
P06	2090	2460	1760	2440
P07	2340	2820	1260	1380
P08	1150	1200	610	1560
P09	1030	2120	970	760
P10	1270	1440	670	1090
P11	1870	2800	1850	1730
P12	2060	2390	740	1290
P13	1790	2310	1210	1440
P14	1960	3020	510	880
TOTAL	25160	34130	14180	18440
Média	1797,143	2437,857	1012,857	1317,143
DP	452,6916	611,696	402,1754	443,9236
CV (%)	25,18952	25,09154	39,70702	33,70352

Nota: DP = desvio padrão; CV=coeficiente de variação; TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

Na variável duração das visitas, os dados também se mostram dispersos, conforme apontam os valores do coeficiente de variação e do desvio padrão (Tabela 9), o que denota a

heterogeneidade do conjunto de dados. A variável T1 apresentou um CV de 39,70%, maior dispersão dos dados entre as quatro AOI. Todos os resultados dos testes comparativos da variável duração das visitas atingiram o nível de significância, o que indica que a duração vai depender do tipo de transição efetuada (dentro da própria AOI e entre AOI) e, conseqüentemente, do motivo que levou à transição. Assim, aventa-se a hipótese de que uma transição do tipo I (auxílio à expressão) terá duração diferente de uma do tipo II (confirmação/contraste da expressão). Os tipos de transição aqui aventados serão mais bem descritos na Subseção 4.2.2.

Os resultados dos testes estatísticos estão disponíveis na Tabela 10. Vale lembrar que, com vistas à comparação dos dados, os testes utilizados foram: teste T pareado, para os conjuntos paramétricos, e teste de Wilcoxon para os conjuntos de dados não paramétricos.

Tabela 10 - Resultados estatísticos referentes à variável duração das visitas

Combinações	Resultados dos testes de comparação		
STT1	V = 105	$p = 0,001094$ (ST = np)	ST>T1
STT2	V = 89,5	$p = 0,02191$ (ST = np)	ST>T2
T1T2	$t(13) = -2,9399$	$p = 0,01149$	T1<T2
TTST	V = 2	$p = 0,0003662$	TT>ST
TTT1	$t(13) = -8,4741$	$p = 0,001184$	TT>T1
TTT2	$t(13) = -5,4601$	$p = 0,0001093$	TT>T2

Nota: nP = não paramétrico; TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2; t =teste T; V=teste de Wilcoxon.

Os dados da Tabela 10 mostram que os participantes tiveram comportamentos diferentes concernentes à duração das visitas. Há diferenças significativas em todas as combinações. Aventa-se, novamente, a hipótese de as visitas possuírem características diferentes em consequência de seus propósitos, também diferentes. Outra possível explicação para as diferenças é o tipo de tarefa proposto neste estudo, uma tarefa inédita, em cujo formato os participantes não possuem qualquer experiência, o que os torna participantes novatos e com comportamento errático.

Retomando o agrupamento realizado pelo R, observa-se novamente uma tendência a menor heterogeneidade dos dados no G1 (Tabela 11). Na área do TT, nota-se que os dados não estão dispersos (CV=16,944%) e, por tanto, trata-se de um conjunto homogêneo; na área do ST, o valor do CV se aproxima bastante da homogeneidade (21,72%). Isso pode ser um indicativo

de que o movimento ocular dos participantes seguiu um padrão, sendo esse comportamento mais homogêneo no TT e no ST.

Tabela 11 - Duração média das visitas por AOI e por participante do G1 (em milissegundos)

Participante	ST	TT	T1	T2
P03	1910	1830	910	960
P06	2090	2460	1760	2440
P07	2340	2810	1260	1380
P09	1030	2120	970	760
P11	1870	2800	1850	1730
P12	2060	2390	740	1290
P14	1960	3020	510	880
TOTAL	13260	17430	8000	9440
Média	1894,286	2490	1142,857	1348,571
DP	411,62	420,87	506,88	585,67
CV (%)	21,73	16,90	44,35	43,43

Nota: DP = desvio padrão; CV=coeficiente de variação; TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

A Tabela 11 mostra que a duração das visitas é, em média, maior no TT, somente P03 registra média maior no ST. A T2 possui maior duração média de visitas que T1, excetuando-se P09, cuja duração média foi maior na T1 (970 ms) que na T2 (760 ms), sendo que os dados apresentam heterogeneidade tanto na área da T1 quanto na T2. Essa característica heterogênea pode ser atribuída, novamente, ao ineditismo da tarefa, o que leva os participantes a apresentarem comportamento errático. Essa hipótese pode ser reforçada com os dados referentes às AOI TT e ST, nas quais o comportamento é mais corrente, já que o que é esperado em tarefas de tradução é justamente a relação entre um texto-fonte e um texto-alvo, relação essa não comumente esperada entre ST, TT e outras traduções prévias que servem de insumo para a produção do TT.

Os resultados dos testes estatísticos atingem o nível de significância em todas as combinações dentro do G1, exceto na combinação T1T2. Em outras palavras, não há diferença significativa nas médias de duração das visitas realizadas a essas duas áreas, mas há nas outras combinações, quais sejam, TT-ST, TT-T1, TT-T2, ST-T1 e ST-T2. O resultado representa a diversidade de transições que podem ser encontradas em uma tarefa de (re)tradução com uma relação de tradução e suas já complexas peculiaridades processuais. Com a presença das traduções prévias que servem de insumo, essa relação ganha um aditivo que, a princípio, parece atuar como coadjuvante na relação entre TT e ST.

Tal como ocorreu na descrição do número de visitas, a duração delas também é caracterizada pela dispersão dos dados, sendo o G2 (Tabela 12) o conjunto de dados mais heterogêneos ($CV > 20\%$). No entanto, observa-se um padrão no qual a duração média é maior no TT em todos os participantes quando relacionado com o ST e maior no T2 quando relacionado com o T1 em seis dos sete participantes.

Tabela 12 - Duração média das visitas por AOI e por participante do G2 (em milissegundos)

Participante	ST	TT	T1	T2
P01	1160	3200	840	1280
P02	2310	3060	990	1020
P04	2010	2540	730	1680
P05	2210	2940	1130	930
P08	1150	1200	610	1560
P10	1270	1440	670	1090
P13	1790	2310	1210	1440
TOTAL	11900	16690	6180	9000
Média	1700	2384,286	882,8571	1285,714
DP	502,560	791,072	232,574	285,765
CV (%)	29,562	33,179	26,343	22,226

Nota: DP = desvio padrão; CV=coeficiente de variação; TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

Como mostra a Tabela 12, o CV é alto em todas as AOI. Isso quer dizer que há uma heterogeneidade dos dados que vai desde a T2 até ST, sendo T2 a que possui o conjunto de dados menos heterogêneo. Isso confirma que o G2 é mais heterogêneo que o G1 com relação ao número (Tabela 4 e Tabela 5) e à duração das visitas. Este dado pode estar ligado, ainda, ao tempo de execução da tarefa. Os resultados dos testes estatísticos, concernentes aos dois grupos, estão disponíveis na Tabela 13.

Tabela 13 - Resultados estatísticos da variável duração das visitas por grupo de participantes

Grupo 1		Grupo 2			
TTST	$V = 1, p = 0,03125$ (ST = np)	TT>ST	TTST	$t(6) = -2,7706; p = 0,0324$	TT>ST
T1T2	$t(6) = -1,6156; ns$	T1<T2	T1T2	$t(6) = -2,4531; p = 0,04958$	T1<T2
TTT1	$t(6) = -5,7791; p = 0,001173$	TT>T1	TTT1	$t(6) = -5,8383; p = 0,001113$	TT>T1
TTT2	$t(6) = -4,7106; p = 0,00329$	TT>T2	TTT2	$t(6) = -3,1255; p = 0,02044$	TT>T2
STT1	$V = 28, p = 0,01563$ (ST=np)	ST>T1	STT1	$t(6) = 5,3949; p = 0,001672$	ST>T1
STT2	$V = 25, p = 0,07813$ (ST=np)	ST>T2	STT2	$t(6) = 1,6822; ns$	ST>T2

Nota: nP = não paramétrico; ns=não significativo; TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2; t =teste T; V =teste de Wilcoxon.

À exceção da combinação T1T2 no G1 e STT2 no G2, todas as combinações apresentam diferenças significativas. Portanto, em ambos os grupos, há diferenças no registro da duração das visitas na maioria das combinações, certificando, de certa forma, os resultados quando os dados são analisados sem levar em consideração os agrupamentos. Não houve nenhum resultado significativo na comparação intergrupos, ou seja, os grupos não são diferentes com relação à duração das visitas.

Consoante os resultados, a configuração na qual se relacionam número e duração de visitas nas AOI, por grupo de participante, é a representada na Figura 21.

	Relação			
	Número de visitas		Duração das visitas	
	TT-ST	T1-T2	TT-ST	T1-T2
G1	>	>	>	<
G2	>	>	>	<
TOTAL	>	>	>	<

Figura 21 - Síntese do comportamento do olhar referente às visitas por grupo e por AOI

A Figura 21 resume a relação entre o número de visitas e a sua duração por grupo e por AOI. Tanto nos dados gerais como por grupo, o número de visitas é maior no TT em relação ao ST e no T1 em relação ao T2. No que tange à duração, o TT também tem média de duração maior das visitas que o ST, mas a T1 possui média inferior de duração em relação à T2.

Os dados indicam que, no caso da relação de tradução TT-ST, quanto maior o número médio de visitas, maior a duração média delas, sendo que tanto número quanto duração são superiores no TT. Contudo, quando a díade analisada é a T1-T2, a relação número-duração de visitas é distinta assumindo a configuração apresentada na Figura 22.

$$[>nvT1=<dvT1] [<nvT2>dvT2]$$

Figura 22 - Relação T1-T2 e duração/número de visitas

Nota: nv=número de visitas; dv=duração das visitas; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

Pela Figura 22, a configuração entre as variáveis e as áreas em questão é a seguinte: maior número de visitas na T1 e menor duração delas nessa área, menor número de visitas na T2

com maior duração delas nessa área. Assim, rompe-se com o paradigma encontrado na relação TT-ST, na qual, para o maior número de visitas, há também maior duração. Uma das explicações possíveis para tal fenômeno pode estar no leiaute da tarefa, que contempla a produção de um texto em relação de tradução com outros três, sendo que dois deles estão em língua vernácula e outro em língua estrangeira. Aqui vale um parêntese sobre dois tipos de tradução em jogo na tarefa: a tradução interlingual, tradução entre dois idiomas diferentes, e a intralingual, tradução de um signo verbal em outros signos do mesmo idioma (JAKOBSON, 1992). No caso da tradução intralingual, Nascimento (1992) afirma que é necessário que o falante tenha a capacidade de criar circunlocução, ou seja, capacidade de traduzir intralinguisticamente. Para a autora, sem o desenvolvimento da “capacidade de tradução intralingual”, o falante “não será capaz de construir textos” (NASCIMENTO, 1992, p. 93).

Levando em consideração que o número de visitas e sua duração nas áreas da T1 e da T2 são muito inferiores aos registrados nas áreas do TT e do ST, pode-se inferir que as traduções prévias foram utilizadas como fontes de consulta ou o sentido autoral dos “tradutores” falou mais alto e eles optaram por deixar suas marcas na nova tradução. Essa hipótese será analisada na Seção 4.5, que trata da triangulação dos dados de todas as variáveis. Outra possibilidade para as diferenças de acesso, além da já elencada, pode estar no tipo de leitura. Ao ler as traduções prévias, o tema já não é novo para o participante, o que influencia no tempo e na duração das visitas, que, além de menores que os registrados no TT e no ST, são mais setorizados, isto é, incidem sobre áreas específicas, motivadas por algum problema de tradução.

A subseção seguinte dedica-se à apresentação dos dados relativos à duração das visitas nas MAOI.

4.2.1.2.1 Duração das visitas nas microáreas de interesse (MAOI)

Nas MAOI, as médias de duração das visitas apresentam configuração diferente em relação àquela encontrada nas AOI. Enquanto nas AOI a média maior se encontrava no TT, nas microáreas a maior média pertence à MST (1,38 s), seguida pela MTT com 1,05 segundos. No que tange às traduções prévias, as posições não se inverteram: tal como ocorrido nas grandes áreas, a microárea da T2 obteve média maior que a da T1, 0,75 s e 0,72 s, respectivamente.

A diferença entre MST e MTT é significativa ($p < 0,05$). O mesmo ocorrendo com as combinações: MST-MT1, MST-MT2, MTT-MT1. Não foi encontrada diferença significativa para MT1-MT2 e MTT-MT2. Os resultados foram influenciados pela dispersão dos dados. Enquanto na MST e na MTT todos os participantes registraram média de tempo de duração nas referidas microáreas, na MT1 e na MT2 há casos em que não foi registrada duração.

Essa configuração na qual o número e a duração das visitas é maior nas áreas do ST, do TT e de suas respectivas microáreas, em comparação com as áreas da T1, da T2 e suas respectivas microáreas, pode indicar que as visitas realizadas às diferentes áreas, bem como aquelas intra e interáreas, são de naturezas distintas. Enquanto no ST, no TT, na MST e na MTT, pode haver transições de compreensão, de processamento e de reelaboração, nas áreas das traduções prévias elas cumprem basicamente a função de consulta e conferência de uma informação já processada. Esse comportamento, visualizado por meio da função *replay* do Tobii Studio, é frequente entre os participantes da pesquisa. Isso talvez explique o fato de o ST e o TT (e suas respectivas microáreas) possuírem valores de visitas (número e duração) muito superiores aos das da T1, da T2 e de suas microáreas.

Os dados e os resultados dos testes estatísticos podem ser consultados na Tabela 14 e na Tabela 15.

Tabela 14 - Resultados referentes à duração média das visitas por participante e por MAOI (em milissegundos)

	MST	MTT	MT1	MT2
P01	640	890	0	0
P02	1500	2190	180	0
P03	1450	720	490	710
P04	2020	1410	80	810
P05	1360	1090	480	420
P06	1880	520	1140	1390
P07	1170	730	820	460
P08	1320	470	360	0
P09	520	550	150	20
P10	860	680	50	2650
P11	1470	970	910	390
P12	2850	2560	2100	180
P13	1380	1490	0	310
P14	1030	430	0	740
TOTAL	19450	14700	6760	8080
Média	1389,286	1050	482,8571	577,1429
DP	593,2241	652,5925	595,4885	716,1911
CV	42,669	62,151	101,101	119,826

Nota: DP = desvio padrão; MST=microárea texto-fonte; MTT=microárea texto-alvo; MT1=microárea tradução 1; MT2=tradução microárea 2.

Tabela 15 - Resultados da comparação estatística dos dados referentes à duração da visita entre as microáreas

Combinação	Resultados		
MST-MTT	V = 87	$p = 0,02954$ (MTT = np)	MST>MTT
MT1-MT2	V = 46	<i>ns</i>	MT1<MT2
MST-MT1	V = 105	$p = 0,0001221$ (MT1 = np)	MST>MT1
MST-MT2	V = 92	$p = 0,01074$ (MT2 = np)	MST>MT2
MTT-MT1	V = 13	$p = 0,01074$ (MT1 = np)	MTT>MT1
MTT-MT2	V = 24	<i>ns</i>	MTT>MT2

Nota: ns=não significativo; nP = não paramétrico; MST=microárea texto-fonte; MTT=microárea texto-alvo; MT1=microárea tradução 1; MT2=tradução microárea 2; *t*=teste T; V=teste de Wilcoxon.

Como relatado anteriormente, nas microáreas das traduções prévias há três participantes, em cada MAOI, em que não houve registro da média da duração da visita (Tabela 14). Os valores influenciam no resultado do desvio padrão dos conjuntos de dados, tornando-o alto, bem como o CV, cujos valores representaram a dispersão dos dados em cada microárea, o que significa que nas microáreas da T1 e da T2, a diferença entre os participantes é mais acentuada que nas microáreas do TT e do ST. No entanto, esses dados refletem o comportamento individual de cada participante; por isso, as diferenças encontradas são

estatisticamente significativas (Tabela 15). Em contrapartida, esse resultado revela que o tratamento dado às MAOI pelos participantes também é diferenciado entre eles e que, em alguns casos, talvez o problema nem tenha sido percebido, ou mesmo o participante não tenha lido o trecho delimitado como MAOI nas traduções prévias.

A subseção seguinte está dedicada à apresentação dos dados da variável transições realizadas entre as áreas de interesse.

4.2.2 Transições realizadas entre as AOI

Por se tratar de um estudo exploratório, um dos objetivos da pesquisa é caracterizar o processo de (re)tradução. Para tanto, observou-se o número de transições realizado de uma AOI à outra, delimitando o caminho percorrido pelos olhos dos participantes na execução de uma tarefa envolvendo três textos como insumo e quatro áreas de interesse. Para isso, foi implementada uma metodologia de tratamento dos dados.

Os dados crus foram exportados com o Tobii Studio 3.2.2 e organizados em tabelas do Excel. Nas tabelas, os dados foram dispostos de forma que somente os números referentes às transições, marcadas pela existência (1) ou não (2) de fixações em cada AOI, fossem considerados. Nesse processo, foram excluídas as células vazias e aquelas para as quais o valor fosse “0” nas quatro AOI. Também foram excluídos os dados referentes às sacadas e os indeterminados (*unclassified*), possibilitando a criação de uma sequência linear de acessos, conforme exemplo adaptado do participante P01 (Figura 23).

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N
1	Participan	AOI[ST]Hi	AOI[TT]Hi	AOI[T2]Hi	AOI[T1]Hi	Hit								
2	P01	1	0	0	0	0 ST								
3	P01	1	0	0	0	0 ST								
4	P01	1	0	0	0	0 ST								
5	P01	1	0	0	0	0 ST								
6	P01	1	0	0	0	0 ST								
7	P01	1	0	0	0	0 ST								
8	P01	1	0	0	0	0 ST								
9	P01	0	1	0	0	0 TT								
10	P01	0	1	0	0	0 TT								
11	P01	0	1	0	0	0 TT								
12	P01	0	1	0	0	0 TT								
13	P01	0	1	0	0	0 TT								
14	P01	0	1	0	0	0 TT								
15	P01	0	0	1	0	0 T2								
16	P01	0	0	1	0	0 T2								
17	P01	0	0	1	0	0 T2								
18	P01	0	0	1	0	0 T2								
19	P01	0	0	1	0	0 T2								
20	P01	0	0	1	0	0 T2								
21	P01	1	0	0	0	1 T1								
22	P01	1	0	0	0	1 T1								
23	P01	1	0	0	0	1 T1								
24	P01	1	0	0	0	1 T1								
25	P01	1	0	0	0	1 T1								

Figura 23 – Tela do Excel com exemplo de contagem de fixações e criação de sequência linear de acessos de P01 (adaptado)

A Figura 23 representa um recorte, já que cada tabela gerada por participante possui mais de 1.000 linhas. Sempre que o valor registrado é igual a “1” e de acordo com a área em que ele aparece (cf. linha 1 da Figura 23), registra-se uma fixação naquela AOI. Esse dado é convertido na abreviatura da AOI em que a fixação ocorre (cf. coluna F da Figura 23). Posteriormente, os dados referentes à coluna F (sequência linear) de todos os participantes são organizados em outra tabela, que por sua vez é convertida em arquivo CSV e exportada para o programa R. Após a leitura dos dados em forma de planilha (*dataframe*) e sua organização em texto (*strings*) no R, cada sequência foi dividida em *n-grams* de 2, como no exemplo abaixo:

(1)“T1-ST ST-ST ST-TT TT-ST ST-TT TT-T1 T1-T2”

Na sequência, essas *strings* foram “tokenizadas” (*i.e.*, separadas em itens por espaço). Posteriormente, realizou-se uma contagem de cada transição, a partir da qual uma sequência de transições foi gerada. Por fim, a contagem das transições foi organizada em uma planilha do Excel com o participante na linha (cf. linhas 2 a 15 da Figura 24) e todas as possíveis transições nas colunas (cf. B a Q da Figura 24). As células em que não houve registro de ocorrência de transições foram preenchidas com zero.

The screenshot shows an Excel spreadsheet titled 'Contagem_Geral_Sujeitos_Malta - Microsoft Excel'. The spreadsheet contains data for 14 participants (P01 to P14) and summary rows. The columns represent different transition types: ST-ST, ST-T1, ST-T2, ST-TT, T1-ST, T1-T1, T1-T2, T1-TT, T2-ST, T2-T1, T2-T2, T2-TT, TT-ST, TT-T1, TT-T2, and TT-TT. The summary rows include 'TOTAL', 'Média', and 's'.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U
1		ST-ST	ST-T1	ST-T2	ST-TT	T1-ST	T1-T1	T1-T2	T1-TT	T2-ST	T2-T1	T2-T2	T2-TT	TT-ST	TT-T1	TT-T2	TT-TT				
2	P01	336	0	0	81	2	16	1	5	0	0	20	5	78	8	4	825				
3	P02	260	2	3	35	2	48	0	13	3	2	36	4	35	11	6	299				
4	P03	7464	6	8	59	5	1325	4	21	7	7	1998	25	61	17	27	9645				
5	P04	4670	5	12	30	3	412	3	7	6	2	2059	21	37	6	14	5790				
6	P05	3693	4	7	25	3	1027	6	10	5	3	780	9	29	12	4	5480				
7	P06	6898	10	8	34	16	3426	5	17	7	9	2899	7	29	19	10	5252				
8	P07	4875	9	7	23	9	2245	7	16	9	9	2275	14	21	14	18	4475				
9	P08	5952	8	4	82	11	792	0	13	1	1	902	9	81	16	7	5581				
10	P09	4401	13	9	52	14	1591	12	12	10	9	1761	24	50	15	22	8065				
11	P10	5713	3	4	97	3	93	2	3	2	2	479	5	99	3	4	5352				
12	P11	6099	5	0	61	6	1343	3	20	8	0	1465	10	52	24	15	10094				
13	P12	6080	7	6	52	9	1028	9	9	9	3	1615	12	47	17	9	7727				
14	P13	6643	5	3	53	7	1489	7	10	3	6	1821	16	51	12	15	7645				
15	P14	3409	5	5	42	9	292	10	4	4	10	580	11	38	8	10	2593				
16	TOTAL	66493	82	76	726	99	15127	69	160	74	63	18690	172	708	182	165	78823				
17	Média	4749,5	5,857143	5,428571	51,85714	7,071429	1080,5	4,928571	11,42857	5,285714	4,5	1335	12,28571	50,57143	13	11,78571	5630,214				
18	s	2222,73	3,370851	3,390355	22,64053	4,480115	950,524	3,75119	5,680118	3,196839	3,674235	877,9922	6,921856	22,42497	5,602197	7,083877	2945,27				
19																					
20																					
21																					
22																					

Figura 24 - Tela do Excel com a contagem geral das transições por participantes

Na Figura 24 está representada tanto a contagem das transições intra-áreas como das interáreas, representadas na figura pelas colunas B, G, L e Q. Em todos os casos, as transições interáreas (sacadas) são mais frequentes, em média, que as transições intra-áreas.

A Tabela 16 e a Tabela 17 foram criadas a partir do formato exemplificado na Figura 24. Na Tabela 16, estão os dados das transições que partem do TT ou do ST e vão de um para o outro ou para as traduções prévias, ou seja, T1 e T2. A Tabela 17 traz os dados cujas transições partem de uma das traduções prévias e vão em direção ao TT, ao ST e à tradução remanescente.

Tabela 16 - Número absoluto de transições entre AOI: ST[ST, T1, T2, TT] e TT[ST, T1, T2, TT]

Participante	ST-ST	ST-T1	ST-T2	ST-TT	TT-ST	TT-T1	TT-T2	TT-TT
P01	336	0	0	81	78	8	4	825
P02	260	2	3	35	35	11	6	299
P03	7464	6	8	59	61	17	27	9645
P04	4670	5	12	30	37	6	14	5790
P05	3693	4	7	25	29	12	4	5480
P06	6898	10	8	34	29	19	10	5252
P07	4875	9	7	23	21	14	18	4475
P08	5952	8	4	82	81	16	7	5581
P09	4401	13	9	52	50	15	22	8065
P10	5713	3	4	97	99	3	4	5352
P11	6099	5	0	61	52	24	15	10094
P12	6080	7	6	52	47	17	9	7727
P13	6643	5	3	53	51	12	15	7645
P14	3409	5	5	42	38	8	10	2593
TOTAL	66493	82	76	726	708	182	165	78823
Média	4749,50	5,86	5,43	51,86	50,57	13,00	11,79	5630,21
DP	2222,73	3,37	3,39	22,64	22,42	5,60	7,08	2945,27
CV	46,7992	57,5511	62,453	43,6594	44,3431	43,0938	60,1056	52,3118

Nota: DP = desvio padrão; CV=coeficiente de variação; ST=texto-fonte; TT=texto-alvo; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

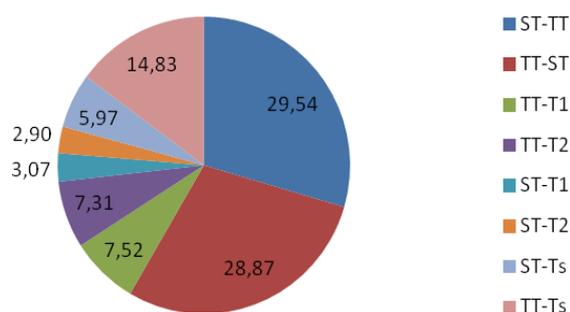
A Tabela 16, cujo conteúdo traz o número absoluto de transições realizadas de ST e de TT para as outras AOI, mostra que o maior número absoluto de transições foi registrado entre o ST e o TT (726) e, na direção contrária, entre o TT e o ST (708). Somando-se o número de transições realizado no sentido ST-TT-ST, o resultado é de 1.434 transições entre as duas áreas nas duas direções. Por outro lado, o número das transições realizadas entre TT e as traduções prévias é bastante inferior, qual seja, 182 em direção à T1 e 165 em direção à T2, dando um total de 347. As transições realizadas entre ST e as traduções prévias são menos frequentes ainda, 82 em direção à T1 e 76 em direção à T2, resultando em 158 transições. As diferenças de acesso entre as AOI estão representadas no e Gráfico 6, considerando as direções ST[TT, T1, T2 e Ts³² (traduções prévias)] e TT[ST, T1, T2 e Ts (traduções prévias)].

Com relação às características dos dados, observa-se uma heterogeneidade em todas as combinações que partem do ST ou do TT. A combinação menos heterogênea é a TT-T1, ainda assim com CV superior a 40%. Essa dispersão dos dados pode ser um indicativo de ausência de um padrão grupal e existência de um padrão individual, o que leva à necessidade de se voltar o olhar para aspectos idiossincráticos de cada participante. Outra hipótese aventada diz

³² Traduções prévias = T1+T2.

respeito ao ineditismo da tarefa, que pode ter levado os participantes a assumirem um comportamento “errático”, já que foi a primeira vez que executaram a tarefa com o formato aqui proposto.

Gráfico 6 - Porcentagem das transições ST[TT, T1,T2 e Ts] e TT[ST, T1, T2 e Ts]



Nota: ST=texto-fonte; TT=texto-alvo; T1=tradução 1; T2=tradução 2; Ts=traduções prévias.

A relação de tradução entre ST e TT fica mais evidente quando observada a quantidade de transições entre as AOI e sua comparação com o número de transições entre elas e a T1 e a T2. As transições realizadas do ST ao TT e na direção inversa correspondem a 29,54% e 28,87% dos dados (Gráfico 6). Além disso, o número de transições do TT para as traduções prévias é mais que o dobro do número de transições que partem do ST para as mesmas traduções prévias (347 e 158, respectivamente). Percebe-se, ainda, que o acesso à T2 é menor que o acesso à T1 independentemente do ponto de partida. Esse comportamento, também notado percentualmente (Gráfico 6), pode ser um indicador de que as traduções prévias, por serem bem menos acessadas, cumprem a função de fonte de consulta na direção ST[T1-T2] ou averiguação do que foi processado na direção TT[T1-T2].

A descrição até então realizada parte do TT e/ou do ST para as traduções prévias. A Tabela 17 apresenta os números das transições com partida nas traduções prévias para as outras AOI. Em comparação com os números registrados tendo como partida o ST ou o TT (Tabela 16), percebe-se um número maior de transições quando a origem é o TT e o destino são as traduções prévias. Contrariamente ao exposto na Tabela 16, quando a origem e o destino das transições são as traduções prévias, o número de visitas é menor com relação às visitas realizadas ao TT e ao ST, conforme expõem os dados constantes da Tabela 17.

Tabela 17 - Número absoluto de transições entre AOI: T1[ST, T2, TT] e T2[ST, T1, TT]

Participante	T1-ST	T1-T1	T1-T2	T1-TT	T2-ST	T2-T1	T2-T2	T2-TT
P01	2	16	1	5	0	0	20	5
P02	2	48	0	13	3	2	36	4
P03	5	1325	4	21	7	7	1998	25
P04	3	412	3	7	6	2	2059	21
P05	3	1027	6	10	5	3	780	9
P06	16	3426	5	17	7	9	2899	7
P07	9	2245	7	16	9	9	2275	14
P08	11	792	0	13	1	1	902	9
P09	14	1591	12	12	10	9	1761	24
P10	3	93	2	3	2	2	479	5
P11	6	1343	3	20	8	0	1465	10
P12	9	1028	9	9	9	3	1615	12
P13	7	1489	7	10	3	6	1821	16
P14	9	292	10	4	4	10	580	11
TOTAL	99	15127	69	160	74	63	18690	172
Média	7,07142	1080,5	4,92857	11,4285	5,28571	4,5	1335	12,2857
DP	4,48011	950,524	3,75119	5,68011	3,19683	3,67423	877,992	6,92185
CV	63,3551	87,9707	76,1111	49,7010	60,4807	81,6496	65,7672	56,3406

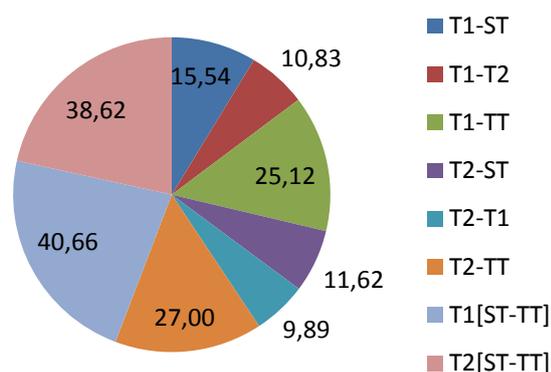
Nota: DP = desvio padrão; CV=coeficiente de variação; ST=texto-fonte; TT=texto-alvo; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

Na direção T1[ST-TT], foram registradas 259 transições, sendo 99 para o ST e 160 para o TT. Na direção T2[ST-TT], foram registradas 246 transições, dessas 63 para o ST e 172 para o TT. Como comentado anteriormente, o TT é o destino mais frequente quando a transição tem como origem uma das traduções prévias, o que significa que a relação de tradução entre ST-TT, pelo número de transições, é maior que a entre as outras AOI, revelando, ainda, que essa relação pode gerar mais esforço cognitivo que a relação do tipo ST[T1, T2] e TT[T1, T2] e vice-versa, T1[ST-TT] e T2[ST-TT].

A configuração das transições entre as diferentes traduções prévias registra valores próximos à relação ST[T1-T2]. Do ST à T1, foram realizadas 82 transições e do ST à T2 foram realizadas 76 transições, conforme mostrado na Tabela 16. Da T1 para a T2 foram realizadas 69 transições; da T2 para a T1, 63. Nesse sentido, as traduções prévias foram tratadas pelos participantes como textos de autoria alheia, cerceando ou contribuindo para a produção da nova tradução, mas nunca como insumos a serem copiados integralmente. Assim, o sentido autoral – citado nos protocolos verbais e analisados mais adiante (Seção 4.4) – de cada

participante prevaleceu, e a maioria utilizou as traduções prévias esporadicamente para tirar dúvidas e contrastar as diferentes interpretações para, então, propor e/ou revisar a sua. O Gráfico 7 a seguir, representam a relação entre as traduções prévias e as outras AOI.

Gráfico 7 – Transições (%) T1[ST, T2, TT e ST-TT] e T2[ST, T1, TT e ST-TT]



Nota: ST=texto-fonte; TT=texto-alvo; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

De acordo com o número de transições (Gráfico 7), fica evidente a relação estabelecida entre as traduções prévias e as áreas do ST e TT. Tanto na T1 como na T2, houve maior número de transições ao TT que ao ST. Da T1 para o ST, registram-se 99 transições ou 15,54% do total de transições que partem das traduções prévias. Quando o destino é o TT, tendo por origem T1, o número de transições é de 160 ou 25,12%. Quando a origem da transição é a T2, o número diminui em relação ao ST (74 ou 11,62%) e aumenta em relação ao TT (172 transições ou 27%), maior percentual de transições considerando as traduções prévias como ponto de partida da transição.

Em pesquisa realizada sobre rastreamento ocular envolvendo a *dubbing translation*, Hvelplund (2015b) também contemplava, no leiaute de seu estudo, quatro AOI, quais sejam: ST, TT, *Film* e *Dictionary*. Seus resultados apontam para muitas transições entre (i) TT e ST, (ii) TT e *Film*, e menos transições entre ST e *Film*.

O presente estudo corrobora a primeira relação, qual seja, número elevado de transições entre ST e TT. Contudo, como este trabalho e o de Hvelplund (2015b) possuem objetos de estudo diferentes, o nível de comparabilidade entre os comportamentos é limitado, embora o acesso às traduções prévias, no caso da presente pesquisa, também tenha sido mais esporádico se comparado com os acessos gerados entre ST e TT. No total, foram realizadas 2.576 transições

entre as AOI. A Tabela 18, inspirada em Hvelplund (2015b), resume as quantidades e porcentagens de transições entre as quatro AOI deste estudo.

Tabela 18 - Transições entre ST, TT, T1 e T2

	→ ST	→ TT	→ T1	→ T2
ST →	-	726 (28,18%)	82 (3,18%)	76 (2,95%)
TT →	708 (27,48%)	-	182 (7,07%)	165 (6,41%)
T1 →	99 (3,84%)	160 (6,21%)	-	69 (2,68%)
T2 →	74 (2,87%)	172 (6,68%)	63 (2,45%)	-

Fonte: HVELPLUND, 2015b. Adaptado.

A Tabela 18 mostra que o maior número de transições foi realizado entre ST-TT e TT-ST (28,18% e 27,48%, respectivamente). Em contrapartida, a configuração que menos transições registrou foi a T2-T1 (2,45%).

O número de transições realizadas entre o ST e o TT (1.434 ou 55,66%), nas duas direções, é maior que a soma de todas as transições realizadas nas outras combinações nas quais há alguma relação com as traduções prévias (1.142 ou 44,33%). Dessa forma, a configuração que emana dos dados contempla uma forte relação entre ST e TT e menor número de transições essas áreas e as áreas das traduções prévias.

Contudo, vale ressaltar que as transições realizadas intra-áreas são distintas transições interáreas. Enquanto as primeiras envolvem processamento do tipo compreensão e expressão (ST e TT), as interáreas, principalmente as que envolvem as traduções prévias, se caracterizam mais pela busca de palavras, seja para o auxílio ou para a confirmação de uma informação já processada que pelo processamento em si. Para a realização dos testes estatísticos visando à averiguação de diferenças, 38 combinações foram testadas, incluindo as transições intra-área, conforme demonstrado na Figura 25.

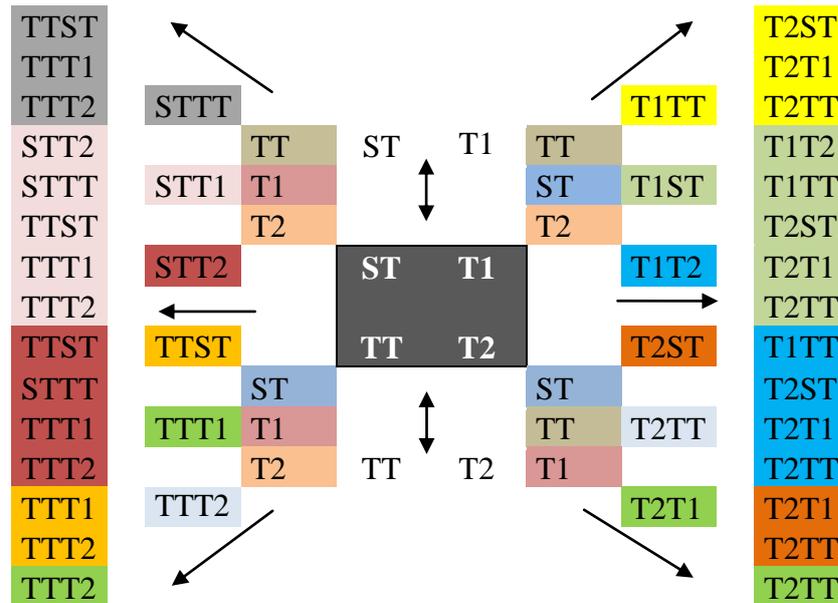


Figura 25 - Combinações de transições para testes estatísticos de comparação

A Figura 25 representa as possíveis combinações de transições efetuadas intra e interáreas de interesse. Ao centro estão as quatro áreas de interesse e a representação das transições intra-áreas (ST-ST, TT-TT, T1-T1 e T2-T2). Na parte esquerda, estão as combinações que têm como ponto de partida o ST e o TT, primeiro por área (ST-TT, TT-ST e assim sucessivamente) e depois por pares de áreas (STTT-STT2 e assim sucessivamente). Essa configuração possibilita a testagem de diferentes tipos de transição, intra e interáreas e entre pares de áreas, já que, com o estudo aqui exposto, é possível observar diferentes tipos de transição.

O resultado dos testes estatísticos, realizados a partir das combinações representadas na Tabela 19, não apontou diferenças significativas quando a comparação é realizada com dados de transições efetuadas dentro das próprias áreas, ou seja, STST[T1T1, T2T2], TTTT[T1T1, T2T2] e T1T1-T2T2. Entre colchetes estão as combinações com as quais as transições realizadas na combinação que está fora do colchete são comparadas estatisticamente, não havendo diferença entre, por exemplo, as transições realizadas dentro do ST em comparação com as realizadas dentro do TT, da T1 e da T2. Tampouco foram encontradas diferenças significativas quando da comparação entre TTTT-STST e STST-STTT, sendo esta última interáreas. No entanto, quando as comparações têm por objeto as transições interáreas, algumas combinações apresentam diferenças significativas. Pode-se inferir, com isso, que o tipo de transição realizado dentro da mesma área (*e.g.*, STST, TTTT) é diferente do realizado entre duas áreas distintas (ST-T1).

O resultado comparativo entre as combinações T1T2-T2T1 e T2T1-T1T2 também não é significativo, embora o tipo de transição seja diferente do registrado no primeiro caso. Enquanto no primeiro caso há uma comparação entre transições diferentes (inter e intra-áreas), no segundo as transições são somente do tipo interáreas (T1T2-T2T1). O resultado, nesse caso, deve-se ao fato de as transições terem sido realizadas entre as traduções prévias, áreas em que o número de visitas é limitado e específico, e pode indicar que as transições a essas áreas possuem características parecidas.

Os resultados dos testes nas diferentes combinações estão disponíveis na Tabela 19.

Tabela 19 - Resultados estatísticos referentes às transições interáreas

Combinações com origem da transição em ST e TT			Combinações com origem da transição em T1 e T2		
ST-T1	ST-T2	$t(13) = 0,5043; ns$	T1-ST	T1-T2	$t(13) = 1,9868; ns$
ST-T1	ST-TT	$t(13) = -7,2435; ns$	T1-ST	T1-TT	$t(13) = 2,7021; p = 0,01812$
ST-T1	TT-ST	$t(13) = -7,0657; ns$	T1-ST	T2-ST	$t(13) = 1,6229; ns$
ST-T1	TT-T1	$t(13) = -5,4755; p = 0,0001065$	T1-ST	T2-T1	$V = 58, P = 0,02843$
ST-T1	TT-T2	$t(13) = -3,7499; p = 0,002428$	T1-ST	T2-TT	$t(13) = -2,6282; p = 0,02086$
ST-T2	ST-TT	$t(13) = -7,0109; ns$	T1-T2	T2-ST	$t(13) = -0,445; ns$
ST-T2	TT-T1	$t(13) = -4,1513; p = 0,001138$	T1-T2	T2-T1	$V = 45; ns$
ST-T2	TT-T2	$t(13) = 3,69,33; p = 0,002704$	T1-T2	T2-TT	$t(13) = -3,4568; p = 0,004252$
ST-TT	TT-ST	$t(13) = 1,1725; ns$	T1-TT	T2-ST	$t(13) = 4,709; p = 0,0004086$
ST-TT	TT-T1	$t(13) = 6,0235; ns$	T1-TT	T2-T1	$V = 98,5, P = 0,004257$
ST-TT	TT-T2	$t(13) = 5,963; ns$	T1-TT	T2-TT	$t(13) = -0,4235; ns$
TT-ST	TT-T1	$t(13) = -5,732; ns$	T2-ST	T2-T1	$V = 29; ns$
TT-ST	TT-T2	$t(13) = 5,8087; ns$	T2-ST	T2-TT	$t(13) = 4,5541; p = 0,0005411$
TT-T1	TT-T2	$t(13) = 0,6504; ns$	T2-T1	T2-TT	$V = 2,5; p = 0,001873$
ST-ST	TT-TT	$t(13) = -1,9944; ns$	T1-T1	T2-T2	$t(13) = -1,8783; ns$
ST-ST	ST-TT	$t(13) = -7,9151; ns$	-	-	-

Nota:nP = não paramétrico; ns=não significativo; ST=texto-fonte; TT=texto-alvo; T1=tradução 1; T2=tradução 2; t =teste T; V =teste de Wilcoxon.

Os resultados da Tabela 19 mostram que outras relações apresentam resultados no nível de significância. Na coluna das combinações em que as transições partem do TT e/ou do ST, são significativas as diferenças envolvendo: STT1[TTT1, TTT2] e STT2[TTT1, TTT2]. Nessas combinações, percebe-se que as transições efetuadas entre ST e as traduções prévias são diferentes das registradas entre o TT e as traduções prévias. Pode-se aventar, com isso, a hipótese de que ao sair do ST para uma das traduções, a intenção do participante talvez seja averiguar como os tradutores resolveram/interpretaram possíveis problemas de tradução. Em

contrapartida, ao sair do TT para uma das traduções prévias, é possível que a intenção seja averiguar se a interpretação dada pelo participante condiz com as interpretações disponíveis nas traduções prévias, buscando-se assim algum tipo de validação das tomadas de decisão.

Na coluna das combinações em que as transições partem de uma das traduções prévias, são significativas as diferenças envolvendo: T1ST[T1TT, T2T1, T2TT], T1T2[T1TT, T2TT], T1TT[T2ST, T2T1], T2ST-T2TT e T2T1-T2TT. Observa-se que o número de combinações cuja diferença é significativa é maior quando as traduções prévias são o ponto de partida da transição que quando a origem é o TT ou o ST. O resultado significativo indica que essa relação é diferenciada das outras, ou seja, que há uma diferença entre sair da T1 e ir ao TT e sair da T1 e ir ao ST ou à T2. Pode-se aventar a hipótese de que essas transições possuem cunho consultivo de dois tipos, quais sejam:

- (a) tipo I – auxílio à expressão: são aquelas transições que cumprem a função de auxiliar no processamento de uma mensagem ainda não expressa, geralmente saem do ST com destino às traduções prévias; e
- (b) tipo II – confirmação/contraste da expressão: são aquelas transições em que a mensagem já foi expressa, e o objetivo com a visita é a confirmação ou contraste entre o que foi processado pelo participante e as possibilidades de interpretação disponibilizadas pelas traduções prévias. Nesse caso, elas geralmente partem do TT e têm as traduções prévias como destino.

O termo expressão (do latim *expressio*), é definido como a manifestação do sentimento ou de ideias por meio da palavra ou do gesto. Segundo o dicionário Aurélio *on-line*, exprimir é manifestar sentimentos ou expressões por meio da palavra ou do gesto³³. Bastante comum no âmbito do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, também é utilizado em pesquisas advindas da Teoria Interpretativa da Tradução (e.g., SELESKOVITH, 1977, 1984; FREIRE, 2008). Neste estudo, o termo expressão é utilizado para denominar uma mensagem processada da língua-fonte e já reformulada (escrita) na língua-alvo.

Esses tipos de transição (tipo I e tipo II) ocorrem sempre entre duas ou mais áreas e são diferentes daquelas que ocorrem dentro de uma mesma área, como as que fazem parte do fluxo de leitura, por exemplo. Tanto as transições do tipo I como as do tipo II são frequentemente encontradas nas visitas às traduções prévias. Em ambos os tipos de transição, as traduções prévias podem, ainda, ser origem e destino, ou seja, podem ir de uma tradução à

³³ AURÉLIO ON-LINE. Disponível em: <<http://dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

outra, sendo que serão do tipo I aquelas em que o correspondente no TT ainda não foi escrito, ou seja, o ST não foi processado, e do tipo II, aquelas em que o correspondente no TT já foi escrito total ou parcialmente. Comparativamente, as transições do tipo I e do tipo II seriam, nos termos de Jakobsen, pausas de orientação *on-line* e pausas de revisão *on-line*, embora aqui não haja necessariamente pausas, mas há orientação e revisão *on-line*.

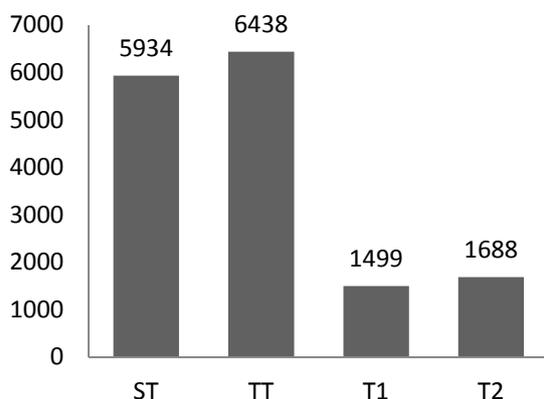
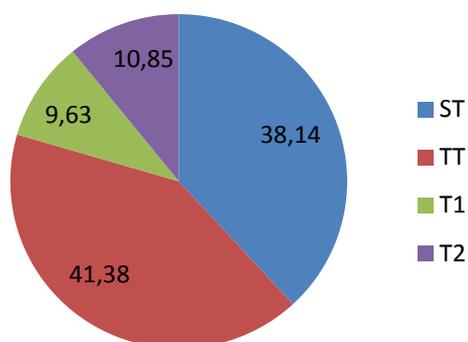
Na subseção seguinte, relatam-se os dados referentes às fixações.

4.2.3 Fixações

O formato de apresentação dos dados de fixação segue o mesmo modelo adotado na subseção anterior, ou seja, primeiro são apresentados os dados acerca do número de fixações total, por AOI, por grupo de participantes e por MAOI. Em seguida, são disponibilizados os dados referentes à duração das fixações.

4.2.3.1 Número de fixações

Ao extrair os dados de rastreamento referentes às fixações de todos os participantes em todas as AOI, obtém-se um total de 15.559 fixações. O maior número de fixações foi registrado na área do TT, com 6.438 (41,38%); seguida do ST, com 5.934 (38,14%); do T2, com 1638 (10,85%); e do T1, com 1.499 fixações (9,63%), conforme mostram o Gráfico 8 e o Gráfico 9.

Gráfico 8 - Número de fixações por AOI**Gráfico 9** - Fixações por AOI (%)

Nota: TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

Como exibido no Gráfico 8 e no Gráfico 9, as áreas do TT e do ST continuam sendo as áreas nas quais recai maior atenção visual, seguindo o padrão registrado quando da descrição dos dados referentes às visitas. A discrepância ora identificada com relação àqueles dados está na ordem em que T1 e T2 aparecem. Enquanto a T1 (337) possui número maior de visitas que a T2 (318), a T2 (1688) possui mais fixações que a T1 (1499). Ainda assim, a diferença entre o número de visitas realizado à T1 (337) e à T2 (318) foi de 5,97%, enquanto a diferença entre as fixações registradas na T1 (1499) e na T2 (1698) foi de 12,61%. O que os dados revelam, tanto em números absolutos como em números percentuais, é que a atenção visual registrada nas duas AOI destinadas às traduções foi substancialmente menor, comparado com a atenção visual registrada nas áreas do TT e do ST.

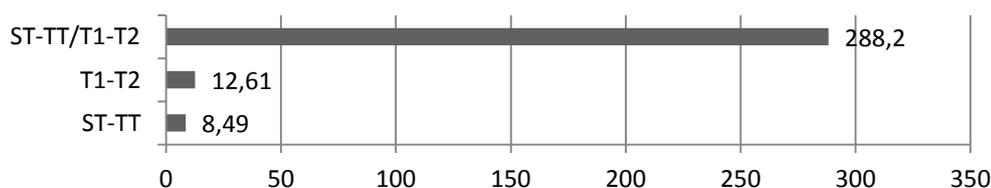
Todavia, quando os participantes são analisados separadamente, os dados mostram que oito tiveram maior número de fixações no ST (P05, P06, P07, P08, P10, P14, P12 e P13) e seis no TT (P01, P02, P03, P04, P09, e P11), conforme Tabela 20.

Tabela 20 - Número de fixações por participante e por AOI

Part.	ST	TT	T1	T2	TOTAL
P01	417	916	24	25	1382
P02	300	352	63	45	760
P03	448	562	111	132	1253
P04	395	398	43	201	1037
P05	334	326	101	75	836
P06	483	335	261	222	1301
P07	350	341	199	197	1087
P08	407	320	65	68	860
P09	452	496	164	164	1276
P10	533	517	15	50	1115
P11	452	714	171	120	1457
P12	430	366	88	126	1010
P13	564	445	146	178	1333
P14	369	350	48	85	852
TOTAL	5934	6438	1499	1688	15559
Média	423,8571	459,8571	107,0714	120,5714	1111,357
DP	73,53582	173,5183	72,37133	64,37476	227,208
CV	17,34920	37,73308	67,59164	53,39139	20,44419

Nota: DP = desvio padrão; CV=coeficiente de variação; TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

A diferença entre o número total de fixações registrado no ST (5934) e no TT (6438) é de 8,5%, e entre a T1(1499) e a T2(1688) é de 12,6%. Se a diferença entre as AOI pode ser considerada baixa, o mesmo não pode ser afirmado quando a relação envolve o número total de fixações registrado no par ST-TT e no par T1-T2. Nesse caso, a diferença é acentuada, ou seja, 288,20%, o que se adiciona ao dado revelado com respeito às visitas, ou seja, que as traduções prévias funcionam como fonte de consulta. Essas diferenças podem ser visualizada no gráfico a seguir.

Gráfico 10 - Diferença (%) registrada do número de fixações entre as AOI

Nota: TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

No entanto, P01 e P11 possuem um número elevado de fixações no TT que comprometem os dados totais. Excluindo os dados dos dois participantes (*outliers*), o número de fixações ao TT (4808) é menor que o registrado no ST (5065), e a diferença entre o número de fixações registrado nas duas AOI é ainda menor, 5,34%.

Além disso, como mostrado na Tabela 20, observa-se que o CV corresponde a 37,73% no TT e a 17,34% no ST. No primeiro caso, a porcentagem elevada do coeficiente de variação indica que os dados se encontram dispersos e, portanto, trata-se de um conjunto heterogêneo. No segundo caso, a dispersão é menor e o conjunto é considerado homogêneo, confirmando que a característica de *outlier* dos dois participantes se encontra somente na área do TT. Para confirmar este dado, os dois participantes foram excluídos da amostra, e o resultado ficou configurado como mostrado na Tabela 21.

Tabela 21 - Desvio padrão e coeficiente de variação após exclusão de *outliers*

	ST	TT	T1	T2
DP	79,44175	83,51084	72,02946	63,22321
CV	18,82134	20,84297	66,28477	49,16905

Nota: DP = desvio padrão; CV=coeficiente de variação; TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2

Com a exclusão dos dois possíveis *outliers*, o CV diminuiu no TT, na T1 e na T2 e aumentou no ST. Nas áreas da T1 e T2, os números ainda apontam para a dispersão e heterogeneidade dos dados com valores bastante altos, o que significa que os dados oscilam de indivíduo para indivíduo. No TT, o CV passou de 37,73% para 20,84%, ou seja, o conjunto de dados considerado heterogêneo no primeiro caso passou a praticamente homogêneo no segundo. Como P01 e P11 somente são *outliers* considerando a área do TT, optou-se por mantê-los na amostra e prosseguir com os agrupamentos realizados de forma automatizada pelo R.

Na comparação dos dados entre as áreas de interesse, observa-se que, na maioria dos casos, há diferenças significativas, à exceção das combinações ST-TT e T1-T2 ($p > 0,05$). Nos outros casos, todas as diferenças são significativas, conforme mostrado na Tabela 22.

Tabela 22 - Resultados estatísticos referentes ao número de fixações

Combinações		Resultados	
ST-T1	$t(13) = 12,802$	$p = 0,000009583$	ST>T1
ST-T2	$t(13) = 13,6018$	$p = 0,000004587$	ST>T2
TT-T1	V = 0	$p = 0,0001221$ (TT np)	TT>T1
TT-T2	V = 0,	$p = 0,0001221$ (TT np)	TT>T2
ST-TT	V = 54	ns	ST<TT
T1-T2	$t(13) = 1,0018$	ns	T1<T2

Nota: nP = não paramétrico; ns=não significativo; TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

Novamente, os dados apontam para diferenças significativas entre as áreas do ST e do TT em relação às traduções prévias, ou seja, o número de fixações registrado no ST é muito superior ao número registrado nas duas traduções prévias, o mesmo ocorrendo na comparação entre o TT e as traduções T1 e T2. Em contrapartida, não há diferenças significativas entre o número de fixações registrado no ST em comparação com o TT e na T1 em comparação com a T2. O resultado parece indicar que as fixações de ST e TT, de um lado, e as de T1 e T2, de outro, podem ser da mesma natureza, o mesmo não ocorrendo na comparação ST[T1-T2] e TT[T1-T2].

Retomando a análise por agrupamentos (G1 e G2), observam-se os dados da Tabela 23.

Tabela 23 - Número médio de fixações por AOI – Grupo 1

	ST	TT	T1	T2	TOTAL
P03	448	562	111	132	1253
P06	483	335	261	222	1301
P07	350	341	199	197	1087
P09	452	496	164	164	1276
P11	452	714	171	120	1457
P12	430	366	88	126	1010
P14	369	350	48	85	852
TOTAL	2984	3164	1042	1046	8236
Média	426,2857	452	148,8571	149,4286	1176,571
DP	48,52049	145,1953	72,01719	47,63002	204,518
CV	11,38215	32,12285	48,38007	31,87478	17,38254

Nota: DP = desvio padrão; CV=coeficiente de variação; TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

Os valores da Tabela 23 mostram maior número médio de fixações no TT, seguido, nesta ordem, do ST, da T2 e da T1. Destaca-se o CV de 11,38% na área do ST, o qual aponta que o conjunto de dados é homogêneo. O mesmo ocorre quando da análise do número total dos dados, no qual a dispersão também é pequena (CV=17,38%). Isso pode ser entendido como um indicativo de que o comportamento dos participantes na área do ST foi mais padronizado que o registrado nas outras áreas. Outra interpretação pode ser aventada tomando por base os dados de ST: o fato de o conjunto de dados ser mais homogêneo nessa área pode significar que a leitura do ST, a princípio, foi parecida no G1, ou seja, a atenção visual dada ao ST pelos participantes do grupo foi bastante semelhante.

Contudo, os dados referentes à área do TT sofreram influência de P11, o qual apresenta registro superior de fixações comparados aos outros participantes (714). Ao excluirmos esse participante, o valor do CV no TT cai para 23,59%, diminuindo a dispersão do conjunto de dados, porém, mantendo-o dentro da faixa considerada como heterogênea (>20%).

Com relação ao grupo 2, foram extraídos os dados compilados na Tabela 24.

Tabela 24 - Número médio de fixações por AOI – Grupo 2

Participantes	ST	TT	T1	T2	Total
P01	417	916	24	25	1382
P02	300	352	63	45	760
P04	395	398	43	201	1037
P05	334	326	101	75	836
P08	407	320	65	68	860
P10	533	517	15	50	1115
P13	564	445	146	178	1333
TOTAL	2950	3274	457	642	7323
Média	421,4286	467,7143	65,28571	91,71429	1046,143
DP	96,68653	209,7846	45,68995	69,04519	245,1526
CV	22,94257	44,85315	69,9846	75,28292	23,43395

Nota: DP = desvio padrão; CV=coeficiente de variação; TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

Os números do grupo 2 (Tabela 24) representam maior dispersão dos dados em todas as AOI. No entanto, ainda que dispersos, semelhantemente ao ocorrido com o grupo 1 (Tabela 23), as áreas do ST e o Total (CV=22,9% e 23,4% respectivamente), embora com conjunto de dados heterogêneos, são as áreas com menos dispersão quando comparadas com as outras. próximos à homogeneidade. Nesse grupo se encontra o participante P01, considerado um *outlier*

anteriormente. O número médio de fixações desse participante é bem maior que os outros, o que pode ter impactado os resultados. Além da dispersão maior dos dados, o G2 se diferencia do G1 quanto às médias nas áreas da T1 e da T2: maior na T2 (91,71 contra 47,63) e menor na T1 (65,29 contra 72,01).

Estatisticamente, os resultados não apontaram diferenças significativas nas combinações ST-TT, T1-T2 e ST-T1 em ambos os grupos. Tampouco houve diferença significativa na combinação ST-T2 no G1. Porém, no caso das fixações, não houve diferenciação no número registrado ST e TT, como ocorreu com as visitas. Em contrapartida, os testes comparativos apontam diferenças significativas entre TT e as traduções prévias em ambos os grupos e entre ST-T2 no grupo 2. Os resultados estão dispostos na Tabela 25.

Tabela 25 - Resultados estatísticos referentes ao número de fixações intragrupos

Grupo 1			Grupo 2		
Combinação	Resultados		Combinação	Resultados	
TTST	$t(6) = -0,5133$	<i>ns</i>	TTST	$V = 16$	<i>ns</i>
T1T2	$t(6) = 0,0431$	<i>ns</i>	T1T2	$t(6) = -1,1213$	<i>ns</i>
TTT1	$t(6) = -4,9217$	$p = 0,002652$	TTT1	$V = 0$	$p = 0,01563$
TTT2	$t(6) = -4,7778$	$p = 0,00307$	TTT2	$V = 0$	$p = 0,01563$
STT1	$t(6) = 10,5949$	<i>ns</i>	STT1	$t(6) = 9,3483$	<i>ns</i>
STT2	$t(6) = 12,3588$	<i>ns</i>	STT2	$t(6)$	$p = 0,0001233$

Nota: TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2; nP = não paramétrico; ns=não significativo.

De acordo com a Tabela 25, os dados que apresentam diferenças significativas envolvem as combinações TT-T1 (G1 e G2) e ST-T2 (G2). Isso comprova que o número de fixações oscila de acordo com a AOI e com a intenção do participante quando se trata da sua própria tradução ou das traduções prévias. Enquanto no TT as fixações são mais numerosas, na T1 são menos, pois, como também foi averiguado quando da análise das transições, as fixações incidem sobre pontos específicos nessa área. Esse dado pode ser comprovado por meio da observação direta com a função *replay* do Tobii Studio, além da análise dos mapas de calor e *gaze plot*. Esses pontos são selecionados de acordo com o objetivo do participante, que, no caso, pode ser somente para contrastar sua tradução já efetivada, a mensagem já processada, com a(s) proposta(s) contida(s) na(s) tradução(ões) prévia(s).

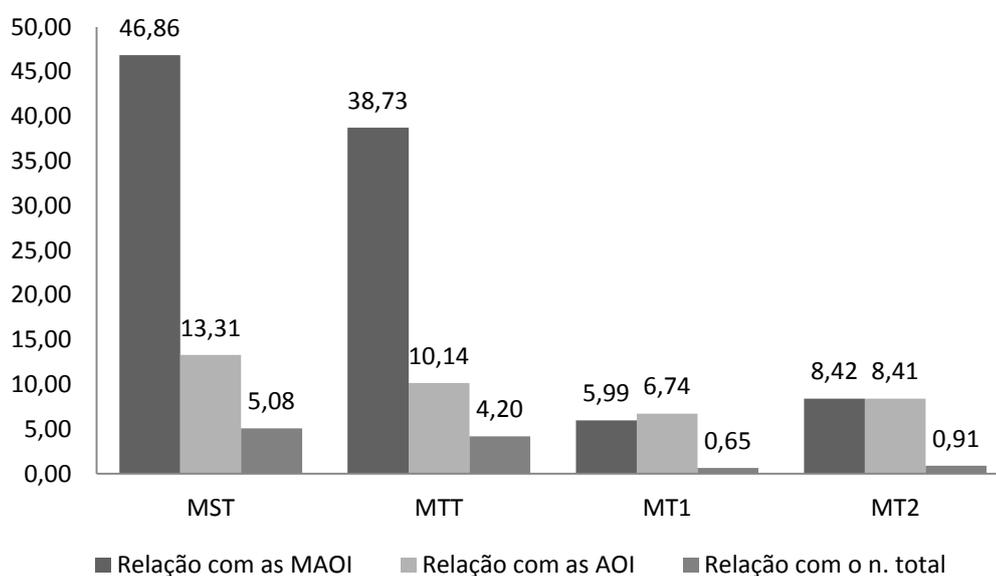
Não foram encontradas diferenças significativas intergrupais referente ao número de fixações, o que pode ser mais um indicativo de que não há perfis distintivos neste estudo. Na T1,

contudo, a diferença chegou muito próximo ao nível de significância ($p = 0,05575$), podendo haver alguma distinção entre os grupos.

4.2.3.1.1 As fixações nas microáreas de interesse (MAOI)

De um total de 15.559 fixações, 1686 foram registradas nas MAOI, ou 10,83% do total. A microárea do texto-fonte (MST) foi a que recebeu o maior número de fixações (790), seguida pela microárea do texto-alvo (MTT) com 653 fixações, e da MT2 e MT1 com 142 e 101 fixações, respectivamente. O comportamento registrado é inverso ao registrado nas grandes áreas, nas quais o TT possui maior registro de fixações que o ST. A microárea da tradução 2 (MT2) obteve mais registros que a microárea da tradução 1 (MT1). Relacionando a porcentagem de fixações registradas nas MAOI com a registrada nas grandes AOI e com o valor total de fixações, tem-se o resultado exposto no Gráfico 11.

Gráfico 11 - Porcentagem de fixações nas MAOI



Nota: MTT=microárea texto-alvo; MST=microárea texto-fonte; MT1=microárea tradução 1; MT2=microárea tradução 2.

A representação do Gráfico 11 mostra a porcentagem de fixações registradas nas MAOI e sua relação umas com as outras, com as AOI e com o número total de fixações. Observa-se que, em relação às próprias MAOI, a maioria das fixações foi registrada na MST (46,86%) e na MTT (38,73%), sendo que a MT2 e a MT1 tiveram número muito abaixo (8,42% e 5,99%,

respectivamente. Essa mesma configuração se repete com os valores registrados dentro das AOI com o número de fixações, os quais MT1 e MT2 possuem, respectivamente, 6,74% e 8,41% das fixações registradas nas suas respectivas AOI (T1 e T2). Com relação à MST e à MTT, 13,31% e 10,14%, respectivamente, são os percentuais registrados em relação ao número de fixações em cada AOI. A última configuração implica a relação com o registro total de fixações, cujos números apontam maior porcentagem de acesso à MST (5,08%) e à MTT (4,20%). A MT1 e a MT2 possuem porcentagens de acesso muito baixas, ou seja, 0,65% e 0,91%, respectivamente.

Ao comparar o número de fixações nas microáreas, observa-se que a diferença entre MST e MTT e entre MT1 e MT2 não são significativas. O resultado é o mesmo quando da análise das visitas. Todavia, a comparação entre as fixações registradas na MST e na MTT com aquelas nas microáreas das duas traduções prévias atinge o nível de significância, conforme mostra a Tabela 26.

Tabela 26 - Resultados estatísticos referentes ao número de fixações nas MAOI

Combinações		Resultados	
MST-MTT	$t(13) = 1,3307$	<i>ns</i>	MST>MTT
MT1-MT2	$t(13) = 0,0885$	<i>ns</i>	MT1<MT2
MST-MT1	$V = 105$	$p = 0,001088$	MST>MT1
MST-MT2	$V = 105$	$p = 0,0001221$	MST>MT2
MTT-MT1	$V = 0$	$p = 0,001094$	MTT>MT1
MTT-MT2	$V = 2$	$p = 0,0003662$	MTT>MT2

Nota: MTT=microárea texto-alvo; MST=microárea texto-fonte; MT1=microárea tradução 1; MT2=microárea tradução 2; ns=não significativo.

Uma possível interpretação dos dados tem relação com o tipo de fixação registrado. A falta de significância nas combinações MST-MTT e MT1-MT2 indica que há um padrão no comportamento dos participantes nessas microáreas e também repetem o mesmo resultado aferido com a variável número de visitas. Já nas outras comparações entre as MAOI, nas quais os resultados foram significativos, as fixações apresentam diferenças acentuadas. O número de fixações é maior na MST (790) que na MT1 (101) e na MT2 (142), o que é um dos indicativos de maior esforço cognitivo na primeira que nas outras. O mesmo ocorre com a MTT, cujo número de fixações é de 653, também superior aos valores registrados nas microáreas das traduções prévias. Os resultados ratificam os dados referentes às visitas, cujos valores também representam o privilégio ao ST e ao TT em detrimento das traduções prévias.

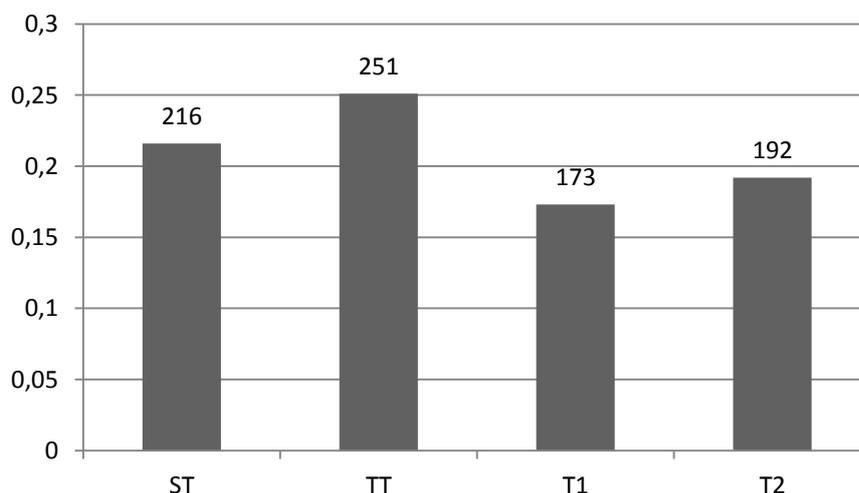
Isso também pode ser interpretado como maior esforço cognitivo na área do ST quando da resolução de problemas.

A duração das fixações é o tema da subseção seguinte.

4.2.3.2 Duração das fixações

As fixações duraram, em média, 208 milissegundos. A média de duração das fixações é maior no TT, seguido pelo ST, pela T2 e pela T1, nessa ordem. Essa sequência é a mesma encontrada quando da análise da duração das visitas, resultando em uma representação em que uma maior duração das visitas está ligada a uma maior duração das fixações. Semelhante ao ocorrido com os dados referentes ao número de visitas, a duração das fixações também foi maior, em média, no TT (251 ms) e no ST (216 ms). Com relação às traduções prévias, a T2 possui média superior à da T1 – 192 ms e 173 ms, respectivamente –, porém menor que aquela registradas no TT e no ST. Isso pode significar que o processamento cognitivo das traduções prévias também foi menos dispendioso em relação ao processamento do TT e do ST. As médias de duração das fixações podem ser mais bem visualizadas no Gráfico 12.

Gráfico 12 - Duração média das fixações por AOI (em milissegundos)



Nota: TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

Como a quantidade de fixações no TT é superior à quantidade de fixações registradas nas duas traduções prévias (cf. Tabela 20), o fato de que as médias de duração das fixações nas áreas das traduções prévias são inferiores àquelas no TT também é um indicativo de que há

maior esforço cognitivo quando do processamento do TT. Também é um indicativo favorável à hipótese de uso das traduções prévias direcionado à confirmação/contraste de informação já processada (total ou parcialmente).

Os dados referentes à duração das fixações mostram homogeneidade em todas as áreas, à exceção do TT, cujo valor do CV chega bem próximo da homogeneidade (21,6%), o que quer dizer que, dos quatro conjuntos de dados, o TT é o que mais sofre oscilações, entre participantes, na média de duração das fixações, conforme disposto na Tabela 27. Esse comportamento parece se justificar pelas diferentes atividades realizadas concomitantemente nessa área à descrição de cada participante, ou seja, digitação, monitoramento da tradução e revisão do texto produzido, além do processamento do texto em si, que ainda pode envolver os dilemas advindos das visitas às traduções prévias e suas diferentes interpretações.

Tabela 27 - Duração média das fixações por AOI e por participante (em milissegundos).

Participantes	ST	TT	T1	T2
P01	220	210	210	210
P02	250	260	170	170
P03	290	280	200	260
P04	240	200	160	170
P05	280	190	170	180
P06	260	240	220	220
P07	220	230	190	200
P08	300	250	210	220
P09	270	160	170	180
P10	180	180	110	160
P11	240	230	130	210
P12	350	240	200	220
P13	290	200	170	170
P14	130	160	110	120
Média	251,429	216,429	172,857	192,143
DP	54,329	36,712	35,826	34,681
CV	21,608	16,963	20,726	18,049

Nota: TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2; DP = desvio padrão, CV=coeficiente de variação.

Os resultados dos testes estatísticos, realizados a partir dos números constantes da Tabela 27, mostram diferença no nível de significância entre TT e ST ($p < 0,05$, $TT = 251 > ST = 216$), convergindo com as pesquisas cujos resultados comprovam que o processamento do TT gera mais esforço que o processamento do ST (JAKOBSEN; JENSEN, 2008; PAVILOVIĆ;

JENSEN, 2009). A relação do TT com as traduções prévias também apresenta resultados significativos, conforme dados exibidos na Tabela 28.

Tabela 28 - Resultados dos estatísticos referentes à variável duração das fixações

Combinação	Resultados	
ST-TT	$t(13) = 2,7656$	$p = 0,01605$
T1-T2	$t(13) = 1,0018$	<i>ns</i>
ST-T1	$t(13) = 5,0551$	$p = 0,0002205$
ST-T2	$t(13) = 3,7724$	$p = 0,002326$
TT-T1	$t(13) = 7,2171$	$p = 0,006776$
TT-T2	$t(13) = 5,3568$	$p = 0,0001305$

Nota: TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2; ns=não significativo.

Como exibido na Tabela 28, somente as áreas da T1 e da T2 não apresentam diferenças significativas entre si. Nas outras combinações entre áreas, ST[TT, T1 e T2] e TT[T1 e T2], todas as diferenças foram significativas. Esse resultado revela a distinção entre as fixações registradas no TT e no ST e entre as fixações registradas nessas áreas e nas traduções prévias, o que pode envolver a intenção do participante ao acessar uma área e parar, por mais ou por menos tempo, em determinada parte ou palavra, como ocorreu com as combinações ST-TT – onde TT tem média de duração da fixação maior que ST–, ST-T1, com $p < 0,05$ (ST = 216 > T1 = 172), ST-T2, ($p < 0,05$, ST = 216 > T2 = 192), TT-T1 ($p < 0,05$, TT = 251 > T1 = 172) e TT-T2, ($p < 0,05$, ST = 251 > T2 = 192).

Tal como ocorreu com a variável número de fixações e com as visitas, a relação de TT e ST com as traduções prévias gera dados cujas diferenças são significativas. Essas diferenças podem ser interpretadas, novamente, como comportamentos com características inerentes a cada AOI, diferenciando-as a partir da intenção do participante, intenção essa refletida no número e na duração de visitas e fixações. Os dados também caracterizam o processo de (re)tradução, privilegiando as áreas do TT e do ST, cujo processamento é mais dispendioso que o registrado nas áreas da T1 e da T2.

No que tange aos agrupamentos, o G1 também apresenta maior duração média de fixação no TT, seguido, nesta ordem, do ST, da T2 e da T1 (cf. Tabela 29).

Tabela 29 - Duração média da fixação por AOI e por participante do G1 (em milissegundos)

Participantes	ST	TT	T1	T2
P03	290	280	200	260
P06	260	240	220	220
P07	220	230	190	200
P09	270	160	170	180
P11	240	230	130	210
P12	350	240	200	220
P14	130	160	110	120
Média	251,429	220,000	174,286	201,429
DP	67,683	44,347	40,356	43,370
CV	26,919	20,158	23,155	21,531

Nota: TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2; DP = desvio padrão; CV=coeficiente de variação.

Os dados constantes da Tabela 29 convergem, na mesma ordem, com o número médio de fixações apresentado na Tabela 23. Trata-se de um conjunto de dados heterogêneo – embora com pouca dispersão, principalmente no ST (CV=20,16) – que indica maior esforço cognitivo no TT, cuja área possui maior duração média da fixação (251 ms).

O grupo 2 apresentou os dados dispostos na Tabela 30.

Tabela 30 - Duração média da fixação por AOI e por participante do G2 (em milissegundos)

Participantes	ST	TT	T1	T2
P01	220	210	210	210
P02	250	260	170	170
P04	240	200	160	170
P05	280	190	170	180
P08	300	250	210	220
P10	180	180	110	160
P13	290	200	170	170
Média	251,429	212,857	171,429	182,857
DP	42,594	30,394	33,877	22,887
CV	16,941	14,279	19,761	12,516

Nota: TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2; DP = desvio padrão; CV=coeficiente de variação.

Ao contrário do averiguado no G1, os dados do G2 são homogêneos em todas as áreas, conforme resultado do CV (Tabela 30), inferior a 20%. Isso significa que o G2 possui um comportamento mais homogêneo que o G1 no que tange à duração média da fixação, que foi

maior, também, no TT, seguida, nesta ordem, daquela do ST, da T2 e da T1. Há nos dois grupos analisados um padrão relacionado ao maior esforço cognitivo (*i.e.*, maior duração média da fixação), nesta ordem, no TT e no ST e ao menor esforço cognitivo na T2 e na T1.

Os testes estatísticos não apresentaram diferença significativa entre os grupos, ou seja, não há diferença no comportamento do olhar referente à duração das fixações entre G1 e G2 em nenhuma das AOI. Contudo, quando o objeto de comparação corresponde às áreas, os resultados retratam diferenças no nível de significância, como exposto na Tabela 31.

Tabela 31 - Resultados estatísticos inter e intragrupos referentes à variável duração das fixações

G1	Resultados	G2	Resultados
TTST	$t(6) = -1,4821; ns$	TTST	$t(6) = 2,4891; p = 0,04722$
T1T2	$t(6) = -2,3627; ns (p = 0,05607)*$	T1T2	$t(6) = 2,7495; p = 0,03331$
TTT1	$t(6) = 4,2339; p = 0,005476$	TTT1	$t(6) = 5,9471; p = 0,00101$
TTT2	$t(6) = -3,0349; p = 0,02295$	TTT2	$t(6) = -4,5155; p = 0,004037$
STT1	$t(6) = 3,3182; p = 0,01604$	STT1	$t(6) = 3,625; p = 0,01103$
STT2	$t(6) = 2,6354; p = 0,03878$	STT2	$t(6) = 2,7495; p = 0,03331$
Resultados da análise intergrupala			
	TT-G1G2	$t(6) = 0$	<i>ns</i> G1>G2
	ST-G1G2	$t(6) = 0,4167$	<i>ns</i> G1>G2
	T1-G1G2	$t(6) = 0,1262$	<i>ns</i> G1>G2
	T2-G1G2	$t(6) = 1,2229$	<i>ns</i> G1>G2

Nota: TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2; ns=não significativo; (*) próximo ao nível de significância.

Em todas as AOI, à exceção de TTST e T1T2 no grupo 1, os resultados apresentam diferenças significativas. Novamente, registra-se a diferença entre TT e ST, de um lado, e as traduções prévias, de outro, dado também registrado anteriormente nas variáveis número e duração de visitas e parcialmente na variável número de fixações. No caso da duração das fixações, TT e ST sempre possuem maior duração em comparação com as traduções prévias, indicativo de que o processamento dessas duas áreas demanda mais esforço cognitivo que o processamento das áreas das traduções prévias.

A configuração da relação número-duração das fixações está representada na Figura 26.

	Relação			
	Número de fixações		Duração das fixações	
	TT - ST	T1 - T2	TT - ST	T1 - T2
G1	>	<	>	<
G2	>	<	>	<
TOTAL	>	<	>	<

Figura 26 - Síntese/relação do comportamento do olhar referente às fixações (em número e em duração) por grupo e por AOI

Nota: TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2; G1=grupo 1; G2=grupo 2.

A Figura 26 resume e representa a relação entre o número de fixação e sua duração por grupo e por AOI. Tanto nos dados gerais como por grupo, o número de fixações é maior no TT em relação ao ST. Na relação T1-T2, o número de fixações é maior na T2. No que tange à duração, o TT também tem média de duração maior que o ST, e a T2 possui média superior de duração em relação à T1.

Os dados indicam que, no caso da relação de tradução ST-TT, um maior número médio de fixações relaciona-se com uma maior duração média, sendo que tanto número quanto duração apresentam valores superiores no TT, indicativo que o esforço realmente se encontra no TT. A configuração da relação entre número e duração das fixações na T1 e na T2 é a disposta na Figura 27.

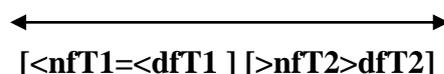


Figura 27 - relação número/duração das fixações T1-T2

Nota: T1=tradução 1; T2=tradução 2; nf=número de fixações, df=duração das fixações.

A Figura 27 representa a relação envolvendo as fixações entre as traduções que serviram de insumo na tarefa. A configuração revelada é a de menor número e duração de fixações na T1, ao passo que na T2 há um maior número e duração de fixações, seguindo o mesmo paradigma encontrado na relação TT-ST, na qual, há maior número e duração de fixações no TT.

Uma das explicações possíveis para tal fenômeno pode estar, novamente, no leiaute da tarefa, o qual contempla a produção de um texto em relação de tradução com outros três, sendo dois em língua vernácula e um em língua estrangeira. Ressalta-se que, semelhantemente ao ocorrido quando da análise de tempo e duração das visitas, o número e a duração das fixações nas áreas da T1 e da T2 são bastante inferiores aos registrados nas áreas do TT e do TS. Novamente, aponta-se a hipótese que classifica as traduções prévias como fonte de consulta, já que tanto os dados de visitas como os de fixações apontam para uma relação visual com o par TT-ST muito superior à relação imprimida nas traduções prévias. Esse comportamento do olhar também exprime que o processamento das traduções prévias demandou menor esforço cognitivo. Esse, por sua vez, pode ter sido menor devido ao fato de as traduções estarem em língua portuguesa e, principalmente, por não se tratar de um conteúdo novo para o participante, que, em regra, ao acessar as traduções prévias, já possui conhecimento prévio da mensagem por meio da leitura do ST e, em alguns casos, pelo seu processamento no TT.

A duração das fixações nas MAOI é o tema da subseção seguinte.

4.2.3.2.1 A duração das fixações nas microáreas de interesse (MAOI)

Nas MAOI, a média de duração das fixações apresenta alterações em relação à configuração revelada nas AOI. Enquanto nas grandes áreas a média maior se encontrava no TT (251 ms), nas microáreas o valor médio da duração na MST é quase o dobro do registrado na MTT, 430 ms e 240 ms, respectivamente. As microáreas das traduções prévias tiveram o registro de uma média de duração idêntica, ou seja, em ambos os casos, 150 ms, contrastando com os valores encontrados nas grandes áreas da T1 e da T2, 170 e 190 ms, respectivamente.

A diferença entre MST e MTT não alcançou o nível de significância ($p > 0,05$), o mesmo ocorrendo com as combinações: MST-MT1, MT1-MT2, MTS-MT2. Se por um lado as diferenças registradas nessas combinações não foram significativas, por outro o resultado alcança o nível de significância nas combinações MTT-MT1 e MTT-MT2, o que também revela um comportamento diferenciado nas referidas combinações.

Essa configuração na qual o número e a duração das fixações são superiores nas áreas do TT e do ST, contrastando com o de suas respectivas microáreas, nas quais MST possui número e duração médios de fixação superiores aos de MTT, indica que há uma inversão no comportamento do olhar referente a essas áreas. Enquanto no ST e no TT as fixações podem

ser fruto da intenção dos participantes em compreender a mensagem, de processá-la e de reelaborá-la para o TT, nas microáreas elas envolvem um problema de tradução e sua possível resolução, por isso, a atenção visual incide mais na microárea do ST. Nas microáreas situadas dentro das áreas da T1 e da T2, também se verifica a mesma tendência encontrada nas duas grandes áreas, ou seja, elas cumprem basicamente a função de consulta e conferência de uma informação já processada, o que pode explicar o fato de o ST e o TT (e suas respectivas microáreas) possuírem valores de fixações (número e duração) muito superiores aos das áreas da T1 e da T2 (e de suas respectivas microáreas).

A Tabela 32 e a Tabela 33 contêm os dados e os resultados dos testes estatísticos.

Tabela 32 - Resultados referentes à duração média das fixações por participante e por MAOI (em milissegundos)

Participantes	MST	MTT	MT1	MT2
P01	390	200	0	0
P02	540	270	180	0
P03	580	320	270	30
P04	390	240	180	160
P05	310	260	270	190
P06	510	220	230	230
P07	410	200	210	190
P08	520	320	90	0
P09	330	160	150	90
P10	370	160	140	170
P11	430	250	140	220
P12	550	300	20	180
P13	400	360	0	180
P14	300	120	0	120
TOTAL	6030	3380	1880	1760
Média	430,7143	241,4286	134,2857	125,7143
DP	93,18834	69,59853	98,19246	85,45933
CV	0,216358	0,288278	0,73122	0,67979

Nota: MTT=microárea texto-alvo; MST=microárea texto-fonte; MT1=microárea tradução 1; MT2=microárea tradução 2; DP = desvio padrão; DP = desvio padrão; CV=coeficiente de variação.

Tabela 33 - Resultados da comparação estatística

Combinação	Resultados		
MST-MTT	$t(13) = 9,6453$	<i>ns</i>	MST>MTT
MT1-MT2	$t(13) = 0,0885$	<i>ns</i>	MT1>MT2
MST-MT1	$t(13) = 10,1193$	<i>ns</i>	MST>MT1
MST-MT2	$t(13) = 8,552$	<i>ns</i>	MST>MT2
MTT-MT1	$t(13) = -3,2893$	$p = 0,005868$	MTT>MT1
MTT-MT2	$t(13) = -3,362$	$p = 0,005102$	MTT>MT2

Nota: MTT=microárea texto-alvo; MST=microárea texto-fonte; MT1=microárea tradução 1; MT2=microárea tradução 2; *ns*=não significativo.

De acordo com os dados da Tabela 32, nas microáreas das traduções, há cinco participantes em que o registro da média da duração da fixação é igual a zero, ou seja, não houve registro de fixações. Os valores podem ter influenciado no resultado do coeficiente de variação dos conjuntos de dados, tornando-os altos (63,72% e 63,71%). No entanto, esses dados refletem a diversidade do comportamento individual de cada participante; por isso, as diferenças encontradas entre MTT e MT1 e MT2 são estatisticamente significativas. Além disso, demonstram que o tratamento dado às MAOI, pelos participantes, também é diferenciado, seja não percebendo a diferença de interpretações constantes das traduções publicadas ou não foram registradas fixações exatamente naquele lugar nenhum problema de tradução (valores=0), seja percebendo e buscando resolver o problema. Mas, o que chama a atenção é que houve uma opção por uma das áreas (MT1 ou MT2), somente P01 não possui registro de fixações nas referidas microáreas. Ainda assim, os valores são muito inferiores aos registrados nas grandes áreas do TT (251 ms) e do ST (216 ms)

4.2.4 Conclusões acerca dos resultados extraídos a partir do rastreamento ocular

Os dados de rastreamento ocular revelam especificidades relativas à tarefa proposta neste estudo. Foi constatado que o acesso às AOI e o tempo em que os olhos permanecem nelas não é homogêneo. Tanto as visitas quanto as fixações apresentaram maior número e duração nas áreas do TT e do ST e valores bem inferiores nas áreas das traduções prévias. No caso das MAOI, é a MST que possui as maiores médias, dado indicativo de que o esforço cognitivo, quando da resolução de problemas, é maior no ST que no TT e nas traduções prévias.

Para averiguar se havia alguma correlação entre os dados de rastreamento ocular, realizou-se teste de correlação (teste de *Spearman's rho*) utilizando o programa SPSS. Para que haja correlação, o *sig.* deve possuir $p < 0,05$. Se assim for, observa-se o valor do coeficiente de correlação (ρ). Correlações muito fracas têm coeficiente de correlação (ρ) até 0,200; correlações fracas vão de 0,201 até 0,400; correlações moderadas vão de 0,401 até 0,600; correlações fortes vão de 0,601 até 0,800; correlações muito fortes vão até 0,999. A correlação perfeita seria 1,000, e nenhuma correlação seria 0,000. As correlações positivas são aquelas em que se uma variável aumenta a outra também aumenta; se uma diminui, a outra também diminui. Já as correlações negativas são do tipo: se uma variável aumenta, a outra diminui; se uma diminui, a outra aumenta. Nos testes de correlação, também foi incluída a variável tempo de duração da tarefa. Na Tabela 34 e na Tabela 35, apresentam-se os resultados somente dos casos em que houve correlação.

Tabela 34 - Resultados do teste de correlação para a variável visitas

Número de visitas			
AOI	Correlação com	Resultados	Tipo de correlação
TT	ST	$\rho = 0,895; p = 0,00$	Muito forte-positiva
ST	Total de visitas	$\rho = 0,916; p = 0,00$	Muito forte-positiva
T1	T2	$\rho = 0,643; p = 0,013$	Forte-positiva
T1	Tempo de execução	$\rho = 0,566; p = 0,035$	Moderada-positiva
Duração das visitas (média)			
AOI	Correlação com	Resultados	Tipo de correlação
TT	Média total	$\rho = 0,574; p = 0,032$	Moderada-positiva
ST	Média total	$\rho = 0,704; p = 0,005$	Forte-positiva
T1	Média total	$\rho = 0,788; p = 0,001;$	Forte-positiva
T2	-	-	-

Nota: TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2; ρ =coeficiente de correlação.

Tabela 35 - Resultados do teste de correlação para a variável fixações

Número de Fixações			
AOI	Correlação com	Resultados	Tipo de correlação
TT	Total de fixações	$\rho = 0,675; p = 0,008$	Forte-positiva
ST	Total de fixações	$\rho = 0,759; p = 0,002$	Forte-positiva
T1	T2	$\rho = 0,648; p = 0,012$	Forte-positiva
Duração das Fixações (média)			
AOI	Correlação com	Resultados	Tipo de correlação
TT	T2	$\rho = 0,586; p = 0,028$	Moderada-positiva
ST	T2	$\rho = 0,710; p = 0,004$	Forte-positiva
ST	T1	$\rho = 0,632; p = 0,015$	Forte-positiva
ST	Média total	$\rho = 0,885; p = 0,000$	Muito forte-positiva
T1	ST	$\rho = 0,632; p = 0,015$	Forte-positiva
T1	T2	$\rho = 0,811; p = 0,000$	Forte-positiva
T1	Média total	$\rho = 0,854; p = 0,000$	Muito forte-positiva
T2	TT	$\rho = 0,586; p = 0,028$	Moderada-positiva
T2	ST	$\rho = 0,710; p = 0,004$	Forte-positiva
T2	T1	$\rho = 0,811; p = 0,000$	Muito forte-positiva
T2	Média total	$\rho = 0,833; p = 0,000$	Muito forte-positiva
Tempo da tarefa	Média de duração de fixações	$\rho = 0,666; p = 0,009$	Forte-positiva

Nota: TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2; ρ =coeficiente de correlação.

Os resultados significativos expostos na Tabela 34 indicam que quem visita muito o TT tende a visitar muito o ST, ou seja, visitar o TT tem o impacto de ter que voltar ao ST. Indicam, ainda, que visitar muito o ST tem o impacto de ter maior número total de visitas. Com relação às visitas realizadas às áreas da T1 e da T2, observa-se que quem visita a T1 tende a visitar a T2, ou seja, há procura equilibrada pelas traduções prévias.

No que tange às fixações (Tabela 35), os resultados indicam que maior número de fixações no TT e no ST tem impacto no total das fixações, já que são as áreas que receberam maior número de fixações. Por outro lado, maior número de fixações na T1 implica maior número na T2. A correlação forte entre a média de duração das fixações e o tempo da tarefa parece indicar que o registro de fixações mais longas tem impacto no tempo total da tarefa.

As traduções prévias funcionaram como fonte de consulta e talvez tenham influenciado no tempo total de execução da tarefa. O fato é que elas não receberam a mesma atenção visual recebida pelo TT e pelo ST, o que converge com a ideia de que elas tiveram a função de fonte de apoio à tradução; portanto, o esforço cognitivo despendido nelas foi menor.

Na seção seguinte, são apresentados os dados referentes aos acionamentos do teclado e *mouse* e às fases do processo tradutório.

4.3 DADOS DE ACIONAMENTOS DE TECLADO (*KEY-LOGGING*)

4.3.1 Considerações iniciais

Nesta seção, são apresentados os dados referentes à coleta realizada com o Translog-II. Portanto, contemplam-se as seguintes variáveis, abordadas nesta ordem:

1. tempo – a duração total da tarefa e de suas fases de orientação, redação e revisão;
2. número e duração das pausas (iguais ou superiores a 2,4 s);
3. dados de acionamentos de teclas de produção e de eliminação (deletar, inserir...); e
4. dados de microunidades de tradução.

A variável tempo é o tema da subseção seguinte.

4.3.2 Dados temporais: tempos total e relativo de execução da tarefa

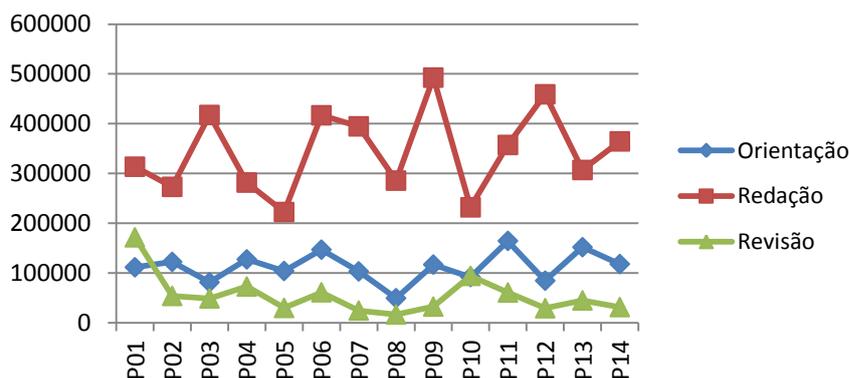
Os quatorze participantes levaram, aproximadamente, duas horas (7.157.246 ms) para executar a tarefa, sendo que, em média, cada participante despendeu aproximadamente 9 minutos (522.232 ms). A Tabela 36 apresenta, em ordem crescente, os resultados de duração total da tarefa por participante.

Tabela 36 - Duração total da tarefa por participante em ordem crescente (em milissegundos)

Part.	Duração.
P08	351205
P05	355839
P10	417489
P02	448815
P04	481450
P13	503259
P14	513399
P07	521855
P03	547205
P12	572336
P11	582055
P01	596251
P06	624519
P09	641569
TOTAL	7157246
Média	511231,9
DP	92237,53
CV	18,04221

Nota: DP = desvio padrão; CV=coeficiente de variação.

O conjunto de dados relativo à duração total da tarefa é homogêneo, o que significa que todos os tempos estão dentro da curva de normalidade. Da duração total da tarefa (7.158.246 ms), 1.572.285 milissegundos (21,95%) foram despendidos na fase de orientação, 4.815.721 milissegundos (67,29%) na fase de redação e 770.240 milissegundos (10,76%) na fase de revisão. As diferenças se realçam quando os tempos despendidos são analisados nas três fases do processo de (re)tradução, conforme disponível no Gráfico 13.

Gráfico 13 - Duração das fases do processo de redação por participante (em milissegundos)

Os tempos relativos à produção variam de acordo com cada participante. Observa-se que todos despenderam mais tempo na fase de orientação que na fase de revisão, exceto P01 e P10. Uns dedicaram bastante tempo à fase de orientação (P06, P11 e P13), outros, pouco (P03, P08 E P12). Em todos os casos, a fase de redação é a que consumiu maior tempo, dado já descrito em outras pesquisas processuais (ALVES, 2005; BRAGA, 2007; CARL, DRAGSTED, JAKOBSEN, 2012; JAKOBSEN, 2002, 2003).

Na comparação intergrupo, observa-se que o grupo 1 despendeu mais tempo para executar a tarefa que o grupo 2. Na Tabela 37, estão os tempos despendidos pelos grupos por fase do processo.

Tabela 37 - Dados de duração da tarefa por grupo e por fase do processo tradutório (em milissegundo)

Grupo 1	Orientação	%	Redação	%	Revisão	%
Subtotal	814167	20,34	2901340	72,48	287431	7,18
Média	116309,6	-	414477,1	-	41061,57	-
DP	30732,79	-	48771,22	-	15469,6	-
CV (%)	26,42326	-	11,76693	-	37,67416	-
Grupo 2	Orientação	%	Redação	%	Revisão	%
Subtotal	757118	24	1914381	60,69	482809	15,31
Média	108159,7	-	273483	-	68972,71	-
DP	32207,32	-	34811,35	-	52094,54	-
CV (%)	29,77756	-	12,72889	-	75,52919	-
TOTAL	1571285	21,95	4815721	67,28	770240	10,76

Nota: DP = Desvio padrão; CV=coeficiente de variação.

A Tabela 37 mostra que o conjunto de dados do grupo 1 é mais homogêneo que o conjunto do G2. Na comparação, o G2 possui quase que o dobro da dispersão dos dados na fase de revisão (CV=75,52%) comparado ao G1 (CV=37,67%), sendo também registrada dispersão na fase de orientação. Os testes estatísticos não apresentaram diferenças significativas em nenhum dos dois casos, mas os valores do CV sugerem que não há um padrão bem delimitado entre os participantes na fase de revisão. Esse resultado talvez tenha sido encontrado devido a características eminentemente idiossincráticas dos participantes, o que, por sua vez, impede o estabelecimento de um comportamento padronizado.

Analisando os dados percentuais, observa-se que do tempo total da tarefa, 72,48% foi despendido na fase de redação pelo G1, e 60,69% pelo G2 que, por sua vez, dedicou mais tempo à fase de orientação (24%) que o G1 (20,34). despendeu mais tempo na fase de redação

que o G2. Porém, é a fase de revisão que apresenta maior diferença, 7,18% do tempo despendido pelo G1 e 15,31% pelo G2. Esses valores podem significar que o G1 optou por revisar seu texto durante a fase de redação, enquanto o G2 o fez mais na fase de revisão.

Não obstante, o valor inferior a 20% do coeficiente de variação na fase de redação significa que essa fase é a que possui menos dispersão de dados – em outras palavras, é a fase cujo comportamento é mais padronizado. Na comparação dos valores concernentes à fase de redação, observa-se que o G1 é mais homogêneo que o G2 (CV=11,76% e 12,72%, respectivamente). Nesse caso, o resultado do teste T foi significativo ($P = 0,003381$). O Gráfico 14 e o Gráfico 15 ressaltam visualmente a disparidade entre os grupos.

Gráfico 14 - Duração da tarefa por fase do processo tradutório no G1

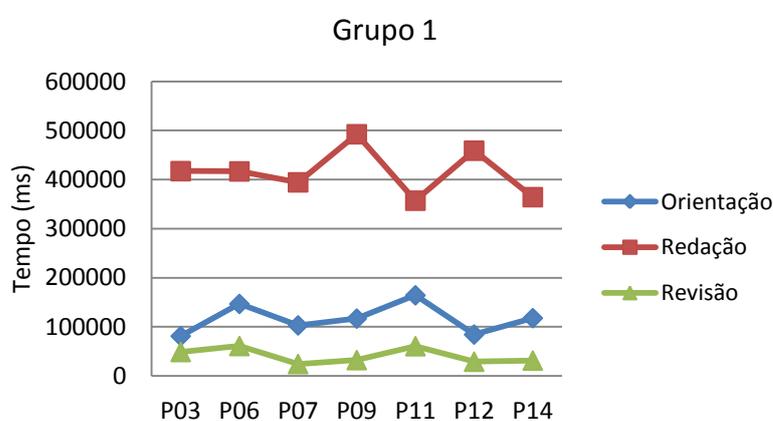
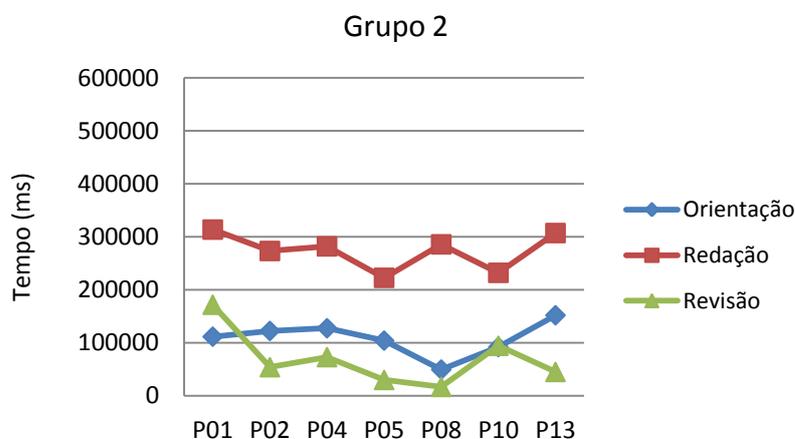


Gráfico 15 - Duração da tarefa por fase do processo tradutório no G2



O grupo 1 (Gráfico 14) apresenta certa homogeneidade entre as fases de orientação e revisão. Como pode ser observado, as linhas que representam as referidas fases seguem tendências

similares, ou seja, quando uma ascende, a outra também sobe, o inverso acontecendo quando os valores descendem. Em contrapartida, o grupo 2 (Gráfico 15) apresenta maior heterogeneidade. Carl *et al.* (2011) atribuem essa heterogeneidade, principalmente à fase de revisão e a diferenças pessoais de estilo. Há de se destacar, ainda, o padrão encontrado em todo G1 e na maioria dos participantes do G2, ou seja, valores superiores na fase de orientação e inferiores na fase de revisão, exceto em P01 e P10 no G2.

Os resultados dos testes estatísticos estão disponíveis na Tabela 38.

Tabela 38 - Resultados das diferenças estatísticas entre G1 e G2 referentes aos tempos total e relativo

Fases/ G1-G2	Resultados
Orientação	$t(6) = 0,4143; ns$
Redação	$t(6) = 4,6841; p = 0,003381$
Revisão	$t(6) = 1,3348; ns$
Total	$t(6), 2,6039; p = 0,04045$

Nota: G1=grupo 1; G2=grupo 2; ns=não significativo.

Em consonância com o que já foi relatado, o G1 despendeu mais tempo para executar a tarefa que o G2. A diferença de tempo despendido entre G1 e G2 é de 51,55%, se comparados no que diz respeito ao tempo relativo da fase de redação, e de 26,90%, se comparados no que diz respeito ao tempo total da tarefa. Em ambos os casos, observou-se, como já relatado, uma diferença no nível de significância entre os grupos no tempo despendido nessa fase ($t(6) = 0,4143, p < 0,05$) e no tempo total ($t(6) = 2,6039, p < 0,05$). A fase de redação, no caso deste estudo, compreende a produção da primeira versão completa do TT; contudo, ela abrange, também, as visitas realizadas às traduções, empreendidas principalmente nessa fase. O tempo de duração da tarefa pode estar ligado ao número e à duração das pausas, conforme abordado na subseção seguinte.

4.3.3 As pausas

Os dados acerca das pausas são aqui apresentados em duas partes: a primeira dedicada a elucidar os dados concernentes ao número; e a segunda, aos dados referentes à duração das pausas. Utilizou-se o registro mínimo de pausa de 2,4 segundos como padrão. Como já relatado neste trabalho, os participantes não tiveram acesso a fontes de consulta fora da tela

que compreende o leiaute da tarefa. Contudo, como também já foi relatado e averiguado com os dados de rastreamento ocular, o acesso às traduções é um diferencial quando se contrasta uma tarefa tradicional de tradução (com duas AOI: ST e TT) e a tarefa aqui proposta com quatro AOI. Esse acesso às AOI da T1 e da T2 podem gerar um aumento no número e na duração das pausas e deve ser considerado.

4.3.3.1 Número de pausas

Somando-se o número de pausas realizado nas fases do processo tradutório de todos os participantes, obtém-se o valor total de 348 pausas. Dessas, 14 (4,02%) foram dadas na fase de orientação, 294 (84,48%) na fase de redação e 40 (11,49%) na fase de revisão.

Na Tabela 39, estão disponíveis os dados referentes ao número de pausas por participante e por fase do processo tradutório.

Tabela 39 - Número de pausas por participante e por fase do processo tradutório

Participantes	Orientação	Redação	Revisão	TOTAL
P01	1	18	8	27
P02	1	16	3	20
P03	1	29	3	33
P04	1	19	5	25
P05	1	10	1	12
P06	1	28	4	33
P07	1	29	1	31
P08	1	13	1	15
P09	1	31	1	33
P10	1	16	2	19
P11	1	18	3	22
P12	1	27	1	29
P13	1	19	6	26
P14	1	21	1	23
TOTAL	14	294	40	348
Média	1	39,2	5,333	46,4
DP	0	6,644	2,213	6,746
CV	0	16,951	41,509	14,540

Nota: DP = Desvio padrão; CV=coeficiente de variação.

O resultado representado pelo coeficiente de variação (CV) mostra que o conjunto de dados totais não se encontra disperso; portanto, trata-se de um grupo homogêneo. O mesmo ocorre com os dados concernentes às fases de redação e de orientação. A fase de revisão apresenta heterogeneidade dos dados, já que alguns participantes utilizaram somente uma pausa nesta fase, o que pode denotar, inclusive, abdicação dela, como no caso de P05, P07, P08, P09, P12 e P14. Os números também realçam o impacto do comportamento individual de cada participante, já que, em alguns casos, alguns prescindiram de ler as traduções na fase de orientação, conforme dados do Quadro 16 apresentado mais adiante.

4.3.3.2 Duração das pausas

A duração das pausas, em média, foi maior na fase de redação, 148.571 ms, ou 47,07% do tempo total despendido com pausas, posteriormente na fase de orientação, 112.306 ms (35,58%), e na fase de revisão, cuja duração média foi de 54.778 ms, ou 17,35% do tempo total despendido com pausas. Esses valores são distintos dos valores apresentados acerca do número de pausas, os quais apontam menor número na fase de orientação em relação à fase de revisão. Esse dado se dá devido ao fato de a fase de orientação ser constituída por uma única pausa, cuja duração varia substancialmente, dependendo do comportamento individual dos participantes, já que uns optaram por ler todo o ST, outros optaram por ler, além do ST, as duas traduções completas, enquanto outros leram somente trechos dos três textos ou abdicaram de consultar as traduções nesta fase (cf. Quadro 16). Esses comportamentos diferenciados, geram pausas, na fase de orientação, com valores muito diferentes. Os valores médios da pausa, por fase do processo e por participante estão dispostos na Tabela 40.

Tabela 40 - Média de duração das pausas (em milissegundos) por participante e por fase do processo tradutório

Participantes	Orientação	Redação	Revisão	TOTAL
P01	111353	220166	195828	527347
P02	122118	103991	56659	282768
P03	82119	167655	93257	343031
P04	127187	79914	31995	239096
P05	103866	60636	29562	194064
P06	146734	230680	63056	440470
P07	103023	228868	18143	350034
P08	49249	72962	8253	130464
P09	116813	274433	25256	416502
P10	91650	75360	92056	259066
P11	164316	103959	78156	346431
P12	84381	148513	22402	255296
P13	151695	101681	43540	296916
P14	117781	211179	8736	337696
TOTAL	1572285	2079997	766899	4419181
Média	112306,1	148571,2	54778,5	315655,8
DP	30460,64	72398,33	49777,58	102711,8
CV	27,12288	48,72972	90,87066	32,53918

Nota: DP = desvio padrão; CV=coeficiente de variação.

Com base no exposto na Tabela 40, confirma-se a diferença entre os valores médios das pausas por participante na fase de orientação. Observe-se que os tempos médios de P11 e P13 (164.316 ms e 151.695 ms, respectivamente) possuem os maiores valores, enquanto P08, P03 e P12, (49.249 ms, 82.119 ms e 84.381 ms, respectivamente) possuem os menores. Essas diferenças também foram analisadas confrontando o tempo despendido na referida fase com os procedimentos realizados pelos participantes. A visualização desses procedimentos se deu por meio da função *replay* do Tobii Studio. Com a análise, os participantes foram reorganizados, com base nos tempos despendidos na fase de orientação, de forma crescente (Quadro 16). Paralelamente, ao lado de cada participante, disponibiliza-se uma breve descrição do processo realizado na fase em questão.

Quadro 16 - Tempo de duração da pausa na fase de orientação, por participante, e descrição do processo

Ordem	Participante	Tempo (ms)	Descrição do processo.
1º	P08	49.249	Começou a ler o ST e a traduzir imediatamente.
2º	P03	82.119	Leu parte do ST e parte das traduções e começou a traduzir.
3º	P12	84.381	Leu parte do ST e parte das traduções e começou a traduzir.
4º	P10	91.650	Leu o ST completo.
5º	P07	103.023	Leu parte do ST e parte das traduções prévias e começou a traduzir.
6º	P05	103.866	Leu parte do ST e parte das traduções prévias e começou a traduzir.
7º	P01	111.353	Leu o ST completo e as traduções prévias quase completas.
8º	P09	116.813	Leu o ST completo e as traduções quase completas.
9º	P14	117.781	Leu parte do ST e parte das traduções prévias e começou a traduzir.
10º	P02	122.118	Leu o ST completo.
11º	P04	127.187	Leu o ST completo e realizou consulta à T2.
12º	P06	146.734	Leu parte do ST e parte das traduções prévias e começou a traduzir.
13º	P13	151.695	Leu o ST completo e as traduções prévias completas.
14º	P11	164.316	Leu o ST completo e as traduções prévias completas.

Identifica-se, nos dados expostos no Quadro 16, que o tempo despendido por P11 é quase o dobro do tempo despendido pelo segundo participante mais rápido na fase de orientação (P03), e mais que o triplo do tempo despendido por P08, participante que praticamente abdicou dessa fase. Contudo, os comportamentos dos participantes são bastante distintos. Enquanto P08 – o participante mais rápido na fase de orientação – começa a ler o ST e paralelamente a traduzir, P11 somente inicia sua produção após ter lido todos os textos completos. O comportamento de P11 é também constatado na tarefa de P13.

Ainda com base nos dados do Quadro 16, destacam-se os comportamentos de P10 e P02. Ambos leram o ST completo e não acessaram as traduções, porém possuem tempos médios de duração diferentes. Essa diferença se justifica na forma como a leitura foi realizada pelos participantes. Enquanto P10 leu todo o texto e começou a traduzir ao terminar a leitura, P02 leu todo o texto e, antes de iniciar a produção, releu alguns trechos do ST, principalmente o primeiro parágrafo, fato que o fez despende mais tempo que P10 para iniciar a tradução.

Ainda com relação à fase de orientação, metade dos participantes optou por ler o ST completo, seja de forma isolada, seja concomitantemente com as traduções prévias. A outra metade optou por ler somente trechos do ST. Geralmente, os trechos lidos antes do início da fase de redação são os primeiros parágrafos do ST e de uma ou das duas traduções prévias. Somente três participantes não leram as traduções prévias durante a fase de orientação (P02, P08 e P10).

Analisando os dados de duração da pausa na fase de orientação por grupos de participantes, obtêm-se as informações da Tabela 41.

Tabela 41 - Duração média da pausa na fase de orientação por grupos de participantes

Grupo 1	Tempo (ms)	%	Ordem	Grupo 2	Tempo (ms)	%	Ordem
P03	82119	23,94	2	P01	111353	21,12	7
P06	146734	33,31	12	P02	122118	43,19	10
P07	103023	29,43	5	P04	127187	53,19	11
P09	116813	28,05	8	P05	103866	53,52	6
P11	164316	47,43	14	P08	49249	37,75	1
P12	84381	33,05	3	P10	91650	35,08	4
P14	117781	34,88	9	P13	151695	51,09	13
Média	116452	-	-	Média	108159	-	-
DP	30543	-	-	DP	32207	-	-
CV(%)	26,22	-	-	CV (%)	29,77	-	-

Nota: DP = desvio padrão; CV=coeficiente de variação; ms=milissegundos.

Os dados da Tabela 41 mostram maior dispersão dos dados no G2 na comparação com o G1, o que significa que o comportamento dos participantes, intra e intergrupos, foi bastante heterogêneo. Os últimos e os primeiros colocados no *ranking* de menor e maior duração da pausa na fase de orientação estão em ambos os grupos, 2º e 14º no G1 e 1º e 13º no G2. Porém, as diferenças na duração das pausas entre os dois grupos não são significativas ($t(6)$, $p > 0,05$).

Passando à fase de revisão, os participantes despenderam com pausas um tempo de 2.079.997 ms, o que corresponde a 17,35% do tempo total das pausas registradas em todas as fases. Reportando-se à Tabela 40, observa-se que o valor do coeficiente de variação referente a essa fase é o maior entre todas as fases (90,87%), o que indica alta heterogeneidade dos dados e, conseqüentemente, dos comportamentos na fase de revisão. Estruturalmente, os dados também foram organizados em ordem crescente do tempo médio despido em pausas. O Quadro 17 traz os valores e uma breve descrição, por participante, do processo envolvido na fase de revisão.

Quadro 17 - Duração da pausa na fase de revisão, por participante, e descrição do processo

Ordem	Participante	Tempo (ms)	Descrição do processo
1º	P08	8.253	Praticamente não realizou. Não houve correções.
2º	P14	8.736	Realizada principalmente no TT com poucos acessos às traduções prévias. Houve correções.
3º	P07	18.143	Realizada somente no último parágrafo. Não houve correções.
4º	P12	22.402	Realizada somente na parte final do último parágrafo. Consultou a T2. Não houve correções
5º	P09	25.256	Realizada somente na última frase e parte do primeiro parágrafo, com consultas rápidas às traduções prévias e ao ST. Não houve correções.
6º	P05	29.562	Realizada somente no TT. Houve poucas correções
7º	P04	31.995	Realizada no TT, comparando-o ora com o ST, ora com as traduções prévias. Leu todo o TT. Fez correções e alterações.
8º	P13	43.540	Realizada principalmente no TT. Houve correções. Leu todo o TT.
9º	P02	56.659	Realizada levando em consideração o TT e ST com consultas rápidas às traduções prévias. Leu todo o TT. Não houve correções.
10º	P06	63.056	Realizada entre TT e ST com acessos às traduções prévias. Houve correções.
11º	P11	78.156	Realizada principalmente no TT com acessos às traduções prévias e ao ST. Houve correções. Leu todo o TT.
12º	P10	92.056	Realizada entre TT e ST com consultas rápidas às traduções prévias. Leu todo o TT. Não houve correções.
13º	P03	93.257	Realizada no TT. Fez alterações. Durante a revisão, perguntou se podia revisar e se podia corrigir.
14º	P01	195.828	Realizada principalmente entre TT e ST com acesso mínimo às traduções prévias. Houve correções e alterações.

Neste estudo, as correções correspondem às retificações de digitação, espaçamento etc. As alterações dizem respeito a mudanças na estrutura do texto, como: troca de itens lexicais por outros, mudanças de tempos verbais e mudanças na ordem da oração.

Similarmente aos dados referentes à pausa na fase de orientação, na fase de revisão P08 também foi o participante que despendeu menos tempo, Porém, ele praticamente abdicou da revisão, não releu nem partes do TT nem o comparou com quaisquer dos outros insumos, tampouco realizou correção ou alteração.

Já P01, participante que apresentou mais tempo na fase de revisão, releu completamente o TT paralelamente a outra leitura do ST. Quase não acessou as traduções prévias e executou algumas correções e alterações. Na fase de orientação, P01 leu o ST completo e as traduções quase que completamente (foi o 7º a demandar mais tempo na fase de orientação). P11, participante que mais demandou tempo na fase de orientação, por ter lido os três textos completos, na fase de revisão também foi um dos que mais despendeu tempo com pausas

(11°), relendo todo o TT e efetuando comparações com as traduções prévias e com o ST, além das correções realizadas no TT.

Tanto na fase de orientação como na fase de revisão, a atenção da maioria dos participantes recai mais no TT e no ST (no caso da orientação). As traduções cumprem, mais uma vez, o papel consultivo, ou seja, de auxílio na interpretação da mensagem a ser processada ou quando da confirmação/contraste da mensagem já expressa (escrita). De certo modo, essa informação vai ao encontro dos resultados obtidos com o rastreamento ocular, os quais apontam maior atenção visual no TT e no ST em detrimento das traduções prévias.

Analisando os dados de duração da pausa, na fase de revisão, por grupos de participantes, têm-se as informações da Tabela 42.

Tabela 42 - Duração média da pausa na fase de revisão por grupos de participantes

Grupo 1	Tempo (ms)	%	Ordem	Grupo 2	Tempo (ms)	%	Ordem
P03	93.257	27,19	13	P01	195.828	37,13	14
P06	63.056	14,32	10	P02	56.659	20,04	9
P07	18.143	5,18	3	P04	31.995	13,38	7
P09	25.256	6,06	5	P05	29.562	15,23	6
P11	78.156	22,56	11	P08	8.253	6,33	1
P12	22.402	8,77	4	P10	92.056	35,53	12
P14	8.736	2,59	2	P13	43.540	14,66	8
Média	44.143,71	-	-	Média	65.413,29	-	-
DP	33.381,17	-	-	DP	63.169,49	-	-
CV	75,61	-	-	CV	96,56	-	-

DP = desvio padrão; CV=coeficiente de variação.

Consoante a Tabela 42, os dados de ambos os grupos estão muito dispersos, com maior dispersão dos dados no G2 que no G1, o que significa que o comportamento dos participantes, intra e intergrupos, na fase de revisão também é bastante heterogêneo. Similarmente, esse dado foi aferido quando da análise da duração da pausa na fase de orientação. Os últimos e os primeiros colocados no *ranking* de menor e maior duração da pausa na fase de revisão, tal como ocorreu na fase de orientação, também se encontram em ambos os grupos, 2° e 13° no G1 e 1° e 14° no G2. O resultado do teste de normalidade Shapiro Wilk, referente aos valores médios da pausa no G2, aproximou-se do nível de significância ($P = 0,0518$), ou seja, o conjunto de dados quase chega a ser não paramétrico. Apesar disso, as diferenças registradas entre os dois grupos não atingiram o nível de significância ($t(6), p > 0,05$).

Por ser a fase em que há o maior registro de pausas (84,45%), a fase de redação é a última a ter os dados de duração das pausas analisados nesta tese. Foi registrado um tempo total de 2.079.997 ms despendidos com pausas nessa fase, ou 47,07% do tempo total despendido com pausas em todas as fases, ou 29,06% do tempo total despendido (pausas e escrita) em todas as fases. Do tempo total despendido na fase de redação, 43,19% foi demandado por pausas. Essas porcentagens se dão devido ao formato da tarefa, a qual contempla três textos de insumo. Esse leiaute faz com que a intenção do participante seja diferenciada quando do acesso às diferentes AOI, incidindo na duração das pausas em cada uma das fases – em especial, na fase de redação. A Tabela 43 traz os dados organizados por participante e em ordem crescente.

Tabela 43 – Duração das pausas na fase de redação por participante e em ordem crescente

Ordem	Part.	Tempo (ms)
1°	P05	60636
2°	P08	72962
3°	P10	75360
4°	P04	79914
5°	P13	101681
6°	P11	103959
7°	P02	103991
8°	P12	148513
9°	P03	167655
10°	P14	211179
11°	P01	220166
12°	P07	228868
13°	P06	230680
14°	P09	274433
TOTAL		2079997
MÉDIA		148571,2
DP		72398,33
CV		48,730

Nota: DP=desvio padrão; CV=coeficiente de variação

Observa-se que P08, que antes ocupava o primeiro lugar tanto na fase de orientação como na de revisão, agora ocupa o segundo lugar, ou seja, foi o segundo participante mais rápido na fase de redação (72962 ms). Em primeiro lugar está P05, que ocupou o sexto lugar tanto na fase de orientação como na de revisão. Do primeiro ao sétimo lugar está a maioria dos participantes que leram todo o ST na fase de orientação, à exceção de P08, o que pode ser um

indicativo de que a leitura do ST na fase de orientação incidu no tempo das pausas na fase de redação.

Retomando as análises nos agrupamentos, observa-se que os participantes estão distribuídos menos heterogeneamente nos grupos, principalmente G1 (CV=29,74%), nessa fase que nas outras, conforme dispõe a Tabela 44.

Tabela 44 - Duração das pausas na fase de redação por grupos de participantes

Grupo 1	Tempo (ms)	%	Ordem	Grupo 2	Tempo (ms)	%	Ordem
P03	167.655	48,87	9	P01	220.166	41,75	11
P06	230.680	52,37	13	P02	103.991	36,78	7
P07	228.868	65,38	12	P04	79.914	33,42	4
P09	274.433	65,89	14	P05	60.636	31,25	1
P11	103.959	30,01	6	P08	72.962	55,93	2
P12	148.513	58,17	8	P10	75.360	29,09	3
P14	211.179	62,54	10	P13	101.681	34,25	5
Média	195.041	-	-	-	102.101	-	-
DP	58.006,76	-	-	-	54.342,84	-	-
CV	29,7408	-	-	-	53,22437	-	-

Nota: DP = desvio padrão; CV=coeficiente de variação.

Dos quatorze participantes, estão no G2 os que despenderam menos tempo com pausas (do 1º ao 5º, o 7º e o 11º lugares), enquanto no G1 estão os últimos três, convergindo, assim, com os dados de duração das fases, que apontam o G1 como mais lento que o G2. Similarmente ao ocorrido com a duração da fase de redação, para a qual os resultados estatísticos foram significativos, na comparação dos tempos despendidos em pausas nessa mesma fase as diferenças também apresentam resultados no nível de significância ($v=26$, $P = 0,04688$, $G1=195.041$ ms > $G2=102.101$ ms). Esse resultado revela que os dois grupos atuaram de forma diferente na fase de redação e que, como já foi mencionado, possui a maior porcentagem de duração de pausas de todas as fases.

Sobre os diferentes tipos de pausas, Sekino (2015), investigando processos de tradução e pós-edição, adota pausas de 1 s, 3 s e 5 s para as segmentações. Apesar de não ter encontrado diferenças significativas entre os grupos estudados no que diz respeito às pausas de 5 s, a autora afirma que não é possível saber o que ocorre durante essas pausas, momento em que os participantes realizam “a leitura de um longo trecho com a busca de apoio interno” (SEKINO, 2015, p. 116). Apesar de estarmos de acordo com a autora acerca da necessidade de se

investigar a natureza dessas pausas longas, cabendo a novas pesquisas revelar outras características inerentes a esse tipo de pausa, optou-se por manter a valor padrão de 2,4 segundos.

De todo modo, é importante que se realize uma análise acerca dos procedimentos observáveis adotados pelos participantes durante as pausas. Essa análise se tornou possível com a mesma metodologia empregada para averiguar os procedimentos dos participantes ao pausarem nas fases de orientação e revisão. Por meio da observação direta do processo dos participantes com a função *replay* do Tobii Studio, foram catalogados diferentes procedimentos, executados nos momentos em que não havia processo de escrita. Dessa forma, são passíveis de observação direta pausas com os seguintes objetivos: i) realizar transições entre as AOI (TT-ST-T1-T2); ii) realizar transições dentro da AOI; iii) corrigir palavras mal grafadas; iv) ler trechos; v) reler trechos; vi) reeditar trechos. Todas essas finalidades trazem outros objetivos implícitos, por se tratarem de processamentos eminentemente cognitivos e, portanto, não passíveis de observação direta. Contudo, as finalidades das pausas imprimidas durante a fase de redação são as mais comuns, como correção de digitação, por exemplo. Para exemplificar as diferentes finalidades da pausa, ou tipos de pausa, apresenta-se na Figura 28 um exemplo extraído de P09. O trecho em questão é o seguinte: “fazíamos a limpeza pela manhã, **levantando-nos** às sete (...)”. O termo destacado é sobre o qual incide algum tipo de problema/resolução que leva o participante a interromper o fluxo de escrita.

1- (...) amos a limpeza pela manhã, levata[Back][Back]ntá [**pausa 1**(21697)]
 2-vamos [Back][Back][Back][Back]-mos[Back] [**pausa 2** (8862)]
 3-Back][Back]nos [Back] [**pausa 3** (7908)]
 4-[Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back]ando- [**pausa 4** (6427)]
 5 -nos as s (...)

Figura 28 - Representação linear com pausas de diferentes tipos durante a tradução de P09

Identificam-se, na Figura 28, quatro pausas, todas ligadas à tradução da palavra em espanhol “*levantándonos*”. Observando o processo de tradução da palavra, por meio da função *replay* do Tobii Studio, nota-se o dilema vivido sobre que tempo verbal utilizar, já que é comum, em narrativas em português, o emprego do pretérito imperfeito. Inferimos, ainda, a possibilidade de dúvida acerca da grafia do verbo, tendo em vista que a pausa 1 ocorre concomitantemente a uma grande fixação na referida palavra. Por se tratar da mais longa entre as quatro, infere-se

que a pausa 1 foi dada com, pelo menos, dois propósitos: de correção ortográfica, embora equivocada, que gerou o termo “*levantáva-mos*” (linha 2); e de escolher o tempo verbal, no caso, o imperfeito do indicativo. Não satisfeito, talvez por ter estranhado algo no termo, o participante dá uma segunda pausa (pausa 2), com a qual consulta as duas traduções e troca a terminação “mos” (linha 2) pelo pronome “nos” (linha 3). Retorna às traduções (pausa 3) e resolve mudar o tempo verbal, deixando-o no gerúndio como no ST (linha 4). Dá mais uma pausa (pausa 4) e inclui o pronome “nos” em ênclise, tal como está na T1 localizada à esquerda.

Com esse exemplo, observa-se que existem diferentes intenções ao se interromper o fluxo de escrita. As pausas trazem consigo diversas características, de acordo com sua finalidade. Hansen (2002) identifica, pelo menos, quatro tipos de pausa: de orientação, de controle, internas e de monitoramento. A pausa 1 da Figura 28, por exemplo, acumulou, minimamente, duas finalidades, a correção ortográfica e a decisão de que tempo verbal utilizar. As pausas 2 e 3 incluem visitas às traduções para averiguar como o problema em questão foi resolvido, e a pausa 4, também incluindo uma visita à T1, confirma o “produto final” e parte para a próxima microunidade.

O conjunto das quatro pausas acumulam diferentes propósitos e necessidades, todas ligadas à tradução da palavra “*levantándonos*”, que, por sua vez, tem relação com todo o trecho da descrição do que as personagens faziam até a hora do almoço. As intenções aqui descritas são as passíveis de observação; porém, por trás dessas intenções secundárias, existem outras, que envolvem desde a decodificação da mensagem até sua expressão em um complexo sistema de detecção e resolução de problemas de tradução.

4.3.4 Teclas acionadas (*logged keys*)

A produção do texto final requer um esforço técnico que se revela nos acionamentos das teclas do computador. O Translog-II, em sua versão Supervisor, disponibiliza em sua régua de instrumentos o item *statistics*. Essa função disponibiliza dados acerca das teclas acionadas em duas categorias: *insert* e *delete*. Com essas informações, pode-se averiguar o esforço técnico dos participantes, além da recursividade. As informações sobre os acionamentos de teclas estão na Tabela 45.

Tabela 45 - Dados de acionamentos de teclas (Ins/Del.)

Grupo 1	Ins.	%	Del.	%	Subtotal	Grupo 2	Ins.	%	Del.	%	Subtotal	TOTAL
P03	578	91,46	54	8,54	632	P01	634	87,21	93	12,79	727	1359
P06	543	97,49	14	2,51	557	P02	599	93,01	45	6,99	644	1201
P07	587	91,72	53	8,28	640	P04	593	91,65	54	8,35	647	1287
P09	643	84,61	117	15,39	760	P05	587	94,22	36	5,78	623	1383
P11	638	85,18	111	14,82	749	P08	580	93,40	41	6,60	621	1370
P12	677	82,86	140	17,14	817	P10	584	91,11	57	8,89	641	1458
P14	560	96,22	22	3,78	582	P13	554	91,72	50	8,28	604	1186
Subtotal	4226	89,21	511	10,79	4737	Subtotal	4131	91,66	376	8,34	4507	9244
Média	603,71	89,21	73,00	10,79	676,71	Média	590,14	91,66	53,71	8,34	643,86	2311,00
DP	49,38	-	49,52	-	98,73	DP	24,04	-	18,79	-	39,74	100,20
CV	8,18	-	67,83	-	14,59	CV	4,07	-	34,99	-	6,17	4,34

Nota: Ins.=inserção; Del=deleção; DP = desvio padrão; CV=coeficiente de variação.

Os testes de normalidade de Shapiro Wilk aplicados aos valores referentes a todos os participantes apontam para a normalidade dos dados, tanto de inserção como de deleção ($p > 0,05$). Nota-se, nas informações constantes da Tabela 45, que o CV é baixo no que concerne aos dados de inserção, porém maior quando o conjunto de dados analisado é o de deleção. Isso se dá, principalmente, no G1, no qual as porcentagens de deleção são, em média, superiores aos do grupo 2 (10,79 contra 8,34). Porém, na realização dos testes paramétricos (T pareado), não foi encontrada diferença significativa entre os grupos em nenhuma das variáveis. Dessa forma, observa-se que os grupos são homogêneos do ponto de vista da inserção, ou seja, que se insere é praticamente o mesmo tanto, mas o que se deleta, que tem a ver com indecisão e tomada de decisão, é o que varia entre os participantes.

4.3.5 As microunidades de tradução (Micro UT)

Tendo por perspectiva o conceito de unidades de tradução voltado para o processo, partimos da premissa que uma UT (macro) é formada por outras microunidades. As microunidades, por sua vez, são divididas de acordo com a duração da pausa mínima de 2,4 segundos, ou seja, a cada pausa nesse valor ou mais é gerada uma microunidade que se relaciona com a macrounidade. A seguinte tabela apresenta os dados quantitativos referentes ao número de microunidades de tradução produzidas.

Tabela 46 - Dados quantitativos relativos às microunidades de tradução

Grupo	Participante	Dur. Tarefa em ms	Micro UT	Ins.	Del.	Total Teclas	Ranking teclas
2	P08	351.205	13	580	41	621	4
2	P05	355.839	10	587	36	623	5
2	P10	417.489	17	584	57	641	8
2	P02	448.815	18	599	45	644	9
2	P04	481.450	24	593	54	647	10
2	P13	503.259	25	554	50	604	3
1	P14	513.399	22	560	22	582	2
1	P07	521.855	29	585	53	638	7
1	P03	547.205	32	578	54	632	6
1	P12	572.336	29	677	140	817	14
1	P11	582.055	20	638	11	649	11
2	P01	596.251	26	634	93	727	12
1	P06	624.519	31	543	14	557	1
1	P09	641.569	33	643	117	760	13
TOTAL		7.157.246	329	8.355	787	9.142	-
Média		511.232	24	597	56	653	-
DP		92237,53	7,165623	38,01048	37,09692	69,80522	-
CV		18,042	30,492	6,369	65,992	10,690	-

Nota: Ins.=Inserção; Del=Deleção. DP=Desvio padrão; CV=Coefficiente de variação

A Tabela 46 apresenta os dados de registro de teclado e *mouse*. Estão contemplados, além dos participantes e grupo ao qual eles pertencem, tempo de duração da tarefa, número de microunidades de tradução, número total de teclas acionadas e teclas de inserção e deleção e, na última coluna, colocação no *ranking* de acionamentos de teclas. Consoante Tabela 46, os seis primeiros participantes que concluíram a tarefa em menor tempo são do grupo 2, e dos sete que demandaram mais tempo para a conclusão da tarefa, seis são do grupo 1. Os dois participantes que menos acionaram teclas (P08 e P14) e que mais acionaram teclas estão no grupo 1 (P09 e P12), o que realça as diferenças pessoais dentro do referido grupo, principalmente na fase de redação. Com relação ao número de microunidades, os quatro participantes que menos micro UT produziram são do G2: P05, P08, P10 e P02, com 10, 13, 17 e 18 micro UT, respectivamente. E os cinco com maior número de microunidades são do G1; P09 (33 micro UT), P03 (32), P06 (31), P07 (29) e P12 (29). Esses dados são condizentes com os de duração da tarefa: uma maior ocorrência de segmentação está relacionada com um maior número de pausas e, conseqüentemente, incide no tempo de duração total da tarefa –

P08, menor tempo de execução da tarefa (352,205 ms) e menor número de micro UT (13), e P09 com maior tempo de execução da tarefa (641.659 ms) e maior número de micro UT (33), Esses dados revelam a relação entre o processamento da mensagem e sua expressão, envolvendo, nesta última, todo o movimento recursivo e de cunho técnico, ou seja, o relacionado ao processo de interpretação (ST, T1 e T2) e reexpressão (TT), no primeiro caso, e o referente à capacidade técnica do participante relacionada ao manuseio do teclado, no segundo (a expressão). Esses dados também estão ligados aos relacionados à pausa, já que ela é o principal critério para a segmentação das micro UT. Nota-se, ainda, que quanto maior a segmentação, maior o dispêndio de tempo na execução da tarefa, conforme mostrado na Tabela 46.

Com vistas à análise das microunidades produzidas, os quadros a seguir trazem as representações lineares dos quatro participantes com o menor número de micro UT e os quatro com maior registro de micro UT. O Quadro 18 traz os dados de P05, participante com o menor número de micro UT.

Quadro 18 - Processo e segmentação textual de P05

MU	Representação linear	Pausa	Início	Fim	Dur.	Ins.	Del.
1	Gostaá[Back][Back]ávamos da casa porque, alémd e[Back][Back] [Back][Back] de espaçosa e antiga, gusrdava as lembranças n[Back]de nossos bisavós, o avôo[Back] paterno, nossa[Back]os pais e de toda a nos [Back][Back]ssa infÊncia. [Back][Back][Back][Back][Back][Back]ância.[Return]E	0	8315	157124	148809	168	17
2	[Back]u e Irene nos acostumano[Back][Back]mos a	2433	157125	174518	17393	30	3
3	persistir sozinhos nela, o que era uma loucura, ← [Back] - [Ctrl+←] [Ctrl+←] [Ctrl+←] [Ctrl+←] [Ctrl+←] [Ctrl+←] ← [Back] -[End]pois na casa op[Back][Back]poderiam viver oito pessoas sem aperto.	8065	174519	212191	37672	108	4
4	F	2543	212192	216794	4601	2	0
5	azíamos a limpeza pela manhã, levantando Às [Back][Back][Back][Back] Às [Back][Back][Back]às sete,	3989	216795	240085	23290	58	7
6	e, por volta das onze horas,e	6006	240086	250272	10186	29	0
7	eu deixava para Irene os últimos quartos	6115	250273	273623	23350	40	0
8	e partia para a cozinha. al[Back][Back]Almoçávamos por volta de	1599 0	273624	290097	16473	52	2
9	[Ctrl+←] [Ctrl+←] [Ctrl+←] sempre pontualmente ↓ meio-doa[Back][Back]ia;	2527	290098	305590	15492	33	2
10	já não nos restava nada por fazer, a não ser alguns pratos sujos.	5772	305591	326259	20668	66	1

Nota: MU=microunidade de tradução; Ins.=inserção; Del.=deleção; Dur.=duração.

Observa-se, no Quadro 18, que o processo de P05 se caracteriza pelo fluxo de produção textual e pela relação que o participante estabeleceu entre o ST e o TT, praticamente sem acessos às traduções prévias. As teclas de deleção foram acionadas principalmente para correções de digitação e não para revisão de sentido ou resolução de problemas de tradução. A fase de orientação de P05 se caracterizou pela leitura de todo o ST e de partes das traduções prévias. Os segmentos são, em sua maioria, longos, e o participante somente relata em seu protocolo livre alguma dificuldade na microunidade 3, com relação à palavra “*persistir*”, problema resolvido com a consulta rápida às traduções prévias: “Essa paradinha que eu dei nesse ‘persistir’, porque eu achei que poderia ter uma proposta melhor, mas eu observei nas outras duas e estava ‘persistir’, então eu deixei” (P05). Ressalte-se que esse participante optou por, diante de um problema de tradução, consultar as traduções prévias e resolver o problema de forma rápida, geralmente adotando uma das opções presentes nessas traduções. P05 teve o

segundo menor dispêndio de tempo na execução da tarefa e o tempo médio da pausa foi de 5.254 ms.

O Quadro 19 representa o processo de P08.

Quadro 19 - Processo e segmentação textual de P08

MU	Representação linear	Pausa	Início	Fim	Dur.	Ins.	Del.
1	Gostávamos da cada[Back][Back]sa porque além da espaçosa←	0	12260	67219	54959	44	2
2	← ← ← ← ← ← ← ← ← ← → → [Back]e ↓ e antiga,	2465	67220	76283	9063	11	1
3	gi[Back]uaed[Back][Back]e[Back]rdac [Back]va as reci[Back]ordações de nossos bisavós,	2684	76284	110962	34678	49	6
4	o avó← ← ← ← ← a → → → ← ← ← [Back]d → → → → → → ← paterno, de nossos pais e t[Back]de toda n	1109 2	110963	136406	25443	45	2
5	ossa infância.[Return]Nos a[Back]han[Back]bituamos←	2761	136407	152006	15599	30	2
6	← ← ← ← ← ← ← ← ← ← ← ← ← ← → Irene e ey [Back][Back]ju [Delete]n → → → → → → → → → → → → → ← a	4446	152007	172752	20745	17	3
7	per[Back]rsistirs	4366	172753	184625	11872	12	1
8	sox[Back]zinhos nela, o que era uma loucura, pois nessa cada podiam viver outro pessoas sem a	8081	184626	223062	38436	86	1
9	aperto. Fazíamos a limpeza pela manhã, levatávamos às sete, e q	1298 0	223062	249162	26099	62	0
10	uando dava umas onze horas eu deu[Back]ixava Irene nas[Back]	4789	249163	268757	19594	49	2
11	os últimos quartos para p	2823	268758	285090	16332	25	2
12	para repassar e ia até a cozinha. Almoçávamos ao meio [Back]-doa[Back][Back]ia, sempre pontuais. [Back]	1068 6	285091	314247	29156	78	4
13	Back][Back]; eu nã[Back][Back][Back][Back][Back]já não façt[Back][Back][Back][Back]restava pa [Back][Back]nada para fazer a	2964	314248	334979	20731	45	12
14	alé[Back][Back]lém de um[Back]ns pratos sujos.	2558	334980	343233	8253	29	3

Nota: MU=microunidade de tradução; Ins.=Inserção; Del.=deleção; Dur.=duração.

P08 praticamente abdicou das fases de orientação e revisão e conseguiu realizar a tarefa em pouco tempo. Com tempo médio de pausa de 5.416 ms, o processo de expressão foi marcado pela leitura do ST na fase de orientação e imediata digitação do TT no início da fase de redação. A leitura do ST foi realizada concomitantemente a visitas esporádicas às traduções

prévias durante a fase de redação. As teclas de deleção foram acionadas principalmente para correções de erros de digitação. P08, participante mais rápido na execução da tarefa, afirmou nos protocolos livres que, à medida que lia, traduzia e, quando encontrava algum termo que causasse dilema, buscava apoio nas traduções prévias: “às vezes quando eu tinha uma dúvida, uma palavra que eu pensei em mais de uma tradução, aí eu dava uma olhada nas traduções [prévias] para ver como que [os respectivos tradutores] tinham feito” (P08).

O processo de P10 está representado no Quadro 20.

Quadro 20 - Processo e segmentação textual de P10

MU	Representação linear	Pausa	Início	Fim	Dur.	Ins.	Del.
1	Gostávamos da cada[Back][Back]sa porque, além de espaçosa e antiga, guardava o [Back]as memór[Back][Back][Back][Back][Back]recordações de nossos bisavós, o b	0	17549	123957	106408	108	8
2	isavô par[Back]terno, nosso [Back]	2465	123958	132084	8126	21	2
3	Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back]a vô paterno, nossos pas[Back]is e to[Back]	3260	132085	144799	12714	30	22
4	[Back]de toda a if[Back]nfância.[Return]N	2542	144800	156592	11792	21	2
5	os habituamos, e	5585	156593	162240	5617	16	0
6	u e Irene,a	2605	162241	167542	5201	12	0
7	P	2932	167543	175796	8253	2	0
8	pes[Back]rsistir sozinhos nela	8112	175797	186246	10449	24	1
9	o que era uma loucura, pois nessa casa poderiam viver oito pessoas sem a	3463	186247	210023	23776	73	0
10	perto. F	6084	210024	213749	3725	8	0
11	F[Back]Fazíamos a limpeza pela manhã, l	2402	213750	224219	10469	32	1
12	evantando-nos às sete, e	3416	224220	243298	19078	24	0
13	por volta das onze	1374 3	243299	252515	9216	20	0
14	[Back], eu deixava o	6396	252516	263812	11296	14	1
15	os últimos quartos para Irene	2917	263813	277943	14130	29	0
16	e i	6942	277944	282610	4666	3	0
17	para a cozinha. Almoça[Back]ávamos ao meio dia, sempre pontuais; já não restava nada para fazer a não ser lavar [Back] uns pratos sujos. [Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back] Back]	2496	282611	323605	40994	126	15

Nota: MU=microunidade de tradução; Ins.=Inserção; Del.=deleção; Dur.=duração.

P10 foi o terceiro participante mais rápido. O tempo médio de pausa foi de 4.433 ms. Optou por ler todo o ST na fase de orientação e todo o TT na fase de revisão, sendo que, nessa fase, intercalava a leitura do TT com consultas rápidas às traduções prévias. Praticamente não

utilizou teclas de deleção, exceto nas microunidades 3 e 17. Ainda assim, as teclas de deleção foram utilizadas para correções de erros de digitação ou grafia. Como os dois primeiros participantes, P10 também aderiu ao processo de consulta às traduções prévias em caso de dúvida ou dilema. Nesse caso, geralmente utilizava uma solução dada por uma dessas traduções, como relata a seguir:

... eu pensei traduzir *recuerdos* por memórias, mas **mantive a mesma palavra** [...] Verifiquei quais foram as escolhas das outras traduções para a palavra *persistir*, e aí **mantive também** [...] No 'sem aperto', eu também fiz uma consulta nas duas traduções [prévias, sendo que manteve a da T2]. Nesse trecho *y a eso de las once*, eu também consultei as duas traduções [prévias]... (P10. Grifos do autor)

No relato de P10, destaca-se a estratégia de manter as opções de tradução oferecidas pelas traduções prévias em detrimento de uma possível nova interpretação e, conseqüentemente, de novas propostas de tradução. Esse comportamento influenciou no tempo total despendido para a realização da tarefa e no número de microunidades processadas. Nesse caso, as traduções parecem ter sido facilitadoras no processo de tradução.

O quarto participante com menor número de micro UT é P02, cujo processo está representado no Quadro 21.

Quadro 21 - Processo e segmentação textual de P02

MU	Representação linear	Pausa	Início	Fim	Dur.	Ins.	Del.
1	gOST?VAMO[Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back] gostávamos_[Ctrl+←][Delete]G[End]da_casa_porque,el[Back][Back]al[Back][Back][Back][Back]além_de_espaçosa_e_antiga,	0	21668	145361	123693	69	16
2	ela_guardava_lembranças_de_noos[Back][Back]ssos_bisavós,	2917	123694	176358	30996	45	2
3	D	19235	176359	179697	3338	2	0
4	do_avôm_p[Back][Back][Back]paterno,_de_nossos_pais_e_de_toda_nossa_infância.[Return]	3229	179698	205123	25425	59	3
5	>>>Irene_e_eu_n	6927	205124	212940	7816	14	0
6	os_acostumamos_a_ficar_sozinhos_dentro_dela,_o_que_era_uma_loucura,_pois	3010	212941	230818	17877	73	0
7	_nessa_casa,_[Ctrl+←][Ctrl+←][Ctrl+←][Ctrl+←]←[Back][Ctrl+→][Ctrl+→]←,[End]p	3042	230819	243361	12542	14	1
8	poderiam_morar_oito_pessoas_sem_i	5288	243362	262642	19280	32	0
9	ncômodo._Fazím[Back]amos_a_limpeza_pela_manhã[Back][Back]ã↑	11233	262643	279535	16892	41	3
10	[Ctrl+→][Ctrl+→]Levantam[Back][Back]ávamos_às_sete_da_mnh[Back][Back]anhã_ee_[Delete]f[Ctrl+→][Ctrl+→][Ctrl+→][Delete][Delete][Delete][Delete][Delete][Delete][Delete][Delete][Delete][Back]	4539	279536	309067	29531	37	16
11	[Ctrl+←]	15210	309068	311892	2824	0	0
12	[Ctrl+←][Ctrl+←]←[Back][Back],[End]_e_por_volta_das_onze_horas	3463	311893	324011	12118	29	2
13	[Back],_e	2887	324012	335370	11358	3	1
14	u_d	9641	335371	339379	4008	3	0
15	deixa_Irene_r	3666	339380	348521	9141	12	0
16	evisando_os_últimos_quartos_e_ia_para_a_cozinha._Almoçávamos_ao_meiodia,_sempre_pontuais;_n	7067	348522	372124	23602	92	0
17	ão_faltava_mais_nada_para_fazer,_além_de_lavar_alguns_pa[Back]ratos_sujos.↑	2637	372125	395586	23461	68	1
18	↑↑↑↑↑↑↑↑↑↑↑↑↑↑↑↑↓↓↓↑[Ctrl+←]ser_↓	10514	395587	425383	29796	4	0

Nota: MU=microunidade de tradução; Ins.=Inserção; Del.=deleção; Dur.=duração.

O processo de P02 é bastante parecido com o de P10, inclusive no que diz respeito ao número de microunidades. Ambos leram todo o ST na fase de orientação, e a revisão foi realizada com visitas ao ST e com consultas rápidas às traduções prévias, sendo que P02 leu todo o TT e não realizou correções nessa fase. O tempo médio de pausa de P02 foi de 6.361 ms. Como os três primeiros participantes, P02 também utilizou as traduções como fonte de consulta somente quando havia algum dilema a ser enfrentado, conforme relatado pelo participante em seu protocolo livre.

... Ah, o “*abuelo paterno*”, é que eu fiquei com uma sensação assim, que eram primos, aí “nossos bisavós” e “avô paterno” seriam só de um e não dos outros. **Aí eu dei uma olhada nas outras traduções** e decidi deixar “o avô paterno” [...]. Eu decidi inverter, **olhei as duas traduções** e decidi começar por “Irene e eu” [...] “por volta das onze horas”, eu estava pensando em como colocar, eu estava relendo para

ver se tinha ficado bom. Aí **dei uma olhada nas outras traduções** para ver como é que estava, aí “por volta das onze horas”, fiquei com dificuldade da tradução mesmo [...]. (P02. Grifos do autor.)

O que há de diferente no relato de P02 é o fato de o participante ter lido o ST na fase de orientação com o fito de averiguar seu grau de dificuldade e identificar possíveis problemas de tradução. Além disso, P02 não optou por manter as traduções prévias consultadas e preferiu recriar a sua, conforme relato a seguir.

[Sobre a fase de orientação] Eu estava lendo o texto original, em espanhol, para ver do que se tratava. [...] aí eu percebi que o texto era fácil, que eu não iria ter grandes problemas, a não ser “*estorbar*”. Aí eu continuei lendo, eu fiz questão de não ler as traduções [prévias], de ler só o original, nesse primeiro momento. Aí eu demorei, porque eu li devagar, acho que eu li duas vezes; é eu acho que eu li duas vezes. Só o texto original, só o original, as traduções [prévias] eu não li nada, nesse primeiro momento eu não quis nem olhar [ainda sobre a fase de orientação] [...]. (já na fase de redação] Aí o problema foi do “*estorbarse*”, **eu não gostei do “estorvarem”, eu achei muito forte, e também não gostei do “aperto”**, que a casa era grande. **Aí eu parei para pensar e decidi fazer um cronograma**, em vez de “fazíamos a limpeza pela manhã” e “levantávamos”, eu fiz um cronograma, primeiro a gente levantava, depois limpava – por isso que eu troquei [...] (P02. Grifos e comentários entre colchetes do autor).

O relato de P02 converge com os dados de segmentação e pausas expostos no Quadro 21. Nota-se que, nas microunidades 5 e 9, trechos destacados no protocolo livre, as pausas são maiores que em outros momentos, além do uso de outros recursos do teclado, como voltar, apagar e subir cursor.

Os quatro participantes que tiveram o menor registro de microunidades (P05, P08, P10 e P02, nesta ordem), são também os quatro que despenderam menor tempo na execução da tarefa (P08, P05, P10 e P02, nesta ordem). Nos três primeiros casos (P05, P08 e P10), a manutenção das propostas encontradas nas traduções parece ter sido um dos motivos que fez com que o processo de tradução fosse mais rápido, levando em consideração que P08 não leu todo o ST durante a fase de orientação e outros o leram. Os acessos esporádicos às traduções prévias também parecem ter possibilitado a (re)tradução do texto de forma mais rápida – foi o caso de P02, que leu todo o ST na fase de orientação. Outra similaridade está no fato de todos os participantes pertencerem ao grupo 2, que se destaca por uma fase de redação mais rápida que o grupo 1.

Se por um lado há os participantes que executaram a tarefa em menos tempo e com menor segmentação textual, há, por outro, aqueles que despenderam mais tempo e tiveram o registro de um número superior de microunidades de tradução. Os dados sobre as pausas e as segmentações estão nos quatro quadros a seguir, organizados por ordem decrescente, ou seja,

partindo do participante com maior número de micro UT ao participante com menor número dentre aqueles que apresentaram mais microunidades. O Quadro 22 representa o processo de P09, participante com maior número de segmentos.

Com tempo médio de pausa registrado em 8.4 ms e 33 microunidades, o processo de P09 é caracterizado por uma fase de orientação longa, na qual o participante leu todo o ST e as traduções prévias quase que completamente. A revisão foi realizada somente na última frase e parte do primeiro parágrafo, com consultas rápidas às traduções prévias e ao ST, não executando nenhuma correção nessa fase. Esse dado revela que uma fase de orientação longa não garante uma fase de redação mais curta.

Como os outros participantes, P09 também buscou apoio nas traduções; porém, diferentemente dos participantes com menor registro de número de micro UT, os acessos às traduções prévias foram mais frequentes e mais demorados, devidos a dúvidas acerca da tradução de diferentes pontos, conforme relata P09 em seu protocolo livre.

[...] na palavra “lembranças”, que eu **fiquei em dúvida** se eu colocaria “lembranças” ou “memórias”, **daí eu li nos dois** e vi “lembranças” [...]. Eu **fiquei em dúvidas** se eu colocava “o avô” ou “do avô”, e **nas duas traduções [prévias] estava** “do avô” [...]. A primeira frase, no segundo parágrafo, **eu fiquei em dúvida** em como iniciar; daí **eu consultei também as duas traduções [prévias]** [...]. Nessa palavra também, “persistir”, **eu fiquei também bastante em dúvida** se eu deixaria mesmo “persistir” ou “viver sozinhos nela”; daí **nas duas traduções [prévias] estava** também “persistir”, aí eu optei por deixar “persistir” [...]. “Nesta” casa, eu não sei – **eu tenho dúvida** de quando usar “nesta” e “nessa”, [...]. E essa última frase, “oito pessoas”, eu também **consultei nas duas traduções [prévias]** [...]. A palavra “levantando-nos”, a primeira vez eu escrevi errado – eu escrevi “levantávamos” –; daí eu vi, percebi que estava errado, **consultei nas duas [traduções prévias] também** [...] e vi que era “levantando-nos” [...] Também **não lembrava como escrevia**, daí eu escrevi do jeito que estava **na tradução da direita [T1]**. [...] Eu não sei se essa pontuação, o ponto e vírgula, se usaria também no português, mas como **eu não sabia, eu consultei nas duas traduções [prévias]** [...]. **Fiquei um pouco em dúvida** se colocaria “uns pratos sujos” ou “alguns pratos sujos” e, não sei, eu coloquei “uns” porque foi o que me soou melhor na hora, **mas consultei também as duas traduções [prévias]**. (P09. Grifos do autor.)

Consoante o relato de P09 e os dados de pausa e segmentação textual expostos no Quadro 22, percebe-se que o fluxo de escrita do participante foi interrompido frequentemente devido a dúvidas de naturezas diversas. Os dilemas vão desde a escolha de léxico (*e.g.*, optar por “lembranças” ou “memórias”), passam por dúvidas de cunho estruturais/textuais (*e.g.*, o uso de preposição em “do avô” e do dêitico em “nesta”) e chegam a dúvidas ortográficas (*e.g.*, grafia de tempo verbal – levantávamos). Em todos os casos, independentemente do tipo de dúvida existente, o participante consultava, quase sempre, as duas traduções prévias. Ressalta-se que, na maioria das consultas, o participante adotou a opção apresentada por uma das traduções prévias, salvo exceções, como em “confortavelmente” para a tradução de “*sin estorbarse*”. Essa insegurança no processo de P09 é refletida no número de teclas acionadas, o maior número entre os participantes, sendo 610 inserções e 111 eliminações, apesar de o

número de teclas acionadas não parecer ter relação com a quantidade de microunidades ou de pausas.

Observa-se nos dados de P09 dois aspectos que chamam a atenção acerca da segmentação textual. O participante apresenta muitas microunidades, ou seja, segmenta mais vezes, mas não necessariamente apresenta segmentos curtos ou demasiadamente curtos. Há, nesse dado, uma contradição, já que, em princípio, segmentar muito está ligado a um comportamento novato, porém, ao apresentar segmentos longos, o comportamento deixa de ser novato. Talvez o par linguístico tenha tido algum impacto nessa segmentação, hipótese apenas aventada para novas pesquisas.

O segundo participante com maior número de segmentos foi P03, cujo processo está representado no Quadro 23.

TT, não havendo consultas ao ST ou às traduções prévias. A alta duração dessa fase se dá pelo fato de o participante ter despendido tempo com perguntas ao pesquisador sobre o que poderia ou não fazer naquele momento. Na fase de redação, destaca-se o comportamento pelo qual o participante privilegia a relação ST-TT, com consultas esporádicas às traduções prévias, cujo propósito é, geralmente, sanar dúvidas estruturais (*e.g.*, ortográficas e sintáticas) e não de sentido. Destaca-se o processo nas microunidades 10, 13, 14, 17 e 18, a cujo conteúdo o participante também faz alusão em seu protocolo livre.

(a) Sobre a MU10: “... li também um pouco as duas traduções, e aí eu optei por colocar como na segunda tradução [T1].”

(b) Sobre a MU13 e 14: “... Aí eu fiquei com dúvida a questão do “sem aperto” ou, assim, eu preferi a tradução da esquerda [T2].”

(c) Sobre a MU17 e 18: “Aí eu optei [por] colocar ‘levantando’, não ‘levantando-nos.’”

Nos três casos elencados, as pausas registradas possuem duração elevada, mesmo tendo optado, em dois dos três casos, pelas soluções dadas pelas traduções prévias. Dos quatro participantes que mais tiveram micro UT registradas, P03 é o que possui menor duração média da pausa, o que também denota menor esforço na resolução dos problemas encontrados.

O Quadro 24 representa o processo de P06.

Quadro 24 - Processo e segmentação textual de P06

MU	Representação linear	Pausa	Início	Fim	Dur.	Ins.	Del.
1	Gostávamos[Back][Back]os_da_casa_pois_além	0	18438	163564	145126	31	2
2	_de_espaç	6006	163565	168901	5336	8	0
3	osa_	3323	168902	173987	5085	4	0
4	e_antiga_g	4118	173988	182582	8594	11	0
5	guardava_a_lembança_de_nossos_bisavós,	6365	182583	196825	14242	38	0
6	_o_avô_paterno,	6693	196826	205624	8798	15	0
7	m[Back]nossos_pais_e_tod	2527	205625	215607	9982	19	1
8	a_a_infância[Back][Back][Back]cia.[Return]<	2761	215608	228586	12978	17	3
9	_[Back]>>>I	4742	228587	246198	17611	4	1
10	Irene_e_eu_nos_acostumamos_a	16131	246199	259647	13448	27	0
11	P	6818	259648	269272	9624	2	0
12	ermanes[Back]cer_sozeiros_nela,_o	9485	269273	287555	18282	27	1
13	que_era_um_[Back]a_loucura,_pois_nessa_casa	4820	287556	310519	22963	39	1
14	_podiam_viv[Back][Back][Back]morar_o	10405	310520	327679	17159	17	3
15	ito_pessoas_tranquilamente.	10046	327680	336446	8766	27	0
16	_F	2808	336447	339987	3540	2	0
17	azíamos_a_limpeza_pela_manhã,	3307	339988	35132	11341	29	0
18	_l	3182	351330	370938	19608	2	0
19	evantando_as_sete,_ ↑↓ [Back]	19422	370939	392731	21792	19	1
20	à↑↓↑↓e	11560	392732	401998	9266	2	0
21	por_volta_das_onze_	9142	401999	415599	13600	20	0
22	eu_deixava_Irene_c	6927	415600	425211	9611	18	0
23	uidando_	4009	425212	434632	9420	8	0
24	D	3666	434633	449469	14836	1	0
25	os_últimos_cômodos_e_ia_p	18393	449470	460996	11526	25	0
26	ara_a_cozinha._Almozávamos_ao_meio-dia,	2933	460997	481823	20826	39	0
27	_sempre_pontuais;_j	6693	481824	529123	47299	19	0
28	já_não_nos← restava_nada_a_fazer,_a_não_ser_a	39172	529124	549247	20123	44	0
29	lguns_pratos_sujos. ↓↑→	5226	549248	564239	14991	19	0
30	,↓↑↓↑↓d	8876	564240	579979	15739	2	0
31	↓↑dos[Delete]_de_	14602	579980	591976	11996	6	1

Nota: MU=microunidade de tradução; Ins.=inserção; Del.=deleção; Dur.=duração.

P06 foi o terceiro participante entre os que apresentaram mais micro UT, com médias de pausa maiores, 8199 milissegundos. Na fase de orientação, P06 leu todo o ST e parte das traduções prévias. Na fase de revisão, revisou o TT comparando-o com o ST e com partes das traduções prévias. O processo de tradução de P06 também adotou a relação ST-TT como protagonista, com consultas às traduções prévias sempre que havia algum dilema, conforme relata em seu protocolo livre: “(...) é isso, ia comparando se eu achasse que tinha algo errado, eu ia olhar lá [nas traduções prévias], mas eu fazia mais da minha própria cabeça” (P06).

Esse comportamento pode ser visualizado no exemplo da MU10, antes da qual há uma pausa mais longa de 16131 milissegundos. Nesse momento, P06 está comparando o trecho em questão nas traduções, conforme relato no protocolo livre: “[Pesquisador: por que você parou ali? – segundo parágrafo] Porque eu estava vendo a colocação na frase, para ver qual seria

Com média de pausa elevada, 7641 milissegundos, P07 teve sua fase de orientação marcada pela leitura de parte do ST e parte das traduções prévias e a fase de revisão restrita a uma breve leitura de parte do último parágrafo do TT. A fase de redação se caracterizou por consultas pontuais às traduções prévias. Destaca-se a sequência de micro UT de 4 a 9, nas quais acrescenta a preposição “de” (MU9) no texto em português, o que gerou pausas sucessivas, incluindo consultas às traduções (MU6, pausa de 12.121 ms). Na MU10, outra pausa longa é registrada relacionada ao início do segundo parágrafo. P07 relata assim seu dilema, o que explica a duração da referida pausa: “primeiro eu vi [olhando o ST] e já pensei no ‘nos habituamos’, direto; aí eu olhei nas duas traduções e vi que a da direita [T2] estava melhor, ‘Irene e eu nos acostumamos’ que ‘acostumamo-nos’” (P07). A MU13 também chama atenção por sua estrutura, tendo sido registrada nenhuma tecla de deleção e registradas 44 teclas de inserção após uma pausa relativamente longa de 21.107 ms. Nesse caso, a pausa também envolveu consulta às traduções prévias, as quais contribuíram para a nova tradução do participante, conforme ele próprio relata:

... eu ia achar chato ficar lendo “estorvar” [...]. Eu acho a tradução da **esquerda** [T1] chata; se eu estivesse lendo, eu acharia chata. A da **direita** [lendo] é “morar oito pessoas sem aperto”, “sem aperto” quer dizer que elas estão confortáveis, então por que não colocar que as pessoas moravam, viviam ali confortavelmente? **Ao invés de utilizar duas palavras, eu usei só uma.** (P07. Grifos do autor).

No relato do protocolo guiado, P07 afirma ter visto as duas traduções e ter gostado de nenhuma. Contudo, deixa a entender que a nova tradução surgiu a partir da leitura da proposta da T2, ou seja, “sem aperto”, o que o levou a optar por “confortavelmente”.

Da MU23 à MU30, também registra-se uma sequência de microunidades separadas por pausas mais longas (MU26, com 11.247 ms; e MU29, com 13.525 ms) e maior número de acionamentos de teclas. Perguntado sobre o trecho em questão, P07 afirma:

Eu fiquei em dúvida nessa parte [...]. Eu **olhei bastante** as duas traduções e optei assim. Elas poderiam almoçar pontualmente [olhando o trecho no TT] ao meio-dia ou não, já que a única coisa que restava para fazer era lavar os pratos. Por isso eu coloquei “pontualmente”, como uma explicativa... (P07. Grifos e comentários entre colchetes do autor).

A busca pela solução de um problema de tradução se reflete na duração das pausas e na segmentação textual. No caso de P07, a consulta às traduções prévias, ainda que tenha envolvido um único termo, reincide sobre diferentes microunidades às quais o termo está ligado. A influência na duração das pausas, nesse caso, é maior quando nenhuma das soluções propostas agrada o tradutor, que se esforça em buscar outra solução, mesmo que inspirada nas

soluções disponíveis nas traduções prévias. Dessa forma, as traduções prévias que servem de insumo também facilitam o processo de elaboração da nova tradução.

Além da microárea predeterminada devido a um problema particular de tradução, outras áreas não estabelecidas previamente como microáreas de interesse, porém inclusas no protocolo guiado como áreas passíveis de geração de conflito, chamaram a atenção. Para evitar que a delimitação de novas áreas partisse do pesquisador (consoante o protocolo guiado, disponível no Apêndice B), foram catalogados os sete trechos mais citados no protocolo livre como sendo causadores de conflito. Os trechos em questão estão dispostos, por ordem de frequência de citação dos participantes, no Quadro 26.

Quadro 26 - Trechos do ST mais citados pelos participantes no protocolo livre

Ordem	Trecho conflituoso	Citações
1	<i>sin estorbarse</i>	13
2	<i>ya no quedaba nada por hacer fuera de unos platos sucios.</i>	8
	<i>Nos habituamos Irene y yo a persistir solos en ella</i>	8
3	<i>de nuestros bisabuelos, el abuelo paterno, nuestros padres y toda la infancia.</i>	6
	<i>yo le dejaba a Irene las últimas habitaciones por repasar</i>	6
4	<i>Hacíamos la limpieza por la mañana, levantándonos</i>	5
5	<i>y a eso de las once</i>	4

Posterior ao levantamento dos trechos elencados no Quadro 26, o próximo passo foi analisar a segmentação textual de cada trecho. A análise objetivou aferir o esforço despendido com a resolução de problemas, além de averiguar as estratégias utilizadas pelos participantes. Para fins de análise, os trechos citados foram considerados unidades de tradução (macro UT). A análise dos dados de segmentação e de recursão abrangerá, nesta tese, os três primeiros trechos mais citados.

Citada por todos os participantes, a representação linear da UT *sin estorbarse* dos participantes é aquela fornecida no Quadro 27.

Quadro 27 - Representações lineares envolvendo a macro UT “*sin estorbarse*”

Part.	<i>Sin estorbarse</i>	MU	Pausa
P01	[Back]m morar out[Back][Back]ito pessoas sem incômodo . FazÃ-	1	2933
P02	oderiam morar oito pessoas sem i ncÃ´modo. Fazím[Back]amos a limpeza pela manha§ã£[Back][Back]Ã£[Up]	2	5288 11233
P11	ela [Back][Back][Back][Back][Back]nesta casa poderian [Back][Back]m viver oite [Back][Back]o pessoas confortavelmente. F	1	3339
P12	[Back]m viveer[Back][Back][Back][Back][Back][Back]morar oito pessioas[Back][Back][Back][Back]oas sem aperto.	1	2964
P03	odiam morar oito pessoas sem a perhn[Back][Back]to. F	2	5086 9110
P04	pois nessa casa poe=[Back][Back][Back]oderiam viver ve[Back][Back]oito ou mais pessoas sem apertos.	1	2933
P05	persistir sozinhos nela, o que era uma loucura, [Left][Back] - [Ctrl+Left][Ctrl+Left][Ctrl+Left][Ctrl+Left][Ctrl+Left][Ctrl+Left][Lef t][Back] -[End]pois na casa op[Back][Back]poderiam viver oito pessoas sem aperto.	1	8065
P13	ito pessoas tranquilamente.	1	10046
P08	ox[Back]zinhos nela, o que era uma loucura, pois nessa cada podiam perto. FazÃ-amos a limpeza pela manhÃ£, levatÃ vamos Ã s sete, e q viver outro pessoas sem a	2	8081 12980
P14	[podiam morar oito pessoas sem nenhum problema.	1	12402
P09	estra[Back][Back]a casa poderia[Back][Back][Back]iam v[Back]b[Back]viver oit[Back][Back]itos pessoas sem [Back] [Back][Back][Back]c onfot[Back]rtavelmente, [Back][Back]. [Return]	3	1123 6334 10062
P10	o que era uma loucura, pois nessa casa poderiam viver oito pessoas sem a perto. F	2	3463 6084

Nota: MU=microunidade de tradução.

Como mostrado no Quadro 27, a maioria dos participantes não utilizou muitas teclas de deleção no trecho em questão, que, na maioria das vezes, foi segmentado como uma única micro UT (P01, P04, P05, P11, P12, P13 e P14). Quatro participantes segmentaram a macro UT em duas micro UT (P02, P03, P08 e P10) e um, em três (P09). Todavia, um dado não observado nos protocolos verbais e que ganha destaque na representação linear diz respeito à interação de “*sin estorbarse*” com o restante do período. No caso, embora os participantes citem como problema a expressão “*sin estorbarse*”, seu sentido é completado por todo o trecho – *podían vivir ocho personas sin estorbarse* – e, portanto, todo o trecho deve ser analisado.

Analisar todo o trecho implica a revelação de outros possíveis problemas além do gerado por *sin estorbarse*. Referimo-nos à tradução do verbo *podían* e da palavra *vivir*. No primeiro caso, seis participantes optaram por um tempo verbal distinto daquele do ST (pretérito imperfeito) o tempo verbal e usaram “poderiam” (futuro do pretérito) e dois optaram por manter o mesmo

tempo verbal do ST (pretérito imperfeito). No segundo caso, a maioria optou por uma tradução literal do verbo “*vivir*”, enquanto cinco optaram por “*morar*”. Em todos os casos, as traduções (ora T1, ora T2, ora ambas) serviram como apoio à tradução.

O segundo trecho gerador de conflito é justamente a área delimitada como microárea de interesse. As representações lineares referentes a esse trecho estão no Quadro 28.

Quadro 28 - Representações lineares envolvendo a UT “*ya no quedaba nada por hacer fuera de unos platos sucios*”

Part.	<i>ya no quedaba nada por hacer fuera de unos platos sucios.</i>	MU	Pausa
P01	jã; não r estas[Back]va nad ap[Back][Back][Back]a para fazer a[Back]fora uns pratos suji[Back]os. {Down}{Up}[Right]	2	2839 7270
P03	J á não restava nada para fazer [Back], a não ser alguns pratos sujos. {Down}{Up}[Back]	5	3307 13775 3229 6505 6911
P04	sempre pontuais[Back][Back][Back]ais; não restava nada para fazee[Back]r, a não ser alguns [Back][Back][Back][Back]guns prtao[Back][Back][Back]atos sujos. {Down}{Up}[Back]	3	2574 4180 6973
P05	jã; não nos restava nada por fazer, a não ser alguns pratos sujos. {Down}{Up}[Back]	1	5772
P08	já não fact[Back][Back][Back][Back]restava_pa[Back][Back]nada_pa ra_fazer alé[Back][Back]lém_de_um[Back]ns_pratos_sujos.	2	2558 8253
P14	Já não havia nada por fazer fora uns pratos sujos.	3	4141 2433 23572
P09	já não habia[Back][Back][Back]vua [Back][Back][Back][Back][Back][Back]ficava mais nada para fazer a bai[Back][Back][Back][Back]nao [Back][Back][Back]ão ser uns p[Back]rat[Back][Back][Back]pat[Back][Back]ratos sujos.	2	5132 25256
P10	a para a cozinha. Almoãa[Back]ã vamos ao meio dia, sempre pontuais; já; não restava nada para fazer a não ser lavar [Back] uns pratos sujos.[Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back] k[Back][Back][Back] alguns_pratos_sujos._[Back]	2	2496 88546

Nota: MU=microunidade de tradução.

Similarmente à análise de “*sin estorbarse*”, o trecho delimitado na microárea de interesse também envolve outros problemas, além do já relatado com a partícula temporal “*ya*”. Porém, diferentemente do primeiro caso, a tradução de “*ya no quedaba nada por hacer fuera de unos platos sucios*”, registrou mais segmentações e, igualmente, suscita problemas relacionados a outros pontos. Exemplos são “*no quedaba*”, traduzido de forma diferente por T1 (“*ficava*”) e T2 (“*restava*”), e em “*fuera de unos platos sucios*”, também com opções diferentes nas duas

traduções: “**a não ser alguns** pratos sujos”, na T1, e “**fora uns poucos** pratos sujos”, na T2 [grifos do autor].

No caso de “*quedaba*”, observando o processo de tradução por meio da ferramenta *replay* do Tobii Studio, observa-se o acesso às traduções prévias, durante a fase de redação, em todos os participantes. Como pode ser averiguado nas representações lineares, a maioria (seis) optou pela solução dada na T2, enquanto um preferiu a da T1 (P09) e outro (P14) criou uma nova opção. P09 utilizou muitas teclas de eliminação até decidir trocar sua proposta “haver” pela opção da T1 (“ficava”).

P03, embora não acione muitas teclas de deleção, divide o trecho em cinco micro UT. Observa-se em seu processo que, nas pausas, o participante acessa as traduções prévias e relê o ST. Há pausas justamente antes de “restava” e de “a” e “não ser”. A consulta às duas traduções prévias lhe consumiu tempo até a decisão de criar o trecho “híbrido”, ou seja, usando as opções das duas traduções “já não restava nada para fazer, a não ser alguns pratos sujos”, onde, “ não restava” pertence à T2 e “a não ser” à T1.

No que tange ao uso os indefinidos “uns” (T2) e “alguns” (T1), observa-se que cinco dos participantes optaram por “uns”. Nesse caso, os participantes escolheram a opção que mais se assemelhava ao ST. Contudo, na maioria dos casos, o acesso às traduções prévias se deu quando o item já tinha sido processado; portanto, as consultas serviram para endossar a tradução proposta pelo participante. O Quadro 29 contempla a terceira UT analisada.

Quadro 29 - Representações lineares envolvendo a UT *Nos habituamos Irene y yo a persistir solos en ella*

Part.	<i>Nos habituamos Irene y yo a persistir solos en ella</i>	MU	Pausa
P01	[Back]E u e le[Back]rene nos habituamos a persistir [Back] [Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back]c ontinuar sozinhos nela, o que era uma lour[Back]cura pois nessa casa podia	4	11794 4836 4134 2668
P02	Irene e eu n os acostumamos a ficar sozinhos dentro dela, o que era uma loucura, pois	2	6927 3010
P11	Irene e eu p ersistÃ-amos sozinhos [Back] [Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back]e m viver allÃ-. [Back][Back], o que era ua l[Back][Back][Back][Back][Back] uma l	2	2823 7254 12652 7285
P03	A costumamos[Back]-nos Irene e eu a persistir sÃ³ ne[Back][Back][Back][Back]ozinhos nela, oq ue rrt[Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back] que era uma l	2	10920 19703
P04	Nos acostui[Back]mamos Ire[Back][Back][Back]eu e Irene a morar sozinhos nela,	3	6895 3666 5944
P08	ossa infÃncia.[Return]Nos a[Back]han[Back]bituamos[Left] [Delete]n[Right][Right][Right][Right][Right][Right][Right][Right][Right][Right] ht[Right][Right][Right][Right][Right][Left] a per[Back]rsistir s ox[Back]zinhos nela, o que era uma loucura, pois nessa cada podiam viver outro pessoas sem a	4	2761 4443 4633 8081
P14	[Return]NÃs nos [Back] [Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Back][Return]Irene e eu bnos [Back][Back][Back][Back][Back]nos acostumamos a continuar sozinhos n elas[Back],	4	16084 8486 15475 13135
P09	I reb[Back]ne e eu nos habia[Back]tuanos[Back][Back][Back]mso [Back][Back][Back]os a p ersistir sozinhos nela, o que era uma loucyr[Back][Back]ura, pors[Back][Back]ism[Back]	3	8299 39312 8377

Nota: MU=microunidade de tradução.

A UT destacada possui duas peculiaridades que a fazem diferente das outras analisadas. Ela está no início de um parágrafo e a estrutura sujeito-verbo-objeto está modificada com a inserção do verbo reflexivo *nos habituamos* no início da frase. Outro ponto de conflito está na manutenção ou não do verbo *persistir*.

As traduções disponíveis trazem uma mudança na estrutura de tema e rema. Aqui cabe um adendo. Segundo Halliday e Matthiessen (2004), o tema corresponde ao primeiro elemento experiencial da oração, que, por sua vez, realizada por meio do sistema de tema. Já o rema é definido pelos autores como a parte da mensagem que desenvolve o tema, ou seja, corresponde ao restante da oração. Na T1, o tema é o verbo; portanto, um processo; na T2, o

tema são os sujeitos. Quatro participantes optaram por utilizar as personagens como tema, enquanto outros quatro mantiveram a estrutura na qual o verbo é o tema. Esse dilema se reflete na duração das pausas, longas no caso P01, P03, P14 e P09, na segmentação textual e na recursividade, principalmente em P01, P08 e EST27, com 4 micro UT cada, e P09, com 3 micro UT.

Como pôde ser averiguado, a metarreflexão dos participantes sobre seu processo de tradução possibilitou o acesso a diferentes problemas de tradução e resoluções. Os protocolos verbais, livres e guiados, são o tema da seção seguinte.

4.4 OS PROTOCOLOS VERBAIS

As informações obtidas foram divididas por tipo de protocolo verbal. Primeiramente são apresentadas informações provenientes dos protocolos livres e depois dos protocolos guiados. Devido a problemas técnicos, dados de dois participantes foram perdidos, um protocolo livre (P07) e outro protocolo guiado (P14).

4.4.1 Os protocolos livres

Foram despendidos 3.314 s (aproximadamente 55 min) para a execução dos protocolos livres. Parte desse tempo foi utilizada com intervenções do pesquisador, no decorrer do protocolo, para esclarecer o que o participante tinha de relatar. Conforme informado anteriormente, o protocolo livre do participante P07 foi perdido. A Tabela 47 apresenta os tempos, em segundos, por grupo de participantes.

Tabela 47 - Tempo despendido com o protocolo livre

Grupo 1		Grupo 2	
Part.	Tempo (s)	Part.	Tempo (s)
P01	304	P11	305
P02	220	P12	287
P04	242	P06	313
P05	190	P14	253
P13	239	P09	310
P08	170	P03	271
P10	210	-	-
Subtotal	1575	Subtotal	1739
Média	225	Média	289,833
DP	43,255	DP	24,053
CV	19,224	CV	8,299
TOTAL		3314	
MÉDIA		254,9231	
DP		48,04418	
CV		18,84654	

Nota: Nota: DP = Desvio padrão; CV=coeficiente de variação.

Cada participante foi esclarecido, previamente, sobre o protocolo. Ainda assim, em alguns casos foi preciso uma intervenção durante o protocolo, já que os participantes não narravam o processo enquanto o reviam. As intervenções do pesquisador estão entre parênteses iniciadas pelo pronome “EU” na transcrição dos protocolos livres (Apêndice A).

A maioria dos participantes (nove deles) afirma que leu ou os textos completos ou parte deles. Um afirma ter lido somente o ST; outro, somente partes do ST. Dois afirmam não terem lido as traduções inicialmente. Nenhum participante assegurou ter lido primeiro as traduções prévias, tendo todos começado a leitura pelo ST (fase de orientação). Repassando o vídeo no Tobii Studio por meio da função *replay*, constatam-se algumas informações divergentes das cedidas nos protocolos livres, como em P12 e P04, conforme nos exemplos proporcionados nos protocolos:

(2) P12: Primeiro eu comecei a ler, não o período todo, mas as frases; algumas eu li a frase completa; outras eu li ao menos a metade, para ter uma ideia do que está falando, (EU: qual texto?) **do texto em espanhol [...]Depois dessa primeira leitura, aí eu comecei a digitar [...]**

(3) P04: Eu estava lendo lá em cima o texto; primeiro, minha primeira leitura, e estava procurando os tempos passados para saber como eu colocaria em português e vendo as vírgulas [...] **Li o texto espanhol todo** e estava procurando saber [...]

Nesses exemplos, um participante afirma ter lido somente partes do texto em espanhol (P12) e o outro afirma ter lido o texto completo (P04), informação não confirmada ao confrontar com o *replay* do processo. No entanto, no momento em que P04 afirma ter lido todo o texto em espanhol, já havia realizado consultas à T2. Já P12 afirma começar a digitar depois da primeira leitura, dado também divergente do *replay* do processo, no qual se vê o acesso concomitante às traduções durante a leitura (fase de orientação). Em contrapartida, outros participantes descrevem exatamente o que ocorreu, como o caso de P08, cujo protocolo e *replay* do Tobii Studio convergem.

(4) P08: Eu não li o texto todo não; só as primeiras palavras e já fui escrevendo (EU: qual texto?). O do espanhol, e eu dei uma olhada rápida nas traduções também...

Foi percebida, durante a execução dos protocolos livres, certa inabilidade dos participantes em narrar seu próprio processo. Apesar disso, na maioria dos casos, está presente a necessidade de se afirmar que a tradução tem uma autoria, que, mesmo em posse das traduções prévias e podendo consultá-las ou mesmo copiá-las, o desejo de (re)criar sua própria tradução se destaca.

Outra característica recorrente nos relatos livres foi a necessidade de certificar que as consultas possuíam o cunho estritamente consultivo e que não objetivavam a cópia. Esse desejo em recriar e não copiar pode ser visto nos exemplos retirados dos protocolos livres:

(5) P10: No início, eu optei por ler o texto em espanhol completo e não ler as traduções **para não ficar com a minha tradução enviesada...**

(6) P14: ... Na verdade, eu acho que eu me baseei, **fui sempre pelo texto-fonte**, em algum momento que eu me perdi que eu acabei fazendo, **sem querer**, a partir do texto da esquerda [T1]...

(7) P08: [...] A maior parte do tempo eu li o texto em espanhol mesmo. **Às vezes, quando eu tinha uma dúvida**, uma palavra que eu pensei em mais de uma tradução, aí eu dava uma olhada nas traduções para ver como que tinham feito...

(8) P06: Primeiro eu comecei a ler [...] o texto original e, daí, eu fui... li as duas primeiras linhas e, daí, eu fui comparando com os dois textos, **já para tentar fazer minha própria tradução** [...] É isso, ia comparando – se eu achasse que tinha algo errado, eu ia olhar lá, **mas eu fazia mais da minha própria cabeça...**

(9) P05: ... **eu me foquei mais no texto original...**

(10) P04: ... eu dei uma olhada no texto da esquerda para saber como ficou e, aí, agora (avós), eu li nos dois, **mas eu fiz de cabeça, não estava copiando...**

(11) P11: ... pensei o que **eu poderia colocar diferente para não ficar igual às duas traduções...**

(12) P02: ... Aí eu continuei lendo. **Eu fiz questão de não ler as traduções, de ler só o original, nesse primeiro momento [...]. Só o texto original, só o original; as traduções eu não li nada. Nesse primeiro momento eu não quis nem olhar...**

(13) P01: ... depois eu comecei a traduzir **olhando para o texto original de novo**. Aí, **quando eu tinha dúvida**, eu olhava primeiro para o texto da direita[T2]...

Os exemplos elencados ajudam a explicar os dados de rastreamento ocular, os quais mostram menor número de visitas e de fixações nas traduções prévias. Também comprovam o comportamento delineado pelos dados das transições, os quais apontam para um maior número de transições entre ST e TT que entre as traduções prévias e para transições com intenções diferenciadas quando o acesso tinha as traduções prévias como destino ou como origem da transição.

A seguir apresentam-se os protocolos guiados.

4.4.2 Os protocolos guiados

Foram despendidos 5.018 s (aproximadamente 83 min) para a execução dos protocolos guiados, realizados imediatamente depois dos protocolos livres. O tempo inicial de instrução foi subtraído do tempo total de cada participante. Conforme informado anteriormente, o protocolo guiado do participante P14 foi perdido devido a falha técnica. A Tabela 48 apresenta os tempos, em segundos, de cada participante.

Tabela 48 - Tempo despendido com o protocolo guiado

Grupo 1		Grupo 2	
Part.	Segundos	Part.	Segundos
P01	317	P11	414
P02	354	P12	398
P04	323	P03	577
P05	399	P06	344
P13	248	P07	459
P08	338	P09	391
P10	456	-	-
Subtotal	2435	Subtotal	2583
Média	347,85	Média	430,50
DP	65,81	DP	80,80
CV	18,92	CV	18,77
TOTAL		5018	
MÉDIA		386	
DP		82,01	
CV		21,24	

O protocolo guiado compreende um total de dez perguntas, sendo duas sobre a tarefa, três sobre aspectos gerais do texto e cinco sobre aspectos pontuais do texto. Com relação à tarefa, têm-se os dados do Quadro 30.

Quadro 30 - Respostas dos participantes ao protocolo guiado sobre a tarefa

1. O que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido?		
Sentiram-se confortáveis	Sentiram-se desconfortáveis	Sentiram-se indiferentes
P04	P02	P01
P06	P11	P03
P13	P12	
P07	P05	
P08		
P09		
P10		
2. A visualização de todos os textos na tela do monitor foi tranquila? Alguma coisa atrapalhou ou confundiu você?		
Respostas positivas		Respostas negativas
12		1

Conforme mostrado no Quadro 30, dos treze participantes a maioria (sete) se sentiu confortável com a tarefa, quatro sentiram-se desconfortáveis e dois disseram ser indiferentes.

Dos que se sentiram desconfortáveis, a maioria justifica o desconforto pela privação, mesmo que indireta, à sua liberdade na elaboração da tradução, como pode ser visto nos seguintes exemplos extraídos dos protocolos guiados.

(14) P02: Eu não gosto. Eu gosto de fazer minha própria tradução [...]. Eu gosto de ter a minha ideia primeiro, para depois pegar a ideia das outras pessoas...

(15) Não fiquei muito confortável. Porque a gente tem a tendência de querer ou fazer igual, ou fazer muito diferente. Aí eu fui para a ideia de fazer diferente dos outros dois textos, tentar reinventar a roda, tentar criar a minha própria versão. E aí, no começo, eu traduzia e olhava para os dois textos para ver o que eles tinham feito. Mas, depois, eu passei a não me preocupar muito com o que os outros tinham escrito.

(16) P12: ... A gente se sente mais à vontade para traduzir um texto sem ter a tradução [...]. A impressão que tenho é que sem ter algo em português é mais tranquilo.

(17) P05: ... É uma coisa que meio te coloca numa parede [...]. Não me sinto com toda liberdade ao entrar em contato com essas duas traduções.

Novamente, como ocorreu nos protocolos livres, o desejo de (re)criar sua própria tradução também está presente nos protocolos guiados: (14) “eu gosto de fazer minha própria tradução”; (15) “temos a tendência de fazer ou muito igual ou muito diferente” e “tentar reinventar a roda”; (17) “é uma coisa que meio te coloca numa parede”. Esses exemplos representam essa necessidade de liberdade para a (re)tradução do texto na língua-alvo.

No entanto, se por um lado há essa sensação de castração da criatividade, por outro se encontram os depoimentos que têm nas traduções prévias fontes de apoio, sem necessariamente inibirem a criatividade do tradutor. Nesse sentido, os participantes afirmam que as traduções prévias são facilitadoras no processo de reconstrução da nova tradução e contribuem para a economia de tempo, conforme alguns exemplos extraídos dos protocolos (grifos do autor).

(18) P13: ... tendo os dois textos não deixa de facilitar [...]. Se você for pensar em **questão de tempo**, foi algo que facilitou.

(19) P07: Eu achei mais fácil, porque, se eu tivesse dúvida em alguma palavra, era só consultar. Não para copiar necessariamente, **mas para eu ter uma ideia de como eu poderia reconstruir o período** [em] que eu tivesse dúvida.

(20) P09: ... Quando você tem duas traduções assim, disponíveis, eu acho que o **esforço** é menor. Porque você não trabalha para pensar o que vai escrever, você dá uma consultada nas duas, e **parece que a ideia vem mais rápido**, fica mais fácil traduzir.

Com relação à segunda pergunta (Quadro 30), somente um participante afirma que o leiaute da tarefa causou algum incômodo ou o atrapalhou em seu processo. A maioria afirma que a visualização foi tranquila e que nada atrapalhou o processo.

Sobre qual tradução foi mais utilizada, a maioria dos participantes não soube responder com exatidão. Cinco responderam que provavelmente utilizaram mais a tradução da direita, das quais três eram a T2 e duas a T1; quatro a da esquerda, sendo duas T2 e duas T1; e três não souberam responder, comprovando que o acesso às traduções foi esporádico e sem diferenças significativas entre elas em termos de importância para o participante.

No que se refere aos aspectos gerais do texto, segunda parte do protocolo guiado, quando perguntados sobre que parte do texto original as traduções ajudaram a elaborar a nova tradução, o trecho que inclui o verbo em espanhol “*estorbarse*” foi o mais citado (seis vezes no protocolo guiado e 13 no livre), seguido por “*cuartos por repasar*”, citado cinco vezes. A microárea de interesse predefinida, “*ya no quedaba nada por hacer, fuera de unos platos sucios*”, foi citada três vezes no protocolo guiado (oito no livre). Outros trechos também foram citados, como: “*nos habitamos Irene y yo*” (8 vezes); “*y a eso de las once*” (4 vezes); “*aparte de espaciosa*” (3 vezes); “*nuestros bisabuelos, el abuelo paterno*” (6 vezes).

Os protocolos mostraram-se esclarecedores quanto à posição dos participantes no que diz respeito à tarefa de (re)tradução. Com as informações coletadas, foi possível averiguar como cada participante se colocou diante da tarefa e cruzar esses dados com outros advindos do rastreamento ocular e da gravação de teclado. Destacou-se, ainda, como metarreflexão sobre a tarefa, tanto no protocolo livre como no guiado, o sentido autoral que os participantes dão à tradução, ou seja, ao fato de que esse processo envolve a (re)criação em detrimento da cópia pura e simples.

A seção seguinte traz um resumo dos dados até então apresentados.

4.5 RESUMO E TRIANGULAÇÃO DOS DADOS

Concluída a descrição do processo de (re)tradução, faz-se necessária a triangulação dos dados coletados. Antes, porém, uma síntese dos resultados, cujo conteúdo servirá de apoio para a triangulação, será apresentada. Os dados estão dispostos nos quadros sínteses mais adiante (Quadro 36).

Os resultados dos testes estatísticos de comparação também apontam para diferenças significativas entre o número de visitas nas áreas do ST e do TT e aquele das traduções

prévias, resultados também observados nas mesmas áreas quando observadas as microáreas. TT e ST também apresentaram diferenças significativas referentes ao número e duração de visitas e às transições. Nos Quadro 31 a Quadro 33 são apresentados somente as combinações cujos resultados alcançaram o nível de significância.

Quadro 31 - Resumos dos resultados referentes à variável número de visitas

1. Visitas						
AOI	MAOI	G1	G2	Correlações		Lados da tela
TT>ST T1>T2	MST>MTT MST>MT1	TT>ST T1>T2	TT>ST T1>T2	TT ST ST T1 T1	ST TT Total Visitas T2 Dur. tarefa	LE>LD (ns)
2. Resultados estatísticos $p < 0,05$						
ST[T1-T2] TT[T1-T2] TT-ST	MST[MT1-MT2] MTT[MT1-MT2]	T1 (G1-G2) T2 (G1-G2)	G1 ST[T1-T2] TT[T1-T2]	G2 ST[T1-T2] TT[T1-T2] TT-ST		

Nota: TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2; MTT=microárea texto-alvo; MST=microárea texto-fonte; MT1=microárea tradução 1; MT2=microárea tradução 2 ns=não significativo; LE=lado esquerdo; LD=lado direito; G=grupo.

No que concerne às visitas, os resultados apontam para maior número e duração média na área do TT em comparação com a área do ST. Esse resultado se dá tanto no que tange aos dados gerais como na análise intergrupala (G1-G2), e se repete quando a comparação é entre T1 e T2, na qual a T1 possui maior número de acessos. No entanto, cabe destacar que os acessos às áreas do TT e do ST são muito maiores em relação às visitas realizadas às áreas das traduções prévias, havendo correlações de moderadas a fortes entre TT-ST-TT, entre ST e o número total de visitas, T1-T2 e T1-T1 e o tempo de duração total da tarefa. No caso das microáreas de interesse, registra-se maior número de visitas na MST em relação à MTT, conforme disponível no Quadro 31. As visitas foram ligeiramente mais frequentes ao lado esquerdo da tela do computador, não havendo, porém, significância estatística. Os resultados apontam maior concentração da atenção visual nas áreas do ST e do TT, além de trazer à tona o novo dado referente à correlação entre as traduções prévias, o ST e o TT.

No Quadro 32, apresenta-se um resumo dos resultados referentes à duração das visitas.

Quadro 32 - Resumos dos resultados referentes à variável duração das visitas

1. Duração das visitas					
AOI	MAOI	G1	G2	Correlações	
TT>ST T2>T1	MST>MTT MT2>MT1	TT>ST T2>T1	TT>ST T2>T1	TT ST T1	Média geral Média geral Média geral
2. Resultados estatísticos $p < 0,05$					
ST[T1-T2] ST-ST TT[T1-T2] TT-ST	MST[MT1-MT2] MST-MTT MTT-MT1	G1 TT[T1-T2] TT-ST ST[T1-T2]	G2 TT[T1-T2] TT-ST ST-T1 T1-T2		

Nota: TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2; MTT=microárea texto-alvo; MST=microárea texto-fonte; MT1=microárea tradução 1; MT2=microárea tradução 2 ns=não significativo; LE=lado esquerdo; LD=lado direito; G=grupo.

Com relação à duração das visitas (Quadro 32), registra-se um comportamento parecido ao apresentado no número de visitas, ou seja, maior duração média na área do TT em comparação com a área do ST. Contudo, nas microáreas de interesse, esse quadro se inverte, e a MST possui maior duração média de visitas, resultado também aferido nas áreas das traduções prévias, sendo que a T2 possui maior duração média de visitas, tanto quando se analisam os dados referentes às AOI como quando se analisam os dados das MAOI. A T2 também possui maior duração média das visitas nos grupos (G1 e G2). Registra-se, ainda, correlação entre TT, ST e T1, de um lado, e a média geral de duração das visitas, do outro.

Os testes comparativos apontaram diferenças significativas entre a duração das visitas no ST e no TT em comparação com as duas traduções prévias. Esse resultado reflete o comportamento dos participantes, caracterizado por poucos e rápidos acessos às traduções prévias. Nas MAOI, foram significativas as diferenças entre a duração das visitas à MST comparada com a MTT, a MT1 e a MT2. Os resultados também foram significativos na comparação entre MTT e MT1. Esses resultados exprimem que houve interesse visual na microárea previamente delimitada, embora os testes não tenham apresentado correlação na variável duração das visitas entre as citadas microáreas.

O Quadro 33 resume os resultados referentes às transições efetuadas entre as AOI.

Quadro 33 - Resumos dos resultados referentes às transições entre AOI

1. Transições entre AOI			
ST-TT	TT[T1-T2] ST[T1-T2]	T1[ST-TT] T2[ST-TT]	
ST → TT TT → ST	TT → ST T1 → T1 TT → ST T2 → T2	T2 → TT T1 → TT T1 → ST T2 → ST	
2. Resultados estatísticos $p < 0,05$			
STT1	TTT1 TTT2	T1ST	T1TT T2T1 T2TT
STT2	TTT1 TTT2	T1T2	T1TT T2TT
-	-	T1TT	T2ST T2TT
-	-	T2ST	T2TT
-	-	T2T1	T2TT

Nota: TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

O Quadro 33 mostra que o maior número de transições foi registrado entre ST e TT e vice-versa. O terceiro maior número de transições foi realizado entre TT e T1, seguido de TT-T2, ST-T1 e ST-T2. Partindo das traduções, as transições mais frequentes foram: T2-TT, T1-TT, T1-ST e T2-ST. Encontraram-se diferenças significativas entre as transições realizadas na combinação STT1 em comparação com TTT1 e TTT2; e STT2 em comparação com TTT1 e TTT2, além de outras combinações, conforme descrito no Quadro 33. Esses resultados indicam que a maioria dos participantes optou por utilizar as traduções como fonte de consulta esporádica. Em contrapartida, a maior frequência de transições registrada entre o TT e as traduções prévias (depois das combinações TT-ST-TT), pode expressar dois comportamentos: i) o texto (ou porção de texto) já tinha sido processado e o participante buscou confirmar nas traduções prévias se a mensagem havia sido (re)traduzida a contento; ou ii) o participante está digitando e interrompe o fluxo de escrita, antes do processamento da mensagem, para averiguar as opções disponíveis para a resolução de um problema de tradução. Não se descarta, ainda, a possibilidade de ambas as situações ocorrerem em momentos distintos.

Outros resultados que são indicativos dos comportamentos elencados anteriormente são os que registram diferenças significativas entre as combinações STT1 [TTT1-TTT2]. As diferenças registradas podem ter relação com a intenção existente por detrás da transição, ou seja, as que partem do ST em direção à T1 não são iguais às que partem do TT em direção à mesma T1 e à T2, convergindo com hipótese de existência de, pelo menos, dois tipos de transições: aquelas em que a mensagem ainda não foi processada (total ou parcialmente) e,

portanto, partem do ST com o objetivo de buscar apoio nas traduções prévias; e aquelas em que a mensagem já foi processada (total ou parcialmente) e, portanto, têm como objetivo a averiguação de se a mensagem já processada cumpre com sua função na língua-alvo de acordo com as opções existentes nas traduções prévias.

Respaldando os pressupostos acerca da diferenciação das transições, tendo por base seu propósito e os resultados do Quadro 33, o registro de diferenças significativas entre as transições realizadas interáreas abrangendo as combinações T1ST [T1TT, T2T1 e T2TT] também são indicativos das distinções entre as transições. Isso que dizer que uma transição que parte da T1 em direção ao ST é diferente, em seu propósito, de uma transição, a qual possui a mesma origem, porém seu destino é o TT.

O Quadro 34 apresenta a síntese dos resultados referentes ao número de fixações.

Quadro 34 - Resumos dos resultados referentes à variável número de fixações

1. Número de Fixações					
AOI	MAOI	G1	G2	Correlações	
TT>ST	MST>MTT	TT>ST	TT>ST	TT	Total de fixações
T2>T1	MT2>MT1	T2>T1	T2>T1	ST	
-	-	-	-	T1	T2
2. Resultados estatísticos $p < 0,05$					
ST[T1-T2]		MTS[MT1-MT2]		G2	
TT[T1-T2]		MTT[MT1-MT2]		ST[T2]	
				TT[T1-T2]	
				TT-ST	

Nota: TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2; MTT=microárea texto-alvo; MST=microárea texto-fonte; MT1=microárea tradução 1; MT2=microárea tradução 2; G=grupo.

Consoante o Quadro 34, observa-se maior número médio de fixações no TT, tanto em termos gerais como grupalmente, o mesmo ocorrendo no tocante à duração das fixações. Já nas microáreas, o número e a duração média são maiores na MST. No caso das traduções prévias, a T2 possui número e duração média superiores, tanto nas AOI como nas MAOI. Além disso, assinalam-se correlações do número de fixações registrado nas áreas do TT e do ST com o número total de fixações, além de correlações entre o número de fixações da T1 com o número de fixações da T2.

Os resultados concernentes à duração das fixações são apresentados no Quadro 35.

Quadro 35 - Resumos dos resultados referentes à variável duração de fixações

1. Duração das fixações					
AOI	MAOI	G1	G2	Correlações	
TT>ST T2>T1	MST>MTT MT1=MT2	TT>ST T2>T1	TT>ST T2>T1	TT ST	T2 T2, T1, média geral
				T1	ST, T2, média geral
				T2	TT, ST, T1, média geral
				Duração tarefa	Total de fixações
2. Resultados estatísticos $p<0,05$					
ST[T1-T2] ST-TT TT[T1-T2]	MTT[MT1-MT2]	G1 TT[T1-T2] ST[T1-T2]	G2 TT[T1-T2] TT-ST ST[T1-T2] T1-T2		

Nota: TT=texto-alvo; ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2; MTT=microárea texto-alvo; MST=microárea texto-fonte; MT1=microárea tradução 1; MT2=microárea tradução 2; G=grupo.

Já com a duração das fixações, outras correlações foram verificadas, conforme mostrado no Quadro 35. Diferenças significativas foram encontradas concernentes à duração das fixações entre ST-TT, ST-T1, ST-T2, TT-T1 e TT-T2; e entre os grupos.

Com maior número de visitas e de fixações e maior duração média tanto de visitas como de fixações, conclui-se que o processamento do TT demandou mais esforço cognitivo. Em contrapartida, quando da resolução de problemas representado pelo trecho destacado nas MAOI, observa-se maior esforço no ST. As traduções prévias que serviram com insumo foram as que menos esforço cognitivo demandaram.

O Quadro 36 traz o resumo dos resultados referentes às fases do processo tradutório.

Quadro 36 - Resumo das fases do processo tradutório

Fases do processo tradutório				Pausas	
Grupos	Orientação	Redação	Revisão	Número	Duração
G1	< redação >Revisão	>Orientação e revisão	< Redação e orientação	>Redação e revisão	>Redação e orientação
G2	< redação >Revisão	>Orientação e revisão	< Redação e orientação	>Redação e revisão	>Redação e orientação
Resultados estatísticos $p<0,05$					
Duração fases			Pausas		
Redação	$p<0,05$ (G1-G2)		Número	Duração	
Total	$p<0,05$ (G1-G2)		G1>G2	G1>G2	

Nota: G=grupo; >=maior que; <=menor que.

A fase de redação foi a que mais consumiu tempo dos participantes, tanto de escrita como de pausas. A fase de orientação foi maior que a fase de revisão. Quanto às pausas, o maior

número e duração se concentram na fase de redação, enquanto a maior duração foi registrada na fase de orientação (composta por uma única pausa).

No que tange à segmentação textual, observou-se uma relação entre o número de microunidades de tradução e o tempo de execução da tarefa. Os quatro participantes cujo processo registra menor número de micro UT, também foram os que concluíram a tarefa mais rapidamente: P05 (10 micro UT), P08 (13 micro UT), P10 (17 micro UT) e P02 (18 micro UT). Os cinco participantes com maior número de microunidades pertencem ao G1, grupo mais lento na realização da tarefa: P09 (33 micro UT), P03 (32 micro UT), P06 (31 micro UT), P07 (29 micro UT) e P12 (29 micro UT).

4.6 UM MODELO PROCESSUAL DA (RE)TRADUÇÃO

Conforme relatado no capítulo anterior, o fluxo de acessos às quatro AOI privilegia a relação entre o TT e o ST, com maior número e duração de visitas e fixações nas duas áreas. Além disso, o maior número de transições registrado também é entre as duas áreas. Com relação às traduções prévias, confirma-se o acesso às AOI, porém em número e duração bastante inferior que aqueles apontados nas AOI do ST e do TT. Outro dado importante diz respeito ao propósito das transições, que se diferenciam de acordo com seu ponto de partida e seu destino, ou seja, uma transição que parte do ST e vai para o TT (82,13% dos casos) tem propósito diferenciado de uma que parte do ST passa por uma das traduções (T1, em 9,28% dos casos, e T2 em 8,5% dos casos), ou volta para o ST, nesse caso, em 67,11% dos casos. O fluxo de transições entre as AOI será apresentado na Seção 5.3.

Os acessos às quatro AOI podem ser observadas no mapa de calor. Além de serem indicativos das áreas que demandam maior esforço, os mapas também representam visualmente as áreas mais acessadas. A Figura 29, representa os mapas de calor do G1, do G2 e de todos os participantes.

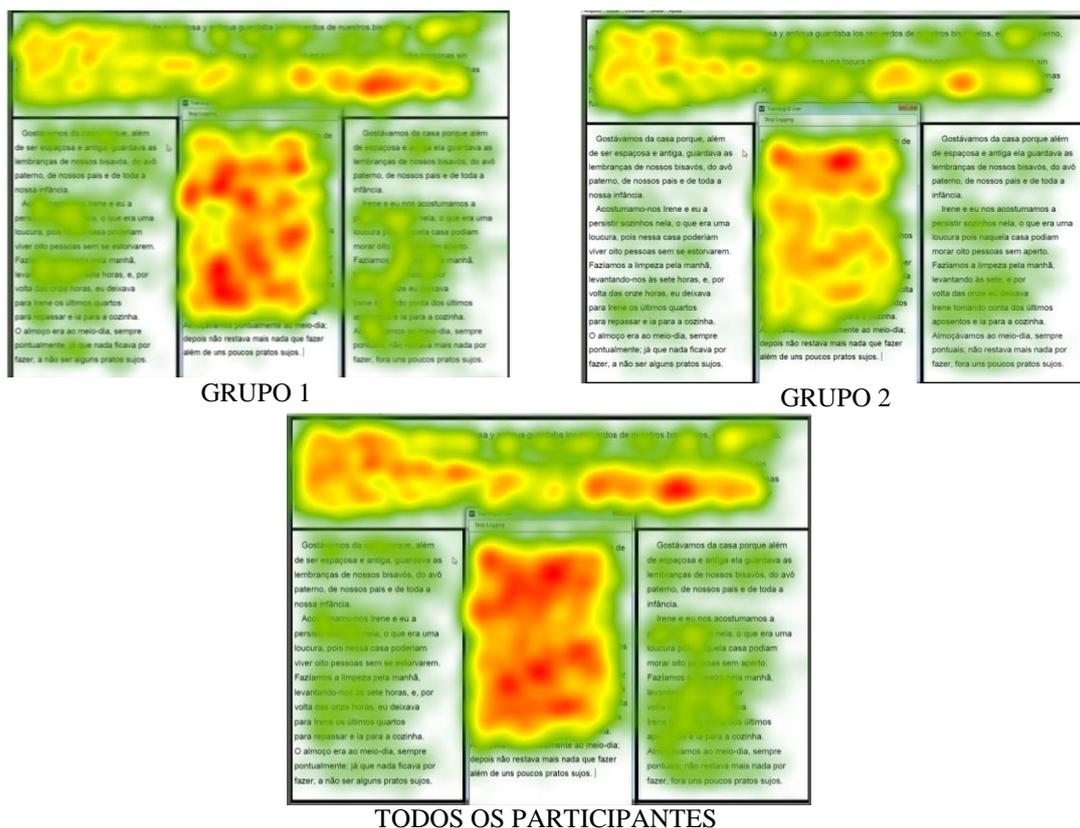


Figura 29 – Mapas de calor de G1, G2 e todos os participantes

As cores representadas no mapa indicam as áreas nas quais se registram os acessos. As tonalidades de cores, que vão do verde ao vermelho, indicam uma escala crescente no número de visitas, ou seja, de verde a transparente menor número de visitas, e de amarelo a vermelho, maior número de visitas. Posto isso, o maior número de visitas foi realizado no TT e no ST, áreas nas quais incidu maior atenção dos 14 participantes. As traduções receberam um número de visitas muito inferior ao registrado no TT e no ST, sendo que o G2 acessou menos as traduções prévias que o G1, o que pode ter impactado no tempo total de execução da tarefa ($G1 > G2$).

Diante desse quadro e com base nos dados até então apresentados, sugere-se o seguinte modelo representativo do processo de (re)tradução (Figura 30).

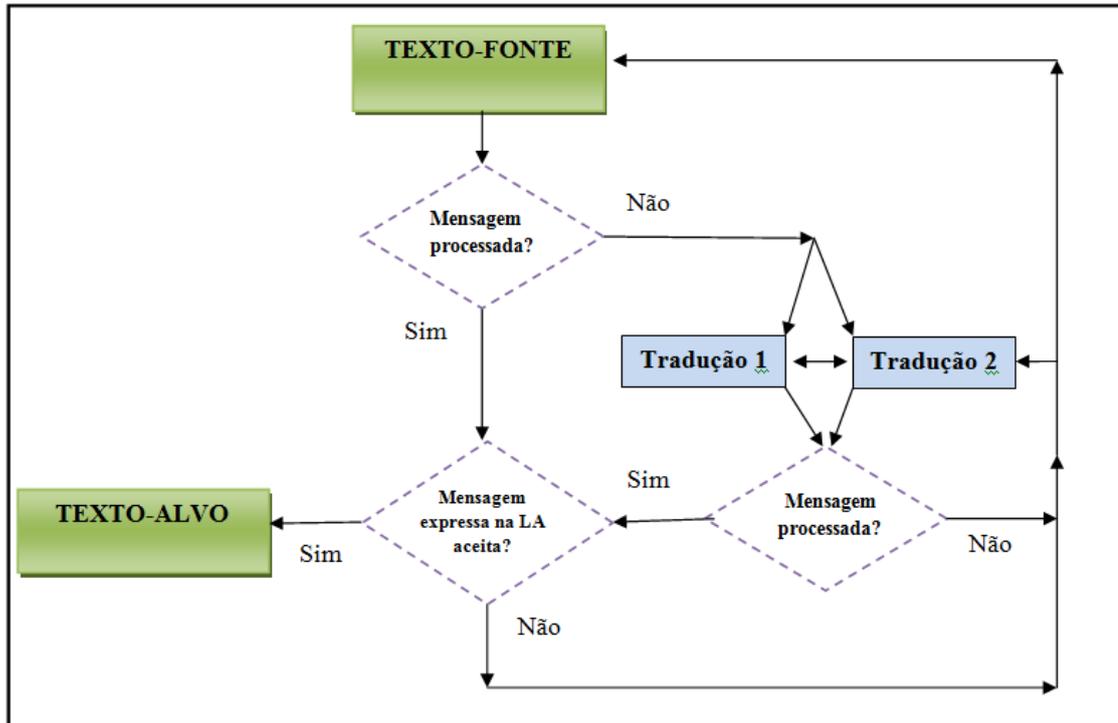


Figura 30 – Modelo processual da (re)tradução

O modelo processual da (re)tradução, representado pela Figura 30, ilustra os possíveis caminhos percorridos em uma tarefa de (re)tradução, com base nos resultados obtidos dos dados de rastreamento ocular. Ao ler o ST, o participante tem basicamente dois caminhos: i) buscar auxílio nas traduções para a conversão da mensagem ainda não processada (total ou parcialmente) para a língua-alvo; ou ii) traduzir a mensagem e retornar às traduções para confirmar/contrastar a mensagem processada, o que pode ocorrer concomitantemente com a elaboração da nova tradução, ou nas fases de orientação e revisão. Paralelo aos dois caminhos, há o que vai de uma tradução prévia à outra, por meio do qual se poderá escolher entre as opções existentes nas traduções ou rejeitá-las, seja completamente, seja parcialmente, e elaborar a nova tradução.

Portanto, com base nos resultados até então apresentados, define-se (re)tradução como tarefa e como processo, conforme Quadro 37:

Quadro 37 - Definição processual de (re)tradução

(Re)tradução como tarefa
Tarefa na qual o tradutor parte de um texto-fonte já traduzido para a mesma língua-alvo, podendo, ou não, utilizar a(s) tradução(ões) existente(s) desse mesmo texto-fonte, na produção da nova tradução. Nesse caso, as traduções existentes funcionam como apoio/insumo para a reformulação da nova tradução.
(Re)tradução como processo
Processo que envolve a produção de um texto-alvo, tendo por base o texto-fonte, além de uma ou mais traduções desse texto-fonte na mesma língua, ou não, que podem servir de suporte para a produção da nova tradução.

No capítulo seguinte, os resultados e as hipóteses são retomados, a fim de se responder às perguntas de pesquisa formuladas na Introdução desta tese.

5 DISCUSSÃO

Este capítulo de discussão geral se inicia, tomando por base a definição de tradução proposta por Hurtado Albir (2001). A autora concebe a tradução como sendo um processo interpretativo e comunicativo desenvolvido em um contexto social. Agrega à definição três aspectos ou atributos considerados primordiais, considerando a tradução uma operação “textual, comunicativa e cognitiva” (HURTADO ALBIR, 2001, p. 27). Ao dar início ao capítulo com essa definição, destaca-se a complexidade de se analisar um processo que envolve uma rede intrincada de conhecimentos, vivências, características idiossincráticas e individuais; além do agravante de se ter a ousadia de querer adentrar, mesmo que indiretamente, nesse mundo de incógnitas que é a cognição humana.

Este estudo, com características experimentais, buscou descrever um processo de tradução considerado frequente, porém até então não caracterizado processualmente, qual seja: a (re)tradução. A combinação (re)tradução-estudos processuais suscitou, mais que respostas, questionamentos que merecem a atenção de estudiosos do processo tradutório, a fim de se buscar entender esse complexo processo que envolve mais que tradução, compreende também dilemas e posicionamento diante do(s) outro(s): outro texto em outra língua e, também, outros textos na mesma língua, mas que não são meus, são de outros, em um exercício de alteridade minimamente multiplicado por três, o ST e as traduções prévias.

O recorte proposto neste estudo tem por guia quatro pressupostos, quatro perguntas de pesquisas e quatro hipóteses. É seguindo esse roteiro que se retomam, de forma sistemática, os resultados aqui apresentados, independentemente de corroborarem ou refutarem as hipóteses que guiaram este trabalho. Portanto, este capítulo está organizado seguindo a ordem das perguntas conforme elencadas na Introdução.

5.1 PERGUNTA DE PESQUISA 1

Por envolver a (re)tradução, o primeiro objetivo da pesquisa era analisar o processo tradutório de dois grupos de participantes na execução de uma tarefa que demandava atenção a três textos de insumo para a produção de um quarto texto. Fundamentados no pressuposto de que dados de registro de teclado e *mouse* (*e.g.*, movimentos recursivos e pausas) e dados de rastreamento ocular (*e.g.*, número e duração de fixações) são indicadores de esforço cognitivo (O'BRIEN, 2006; ALVES; PAGANO; DA SILVA, 2009) em tarefas de leitura e tradução (JAKOBSEN; JENSEN, 2008) e na hipótese de que a (re)tradução, por envolver mais de um

texto como insumo, demanda maior concentração de esforço, questionou-se: “Em um desenho experimental em que há três textos a serem lidos para a produção de um quarto texto, o que os dados revelam sobre a alocação de esforço pelo participante?”.

Dados de movimento ocular têm sido empregados com êxito para aferir o esforço cognitivo no âmbito dos estudos processuais da tradução (*e.g.*, ALVES; PAGANO; DA SILVA, 2009, 2011; HVELPLUND, 2011; JAKOBSEN; JENSEN, 2008; KOGLIN, 2015; PAVLOVIĆ; JENSEN, 2009; SJØRUP, 2011; SEKINO, 2015). Em todos esses estudos, o número e a duração das fixações foram utilizados para aferir o esforço cognitivo em diferentes tarefas envolvendo a relação de tradução entre ST-TT.

Os resultados deste estudo mostram que, tanto em número como em duração, as médias das fixações são superiores no TT. Esse resulta converge com as pesquisas que apontam maior esforço no processamento do TT que no do ST (JAKOBSEN; JENSEN, 2008; PAVLOVIĆ; JENSEN, 2009). Não obstante, quando da resolução de um problema de tradução, como destacado nas MAOI, tanto número quanto duração média das fixações são superiores na MST, ou seja, ao tentar resolver o problema de tradução preestabelecido, o maior esforço do (re)tradutor recai sobre o trecho no ST no qual se encontra o problema. Nesse caso, a maior carga cognitiva incide sobre o processamento do ST.

A princípio, as operações ativadas para a construção da nova tradução, neste experimento, parecem ser as mesmas efetuadas em um processo de tradução comum, o qual se destaca pela relação compreensão-ST/reformulação-TT, conforme modelo sequencial da tradução proposto Gile (1995, apud HVELPLUND, 2011, p. 12). Segundo o autor, tanto a fase de compreensão como a de reformulação são dependentes dos conhecimentos linguísticos e extralinguísticos para a compreensão do significado presente no ST e sua devida reformulação no TT. Esse processo implica a identificação de unidades de tradução e seu consequente processamento. Uma vez processada (ou parcialmente processada) a UT, produz-se um significado na língua-alvo, o qual, por sua vez, pode ser aceito ou rejeitado. Quando rejeitado, o processo de reformulação de significados é repetido quantas vezes sejam necessárias até o estabelecimento de uma tradução plausível para o ST (HVELPLUND, 2011, p.13). A Figura 31 representa o modelo sequencial de tradução proposto por Gile.

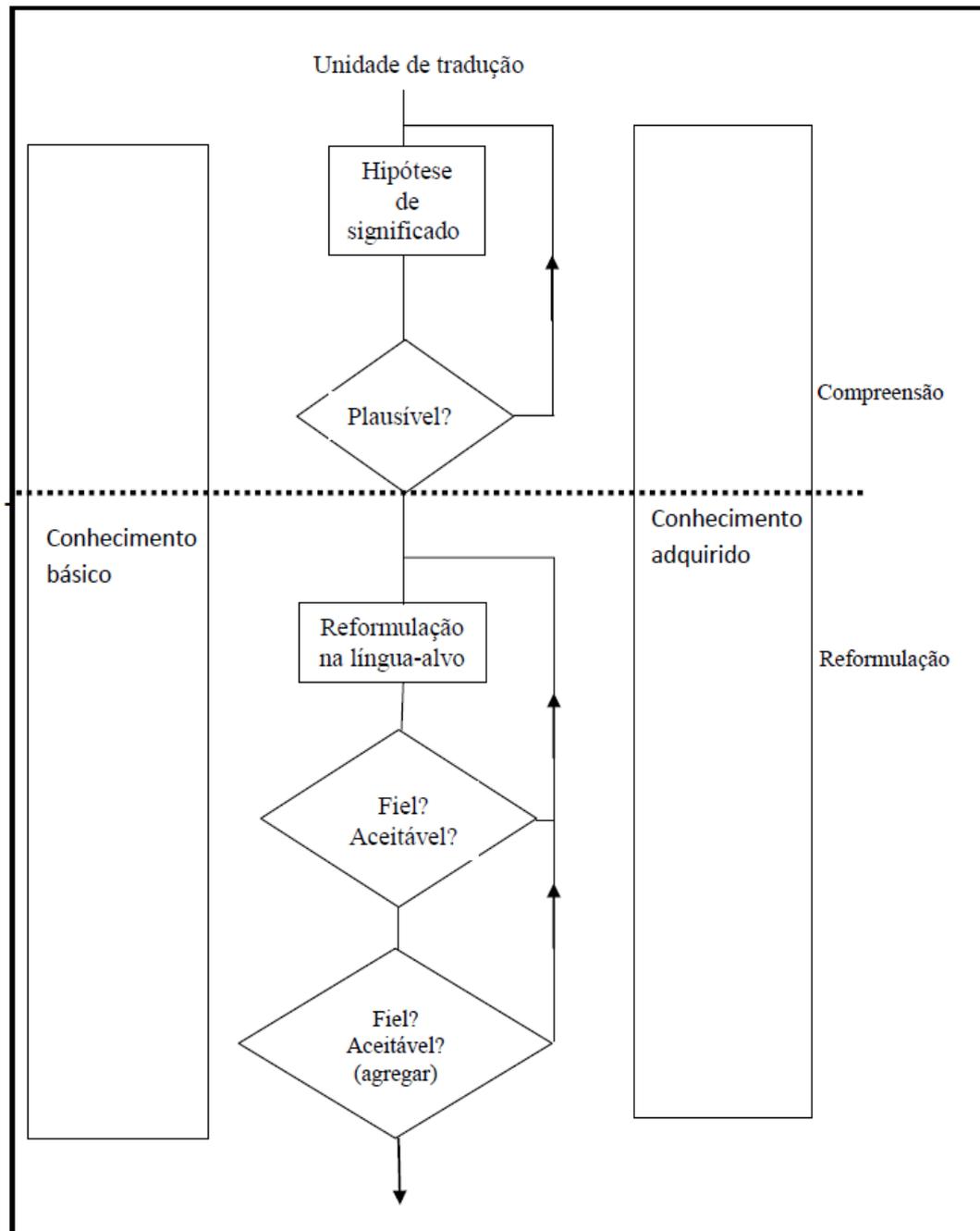


Figura 31 - Modelo sequencial da tradução (Gile, 1995)
 Fonte: Hvelplund (2011, p. 12). Tradução do autor.

De acordo com o modelo de Gile (1995) e fundamentados em Hvelplund (2011), o processo de extração do sentido no ST para sua reformulação na língua-alvo é muito complexo, por envolver diferentes subtarefas, como a leitura diferenciada para tradução, a digitação e o monitoramento da tradução, o que implica maior carga cognitiva. Neste estudo, o processo de compreensão-reformulação dos sentidos entre ST-TT foi o mais destacado. Contudo, além desse movimento entre ST-TT-ST, incrementou-se o processo com as possibilidades

presentes nas traduções prévias, conforme modelo do processo de (re)tradução representado na Figura 30.

Os resultados referentes às visitas e às fixações demonstram maior carga cognitiva no TT, como demonstrado anteriormente, mas também apontam para maior esforço nas microáreas preestabelecidas dentro do ST. Observando mais detalhadamente o processo, identificam-se, minimamente, três movimentos: um que parte do ST e vai direto para o TT, ou seja, o sentido é extraído no ST e reformulado no TT. Um segundo movimento parte do ST, passa pelas traduções prévias e, então, bifurca-se: ou retorna ao ST e somente depois vai para o TT; ou vai direto para o TT, onde o sentido é (re)formulado após a consulta às traduções prévias. O terceiro movimento faz o caminho contrário: o sentido é compreendido no ST e reformulado no TT, porém, como a proposta de tradução na língua-alvo é rejeitada (parcial ou totalmente), a atenção visual se volta para as traduções prévias com o fito de averiguar os significados já existentes nas traduções prévias. Então, após a consulta às traduções prévias, a atenção retorna ao TT, onde o sentido é reformulado, seja pela escolha de uma das opções existentes nas traduções, seja por uma nova proposta de tradução ou pela junção das possibilidades encontradas nas traduções prévias.

O número de transições registrado neste experimento é muito maior entre ST-TT (28,18%) e entre TT-ST (27,48%). Porém, também se registram transições entre TT-T1 (7,07%), T1-TT, (6,21%). T2-TT (6,68%) e TT-T2 (6,42%). Essas últimas transições têm em comum seu itinerário, ou seja, todas possuem o TT como origem ou destino, além da maior frequência de transições do tipo II, ou seja, aquelas em que a mensagem contida no ST foi processada e reformulada no TT (parcial ou totalmente). As visitas às traduções cumprem, então, a função de ratificar a opção de sentido já processado (cf. modelo de (re)tradução representado na Figura 30).

A ideia de maior esforço cognitivo no TT é reforçada quando se analisam as transições envolvendo o ST e as traduções prévias. Ao contrário das transições registradas entre o TT e as traduções prévias e vice-versa, quando a origem ou o destino é o ST em relação às traduções, os números são bem inferiores: 3,84% da T1 para o ST; e 3,18% e 2,95% do ST para a T1 e a T2, respectivamente, e as visitas realizadas da T2 para o ST representam 2,87% do total de visitas. As durações das visitas também são, em média, maiores no TT e no ST, tendo, no primeiro caso, em média 2,43 s, e no segundo, 1,79 s, enquanto nas traduções a duração média é de pouco mais de 1 s ($T1=1,01 < T2=1,31$).

Como a maioria dos estudos empreendidos com abordagem processual possuem exclusivamente duas áreas de interesse (ST e TT), buscou-se uma comparação, ainda que parcial, com o estudo realizado por Hvelplund (2015b), um dos poucos com mais de duas grandes áreas de interesse. Em seu estudo, tal como neste, o autor também utiliza quatro grandes áreas de interesse, conforme mostra a Figura 32.

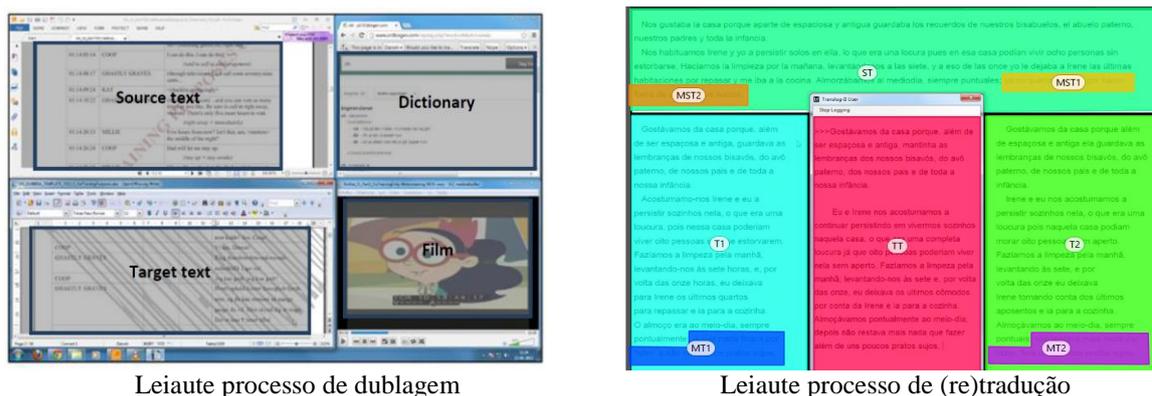


Figura 32 – Representação das quatro AOI em estudos processuais distintos: processo de dublagem e de (re)tradução.

Fonte: Hvelplund (2015b, p. 6) e elaboração do autor.

Embora os objetivos e os tipos de tradução envolvidos nos dois estudos sejam diferentes, ambos gozam de similaridade quanto ao uso de quatro AOI. Compartilham, também, dados referentes ao rastreamento ocular, consequentemente, referentes à alocação de esforço cognitivo.

Hvelplund (2015b) mostra, em seu estudo, que o processamento do TT exige maior esforço cognitivo que quaisquer outros subprocessos de tradução para fins de dublagem, além de ser o mais demorado. Este estudo corrobora essa informação. Das quatro áreas que conformam o processo, o TT foi a área na qual os participantes despenderam maior tempo: 47,5% no caso de Hvelplund (2015b) e 37,13% no caso deste estudo.

Ademais, em termos de carga cognitiva, o TT é AOI com maiores números e durações médias de fixações e visitas, similarmente ao estudo de Hvelplund (2015b). Na tradução para fins de dublagem, as médias das durações das fixações foram 290 ms no TT e 209 ms no ST. Esta pesquisa apontou durações médias de fixações de 251 ms no TT e 216 ms no ST; convergindo com Hvelplund (2015b).

Outro ponto em que as duas pesquisas convergem diz respeito aos resultados dos testes estatísticos de comparação. Tanto no estudo de Hvelplund (2015b) quanto no presente estudo, o resultado da comparação entre TT e ST é significativo: em Hvelplund (2015b), $p < 0,001$; no presente estudo, $p = 0,01605$.

Com a análise e contraste dos dados, concluímos que, no que diz respeito à alocação de esforço cognitivo em uma tarefa de (re)tradução envolvendo três textos como insumo, a maior carga cognitiva recai sobre o TT, em seguida sobre o ST e, por último, sobre as traduções prévias. Essa configuração é a mesma tanto no G1 quanto no G2. Assim, a hipótese 1, qual seja, a (re)tradução, por envolver mais de um texto como insumo, apresentará uma configuração de alocação de esforço distribuída entre os diferentes insumos, com predominância no TT, foi parcialmente corroborada, já que a alocação de esforço tem distribuição disforme, com maior concentração de esforço no TT, depois no ST e, muito inferior, nas traduções prévias.

5.2 PERGUNTA DE PESQUISA 2

“Em um desenho experimental envolvendo uma tarefa de (re)tradução, em que medida o participante tenderá a dedicar mais atenção ao texto-fonte (em língua estrangeira) e às traduções prévias (em língua vernácula)?” Para responder à segunda pergunta, partiu-se do seguinte pressuposto: segundo Shreve *et al.* (1993), a leitura para tradução é um tipo especial de leitura. Consoante Hvelplund (2015a), a leitura do ST durante a tradução escrita envolve cerca de cinco vezes mais fixações que a leitura para simples compreensão e, durante o processo de tradução, a leitura do texto-alvo também é diferente, ou seja, não se lê esse texto como algo novo e desconhecido, mas com o objetivo de verificar se a mensagem do ST foi reelaborada no TT como previsto. Objetiva-se observar o comportamento do olhar registrado no ST, em língua estrangeira, comparado com o comportamento registrado nas traduções, em língua vernácula. Para tanto, partimos do pressuposto de que a leitura para fins de compreensão difere da leitura para tradução, principalmente no número de fixações (HVELPLUND, 2015a; JAKOBSEN, JENSEN, 2008). A hipótese aventada era a de que o número de fixações fosse superior na área do ST, em detrimento das áreas das traduções prévias e do TT.

Observou-se, a partir dos dados de rastreamento ocular, que o ST recebeu mais atenção que as traduções prévias. Primeiramente porque o número e a duração das visitas, bem como das

fixações, são bem superiores na área do ST comparado com as áreas das traduções prévias, portanto, a alocação de esforço cognitivo é maior nessa área. A soma do número de fixações registrado na T1 e na T2 é quase duas vezes menor que aquele registrado no ST (3.187 ou 25,75% e 5.934 ou 38,13%, respectivamente). A mesma configuração é encontrada quando da análise dos dados de visitas: um total de 655 (23,48%) visitas nas duas áreas das traduções prévias e 982 (35,21%) na área do ST. Os testes estatísticos de comparação apontam diferenças significativas, conforme mostra a Tabela 49.

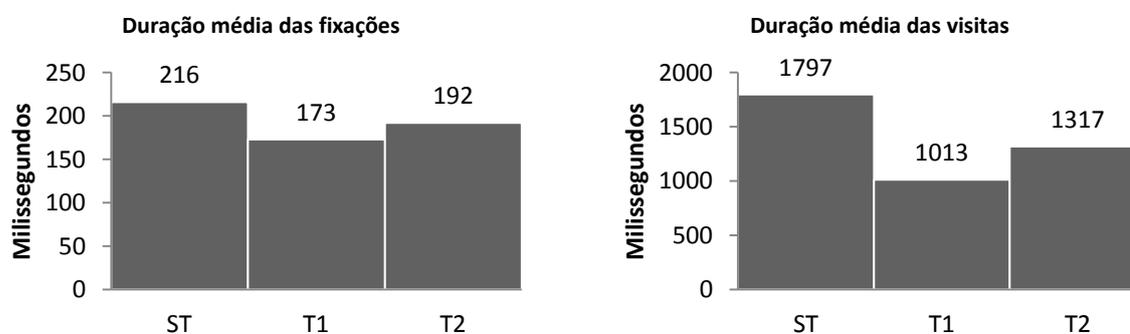
Tabela 49 - Resultados dos testes comparativos referentes aos números de visitas e fixações entre as áreas e microáreas do ST, da T1 e da T2

	Visitas	Fixações
ST-T1	$t(13) = 6,6571; p = 0,01571$	$t(13) = 12,812; p = 0,000009583$
ST-T2	$t(13) = 6,7485; p = 0,01365$	$t(13) = 13,6018; p = 0,000004587$
MST-MT1	$V=105; p = 0,001088$	$V=105; p = 0,001088$
MST-MT2	$V=105; p = 0,0001221$	$V=105; p = 0,0001221$

Nota: ST=texto-fonte; MST=microárea texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2; MT1=microárea tradução 1; MT2=microárea tradução 2.

As diferenças significativas reafirmam o que os valores absolutos ilustram, ou seja, que o número de visitas realizadas ao ST é significativamente superior ao número de visitas efetuado em ambas as traduções prévias, situação similar registrada nas microáreas de interesse. No caso das fixações, as diferenças são altamente significativas, conforme Tabela 49. Esse quadro se repete quando da análise da duração média das visitas e das fixações. A Figura 33, composta por dois gráficos, comporta esses dados.

Figura 33 - Comparativo entre as durações média das fixações e das visitas no ST, na T1 e na T2



Os resultados dos testes estatísticos, disponíveis na Tabela 50, confirmam as diferenças representadas na Figura 33.

Tabela 50 - Resultados dos testes comparativos referentes à duração média de visitas e fixações entre as áreas e microáreas do ST, T1 e T2

	Visitas	Fixações
STT1	V=105, $p = 0,001094$	$t(13) = 5,0551$; $p = 0,0002205$
STT2	V=89.5, $p = 0,02191$	$t(13) = 3,7724$; $p = 0,002326$

Nota: ST=texto-fonte; T1=tradução 1; T2=tradução 2.

Consoante os dados apresentados na Tabela 50, confirma-se que a área do ST registra durações de visitas e fixações superiores às das áreas das traduções prévias. Portanto, o ST é a área que recebeu mais atenção dos participantes quando comparado com as traduções prévias. Ainda não satisfeitos, apesar de os dados de rastreamento já corroborarem a hipótese 2, qual seja: o processamento do ST exigirá mais, em termos de esforço cognitivo, que as traduções prévias, cujo número de fixações e de visitas será maior no ST que nas traduções prévias; informações nos dados coletados via instrumentos introspectivos foram analisadas para reforçar essa hipótese. Eis que, tanto nos protocolos livres como nos guiados, foram encontrados trechos que mencionam a preferência pelo ST em detrimento das traduções prévias. A seguir, reproduzimos alguns exemplos extraídos dos protocolos livres e guiados. Os grifos são do autor.

(21) P10: No início eu optei por ler o texto em espanhol completo e não ler as traduções **para não ficar com a minha tradução enviesada...**

(22) P14: ... Na verdade, eu acho que eu me baseei, **fui sempre pelo texto-fonte; em algum momento** que eu me perdi que eu acabei fazendo, **sem querer**, a partir do texto da esquerda...

(23) P01: ... Tudo isso eu também fiz **só olhando o texto de cima** [...]. **Aí, quando eu tinha dúvida**, eu olhava primeiro para o texto da direita – não primeiro o texto da esquerda, depois o da direita...

(24) P02: ... **eu fiz questão de não ler as traduções...**

Esses são alguns exemplos que reforçam a hipótese de que o ST seria alvo maior da atenção dos participantes em comparação com as traduções prévias.

5.3 PERGUNTA DE PESQUISA 3

Segundo Carl (2013), uma tarefa de tradução é caracterizada pela alternância entre o ST e o TT. Esse pressuposto fomentou a terceira pergunta de pesquisa: “Qual é o padrão de alternância quando há mais de um insumos?” Com essa questão, buscou-se averiguar em que

medida o padrão de alternância de acesso entre as áreas de interesse, em uma tarefa envolvendo a (re)tradução, é diferenciado do padrão registrado em tarefas de tradução. Baseamo-nos na hipótese de que há distribuição da atenção nas quatro AOI, podendo o participante dar igual importância a todas elas ou, em algum momento, decidir por privilegiar uma ou outra.

Conforme já relatado e comprovado com os dados tanto quantitativos como os qualitativos (oriundos dos relatos introspectivos), as áreas do TT e do ST foram aquelas nas quais recaiu a maior parte da atenção dos participantes. Secundariamente, as traduções prévias também receberam atenção, porém esporádica, caracterizando-as como fonte de apoio à tradução. Por se tratar de uma tarefa inédita, é difícil compará-la com outras em termos de padrões de alternância. Novamente toma-se Hvelplund (2015b) como comparativo, já que ambas as tarefas contam com quatro áreas de interesse – uma exceção entre os estudos processuais, cujos experimentos, geralmente, possuem duas áreas.

Os dados específicos das transições realizadas interáreas representam bem que tipo de padrão de alternância é mais frequente. Segundo Hvelplund (2015b), as transições são as responsáveis pelo fluxo do processamento (*processing flow*), ou seja, as diferentes tarefas que o tradutor executa quando muda de área de interesse. Estudos mostram que o TT é a área sobre a qual recai a maior parcela da atenção visual (cf. HVEPLUND, 2011; 2015a; 2015b; JAKOBSEN; JENSEN, 2008, PAVLOVIĆ; JENSEN, 2009). No caso da (re)tradução, 28,18% das transições tiveram o ST como origem e o TT como destino. Esse resultado corrobora o estudo de Hvelplund (2015b), o qual também aponta maior número de transições entre as duas áreas, em detrimento de outras áreas de interesse.

Os mesmos estudos citados também mostram que o processamento do TT é mais oneroso cognitivamente que o processamento do ST. Para aferir a esforço cognitivo, Hvelplund (2015b) utiliza a duração média da fixação nas diferentes áreas, além do tamanho da pupila (variável não utilizada neste estudo). Similarmente à pesquisa de Hvelplund (2015b), a duração média da fixação também é maior na área do TT.

O padrão de alternância entre as AOI possui algumas semelhanças nos dois estudos. Hvelplund (2015b, p. 7-8) descreve assim o fluxo de processamento típico do processo envolvendo a tradução para fins de dublagem:

... a atenção está focada primeiro no ST. Em seguida, a atenção se desloca para o TT e, dele, ou é focada no ST, o que acontece em dois terços do tempo (65,4%), ou se desloca para o material audiovisual, o que acontece em torno de um terço do tempo

(34,6%). Da área do filme, a atenção se desloca quase sempre para a área de TT (80,2%). Esses números fortalecem a sugestão anterior de que o processamento do TT é o nexa de processamento de informação durante a tradução, porque há trânsito intenso, ou seja, muitas transições, entre 1) TT e ST e 2) TT e filme, mas relativamente poucas transições entre ST e filme. De fato, 91,6% de todas as transições envolvem o processamento do TT em uma ou outra direção, ao passo que a porcentagem é de 67,6 para o processamento de ST e 40,8 para o processamento do filme³⁴.

No caso da (re)tradução, o fluxo típico de processamento é o representado na Tabela 51.

Tabela 51 - Matriz de transição entre ST, TT, T1 e T2 (em %)

	→ ST	→ TT	→ T1	→ T2
ST →	-	82,13	9,28	8,59
TT →	67,11	-	17,25	15,64
T1 →	30,18	48,78	-	21,04
T2 →	23,94	55,67	20,39	-

Fonte: Hvelplund (2015b, p. 7. Adaptado.)

As porcentagens constantes da Tabela 51 representam o fluxo de processamento durante uma tarefa de (re)tradução. O processo se inicia com a leitura do ST, depois a atenção se dirige para o TT em 82,13% dos casos. Em seguida, a atenção ou volta para o ST, possibilidade de 67,11%, ou se bifurca, com maior chance de mover-se para a T1 (9,28%), ou para a T2 (8,59%). Independente se o destino é uma ou outra tradução, a maior possibilidade é que a atenção retorne para o TT, 55,67% dos casos se a origem é a T2, e 48,78% se a origem da transição é a T1. A atenção visual retorna ao ST em 30,18% dos casos em que ela parte da T1, e em 23,94% dos casos em que ela tem como origem a T2.

Similarmente ao fluxo descrito no estudo de Hvelplund (2015b), aferimos que o TT também funciona como elo de processamento de informação durante a (re)tradução. Com isso, responde-se à pergunta de pesquisa 3 corroborando a hipótese 3, já que nela se previa que a atenção visual incidiria mais sobre o TT que, por sua vez, é o elo de ligação entre os outros textos.

³⁴ Tradução do autor para: "... attention is first focused at the ST. Then attention shifts to the TT, and from the TT, attention is either refocused at the ST, which happens two thirds of the time (65.4 percent), or it shifts to the audiovisual material, which happens around a third of the time (34.6 percent). From the Film area, attention shifts almost always to the TT area (80.2 percent). These figures strengthen the suggestion earlier that TT processing is the nexus of information processing during dubbing translation as there is heavy traffic, i.e. many transitions, between 1) TT and ST and 2) TT and Film, and relatively few transitions between ST and Film. In fact, 91.6 percent of all transitions involve TT processing in one or the other direction, while the percentage is 67.6 for ST processing and 40.8 for Film processing."

5.4 PERGUNTA DE PESQUISA 4

A quarta e última pergunta tem relação com a resolução de problemas. Levando em consideração que a tarefa aqui proposta envolve a (re)tradução e, portanto, o acesso a pelo menos um texto traduzido, indagou-se: “Como o participante lida com um problema de tradução gerado por dois insumos, em língua vernácula, com interpretações diferentes do texto-fonte, em língua estrangeira?” Assim, aspirava-se averiguar como os participantes lidariam com um problema particular de (re)tradução gerado por duas interpretações distintas fornecidas pelos insumos na língua-alvo. A hipótese a ser corroborada ou refutada é: à medida que problemas de tradução apareçam, o participante buscará apoio nas traduções para solucioná-lo, optando por uma das traduções, pela junção das duas ou por uma solução própria.

Com relação ao problema de interpretação existente na T1, referente à partícula “*ya*” do espanhol, não é possível afirmar se os participantes o perceberam deliberadamente. No entanto, é possível comprovar, com dados de rastreamento ocular registrados nas MAOI, além das informações dos protocolos retrospectivos, que as microáreas receberam a atenção da maioria dos participantes, embora os testes estatísticos apontem para a falta de significância na comparação intergrupar (G1-G2). Ademais, outras áreas não delimitadas previamente igualmente chamaram a atenção dos participantes, o que se pode comprovar com os dados citados.

As traduções que compõem o leiaute da tarefa, como já relatado, possuem interpretações divergentes quanto à partícula “*ya*”. Na T1, “*ya*” foi interpretada como adjunto causal (*i.e.*, já que) e, na T2, como adjunto de temporalidade. Isso implicou uma estrutura retórica multinuclear em T1 distinta daquela núcleo-satélite no ST e similar à interpretação dada pela T2.

Diante das diferentes interpretações, os sete participantes que optaram por seguir a estrutura retórica da T1, ou seja, que traduziram o trecho como causal, foram excluídos do estudo; portanto, todos os quatorze participantes restantes resolveram o problema. Contudo, não é possível afirmar se o problema foi conscientemente percebido ou se a partícula foi intuitivamente processada; porém, como afirmado anteriormente, os dados de rastreamento ocular comprovam que houve atenção visual na área preestabelecida.

A MST foi a microárea mais acessada, com 49,39% dos acessos realizados às MAOI. A porcentagem de acessos à MST é de 32,99% tomando por referência os acessos à sua

respectiva AOI (ST) e de 11,62% levando em conta todas as áreas. Os testes estatísticos comparativos mostraram diferenças significativas entre os acessos realizados à MST comparado com os realizados à MT1 e à MT2. Também foram significativas as diferenças entre os acessos realizados à MTT, em comparação com os realizados à MT1 e à MT2, com $MST > MT1 - MT2$ e $MTT > MT1 - MT2$. Comportamento similar é registrado quando da análise das fixações, ou seja, a duração média da fixação é maior na MST que na MTT (0,430 e 0,241 s, respectivamente), o que é um indício de que a atenção, quando da existência de um problema de tradução, é maior no ST.

Se por um lado não é possível afirmar categoricamente que o problema de tradução preestabelecido foi percebido conscientemente, por outro é possível apontar outras áreas em comum em que os participantes encontraram alguma dificuldade de interpretação, constituindo, portanto, áreas passíveis de maior esforço. Com base nas informações dos protocolos verbais confrontadas com os dados de rastreamento ocular e acionamentos de teclas e *mouse*, além das pausas, foram identificadas, minimamente, sete áreas de conflito, incluindo a MST. Elas compartilham características comuns, como alto número de microunidades de tradução, maior duração de pausas e acessos às traduções prévias.

No capítulo seguinte apresentam-se as Conclusões deste estudo.

CONCLUSÕES

Os Estudos da Tradução com abordagem processual vêm nos últimos 15 anos incrementando e implementando metodologias de pesquisa de natureza empírico-experimental e aportando dados para as diferentes atividades que seu nicho abrange. O LETRA, pioneiro e maior centro de pesquisas experimentais do processo tradutório no Brasil, também completa 15 anos, e não haveria momento melhor para propor este estudo. Assim, muitos processos foram descritos e analisados, desde os que envolvem a relação entre ST e TT da forma mais clássica, no caso das tarefas de tradução, até estudos de pós-edição monolíngue e bilíngue (*i.e.*, sem e com acesso ao ST respectivamente). Agregam-se a esse contexto pesquisas sobre leitura para tradução e sobre as fases de orientação e revisão, sendo estas últimas mais carentes de pesquisas processuais de base empírica.

A (re)tradução é um tipo de tradução que possui características peculiares. Por envolver a tradução de um texto já traduzido, ultrapassa fronteiras e adentra terrenos próprios de outras atividades, como a revisão e a reedição, além de suscitar dúvidas, inclusive, referentes à autoria, chegando a beirar o complexo limiar do plágio. Assim é a (re)tradução: polêmica; porém, mais que polêmica, necessária. Talvez essa capacidade ou propriedade de causar estranhamentos e suscitar os mais diferentes e antagônicos sentimentos com relação ao seu propósito seja uma característica herdada de sua principal matéria-prima, a literatura. Seja assimiladora ou domesticadora segundo Venutti (2002), seja estrangeirizadora (VENUTTI 2002), a (re)tradução é a responsável por manter vivos os clássicos, quando não transforma em clássico o que não era. O fato é que, ignorando discussões filosóficas e acadêmicas em torno da já conhecida hipótese da (re)tradução (BERMAN, 1990) e de seu modelo de progressão histórica (SUSAN-SARAJEVA, 2003), é o mercado editorial que dita as regras de reedição, reimpressão e (re)tradução (POLOPOSKI; KOSKINEN, 2010), movimentando milhões de dólares em todo o mundo.

Diante do exposto e do complexo universo que envolve a (re)tradução, caracterizar seu processo se tornou uma missão extremamente instigante, principalmente devido ao ineditismo do estudo. Como não foram encontrados, nas pesquisas de referências realizadas para este estudo, trabalhos acadêmicos e/ou científicos que contemplassem o estudo do processo de (re)tradução, esta pesquisa aporta dados inéditos de caracterização de uma tarefa ainda não explorada pelos estudos processuais da tradução. Em segundo lugar, pela primeira vez um texto literário é utilizado em uma pesquisa experimental voltada para o estudo do processo tradutório e da alocação de esforço cognitivo.

Conscientes da repercussão que o uso de um texto literário em um estudo experimental pode causar, o mesmo foi tratado da forma mais neutra possível, dentro dos limites que uma pesquisa de cunho experimental impõe. Porém, ignorá-lo e não o utilizar inviabilizaria todo o estudo, já que dissertar sobre (re)tradução implica envolver-se com literatura. Contudo, reitera-se que este estudo se atém, exclusivamente, aos dados do processo tradutório em uma tarefa de (re)tradução, tarefa impossível de se elaborar sem o uso de um texto literário e que se abdica de quaisquer indagações à hipótese da (re)tradução.

No que diz respeito aos principais tipos de tarefas utilizadas nos experimentos dentro dos estudos processuais da tradução, têm-se: i) tarefas de tradução; ii) tarefas de revisão; e iii) tarefas de pós-edição. No âmbito dessas tarefas, e com base nos estudos publicados, constatou-se, por exemplo, que a alocação de esforço cognitivo é maior no processamento do TT que no do ST, no caso da tradução e da pós-edição. As pesquisas também mostram que a segmentação textual de profissionais é menor que a de estudantes e que a leitura para tradução é diferenciada e envolve maior esforço cognitivo que a leitura para outros propósitos. A identificação desses resultados só foi possível por meio de experimentos os quais utilizam diferentes tipos de tarefas. Nesse sentido, a proposta de tarefa de (re)tradução está lançada, cabendo a novas pesquisas replicá-la, criticá-la e/ou melhorá-la, corroborando ou refutando os resultados aqui apresentados.

Este estudo enfoca assim o processo de (re)tradução como uma atividade cuja caracterização poderá oferecer subsídios para novas pesquisas, contribuindo para o estado da arte da abordagem processual, que passará a ter uma descrição de um processo ainda não descrito. Ademais, os resultados poderão ser úteis em outras ramas do campo disciplinar, como a rama aplicada, em subáreas como a didática da tradução. Outra contribuição deste estudo diz respeito ao uso de ferramentas tecnológicas ainda não utilizadas nos estudos com abordagem processual como: i) uso do programa R para agrumento de participantes da pesquisa, e ii) uso do LRSB para a extração dos dados coletados por meio do programa de registro de teclado e *mouse*. O estudo contribui, ainda, com dados acerca do par linguístico espanhol-português, além de propor um modelo processual da (re)tradução e sua definição processual com base nos dados de rastreamento ocular, registro de tecla e *mouse* e protocolos retrospectivos.

Contudo, a maior contribuição deste estudo diz respeito à caracterização do processo de (re)tradução. Fundamentados nos dados de transições, foi possível averiguar o fluxo da movimentação do olhar entre as quatro AOI. Esses dados mostraram que o TT é o nexa entre

todas as outras AOI e que a relação TT-ST-TT é muito mais frequente que qualquer outra relação envolvendo as áreas das traduções prévias. Ademais, os dados referentes aos números e durações de visitas e de fixações também comprovam que a atenção do olhar incide, majoritariamente, nas áreas do TT e do ST, em detrimento das áreas das traduções prévias.

Acerca dos acessos minoritários, ou seja, às traduções prévias, os dados mostram que eles são de caráter esporádico e estão frequentemente relacionados a um problema de tradução. Nesse caso, constatou-se que as visitas têm o escopo de buscar apoio nas traduções prévias para a consecução da nova tradução em dois sentidos: i) como apoio no processamento da mensagem do ST; e ii) como confirmação/contraste da mensagem processada.

Retomando os resultados, neste estudo foi mostrado que, em um experimento envolvendo três textos como insumo, a maior carga cognitiva incide sobre o TT. Outrossim, quando da resolução de problemas, os dados de rastreamento extraídos das MAOI apontam para o maior esforço cognitivo na área do ST.

Adicionalmente aos dados de cunho quantitativo, os instrumentos introspectivos contribuíram para a corroboração da hipótese, já que, nas narrativas registradas nos protocolos verbais, também é frequentemente mencionado certo distanciamento com relação às traduções prévias. Ademais, nos protocolos também são encontrados relatos que colocam em jogo o sentido autoral da (re)tradução, o que justifica e explica o fato de nenhuma das traduções ter sido integralmente reproduzida, conforme permitia o comando (*brief*) da tarefa. Essa necessidade de deixar impresso seu estilo na nova tradução também é, nas metarreflexões registradas nos protocolos, um indício de que esse sentido autoral quiçá seja o que mais diferencia a tarefa de (re)tradução das tarefas de pós-edição e revisão, nas quais, revisores e pós-editores parecem não se sentir coautores dos textos pós-editados ou revisados. No caso da (re)tradução o processo de (re)criação [grifos do autor] é eminentemente autoral, justificando o uso frequente da expressão “minha tradução” nos protocolos verbais.

Ao autoavaliar este experimento, foram encontrados alguns problemas no desenho experimental, tais como: o perfil dos participantes e a ausência de um grupo controle. O estudo compreendeu estudantes de tradução e professores de ELE, participantes mais facilmente localizados e recrutados pelo autor desta tese. Contudo, não se encontrou respaldo teórico que justificasse a comparação desses perfis dentro do campo disciplinar. Devido à escassez de voluntariado, causado por diversos motivos, não foi possível o recrutamento de tradutores profissionais que se dispusessem a participar do experimento, problema não encontrado entre estudantes e professores de línguas, haja vista o tamanho da amostra

apresentada no início deste estudo. Outrossim, durante a investigação, principalmente a partir dos profícuos resultados do estudo piloto e do estudo preliminar, decidiu-se pela exclusão da maior parte dos participantes recrutados, conforme relatado na metodologia de pesquisa, privilegiando perfis que tivessem experiência em tradução.

Apesar de os perfis terem sido selecionados com base em dados como experiência em tradução e dados relativos ao tempo de execução, total e relativo, da tarefa, ainda assim, talvez os resultados fossem mais robustos se houvesse na amostra tradutores profissionais. Todavia, no Brasil, é difícil classificar o que é um tradutor profissional, já que a profissão ainda não é regulamentada no país.

Se por um lado o perfil pode ter impactado nos resultados, por outro, a tarefa aqui proposta seria inédita, inclusive, para profissionais, o que, de certo modo, os colocaria em uma posição de novato na execução desta tarefa específica. Por conseguinte, sugere-se a replicação do estudo com tradutores cujo perfil se aproxime, o máximo possível, da expertise (tradução literária). Com a replicação será possível afirmar se o perfil realmente tem maior impacto na execução da tarefa ou se a tarefa, por ser inédita, é que tem maior impacto nos resultados.

Outro problema detectado foi em relação à inexistência de um grupo controle, elemento presente na maioria das pesquisas experimentais. Com esse grupo, seria possível aferir se uma tarefa de (re)tradução supõe maior esforço cognitivo em comparação com uma tarefa de tradução. Esse é um dos passos previstos para a próxima fase da pesquisa, que prevê a coleta de dados com o mesmo texto utilizado neste estudo, porém como uma tarefa de tradução, sem a presença das traduções prévias. Posteriormente, esses dados serão comparados com os deste estudo, com vistas a aferir em qual tarefa há maior alocação de esforço cognitivo.

Segundo Sekino (2015, p. 176), parece interessante a hipótese de aplicação de um teste de leitura. O referido teste, realizado tanto em língua vernácula como em língua estrangeira, resultaria no maior aproveitamento dos dados de rastreamento ocular e, conseqüentemente, resultados profícuos poderiam ser apresentados. A realização do teste também está presente no planejamento dos próximos passos da pesquisa. Por fim, sugere-se, ainda, que novas pesquisas incluam outros pares linguísticos, a fim de se averiguar se os pares de línguas envolvidos no processo de (re)tradução têm impacto no acesso às traduções prévias.

Para Berman (1990), a tradução é um ato incompleto que só se finaliza por meio de uma (re)tradução. A recíproca é verdadeira para o caso da pesquisa: a incompletude lhe é uma característica inerente e é também o que possibilita seus desdobramentos, em um *continuum*

composto pela busca de novos dados, de novas interpretações de velhos dados (alguns nem tão velhos assim), seja pela (re)plificação, seja pela continuidade de uma pesquisa iniciada, na busca incessante pela (re)descoberta.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G.; O'BRIEN, S. Analysing post-editing performance: correlations with years of translation equivalence. In: EUROPEAN ASSOCIATION FOR MACHINE TRANSLATION, St Raphael, France, 2010. **Proceedings...** St. Raphael: EAMT, 2010.

ALVES, F. Veio-me um 'click' na cabeça: the theoretical foundations and the design of a psycholinguistically oriented, empirical investigation of German-Portuguese translation processes. *Meta*, Montreal, v.41, n.1, 1996. p. 33-44. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/meta/1996/v41/n1/index.html>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

ALVES, F. A formação de tradutores a partir de uma abordagem cognitiva: reflexões de um projeto de ensino. **TradTerm**, v. 4, n. 2, p. 19-40, 1997.

_____. A triangulação como opção metodológica em pesquisas empírico-experimentais em tradução. In: PAGANO, A. S. (org.). *Metodologias de Pesquisa em Tradução*. Belo Horizonte: POSLIN/FALE/UFMG, 2001. p. 69-92.

_____. Triangulation in process oriented research in translation In: ALVES, F. (Ed.) **Triangulating translation: perspectives in process-oriented research**. Amsterdã: John Benjamins, 2003. p. 25-42.

_____. Ritmo cognitivo, meta-função e experiência: parâmetros de análise processual no desempenho de tradutores novatos e experientes. In: ALVES, F.; MAGALHÃES, C. M.; PAGANO, A. (Org.). **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. p. 109-169.

ALVES, F. & GONÇALVES, J. L. V. R. A Relevance Theory approach to the investigation of inferential processes in translation. In F. ALVES (ed.). **Triangulating translation: perspectives in process oriented research**, (Benjamins Translation Library 45). Amsterdam: John Benjamins. 2003. P. 3-24.

ALVES, F. GONÇALVES, J. L., SZPAK. Identifying instances of processing effort translation through heat maps: an eye-tracking study using multiple input sources. **Proceedings of the First Workshop on Eye-tracking and Natural Language Processing**. Mumbay: COLING, p. 5-20, 2012.

_____. Some thoughts about the conceptual/procedural distinction in translation: a key-logging an eye-tracking study of processin effort. **MonTI Special Issue: Minding translation**, p. 152-175, 2014.

ALVES, F.; PAGANO, A.; DA SILVA, I. A. L. A new window on translators' cognitive activity: methodological issues in the combined use of eye tracking, key logging and retrospective protocols In: MEES, I.; ALVES, F.; GOPFERICH, S. (eds.) **Methodology, technology and innovation in translation process research: a tribute to Arnt Lykke Jakobsen**. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2009. p. 267-292

_____. Towards an investigation of reading modalities in/for translation: an exploratory study using eye-tracking data. In. O'BRIEN, S. **Cognitive explorations of translation**. Londres/Nova York: Continuum, 2011. p. 175-191

ALVES, F.; VALE, D. C. Probing the unit of translation in time: aspects of the design and development of a web application for storing, annotating, and querying translation process data. **Across Languages and Cultures**, v. 10, p. 251-273, 2009.

ANTÔNIO, J. D. Algumas contribuições da teoria da estrutura retórica do texto para o ensino de leitura e compreensão de textos na escola. **Signum, Estudos Linguísticos**, v. 13, n. 2, 2010, p. 81-10.

BAKER, M.; MALMKJAER, K. **Routledge encyclopaedia of translation studies**. 1. ed. Londres: Routledge, 1998.

BENSIMON, P. Présentation. **Palimpsestes**, v. 13, p. IX-XIII, 1990

BERMAN, A. La retraduction comme espace de traduction. **Palimpsestes**, v. 13, p. 1-7, 1990.

BERMAN, A. **A tradução e a letra** ou O albergue do longínquo. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres; Mauri Furlan, Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

BRAGA, C. N. O. **Indagando o perfil de tradutores em formação**: um estudo de caso. 2007. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

BRUNETTE, L., GAGNON, C. and HINE, J. The GREVIS project: Revise or court calamity. **Across Languages and cultures**, v. 6, n. 1, p. 29-45, 2005.

BUCHWEITZ, A.; ALVES, F. Cognitive adaptation in translation: an interface between language direction, time, and recursiveness. In: target text production. **Letras de Hoje**, v. 41, p. 241-272, 2006.

CARL, M. Translog-II: a program for recording user activity data for empirical translation process research. **IJCLA**, v. 3, n. 1, p. 153-162, jan.-jun. 2012.

CARL, M. Dynamic programming for re-mapping noisy fixations in translation tasks. **Journal of eye movement research**, v. 6, n. 2, p. 1-11, 2013.

CARL, M.; DRAGSTED, B. Inside the Monitor Model: Processes of Default and Challenged Translation Production. **Translation: Computation, Corpora, Cognition**, v. 2, n. 1, p. 127-145, 2012.

CARL, M.; DRAGSTED, B.; ELMING, J.; HARDT, D.; JAKOBSEN, A. L. The process of post-editing: a pilot study. In: SHARP, B.; ZOCK, M.; CARL, M.; JAKOBSEN, A. L. (ORG) Proceeding of the 8th natural language processing and cognitive science workshop. Copenhagen Studies in languages series, v. 41, 2011, p. 131-142.

CARL, M.; JAKOBSEN, A. L.; JENSEN, K.T.H. Studying human translation behavior with user-activity data. Paper presented in the Natural language Processing and Cognitive Science Conference. Barcelona, 2008.

CLIMENT, S., MORÉ, J., OLIVER, A. (2003). Building an environment for unsupervised automatic email translation. **EAMT-CLAW**, Joint Conference combining the 7th

international workshop of the European Association for Machine Translation and the 4th Controlled Language Applications Workshop, Dublin: Proceedings. July 18, 2003. Disponível em <<http://www.uoc.edu/in3/dt/20292/index.htm>>1. Último acesso em: 02 nov. 2014.

CORTÁZAR, J. Casa tomada. **Revista Los Anales de Buenos Aires**, 1946.

_____. A casa tomada. In: RAMAL, Alicia. (Org. e Trad.). **Contos latino-americanos eternos**. Rio de Janeiro: Bom Texto Editora, 2005. p. 7-9.

_____. Casa tomada. In: KARAM, Sérgio (Org.) **A autoestrada do sul e outras histórias**. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: L&PM Pocket, 2013.

CYBIS, W.; BETIOL, A. H.; FAUST, R. **Ergonomia e usabilidade**: conhecimentos, métodos e aplicações. São Paulo: Novatc, 2007.

DA SILVA, I. A. L. **Conhecimento Experto em Tradução**: aferição da durabilidade de tarefas tradutórias realizadas por sujeitos não-tradutores em condições empírico-experimentais. 273f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Belo Horizonte: FALE: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007

_____. **(Des)compactação de significados e esforço cognitivo no processo tradutório: um estudo da metáfora gramatical na construção do texto traduzido**. 277 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Belo Horizonte: FALE: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012

DA SILVA, I. A. L.; OLIVEIRA, M. L.; LIMA, K. C. S.. Conhecimento experto em tradução: uma abordagem processual e discursiva de tarefas tradutórias realizadas por pesquisadores expertos. **Revista da ABRALIN**, v. 7, n 1, p. 279-312, 2008. Disponível em: <<http://www.abralin.org/revista/rv7n1/12-Igor-Antonio.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2014.

DASTJERDI, H. V.; MOHAMMADI, A. Revisiting “retranslation hypothesis”: a comparative analysis of stylistic features in the Persian retranslations of *Pride and Prejudice*. **Open Journal of Modern Linguistics**, v. 3, n. 3, p. 174-181, 2013.

DEANE, S. L. **Confronting the retranslation hypothesis**: flaubert and sand in the British literary system. 308 f. Tese (Doutorado) – University of Edimburgh, Edimburgo, 2011.

DESMIT, I. (Re)translation revisited. **Meta: Journal des Traducteurs**, v. 54, n. 4, p. 669-683, 2009.

DRAGSTED, B. **Segmentation in Translation and Translation Memory Systems**: An Empirical Investigation of Cognitive Segmentation and Effects of Integrating a TMSsystem into the Translation Process. 305 f. Tese (Doutorado), Copenhagen Business School. Copenhagen: Samfundslitteratur. 2004

DRAGSTED, B.; CARL, M. Towards a classification of translation styles based on eye-tracking and keylogging data. **Journal of Writing Research**, v. 5, n. 1, p. 133-158, 2013.

ERICSSON, K. A.; SIMON, H. A. **Protocol analysis: verbal reports as data**. Cambridge: MIT Press, 1984.

FERREIRA, A. **Direcionalidade em tradução: uma investigação do processamento cognitivo de tradutores profissionais em tradução direta e inversa no par linguístico inglês-português**. 137 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Belo Horizonte: FALE: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

_____. Tempo e segmentação no processo cognitivo de tradutores experientes em instâncias de tradução direta e inversa. *Revista Lael em (dis)curso*, v. 5, n. 2, p. 57-69, 2012.

FERREIRA, P. V. **Estatística experimental aplicada à agronomia**. Maceió: EDUFAL, 1991.

FISKE, S. T.; TAYLOR, S. E. **Social cognition**. Addison-Wesley: Reading, 1984

FONSECA, N. Investigando processos de solução de problemas e tomada de decisão no desempenho de tradutores profissionais durante tarefas de tradução direta e inversa. **Letras de Hoje**, v. 49, n. 1, p. 106-116, 2014.

FRASER, J. The translator investigated: learning from translation process analysis. **The Translator**, v. 2, n. 1, p. 65-79, 1996.

GAMBIER, Y. La retraduction, re tour et tour. **Meta: Journal des Traducteurs**, v. 39, p. 413-417, 1994.

GARBARINO, E. N. C.; EDELL, J. A. Cognitive effort, affect, and choice. **Journal of Consumer Research**, v. 24, n. 2, p. 147-158, set. 1997.

GARCIA, C. H. **Tabelas para a classificação do coeficiente de variação**. Piracicaba: IPEF, 1989.

GIANNOTTO, E. C. **Uso de rastreamento ocular na avaliação da experiência do teleusuário de TV interativa**. 290 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Engenharia Elétrica) – Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, 2009.

GILE, D. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GONÇALVES, J. L. V. R. **Processos inferenciais relacionados à priorização de informações na tradução de legendas de filmes: o redundante e o relevante sob a ótica do princípio de relevância**. 141 f. 1998. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. Londres: Longman, 1976.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Construing experience through meaning**: a language-based approach to cognition. Londres-Nova York: Continuum, 1999.

_____. **An introduction to functional grammar**. 4. ed. Londres/Nova York: Routledge, 2014

HANSEN, G. Zeit und Qualität im Übersetzungsprozess. In: HANSEN, G. (Ed.) **Empirical translation studies: process and product**. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2002. p. 29-54.

_____. Controlling the process: theoretical and methodological reflections on research into translation processes. In: ALVES, F. (Ed.) **Triangulating translation: perspectives in process-oriented research**. Amsterdã: John Benjamins: 2003. p. 25-42.

HURTADO ALBIR, A. Clasificación y descripción de la traducción. In: **Traducción y traductología**. Madrid: Cátedra, 2001, p. 43-95.

HURTADO ALBIR, A.; ALVES, F. Translation as a cognitive activity. In: MUNDAY, J. (Ed.). **The Routledge companion to translation studies**. revised edition. Nova York: Routledge, 2009. p. 54-73.

HVELPLUND, K. T. **Allocation of cognitive resources in translation**: an eye-tracking and key-logging study. 260f Tese (Doutorado) – Copenhagen Business School, Copenhagen, 2011.

_____. Eye tracking and the translation process: reflections on the analysis and interpretation of eye tracking data. **MonTI**, Special Issue on Cognitivism and Translation, 2014.

_____. Four fundamental types of reading during translation. In JAKOBSEN, A. L.; MESA-LAO, B. (Ed.), **Translation in transition**. Amsterdã: John Benjamins, 2015a.

_____. Eye tracking and the process of dubbing translation. In DÍAZ-CINTAS, J.; NIKOLI, K. (Ed.). **New pursuits in audiovisual translation**. London: Multilingual Matters, 2015b. P. 1-13.

ISO 9241-11. **Ergonomic requirements for office work with visual display terminals (VDTs) -- Part 11: Guidance on usability**, 1998.

JACOB, R. J. K.; KARN, K. S. Commentary on section 4. Eye tracking in human-computer interaction and usability research: read to deliver the promises. In: RADACH, R.; HYONA, J.; DEUBEL, H. (Ed.). **The mind's eye**. Hardbound: Elsevier, 2003. Disponível em: <<http://www.cs.tufts.edu/~jacob/papers/ecem.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2014.

JAKOBSEN, A. L. Logging target text production with Translog. In: HANSEN, G. (Ed.). **Probing the process in translation**: methods and results. Copenhagen: Samfundslitteratur, 1999. p. 9-20.

_____. Translation drafting by professional translators and by translators students. In: HANSEN, G. (Ed.). **Empirical translation studies**. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2002. p. 191-204.

_____. Effects of think aloud on translation speed, revision and segmentation. In: ALVES, F. (Ed.). **Triangulating translation: perspectives in process-oriented research**. Amsterdã John Benjamins, 2003. p. 69-95.

_____. Instances of peak performance in translation. **Lebende Sprachen**, v. 50, n. 3, p. 111-116, 2005.

JAKOBSEN, A. L.; JENSEN, K. T. H. Eye movement behavior. **Copenhagen Studies in Language**, v. 36, p. 103-124, 2008.

JAKOBSEN, A. L.; SCHOU, L. Translog documentation. In: HANSEN, G. (Ed.). **Probing the process in translation: methods and results**. Copenhagen: Samfundslitteratur, 1999. p. 1-36.

JAKOBSON, R. On linguistic aspects of translation. In: SHULTE, R.; BIGUENET, J. (Ed.). **Theories of translation: an anthology of essays from Dryden to Derrida**. Chicago e London: The University of Chicago Press, 1992. p. 144-151.

JUST, M. A.; CARPENTER, P. A theory of reading: from eye fixations to comprehension. **Psychological Review**, v. 85, p. 109-130, 1980. Disponível em: <<http://repository.cmu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1731&context=psychology>>. Último Acesso em: 13 maio 2014.

_____. What your eyes do while your mind is reading. In K. RAYNER, K. (Ed.), **Eye movements in reading: Perceptual and language processes**. San Diego, CA: Academic Press. 1983, p. 275-307.

KELLOGG, R. T. **Fundamentals of cognitive psychology**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2007.

KOGLIN, A. **Efeitos cognitivos e esforço de processamento de metáforas em tarefas de pós-edição e de tradução humana: uma investigação processual à luz da teoria da relevância**. 2015. 182 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

KÖNIGS, F. G. Was beim Übersetzen passiert. Theoretische Aspekte, empirische Befunde und praktische Konsequenzen. **Die Neueren Sprachen**, v. 86, n. 2. 1987. p.162-185.

KRINGS, H. P. **Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht. Eine empirische Untersuchung zur Struktur des Übersetzungsprozesses an fortgeschrittenen Französischlernern**. Tübingen: Narr, 1986

_____. **Repairing texts: empirical investigations of machine translation post-editing processes**. Traduzido ao inglês por Geoffrey S. Koby, Gregory M Sherev, Katja Mischerikow e Sarah Litzer. Kent/Ohio: Kent State University Press, 2001.

_____. The ethical dimension of translation revision: an empirical study. **The Journal of Specialised Translation**, [on-line serial], v. 8, p. 42-56, 2007a. Disponível em: <<http://www.jostrans.org>>. Acesso em: 05 nov. 2014.

_____. Translation revision - A study of the performance of ten professional translators revising a legal text. In: GOTTI, M.; SARCEVIC, S. (Ed.). **Insights into specialized translation**. Bern: Peter Lang, 2007b. p. 115-126.

LEE, T. D.; SWINNEN, S. P.; SERRIEN, D. J. Cognitive effort and motor learning. **Quest**, v. 46, n. 3, p. 328-344, 1994.

LIPARINI CAMPOS, T. **O efeito da pressão de tempo na realização de tarefas de tradução**: uma análise processual sobre o desempenho de tradutores em formação. 2010. 246 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. **Rhetorical structure theory**: a framework for the analysis of texts. ISI/RS, p. 87-185, 1987.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. The structure of discourse and ‘subordination’. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Ed.). **Clause 100 combining in grammar and discourse**. Amsterdã: John Benjamins, 1988. p. 275-329.

MOSSOP, B. Empirical studies of revision: what we know and need to know. **The Journal of Specialised Translation**, v. 8, p. 5-20, 2007.

NASCIMENTO, E. M. F. S. Tradução intralingual e produção de texto. **Alfa**, v. 36, p. 91-98, 1992. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3909/3590>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

NINO, C. A. Q. Estado da arte em sistemas de percepção visual artificial baseados em visão fovea e periférica. 3º semiário interno de cognição artificial. Campinas:Unicamp, 2011. Disponível em: <<http://faculty.dca.fee.unicamp.br/gudwin/courses/ia889/apresentacoes2011.html>>. Último acesso em 09 set. 2015.

O'BRIEN, S. Teaching post- editing: a proporsal for course content. *Proceedings of the 6th EAMT workshop on “Teaching machine translation”*. EAMT/BCS, UMIST. Manchester: sn. p. 99-106, 2002.

_____. Methodologies for measuring the correlations between post-editing effort and machine translatability. *Machine translation n. 19*. p 38-58, 2005.

_____. Pauses as indicators of cognitive effort in post-editing machine translation output. *Across languages abd cultures*, v. 7(1), p. 1-21, 2006.

_____. Eye tracking in translation process research: methodological challenges and solutions. In: MEES, I. M.; ALVES, F.; GOPFERICH, S. (Ed.) **Methodology, technology and innovation in translation process research**: a tribute to Arnt Lykke Jakobsen. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2009. p. 251-266.

O'BRIEN, S.; BALLING, L. W.; CARL, M.; SIMARD, M.; SPECIA, L. **Post-editing of machine translation**: processes and applications. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2014.

O'DRISCOLL, K. **Around the world in eighty changes: a diachronic study of the multiple causality of six complete translations (1873-2004), from French to English, of Jules Verne's novel.** 2009. Tese (Doutorado em Filosofia). School of Applied Language and Intercultural Studies (SALIS), Faculty of Humanities and Social Sciences, Dublin City University, Dublin, 2009.

PAGANO, A.; ARAUJO, C. G. (Des)metaforizando significados na pós-edição: um estudo exploratório de esforço despendido por estudantes de tradução. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 21, p. 97-127, 2013.

PALOPOSKI, O.; KOSKINEN, A. Revisiting retranslation. In: HANSEN, G.; MALMKJAER, K.; GILE, D. **Claims, changes and challenges in translation studies: selected contributions from the EST Congress.** Amsterdã: John Benjamins, 2001. p. 27-38.

_____. Reprocessing texts: the fine line between retranslating and revising. **Across Languages and Cultures**, v. 11, n. 1, p. 29-49, 2010.

PAVLOVIĆ, N.; JENSEN, K. Eye-tracking translation directionality. In PYM, A.; PEREKRESTENKO, A. (Ed.). **Translation Research Projects 2.** Tarragona: Intercultural Studies Group, 2009. p. 93-109.

PIMENTEL GOMES, F. **Curso de estatística experimental.** Piracicaba: Degastari, 2000.

PYM, A. **Method in translation history.** Manchester: St. Jeronime, 1998.

RAYNER, K. Eye movements in reading and information processing: 20 years of research. **Psychological Bulletin**, v. 124, p. 372-422, 1998.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Diccionario de la real academia española, 2010. Disponível em: <<http://www.rae.es>>. Último acesso em: 13 jan. 2015.

RAYNER, K.; POLLATSEK, A. **The Psychology of Reading.** Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1989

ROBERT, I. Translation revision procedures: an explorative study. In: BOULOGNE, P. (Ed.). **Translation and its others: selected papers of the CETRA research seminar in translation studies.** CETRA, 2008. p. 1-25. Disponível em: <<http://www.kuleuven.be/cetra/papers/papers.html>>. Acesso em: 06 nov. 2014.

RODRIGUES, C. A abordagem processual no estudo da tradução: uma meta-análise qualitativa. **Cadernos de Tradução**, v. 2, n. 10. In: ALVES, F. (Org.). O processo de tradução. Florianópolis: NUT-UFSC. 2002. p. 23-57.

SEKINO, K. **Investigando processos de pós-edição e de tradução: uma análise cognitivo-pragmática da relação esforço-efeito no par linguístico japonês-português.** 2015. 194 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SHREVE, G. M.; SCHÄFFNER, C; DANKS, J. H.; GRIFFIN, J. Is There a Special Kind of Reading for Translation?: an Empirical Investigation of Reading in the Translation Process. **Target** v. 5, n. , p. 21-41, 1993

SHARMIN, S.; ŠPAKOV, O.; RÄIHÄ, K.; JAKOBSEN, A. L. Where on the Screen do Translation Students Look While Translating, and for How Long? In **Looking at Eyes. Eye-Tracking Studies of Reading and Translation Processing**. Copenhagen Studies in Language, v. 36. (Eds) GÖPFERICH, S. JAKOBSEN, A. L., MEES, I. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2008, p. 31-51

SILVA, R. Integrating post-editing MT in a professional translation workflow. In: O'BRIEN, S.; BALLING, L. W.; CARL, M.; SIMARD, M.; SPECIA, L. *et al.* **Post-editing of machine translation: processes and applications**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2014. P. 24-50.

SJØRUP, A. C. Cognitive Effort in Metaphor Translation: An Eye-Tracking Study. in O'Brien, S. (ed.), **Cognitive Explorations of Translation**. Bloomsbury Academic, London: Continuum Studies in Translation, 2011, p. 197-214.

_____. **Cognitive effort in metaphor translation: an eye-tracking and key-logging study**. 264 f. Tese (Doutorado) – Copenhagen Business School, Copenhagen 2013.

SUSAN-SARAJEVA, S. Multiple visa to travelling theory: retranslation of literary and cultural theories. **Target, International Journal of Translations studies**, v. 15, n. 1, p. 1-36, 2003.

TAHIR-GÜRÇALAR, S. Retranslation. In: BAKER, M.; MALMKJAER, K. **Routledge encyclopaedia of translation studies**. 1. ed. Londres: Routledge, 1998. p. 125-127.

TIRKKONEN-CONDIT, S. Uncertainties in translation processes. In: TIRKKONEN-CONDIT, S.; JÄÄSKELÄINEN, R. **Tapping and mapping the process of translation and interpreting**. Amsterdã: John Benjamins, 2000. p. 123-142.

VENUTTI, L. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.

APÊNDICE A: Transcrição protocolo livre

P01 (5'4'' ou 304 segundos)

Eu estava lendo o texto, o original, aí depois eu comecei a ler o texto da esquerda, depois eu li o texto da direita, depois eu comecei a traduzir olhando para o texto original de novo, aí quando eu tinha dúvida eu olhava primeiro para o texto da direita, não primeiro o texto da esquerda, depois o da direita, não sei por quê. Li os três textos, completos.

Aí eu só estava olhando em cima, o texto original, e tentando fazer a tradução, até o final desse parágrafo foi só isso. Naquela parte que eu voltei ali (Irene e eu), eu olhei os textos, porque eu ia colocar “nos acostumamos”, aí eu lembrei da regra do português que não começa com o... aí eu resolvi fazer igual ao texto de cá (direita – T2). Tudo isso eu também fiz só olhando o texto de cima (oito pessoas sem problema). Eu provavelmente olhei os textos pra ver o que escreveram (eu deixava Irene para...) Eu coleí ali, em um dos textos também (almoçávamos ao meio-dia). Essa parte eu olhei o texto da esquerda (é o da direita), “já não restava”, e o texto da direita também. Aí eu comecei a revisar o texto. Nessa parte (Irene) eu olhei também qual texto ficou melhor, o da direita ou o da esquerda, “para Irene”, “a Irene”. Aí (além de uns...) eu estava decidindo se eu ia deixar assim, ou colocar a vírgula, eu botei, e li de novo.

P02 (3'40'' ou 220 segundos)

Eu estava lendo o texto original, em espanhol, para ver do que se tratava. Aí estava vendo que era uma história, aí eu percebi que o texto era fácil, que eu não iria ter grandes problemas, a não ser “estorbar”. Aí eu continuei lendo, eu fiz questão de não ler as traduções, de ler só o original, nesse primeiro momento. Aí eu demorei, porque eu li devagar, acho que eu li duas vezes, é eu acho que eu li duas vezes. Só o texto original, só o original, as traduções eu não li nada, nesse primeiro momento eu não quis nem olhar, demorei.

Aí eu troquei a letra, toda hora eu faço isso (caixa alta), aí eu errei de novo, aí eu voltei para o texto original. Ah, o “abuelo paterno”, é que eu fiquei com uma sensação assim, que eram primos, aí “nossos bisavós” e “avô paterno” seriam só de um e não dos outros, aí eu dei uma olhadada nas outras traduções e decidi deixar “o avô paterno”, porque eu acho que era muito preciosismo da minha parte.

Aí eu estava tentando descobrir como era que fazia os três tracinhos (>>>). Eu decidi inverter, olhei as duas traduções e decidi começar por “Irene e eu”. Aí fiz uma revisãosinha rápida de vírgula, que eu tenho um probleminha de vírgula particular. Aí o problema foi do “estorbarse”, eu não gostei do “estorvarem”, eu achei muito forte, e também não gostei do “aperto”, que a casa era grande. Aí eu parei para pensar e decidi fazer um cronograma, em vez de “fazíamos a limpeza pela manhã” e “levantávamos”, eu fiz um cronograma, primeiro a gente levantava depois limpava, por isso que eu troquei. E, “por volta das onze horas”, eu estava pensando em como colocar, eu estava relendo para ver se tinha ficado bom, aí dei uma olhada nas outras traduções para ver como é que estava, aí “por volta das onze horas”, fiquei com dificuldade da tradução mesmo. Aí eu não sabia se eu “deixava” se eu “repassava”, aí resolvi colocar deixava, e escrevi errado, né. Porque eu pensei, “repassar” é só dando uma olhada para ver se está tudo certo, aí eu coloquei “revisando”.

Aí agora eu revisei a minha tradução, e ía dando uma olhadinha em cada uma, para ver o que que tinha de diferente, se algum lugar poderia... esse “ser”, por exemplo, foi uma dica da tradução da esquerda, que eu achei que ficava mais completo. Aí eu revisei minha tradução, dei uma olhadinha nas duas, mas aí no final eu gostei da minha e falei que estava pronta. Aí eu corriji, eu estava revisando e aí eu acho que eu acabei.

P11 (5'5'' ou 305 segundos)

Primeiro eu comecei a ler o texto original, o texto em espanhol, depois eu li o texto que está à minha esquerda (T2), após isso eu li o texto que está à direita e vi as diferenças que existiam entre os dois, reli o texto em espanhol, pensei o que eu poderia colocar diferente para não ficar igual às duas traduções, e o que eu poderia ser igual, e então eu comecei a digitar meu texto.

Logo no início eu tentei buscar uma estratégia para não colocar “gostávamos”, como as outras pessoas usaram, mas aí, para não perder muito tempo, eu usei isso mesmo. Já na primeira parte, no primeiro parágrafo, e fiquei pensando na pontuação, se eu repetiria ou não as vírgulas, e decidi colocar entre vírgulas, no começo, explicação. Quando você perguntou se eu olhava para o teclado enquanto digitava, isso me veio à memória quando eu comecei a errar, aí me deu vontade de ficar olhando para o teclado, depois eu tentei me concentrar no texto. Na parte anterior antes de começar o “Irene e eu”, eu pensei em colocar “minha infância, infância, nossa infância”, aí acabei decidindo por colocar “nossa infância”, porque eu acho que as duas pessoas cresceram juntas, pelo que eu vi do texto.

Aí eu parei um pouco (2º parágrafo), porque eu lembrei da minha casa, que é uma casa grande também, e eu ainda persisto e viver lá (risos), e aí eu me desconcentrei um pouco. Em vez de colocar “sin estorbarse”, eu pensei em “confortavelmente” que eu acho que é a palavra que eu levo mais em consideração quando eu falo de casa, quando me refiro à casa. Hum, errei aqui agora que vi que errei, “das onze”. Aqui eu pensei nessa substituição antes no gerúndio, se eu manteria ou não (levantando) e decidi usar o presente que eu achei que dava um estilo melhor em português, onde tem “levantávamos às sete”. Neste “almoçávamos ao meio-dia” eu pensei nessa questão do meio-dia, o que é meio-dia para o espanhol e o que é meio-dia para a gente. Pensei em colocar às 12, mas aí como me lembrei que não necessariamente para eles meio-dia é às 12, né, eu coloquei, deixei, meio-dia mesmo. Aqui eu pensei de novo na questão da pontuação (não restava muito por fazer...) e decidi mudar, que eu acho que no português a gente separa mais os períodos, não sei. O “sempre pontuais” decidi colocar ao final. Aí nessa parte eu já fui fazer uma revisão do texto e decidi parar.

P12 (4'47'' ou 287 segundos)

Primeiro eu comecei a ler, não o período todo, mas as frases, algumas eu li a frase completa, outras eu li ao menos a metade, pra ter uma ideia do que está falando, (EU: qual texto?) do texto em espanhol, para saber do que ele tá, pra ter uma visão geral pra saber como... o que traduzir., se ia precisar mudar, adaptar alguma coisa, acrescentar vírgula, tirar.

Depois dessa primeira leitura, aí eu comecei a digitar, aí fui digitando os trechos que ia lendo, aí em alguns momentos eu digitei, voltei, li de novo pra ver se estava com mesma ideia, se era isso mesmo, teve algumas palavras que eu até conferi, dei uma olhada em português, pra ver se eu estava fugindo muito do que eu tava... até porque assim pra mim eu mudaria a palavra, que a palavra é a mesma do espanhol, só pra ver se estava mesmo próximo do que eu tinha entendido. E fui digitando, lendo, alguma vez apaguei, coloquei outra expressão, que podia ficar melhor. Ali, voltei, que fui olhar, por ser mais adequado no que seria português, apesar que lá no texto em espanhol ele só uma a preposição mesmo só uma vez (do avô), em português o ideal seria que todos, a citação tivesse (inaudível), aí colocava “de” e voltava, “de” e “do”, aí ficava de acordo com as regras do português.

(sobre o segundo parágrafo) Aqui fui lendo e digitando, aí alguns tempo verbais tem que parar pra dar uma olhada e ver se está igual, igual “podiam” eu lembro que eu parei, dei uma olhada um pouquinho pra ver se eu estava traduzindo para o tempo certo no português. Uso da conjunção também, eu parei um pouquinho pra olhar, pra ver a melhor tradução. Depois, algo de vocabulário mesmo que eu tive que dar uma olhada, aquele (estorbarse?) verbo foi mais tranquilo (inaudível), colocação pronominal, aqui (levantávamos-nos). Aqui (a eso de las) eu

tinha colocado aproximadamente, se bem que eu acho que contexto não ia mudar muito não, aí eu apaguei e troquei a expressão que eu achei que ia ficar melhor, depois eu troquei que achei que ficou melhor no texto. Até no final é mais leitura e a digitação.

P03 (4'31'' ou 271 segundos)

Eu li o primeiro trecho do texto em espanhol, e logo depois eu comecei a ler também a primeira frase das duas traduções. Li mais ou menos, li um pouco de um, um pouco de outro e aí comecei a traduzir. Olhando aí me perguntei a questão da vírgula, aqui (T1) tava aqui e aqui (T2) tava em outro, e depois eu voltei atrás e botei vírgula em ambos. Daí eu voltei a traduzir, depois eu reli, não li a parte de baixo (2º parágrafo) li também um pouco as duas traduções, e aí eu optei por colocar como na segunda tradução (T1). Aí continuei traduzindo, olhando o texto original em espanhol. Aí eu fiquei com dúvida a questão do “sem aperto” ou, assim, eu preferi a tradução da esquerda. Aí eu optei colocar “levantando”, não “levantando-nos”. Aí eu fiquei, também, ou seja, eu preferi fazer uma tradução mais minha do que... bom, agora que eu to vendo que a segunda tradução está mais parecida, mas eu não... nessa hora eu olhei para o texto original (sobre “os últimos quartos). Aí eu fiquei com dúvida também se “meio-dia” era com hífen ou sem hífen também aí eu vi nas traduções e botei. Aí eu fiquei também em dúvida, ei fiquei lendo o texto original e fiquei lendo as traduções, aí eu decidi colocar o “já”, e pensei em botar “aparte de alguns pratos”, depois eu, não, vou optar por uma tradução, aí eu fiquei com a segunda tradução, a tradução da direita, e tem uma hora um momento que eu volto, ou seja, na parte da releitura, quando eu reli o texto no “acostumamos”, e como eu coloquei lá embaixo “levantando”, eu tirei o pronome, continuei lendo, mais as alterações, sim, tinha terminado.

P04 (4'2'' ou 242 segundos)

Eu estava lendo lá encima o texto, primeiro né, minha primeira leitura, e estava procurando os tempos passados para saber como eu colocaria em português e vendo as vírgulas, e tentando descobrir de qual país era, mas não consegui perceber. Li o texto espanhol todo, e estava procurando saber, sei lá, procurando contextos, se eram irmãos, se eram casados, se eram... não sei, estava querendo entender um pouco a história. Aqui me parece que eles são irmão, e moram numa casa muito antiga de família, e parece que é uma coisa bem de roça, assim, porque o povo do interior é que é bem pontual com horário de levantar, com horário de almoço, e quando dá três horas da tarde eles já...

Nessa hora eu dei uma pausa (gostávamos) para saber... eu dei uma olhada no texto da esquerda para saber como ficou, e aí agora (avós), eu li nos dois, mas eu fiz de cabeça, não estava copiando. E as vírgulas eu copiei, porque eu tenho problema com vírgula. Aí eu dei uma pausa e eu li, eu li, um de cada lado e eu fiz a minha, parece que eu fiz errado, eu coloquei, esse “nos” eu esqueço o nome, essa parte de ser uma loucura eu (inaudível)... “sem aperto” saiu da minha cabeça, essa parte eu copiei, “por volta das onze eu deixava...” e ia, aí eu meti uma crase aí, não sei se está certo. “não restava” eu copiei, aí eu dei uma parada e pensei numa coisa diferente. Aí eu li o texto de novo, passei rapidão, consegui achar alguns erros, mas muito rápido, e eu tenho o defeito de ler sempre na frente e nunca acompanhar o traço por isso que eu nunca vejo meus erros, pronto.

P05 (3'10'' ou 190 segundos)

Eu estava dando uma lida no texto, no texto original, eu me foquei mais no texto original. Essa leitura o que mais me deixou meio preocupado foi esse “estorbarse”, e quando eu cheguei nessa palavra eu fui procurar as soluções nas traduções, isso quando eu estava só lendo, para ter mais informação do que eu poderia propor. Continuei lendo o texto, li mais uma , e parti para a tradução Eu gosto muito de vírgula, então eu fico muito preocupado

nessas separações (sobre “dos avós...”). Acho que eu cheguei a dar uma olhadinha nessa tradução da direita, porque minha proposta ficou muito parecida com ela. Essa paradinha que eu dei nesse “persistir”, porque eu achei que poderia ter uma proposta melhor, mas eu observei nas outras duas e estava “persistir” então eu deixei, a princípio eu pensei no que “era uma loucura” entre vírgulas, como está na proposta da direita, só que eu acho que uma, substituir com dois traços seria uma proposta que cabe neste tipo de situação, que dava certa estilística ao texto, apesar de eu não ter o escopo pré-definido, é uma coisa que eu livremente faria. Essa parte eu não achei muito complicado, mas aí nessa de deixava para Irene e “a eso de las once yo Le dejaba a Irene las últimas habitaciones por reparar”. Esse “por reparar” eu fiquei, me preocupou um pouco, mas como eu vi que na proposta da esquerda não tinha preocupado muito com isso eu também achei que tirar não ia fazer falta. “almoçávamos sempre pontualmente por volta de meio dia” essa proposta de tradução eu já havia pensado nela quando eu vi o original, e “já não restava nada por fazer, a não ser alguns pratos sujos”, isso aqui eu tinha pensando, visto no texto da direita, ficou boa também a proposta, e eu resolvi manter, já era uma coisa que eu tinha pensado na leitura.

P06 (5'13'' ou 313 segundos):

Primeiro eu comecei a ler né, a parte original, o texto original, e daí eu fui... li as duas primeiras linhas, e daí eu fui comparando com os dois textos, já pra tentar fazer minha própria tradução. Bom, eu li tudo primeiro, depois eu fiquei pensando como eu poderia traduzir (EU: você fala que leu tudo, até as traduções). Ah, o texto original. Daí eu fui pensando no que eu poderia traduzir, e alguma palavra que eu não conhecia eu procurava aqui (T2), é esse tempo todo eu estava lendo. Eu não cheguei a ler as traduções toda não, só o começo mesmo.

Comecei a traduzir, acho que eu peguei, comparei né as duas, e fiz mais ou menos igual a primeira (risos), primeira tradução do lado esquerdo. E... é isso, ia comparando se eu achasse que tinha algo errado eu ia olhar lá, mas eu fazia mais da minha própria cabeça.

(EU: por que você parou ali – segundo parágrafo)

Porque eu estava vendo a colocação na frase, pra ver qual seria melhor na minha opinião, aí eu comparei assim, vi que a outra (T2) ficaria melhor. Acho que é quase a mesma coisa, só o verbo poder que a conjugação usaria esse (T2), já que os dois estão diferentes. E esse verbo (T1) estorvarem eu não conhecia, eu achei obscuro, e esse sem aperto (T2) achei meio que coloquial, então coloquei “tranquilamente”. (acompanhando a produção) Fazíamos a limpeza pela manhã, eu tive dificuldade com a conjugação desse verbo, “levantando-nos” e “levantando às sete”(T2) e preferi a tradução do lado direito (T2).

Essas “habitacões” do texto original, eu acredito que seria “cômodos” não somente quartos, eu olhei “quartos” eu olhei “aposentos”, então eu posso ter me confundido porque é “quartos” mesmo. A troca da frase do “almoçávamos ao meio-dia”(T2), “o almoço era meio-dia” (T1), e eu preferi deixar, pegando o modelo da segunda tradução, é, “sempre pontuais” (T2) e pontualmente (T1), também deixei “sempre pontuais”.

Ao terminar a tradução eu fui ler, e organizar tudo de novo, e fui arrumar, ver o que não estava batendo, a pontuação, e ver se estava legal, já estava pronto. Prontinho.

P13 (3'59'' ou 239 segundos)

Eu estava lendo, li o texto primeiro em espanhol depois as duas traduções. Foi o texto todo. Primeiro li o em espanhol, depois eu li as duas traduções, toda, os textos, inteiro. Não, nada me chamou muito a atenção, a não ser a proximidades das traduções, são bem parecidas, até porque se trata do mesmo texto, e não tenho nada a destacar não. Como estavam muito parecidas, queria ver se eu achava alguma coisa diferente, né. Demorei muito. Eu ir narrando,

é difícil. No caso está no plural (verbo gostar), terceira pessoa do plural, e como te falei de início, como percebi a proximidade dos dois textos, vi que minha tradução não tinha nada além, nada de diferente. E em alguns momentos algumas palavras, eu procurava olhar tanto num texto como no outro, pra ver se encaixava ou não, se tinha alguma diferenciação, e na maioria dos casos eu observava que estava bem próximo.

(EU: você mudou no segundo parágrafo) Ahã! Foi a dúvida aí, na tradução, da palavra “estorbarse”, tentei encaixar uma palavra mais comum dentro da tradução. Muitas vezes eu voltava por questão de erro de digitação, né. No mais as paradas se dão sempre pelo mesmo motivo, de se estar fazendo a comparação mesmo. Aí fui fazer uma revisão da digitação, observei ali, estava um acento no lugar do til, mais relacionado à digitação mesmo, só uma revisão.

P08 (2'50'' ou 170 segundos)

Eu não li o texto todo não, só as primeiras palavras e já fui escrevendo (qual texto?). O do espanhol, e eu dei uma olhada rápida nas traduções também. A maior parte do tempo eu li o texto em espanhol mesmo, às vezes quando eu tinha uma dúvida, uma palavra que eu pensei em mais de uma tradução, aí eu dava uma olhada nas traduções para ver como que tinham feito. (sobre os avós) É, aí eu vi que nas traduções eles tinham colocado as preposições também, aí eu voltei e coloquei porque eu também achei que ficava melhor.

(segundo parágrafo) Aí eu voltei porque eu não tinha lido a frase toda, e eu preferi inverter, e fiquei pensando como que ia fazer com esse “persistir”, aí deu deixei do mesmo jeito. E aí eu escrevi “cada” e vez de “casa”. (EU: aí você olhou? –sem aperto) Eu olhei também, na verdade eu estava pensando em outra, ainda em outra palavra, mas como não consegui achei essa melhor. Aí eu fiquei, eu dei uma olhada também como que tinham traduzido “habitaciones” e esse “reparar”. Aí eu dei uma olhada no final também, para ver como que tinham feito, eu coloquei “além”, o outro “fora” mesmo e o outro “a não ser”.

P14 (4'13'' ou 253 segundos)

Eu tava tentando entender qual era o texto que eu ia digitar, eu pensei primeiramente, em começar a tradução. Depois eu pensei, não, é uma burrice eu começar uma tradução sem ter lido pelo menos um parágrafo, a ideia principal. Foi aí que eu parei, tomei uma parte do tempo pra ler a sentença inteira, essa primeira até infância, do texto-fonte. Na verdade eu acho que eu me baseei, fui sempre pelo ST, em algum momento que eu me perdi que eu acabei fazendo, sem querer, a partir do texto da esquerda. Errei na digitação, ah, porque aqui, eu ia colocar “guardava”, aí eu pensei melhor e coloquei “tinha”, “tinha as recordações dos nossos bisavós”. Aí eu estava tentando adequar a escrita ao português, porque a concordância em espanhol é outra, a regência é outra, “gostava de” em português, “do avô paterno, do avô, de nossos pais”, colocar essa preposição.

Foi aqui (Irene e eu) que eu comecei a copiar do texto da esquerda, aí depois eu resolvi fazer de outra, de reformular a sentença, achei que não estava bonito. Eu acho que neste momento eu me dei conta de que estava copiando do texto em português e voltei para o texto em espanhol lá em cima, eu me dei conta que eu estava copiando do texto da esquerda, eu não queria isso. Esse “já que nessa casa”, eu gostei mais disso, voltei atrás para colocar. Ah, que “podiam morar oito pessoas”, também, em vez de “viver”. “sem nenhum problema”, fiz questão de colocar “sem nenhum problema” porque em espanhol estava “sin estorbarse”, e em português eu não gosto, não ficaria bem, não faria muito sentido, ficaria muito prolixo, não sei, ficaria muito burocrático. “fazíamos a limpeza de manhã”, eu pensei “pela manhã” depois eu resolvi colocar “de manhã”, “levantando-nos às sete, e lá pelas onze eu deixava”, eu dei uma paradinha porque eu fiquei pensando se eu fiquei pensando em colocar “deixava Irene arrumar” ou se eu colocava o subjuntivo “que Irene arrumasse os últimos quartos”. E aí eu

pensei se eu queria colocar “para” a cozinha ou se ia colocar “pra” cozinha, eu pensei que “pra” ficaria muito oralizado aí voltei e coloquei “para”, sim, decidi e resolvi colocar “para a cozinha”. “almoçávamos ao meio-dia” errei aí, ia colocar em espanhol, aí coloquei em português, aí em “siempre puntuales” eu resolvo colocar “pontualmente”. Eu quis cortar esse “ya no quedaba” e agreguei o “e” depois “não ficava nada mais para fazer, além de uns pratos sujos para lavar”, eu resolvi colocar o “para lavar” porque em português não sei se ficaria bom colocar só até “pratos sujos”, eu tinha que dizer porque, assim, seria o trabalho de lavar os pratos que ficaram sujos.

P09 (5’10’’ ou 310 segundos)

De início eu li o primeiro texto em espanhol, li todo, e depois li as duas traduções, primeiro a da esquerda, eu acredito, depois a da direita. Na leitura só tinha umas palavras que eu nunca tinha visto em espanhol, alguma coisa assim, daí eu fui lê em português pra ver se realmente faz sentido, né, e depois comecei a tradução. Daí eu fui lendo o texto em espanhol e fazendo a tradução. Aí foram erros de digitação, só alguns erros, e na palavra “lembranças”, que eu fiquei em dúvida se eu colocaria “lembranças” ou “memórias, daí eu li nos dois e vi lembranças, e decidi colocar lembranças mesmo. Em, essa do avô paterno, eu fiquei em dúvidas se eu colocava “o avô” ou “do avô”, e nas duas traduções estava “do avô”, aí eu decidi deixar “do avô” também.

A primeira frase, no segundo parágrafo, eu fiquei em dúvida em como iniciar, daí eu consultei também as duas traduções e nas duas estavam, em cada uma estava de uma forma diferente. Daí, eu fiquei com a que me soava melhor, acredito que comecei com “Irene e eu”, como da tradução da esquerda. Eu acredito que aí eu li o parágrafo inteiro, para ver se ia fazer sentido. Nessa palavra também “persistir”, eu fiquei também bastante em dúvida se eu deixaria mesmo “persistir” ou “viver sozinhos nela”, daí nas duas traduções estava também “persistir”, aí eu optei por deixar “persistir” mesmo, mas eu fiquei bastante na dúvida se eu colocaria “persistir” ou “viver”. “Nesta” casa, eu não sei, eu tenho dúvida quando usar “nesta” e “nessa”, por isso que eu demorei um pouquinho pra escrever. E essa última frase, “oito pessoas”, eu também consultei nas duas traduções, mas o que me soou mais, o que eu gostei mais foi a palavra “confortavelmente” que não estava em nenhuma das duas, foi algo que veio na minha cabeça que não era a tradução da palavra em espanhol, mas era algo que fazia mais sentido. A palavra “levantando-nos”, a primeira vez eu escrevi errado, eu escrevi “levantávamos”, daí eu vi, percebi que estava errado, consultei nas duas também, olhei as duas e vi que era “levantando-nos”, aí vi que era outra terminação, outro verbo, e também não lembrava como escrevia, daí eu escrevi do jeito que estava na tradução da direita. E, “por volta das onze” eu dei só uma olhadinha para ver se era isso mesmo, “por volta das onze”, e consultei a tradução da direita para ter certeza do que escrever. Nessa hora também, eu fiquei em dúvida sobre o que eu escrever aí, e eu consultei as duas traduções e optei por deixar isso mesmo, “por volta das onze eu a deixava”. Eu colocaria só “por volta das onze a deixava”, mas eu achei que não ia fazer muito sentido, aí eu coloquei o “eu”, pra enfatizar mesmo que era o narrador, né, que passava, deixava Irene na cozinha. “almoçávamos ao meio-dia”, aí foi tudo bem, “sempre pontuais”, eu não sei se essa pontuação, o ponto e vírgula, se usaria também no português, mas como eu não sabia eu consultei nas duas traduções e as duas mantiveram aí eu deixei também, mas eu não sei, como seria isso em português. E na última frase eu também fiquei um pouco em dúvida se colocaria “uns pratos sujos” ou “alguns pratos sujos” e, não sei, eu coloquei “uns” porque foi o que me soou melhor na hora, mas consultei também as duas traduções.

P10 (3'30'' ou 210 segundos)

No início eu optei por ler o texto em espanhol completo e não ler as traduções para não ficar com a minha tradução enviesada. Acho que aí eu ainda continuava lendo, e já comecei a traduzir.

Nesse trecho eu pensei traduzir “recuerdos” por “memórias”, mas mantive a mesma palavra. Em “abuelo paterno” eu errei, coloquei “bisavô paterno”, “nossos bisavós e avó paterno” e ai corrigi.

Nesse momento (2º parágrafo) eu verifiquei quais foram as escolhas das outras traduções para a palavra “persistir”, e aí mantive também. Aí fui fazendo a tradução, mas de forma direta com o texto original, e aí no “sem aperto” eu também fiz uma consulta nas duas traduções. Nesse trecho “y a eso de las onze” eu também consultei as duas traduções, para ver as opções que eles utilizaram, e aí eu continuei traduzindo de acordo com o texto original. (Almoçávamos) Aí fui traduzindo. De acordo com o texto original, e no final, eu optei por inserir uma palavra, “lavar”, e consultei nos textos, nas traduções e vi que eles tinham optado por isso também, mas eu achei que deixaria o sentido mais completo em português inserir essa palavra. Aí eu dei uma lida final, li meu texto fazendo algumas verificações no texto de partida, de forma a revisar, se tinha algum erro, alguma incongruência, e finalizei.

APÊNDICE B: Transcrição protocolo guiado

O protocolo guiado foi dividido em três partes: i) sobre a tarefa; ii) sobre os textos em sentido global; e iii) sobre aspectos pontuais do texto. Tudo que se encontra entre parênteses são intervenções do pesquisador, seja no momento da aplicação do protocolo, seja no momento de sua transcrição. A transcrição executada é estritamente grafemática ou ortográfica, ou seja, não leva em consideração pausas, alongamentos de vogais, ritmo e/ou elementos que representem o estado de ânimo dos participantes. Nas questões formadas por mais de uma pergunta, as respostas são organizadas em ii), iii) sucessivamente, não havendo contagem da primeira resposta. Na questão de número 2, as respostas estão dispostas uma após a outra sem a referida numeração..

PARTE 1: SOBRE A TAREFA

1. O que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido?

P01: (5'17''M) É, eu acho... por eu estar fazendo aqui, na sala, eu não fiquei tão curiosa em olhar, mas se eu estivesse sozinha, acho que eu teria olhado o texto que já estava traduzido mais vezes. (EU: mas, você viu que podia). Podia, mas como se tratava de um texto pequeno, eu olhei...

P02: (5'54''M) Eu não gosto, eu gosto de fazer minha própria tradução. Mas, a gente sempre dá uma olhadinha, **pra ver se é isso mesmo**. Mas, eu gosto de ter a minha ideia primeiro, pra depois pegar a ideia das outras pessoas. Mas, é meu jeitinho.

P11 (6'55''M): Não fiquei muito confortável, porque... a gente tem a tendência de querer ou fazer igual, ou fazer muito diferente, aí eu fui pra ideia de fazer diferente dos outros dois textos, tentar reinventar a roda, tentar criar a minha própria versão. E aí, no começo eu traduzia e olhava pros dois textos para ver o que eles tinham, é... feito. Mas, depois eu passei a não me preocupar muito com o que os outros tinham escrito.

P12 (6'38''M): Diferente! A gente se sente mais à vontade para traduzir um texto sem ter a tradução, que às vezes a gente acaba: “ai meu Deus, qual que é essa palavra, será que é isso mesmo que tá escrito ali?” E acaba que a gente olha, não tem como controlar, digamos, não olhar. Mas, a impressão que tenho é que sem ter algo em português é mais tranquilo.

P03 (9'37'' M): Bom, éhhhh, a questão, ou seja, estou nervoso (risos), éhhhhh...espera aí, repete a pergunta, por favor, Malta (refaço a pergunta). Bom, foi, ou seja, a quest... a parte mais complexa foi a de... ou seja, não tão complexa porque o texto não tava tão complicado, mas eu acho que foi tomar as decisões, ou seja, que em momento algum eu precisei, ou seja, em dúvidas de algumas palavras ir para um dicionário, ou seja, eu olhava as traduções, que me davam um norte em optar por uma das traduções, ou, éhhhhhh, ou colocar outra coisa, colocar outra escolha que eu achasse mais pertinente.

P04 (5'23'' H): Tranquilo, porque como a gente não estava num aparato eletrônico, aí eu me sinto mais seguro na hora de traduzir, porque eu sei onde procurar.

P05 (6'39'' H): É uma coisa que, por você ter acesso a duas traduções, é uma coisa que meio te coloca numa parede, porque, é como se você tivesse falando pra você tá fazendo o que tem que fazer, então você tem certa liberdade, mas, pelo menos eu, não me sinto com toda liberdade ao entrar em contato com esses, essas duas traduções.

P06: (5'44''M) É mais fácil, porque, já tem a base, já tem um... um vocabulário que você não conhece já tem aqui (T2), então é só você olhar. Fica mais fácil... é que... e como algum meio de busca, assim. E ter em mãos, as traduções, é mais fácil do que você ter que traduzir sem esse meio, eu achei mais fácil.

P13 (4'08'' M): Acho que a intenção aí foi verificar como é interpretada a tradução. (Repito a pergunta). Facilitou, de certa forma, algo que, assim, é um texto simples, vocabulário simples, tendo os dois textos não deixa de facilitar porque as próprias traduções também são bem parecidas, então eu penso que facilitaram, se você for pensar em questão de tempo, foi algo que facilitou.

P07 (7h39'' M): Eu achei mais fácil, porque se eu tivesse dúvida em alguma palavra era só consultar. Não pra copiar, necessariamente, mas pra eu ter uma ideia de como eu poderia reconstruir o período que eu tivesse dúvida.

P08 (5'38'' M): Eu achei que foi... foi uma ajuda a mais, não tinha mais nenhuma ferramenta, né? Assim, não é um texto difícil, mas facilitou, pra eu achar algumas palavras, pra não ficar muito tempo pensando.

P14: (dados perdidos)

P09: (6'31'' M) Eu acho que ficou um pouco influenciável. Quando você tem duas traduções assim, disponíveis, eu acho que o **esforço** é menor. Porque você não trabalha para pensar o que vai escrever, você dá uma consultada nas duas, e parece que a **ideia** vem mais rápido, fica mais fácil, traduzir.

P10 (7'36'' M): me senti confortável, principalmente pela possibilidade de consultar e fazer alguma combinação de trechos que eu poderia ter alguma dúvida, ou até mesmo... estilo e poder fazer uma consulta e até mesmo copiar.

2. A visualização de todos os textos na tela do monitor foi tranquila? Alguma coisa atrapalhou ou confundiu você?

P01: Sim! Não!

P02: Foi! Não!

P11: Muito bom, muito boa. Não, não!

P12: Foi, ahã. Não! De repente foi porque eu olhei mais para o que está em espanhol, então... não.

P03 (M) hmmm, não tão tranquila que eu acho que me confundi um pouco, de certa forma, ou seja, olhar ao mesmo tempo pra três textos para poder criar um quarto texto, mas, de uma maneira geral foi, ou seja, foi tranquila mas, teve assim um pouco, certo grau de dificuldade. (ii) sim, eu acho que a questão de estar os três textos numa mesma tela, ou seja, eu não abria uma página para olhar em um e olhar no outro, ou seja, não tinha os textos separados, que era o que eu estava acostumado a fazer (Pergunto: mas você acha mais fácil abrir várias telas?) Eu acho que confunde menos.

P04: Sim! Não!

P05: Sim! Não!

P06: Foi tranquila,, não atrapalhou em nada.

P13: Foi! Não, foi tranquilo. Os parágrafos estão bem divididos, o texto é curto, o espaço com que estão, foi tranquilo.

P07: Sim! No início, quando eu comecei a traduzir, um pouco, porque era muita informação, mas depois eu vi que facilitava mais, porque eu tinha duas opções pra seguir, e uma delas com certeza se encaixaria mais no meu perfil de tradução.

P08. Foi. Não, nada!

P09: Foi, foi. Fica bem claro que o texto de partida está em cima com as duas traduções localizadas dos lados e a minha no meio, achei uma disposição boa. (ii) não, sobre a disposição dos textos, não.

EST 30: Foi. (ii)Não

PARTE 2: SOBRE OS TEXTOS EM SENTIDO GLOBAL

3. Em que partes do texto original as traduções ajudaram você a elaborar a nova tradução?

P01: (lendo o ST) Habitamos, nos habituamos, é... “por repasar”, me ajudou a não colocar “repassar”, que não faria muito sentido também, é, nesses dois casos, ah, e a confirmar “y a eso de las once”.

P02: A parte da, no... no meio de segundo parágrafo quando fala dos quartos que a Irene repassava. Na verdade eu não peguei nenhuma, mas me deram a ideia de alguns verbos que eu poderia usar, que eu achei que ficasse melhor encaixado com o texto original. E a questão do avô paterno, sem dúvida, porque eu fiquei na dúvida se era um dos avós, e as traduções me auxiliaram a resolver que era o avô dos dois, e a, o, estorbarse, que eu não sabia, aí eu olhei o estorvar (T2,direita), olhei o aperto (T1, esquerda) e preferi pegar uma solução intermediária, mas foi baseado nas duas traduções também.

P11: Éeee, (lendo o ST), no caso o, o “estorbarse”, éhhh, acho que os dois textos me ajudaram, que aí eu peguei o que tinha dos dois, né, e decidi criar o “confortavelmente”, que eu acho que passava uma ideia melhor pra mim.

P12: O texto em espanhol? Na verdade eu fui mais traduzindo o que estava em espanhol, ou em algum momento eu olhava o que tá em português, mas traduzi mais o que está em espanhol mesmo, a maior parte do texto.

P03: Ahhhhhh, (lendo o ST), como assim, ou seja... (reexplico) hmmm, por exemplo (procurando no ST), esa “sin estorbarse”, ese trecho, ou seja, eu precisei olhar nas traduções, é (continua procurando no ST), esse “por reparar”, também, ou seja, eu fiquei em dúvida em como colocar aí eu olhei e as traduções me deram outras opções do que eu tinha pensado. E essa última parte, que eu acho que comentei também (olhando para a MTT) éhhhh, (lendo) “fuera de unos platos sucios”, que eu tinha pensado “aparte de uns pratos sujos”, e eu fiquei na dúvida e aí eu preferi colocar como está na tradução da direita (T1).

P04: No texto de partida na parte, quando ele falava (lendo o ST) que fazia a limpeza pela manhã (foi à T2 e voltou ao ST), e no final quando ele fala “ya no quedaba nada que hacer fuera”, essas foram as partes que (inaudível).

P05: Na parte do “estorbarse”, na parte do quarto lá, (procura no ST) “a Irene las últimas habitaciones por reparar”, que uma tinha (olhando a T1 à direita) uma proposta “para repassar” e a outra “tomando conta”, e isso me ajudou. No final “almoçávamos ao meio-dia (olhando a T2 à esquerda, depois a da direita)... é, neste final aí, a não ser alguns pratos sujos, é essa proposta que estava no texto da direita, meio que me incentivou a manter essa proposta.

P06: (lendo o TT e o ST) Ajudaram? (repito a pergunta). Que parte? (repito novamente) Acho que o que mais ajudou foram os textos traduzidos, não o original. Não sei.

P13: Partes do texto original, o espanhol no caso? (Eu: Isso) Ajudaram a fazer a tradução? (refaço a pergunta). De um modo geral o texto todo, não observei nada isolado não.

P07: no início, no... bem no iniciozinho “nos gustaba la casa porque aparte de espaciosa”... fiquei em dúvida sobre esse “aparte”, então consultei as duas traduções pra ver o que que seria (lendo o ST), hmmm... o resto foi mais tranquilo, foi mais questão de construção que não parece muito, nenhuma das duas na verdade, parece muito com o que eu costumo traduzir, e, mas assim, eu sempre pegava uma das duas, pra poder basear a minha. Eu não gosto de construção longa, e em algumas partes as duas pareciam mais longas que a minha, pode ser que não tivesse, mas para mim estava

P08: (leu a Tradução da esquerda, T1 e leu a parte equivalente no ST). Nessa parte, “viviam oito pessoas sem aperto”, ajudou, mas não era isso que eu queria, mas eu acho que serviu. Ehhhhh, esse, “reparar” no final do texto (ST), “dejaba a Irene las ultimas habitaciones por reparar”, eu fiquei em dúvida como traduzir e eu vi que tinha traduzido da mesma forma, um deles, e isso nas preposições no início também que, eu acho que eu ia colocar de qualquer jeito, mas daí eu deu uma olhada e pensei mais rápido para colocar (refere-se às preposições “de” nuestros bisabuelos, el abuelo... (ST)).

P09: No texto original? Tá! Na primeira frase, onde tem escrito “el abuelo”, bem, eu fiquei em dúvida se era isso “o avô”, ou “do avô”, daí eu consultei nas duas traduções e nas duas estava “do”, daí eu coloquei “do” por isso. (lendo), acho que foi tipo isso, as outras questões eram mais de grafia, daí eu olhava nas duas traduções e me situava e ia.

P10: No trecho “nos habituamos Irene y yo a vivir solos en Ella”. No ‘persistir’, eu fiquei com um pouco de dúvida, aí eu fiz uma consulta. Na palavra “estorbarse”, também achei que traduzir por se estorvar... eu achei que não estava soando muito bem, e eu consultei também, No trecho, “y a eso de las once”, também consultei. E eu também consultei os textos no trecho final, “fuera de unos platos sucios”.

4. Em que partes você preferiu optar por uma nova alternativa não existente nas traduções já feitas?

P01: Todas! Todas! (Eu: todas?) É, todas. (insisto: você optou por uma nova alternativa?) Ah, não, tem nas duas. (Eu: pois é, alguma que tenha nas duas, mas você não quis nenhuma, você fez a sua) (Lê um pouco as duas traduções, vai ao ST) “E a eso de las once”, coloquei “mais ou menos às 11h” e as duas colocaram “por volta das onze”.

P02: Ah, na parte do incômodo (lendo o ST e depois a T1), ehheheh, e no verbo reparar, eu coloquei como revisando os últimos quartos... é, que um diz repassar e outro diz “tomando conta”, aí eu coloquei que “eu deixava a Irene revisando”.

P11: (olhando a T2 à direita e depois o ST) Nessa parte do “estorbarse”, na parte da infância que eu, não sei, eu achei que no texto as pessoas que, a pessoa que narrava viveu com a Irene a infância, então eu decidi colocar “na nossa infância” (lendo o TT), que eu acho que em português a gente marca mais com os possessivos. Deixa eu ver o que mais (procurando no TT). Na última parte também, ehheh, não restava nada mais... (vai ao ST), no quedaban... (vai à T1 à esquerda), não, eu me baseei só no segundo, (lendo) “já que nada ficava por fazer”, a da direita, eu decidi que eu não faria igual (lendo a T1), aí eu tentei fazer minha própria versão, (vai à T2), mas, aí agora é que eu estou percebendo que, ehheheh, (vendo o T2 e o TT) ficou bem parecida com o texto da esquerda.

P12: Ai, foi na... (lendo o TT), nossa! Coloquei guardava com “h” (reparando um erro de digitação). Tem a parte que eu coloquei (vai ao ST), que ela colocou aqui (lendo) “os últimos quartos por reparar”, que eu coloquei (vai ao TT) que “faltava terminar”. Então, eu preferi usar o termo “terminar”. (Lendo o TT e o ST). Deixe-me ver se mais algum... Esse “nos habituarmos”, “acostumar” a gente usa mais. (Lê o ST, o TT e consulta a duas traduções) Esse “por” que nas traduções está “por fazer”, a gente não usa, eu pelo menos, no português a gente não usa, seria “para fazer” mesmo, ou... Acho que o que eu usei mais diferente mesmo foi a questão dos “quartos para terminar” e a questão do “para fazer”, não por fazer.

P03: Deixa eu ver aqui (Lê o TT, vai para o ST, para a T1) ou seja, teve partes que eu estava traduzindo que eu não estava olhando as traduções feitas, mas que estão praticamente idênticas, mas deixa eu olhar uma parte que tenha sido diferenciado (vai à T2, ao ST, à T1, volta ao ST) ah, já achei aqui “já que nesta casa podiam viver oito pessoas sem aperto”. Aqui tá (T2) “na casa... era uma loucura”, na outra tradução (T1) “nessa casa poderiam viver”, ehheheheh (volta a ler a T2, depois o TT), acho que só!

P04: No final (pergunto: no final, onde?) No final do texto, sempre pontuais “ya no quedaba nada para hacer de unos platôs sucios”, e “nos habituamos Irene y yo a vivir solos em ella” (consulta TT e ST).

P05: No... (lendo o TT), essa questão do...o que era loucura, entre os traços, (percorrendo as traduções) esse “almoçávamos sempre pontualmente ao meio dia”. Nessa parte do “por volta das 11 horas eu deixava a Irene”... é, eu meio que, não discordei de nenhuma das duas, mas eu preferi deixar mais ao meu estilo, que eu acho que seria mais (inaudível), mas teve um pouco menos de alteração.

P06: Em que partes? (repite a pergunta). Foi aqui o “tranquilamente”, e por quê? Não né... o “tranquilamente” e... acho que foi o mais diferente assim... e “cômodos”, ao invés de “habitações” e “quartos”.

P13: Quando ele falou do almoço, do horário e de como lavar os pratos, eu fiz uma pequena mudança (olhando a T2), sem mudar o sentido.

P07: no “confortavelmente”, que na minha tradução ficou “confortavelmente”. É, (lendo a T1)”pois nessa casa poderiam viver tranquilamente oito pessoas sem se estorvarem”, e na tradução da esquerda, na da direita, “pois naquela casa poderiam morar oito pessoas sem aperto”. Essa parte eu achei que a minha ficou melhor, porque “se estorvarem”, dependendo de quem tá lendo pode muito bem não saber o que que seria, e porque eu vou usar “sem aperto” se eu posso usar “confortavelmente” que daria uma ideia de que as oito pessoas viveriam muito bem naquele mesmo ambiente. É (lendo TT) no final, de “lavar os pratos” foi uma, meio que por uma... foi porque eu achei que minha construção ficou bem melhor do que a dele.

P08: No início que fala de “recuerdos”, e eu preferi deixar recordações mesmo, em vez de lembranças que os dois colocaram (leu bastante a T1, foi à T2, voltou à T1 e foi ao TT), é e no final eu preferi botar “além de uns pratos sujos”

P09: no segundo parágrafo, onde está escrito “ocho personas podrían vivir”, aí eu vi que em uma tradução estava escrito “podrían viver sem aperto” e na outra “oito pessoas sem se estorvarem”. Eu nunca ouvi a palavra estorvarem, e eu também nunca tinha usado em espanhol “estorbarse”, então eu coloquei CONFORTAVELMENTE que eu acredito que tem o mesmo sentido das duas. E no primeiro parágrafo, onde fala (lento o ST) dos “recuerdos”, daí nas duas traduções está “lembranças”, e eu optei também por deixar lembranças, mas eu fiquei bastante em dúvida se poria isso ou memórias, porque memórias foi a primeira coisa que veio à minha cabeça.

P10: no segundo parágrafo, “nos habituamos Irene y yo”, eu fiz diferente: “ nos habituamos, eu e Irene”, mudei a ordem do sujeito. E acho que no final também, que foi a inclusão da palavra “lavar”, que não consta em nenhum dos textos. Também neste último, “deixava os últimos quartos para Irene e ia para a cozinha”.

5. Qual das duas traduções foi mais utilizada por você?

P01: (não perguntei)

P02: (lê parcialmente a tradução da direita e da esquerda) Boa pergunta! (segue passando o olho nas duas traduções) Eu não sei! Eu acho que foi metade, metade, agora eu estou aqui

olhando para as duas (pausa, olhando para a da esquerda), eu acho que mais a da esquerda. Eu to vendo até pela posição das vírgulas, que eu dei um alhadinha pra ver, meu problema particular com vírgula... usei mais a da esquerda.

P11: (percorre com os olhos de uma tradução à outra), Não sei, eu acho que a primeira, não sei, eu acho, é a da esquerda. Foi bem equilibrado assim, mas eu acho que pelo fato de eu ser canhota, eu sempre recorro ao que está do meu lado esquerdo, assim, por... instintivamente. Eu acho que eu usei mais esse (olhando para a T2 à esquerda), apesar que o outro (olhando para a T1 à direita) eu usei bastante, ou pra comparar, ou pra não querer fazer igual.

P12: (olha a duas traduções) Acho que a primeira.

P03: Eu acho que a da esquerda, ainda que eu tenha utilizado trechos da direita, eu utilizei mais o da esquerda.

P04: Olha, acho que o da direita (T2).

P05: A da direita (responde olhando para a da esquerda). Não, acho que as duas foram utilizadas (lê parcialmente a da esquerda e volta a olhar para a da direita). A da direita, a da direita.

P06: Foi a do lado... direito.

P13: (lê a da direita, vai à da esquerda) Eu sei que eu comparei bastante, um com o outro, mas dizer com destaque assim, eu não teria essa segurança não, pra dizer qual dos dois.

P07: (lê a da direita) eu acredito que tenha sido a da direita... acredito que foi a da direita, mas eu... eu... ia muito de uma pra outra.

EST 24: (consulta as duas traduções) eu acho que eu usei um pouco de cada mesmo.

P09 (sem hesitar) a da direita (deu uma passada de olhos pelo texto da direita)

P10: Eu não saberia precisar, agora. Porque as consultas foram muito rápidas, mais no trecho...

PARTE 3: SOBRE ASPECTOS PONTUAIS DOS TEXTOS

6. Em “nos habituamos Irene y yo”, você optou por começar a frase com o verbo “acostumamo-nos” e depois os nomes das personagens ou inverter essa ordem? Por quê?

P01: (Não perguntei)

P02: Eu inverti (ii) porque eu preferi colocar o sujeito primeiro, os sujeitos no caso, Irene e eu nos acostumamos (lendo o TT). Nos acostumamos Irene e eu, do jeito que ele estava contando a história, (olhando o início do ST) pareceu mais uma história contada que um texto muito formal. Eu achei que se eu colocasse: nos acostumamos, vírgula, Irene e eu a ficar sozinhos. Eu acho que ia ficar um pouco truncado, eu preferi deixar um pouco mais solto.

P11: Eu preferi começar com o nome das personagens. (ii) Eu acho que eu gostei mais da forma do primeiro texto, desse da esquerda, porque eu achei que (olhando para o da direita) ele se assemelhava mais ao que, à língua coloquial, né, o português que nós brasileiros falamos, e eu achei uma forma mais familiar de falar, de narrar o relato, assim, né, que remetia à infância e à rotina deles.

P12: Pensando no português, eu escolhi começar com os nomes porque é a estrutura que a gente usa, é o que a gente acostuma a sempre por o sujeito primeiro, o espanhol já faz o contrário, então foi mais pela estrutura mais usada no português.

P03: Não, eu deixei essa ordem (olhando o trecho no ST). (ii) Hmmmm, eu acredito que (vai às traduções e ao TT) que em textos literários, em português seja, eu acho mais comum, mais frequente, do que começar com os nomes próprios, os nomes das pessoas.

P04: Optei por inverter (pergunto: Como?) Ué, (lendo) “nos acostumamos”, né? Nos acostumamos e não “acostumamos”, acho que ninguém fala assim. “eu e Irene, inverti, inverti. (ii) porque eu pensei que esse texto seria para pessoas com o vocabulário não tão elevado, então eu pensei em colocar de uma forma que soasse melhor, não que eu estou falando que estivesse errado (olhando a T2), não falo, com certeza, mas, pra pessoas com menos nível de português.

P05: Inverti a ordem. (ii) Porque, eu acho... primeiro que a ordem natural, sujeito verbo, seria mais... foi mantida na minha tradução... teoricamente é o padrão gramatical, normativo. E eu e Irene nos acostumamos, éhhhh... eu acho que fica melhor que “acostumamo-nos Irene e eu” porque está sempre (inaudível) do texto, eu acho que acostumamo-nos, acostumamo-nos, acostumamo-nos, dá um tom de rigidez (olha para a T2 na esquerda – EU: você inverteu as pessoas) Inverti. Irene e eu, eu e Irene. (silêncio. EU: por quê?), não tem um porquê, foi uma coisa feita... é... intuitivamente.

P06: (lendo o TT) “Irene e eu nos acostumamos”, é... eu mudei a ordem. (ii) Porque, Irene y yo, é mais para o espanhol mesmo, não sei, é mais estrutura espanhol.

P13: Pelo nome dos personagens. (ii) Por que? (Lê o ST e o TT) Acho que pela, pela estrutura do português, começar pela pessoas, né? (EU: você inverteu os personagens, por quê?) Isso, (vendo o ST e o TT) ahhh, tá, aqui os dois Eu e Irene e Irene e eu ali (referindo-se (olhando) ao TT e ao ST, respectivamente). Não, não teve um porquê não.

P07: primeiro eu vi (olhando o ST) e já pensei no “nos habituamos”, direto, aí eu olhei nas duas traduções, e vi que a da direita (T2) estava melhor, “Irene e eu nos acostumamos” que “acostumamo-NOS. (ii) acho que é porque eu não gosto dessa construção da esquerda “A-COS-TU-MA-MO-NOS”, acho que a sonoridade é meio estranha pra quem tá lendo. Se é uma leitura para distração eu não quero ler um “A-COS-TU-MA-MO-NOS”, eu prefiro ler (lendo a T2) “Irene e eu nos acostumamos”, eu já vou achar que vai ser chato (olhando o trecho no T1). (risos)

P08: Eu preferi inverter. (ii) eu achei que ficava melhor na ordem direta mesmo.

P09; eu inverti e comecei com o nome dos personagens. (ii) (leu seu texto e foi à T1), não sei, acostumamo-nos, porque eu achei que fazia mais sentido, fica mais claro, só por isso mesmo,

e é porque eu gostei mais, foi o que ficou mais claro pra mim, que me deixou mais confortável na leitura do texto.

P10: (pediu para repetir a pergunta) Eu mantive como no texto de partida, “nos habituamos”, aí eu inseri a vírgula, coloquei “eu e Irene” entre vírgulas, sem fazer a troca, sem inverter. (leu antes de responder o porquê). Eu acho que daria um fluxo bom de leitura sem ter que fazer muitas alterações em relação ao texto de partida.

7. Como você resolveu a tradução de “en esa casa” tendo em vista que uma das traduções tinha “nessa” e a outra “naquela”?

P01: (lendo o TT), Eu coloquei “nessa casa”, mas... (olhando a parte referida no ST), não, mas na verdade eu não me atentei pra isso, porque, agora olhando a tradução, a segunda tradução, eu vejo que dá uma ideia de distância mesmo, da casa, e da pessoa que está... que escreveu o texto

P02: Eu botei “nessa casa”, como na primeira tradução. (ii) porque o “naquela” (olhando para a T da direita) parece uma coisa tão distante, dá uma sensação que a casa ainda existe. A sensação que eu tive quando eu li o texto, era como se a casa tivesse a venda, não tivesse escondida no passado, é uma CSA ainda existente, talvez não morem mais lá, mas a casa ainda existe, por isso eu preferi botar o “nessa”, que dá mais proximidade, eu acho.

P11: (lendo o TT) Eu fiquei em dúvida, aí coloquei “pois nesta casa”, né, eu... (Olhando a tradução da direita,... eu... decidi (lendo a tradução da esquerda) fazer a ... (lê o TT) a contração. Optei por isso. (EU: você não optou por nenhuma das traduções) Não. Eu preferi, colocar a... a forma... ehhh...contraída, né?

P12: Hum, eu não tinha reparado a segunda tradução, que está escrito “naquela casa”, não tinha visto. (EU: o que você fez?) Eu coloquei “nessa casa”, mais pelo que está escrito no espanhol, não tinha visto naquela.

P03: Deixa eu ver (lendo o ST). Eu botei “nesta casa”. (ii) (vai de uma tradução à outra e ao ST), bom, Malta, eu acho que isso aí foi uma questão de, sei lá, (vai ao ST), em espanhol está como? “en esa casa”. (volta ao TT), não sei, eu fui traduzindo e acho que não me ative a essa questão.

P04: Ahhhh, eu coloquei, “nessa casa”. Que tá errado, tinha que ser nesta casa, que eu estou falando dela, mas eu coloquei “nessa casa” por habitual e (olhando o ST) por junção dos idiomas, “em esa”, “nessa”, pela facilidade, traduzi nessa.

P05: (olhando o TT) Eu coloquei na casa, porque como é um relato em primeira pessoa, Eu acho que a proximidade e a, e o sentimentalismo que parece que a casa tem, eu acho que “na casa” daria uma coisa mais próxima, porque nessa e naquela são pronomes demonstrativos que meio que, no meu ver, distanciam a casa da interlocutora.

P06: Bom, está aí um ponto que eu nem, nem percebi, passou despercebido, eu nem...

P13: Onde é que está aqui? (Olhando o TT e depois de ler parte dele) Porque eu já tinha feito referência da casa, achei desnecessário. (Eu: você omitiu) Foi.

P07: “nessa casa”. É, como eu estava olhando mais a da direita (T2), eu na hora que eu vi o “naquela”, eu voltei pro texto original, vi que tava “en esa casa” (lendo), então eu esto falando de uma casa que está mais próxima de mim. Ou então eu estaria na casa, aí eu olhei pra da esquerda e vi que “nessa casa” ficaria melhor, já que eu estou falando ou de dentro da casa ou de próximo dela, e não me referindo a uma casa que estivesse longe.

P09: eu não vi, na tradução da esquerda. Eu olhei, “en esa” eu sempre colocaria “nessa” ou “nesta”, mas em português eu não tenho certeza qual é o uso correto, daí eu olhe automaticamente pra tradução da direita, que estava melhor pra mim e coloquei “nessa”.

P08: Nessa parte eu nem olhei as traduções, eu só coloquei “nessa casa” mesmo.

P10: (depois de consultar o TT e olhar o ST) Na verdade eu fiz mais de modo automático, em relação ao texto de partida, não cheguei a consultar como optaram em fazer a tradução. E como eu comecei dizendo que, “gostávamos da casa”, “nessa casa”, faz referência também à casa que já está sendo tratada no começo do texto.

8. Como você traduziu “podían vivir sin estorbarse”? Por que você optou por essa tradução?

P01: “podiam morar oito pessoas sem incômodo” (ii) Foi a que me veio, a primeira palavra que me veio à cabeça.

P02: Sem incômodo (ii) Pra não ficar tão forte. “oito pessoas sem se estorvarem”... da mesma forma, eu acho que não é um texto muito formal, então (lendo a T da esquerda) “oito pessoas sem se estorvarem”, acho que ia ficar muito formal, aí eu preferi colocar... (lê a T da direita) o aperto eu também não gostei, dá uma sensação de... de... tradução de quem não sabe o que significa, entendeu (risos), mas eu preferi colocar “incômodo” porque eu achei um meio termo.

P11: Eu traduzi (lendo): “poderiam viver oito pessoas confortavelmente”. (ii). Porque eu acho que o “estorvar-se” fica assim, eh... muito parecido ao texto original e não dá, quer dizer, dá a ideia do que seria pra mim em português, mas não seria a palavra que eu usaria no meu cotidiano, né, eu não escreveria estorvar, estorvar-se. É, na minha vida, num texto normal, eu não falaria isso normalmente.

P12: (lendo os textos-alvo e fonte) sem aperto (ii) (lendo o ST) porque aqui (ST), se bem que em português a gente poderia dizer “viver”, mas na verdade é pra dar o... mais a questão do que a gente usa, moravam oito pessoas sem... assim, eu aqui peguei mais a questão da ideia, se eu fosse fazer a tradução literal mesmo, ficaria, esse “sin estorbarse” ficaria... não, acho que eu usaria “sem aperto” mesmo. Mas, eu peguei muito mais a ideia que a tradução literal.

P03: Podiam morar oito pessoas sem aperto. (ii) Porque eu achei que, bom, estorvar seria mais usual em textos literários, mas eu acho que, sem aperto fica um pouco mais claro, ainda que quebre um pouco da, não sei, da...

P04: (procurando no TT) ehhh, pus, “nessa casa poderiam viver oito pessoas sem apertos” (ii) Porque, além das duas traduções, ehhhh, não me soou coloquial. E como eu escrevo um texto coloquialmente falando, então eu acho que da forma que eu coloquei, soa melhor, não sei.

P05: Poderiam viver sem aperto. (ii) porque foi a tradução adotada no texto da esquerda. E apesar de eu ter olhado para o texto da direita, eu acho que “sem se estorvarem” não seria uma opção minha, pessoalmente.

P06: É... (lendo) “Podiam morar oito pessoas tranquilamente” (ii) “Tranquilamente”... porque estorvarem (T1) eu não sabia o significado, e “aperto” (T2) era, informal.

P13: Sem, sem (procurado no TT) sem aperto. (ii) Porque eu achei uma linguagem mais adequada para o texto, que é uma linguagem já simples.

P07: (vai ao ST, à T2 e ao TT) “Poderiam viver oito pessoas confortavelmente”. (ii) A da esquerda, porque estorvarem, se eu tivesse... eu ia achar chato ficar lendo ‘estorvar’, eu acho que tem a ver com isso, eu acho a tradução da esquerda (T1) chata, se eu tivesse lendo eu acharia chata. A da direita (lendo) é, “morar oito pessoas sem aperto”, sem aperto quer dizer que elas estão confortável, então por que não colocar que as pessoas moravam, viviam ali confortavelmente. Ao invés de utilizar duas palavras eu usei só uma.

P08: “podiam viver... (oi) (risos ao perceber que escreveu “outro” em lugar de “oito”) pessoas sem aperto”. (ii) porque eu achei esse “sem se estorvarem” estranho, e eu acho que... não sei, não era bem isso.

P09: (lendo) poderiam viver oito pessoas confortavelmente. (ii) porque eu nunca utilizei em espanhol a palavra “estorbarse”, então eu não sei qual o real significado, e na tradução da esquerda estava “sem aperto”, e eu não achei uma boa colocação, não gostei, e na tradução da direita estava “se estorvarem”, que também é uma palavra que eu não conheço, daí eu coloquei confortavelmente que eu acho que traduz o sentido do que quer dizer, do que eu entendi.

P10: “poderiam viver sem aperto”, que foi a opção da tradução do lado esquerdo. (ii) porque eu achei que a opção “sem aperto”, ela daria mais fluidez à leitura, e “poderiam viver muitas pessoal no local, sem estarem fisicamente, e em suas relações, apertado. Acho que “sem se estorvarem”, acho que é uma opção... que também dá essa noção desse significado, porém eu acho que “sem aperto”, dá uma fluidez melhor para a leitura.

9. Como você traduziu “habitaciones”? Como você entendeu “habitaciones por reparar”? Como traduziu esse trecho?

P01: Cômodos. (ii) (lendo o TT) Eu traduzi “os últimos cômodos para terminar”, mas aqui ‘da uma ideia (no ST) de... pra voltar a fazer alguma coisa, meio de novo. Por exemplo, eu limpei o quarto, mas faltava fazer alguma coisa de novo, nesse quarto.

P02: Quartos (ii) A verificação se ainda faltava alguma coisa para arrumar nos quartos. (iii) Eu traduzi como “revisando”, mas eu podia colocar “verificando”. “revisando os últimos quartos e ia para a cozinha”, eu acho que eu deveria colocar “verificando”.

P11: Eu traduzi por “cômodos”. (ii) Cômodos que ainda não tinham sido limpos, que precisavam ser limpos ainda. (iii) eu traduzi: “últimos cômodos para limpar”

P12: Quartos (ii) Eu entendi que ainda tinha esses quartos para limpar, para terminar a... que estava fazendo a limpeza, que ainda faltavam esses últimos quartos. (iii) Coloquei que “Irene... (lendo o TT e voltando ao ST), faltou alguma coisa, (lendo o ST e conferindo com o TT) “Deixava para a Irene nos... esse “nos” é que não existe. Deixava os últimos para terminar, seria terminar a limpeza.

P03: quartos (ii) habitacines por reparar... para serem checadas, ou seja, como eu coloquei aqui (olhando para a T2, depois para o TT), para tomar conta, eu achei essa tradução “tomar conta” , mas aí eu fiquei na dúvida também, eu tive dúvida na questão de tomar conta ou ir verificar, eu acho que tomar conta é uma coisa mais contínua e verificar, verificar e sair, que eu acho que seria mais o “repassar” (olhando o ST), ou seja, ir ver, e tomar conta parece uma coisa mais contínua, não sei, me dá a ideia de continuidade.

P04: (procura no TT). Ehhhh, quartos! (ii) ãh, ehhhh... quartos para arrumar (vendo o TT e confirmando) quartos para arrumar, foi. (iii) ehhh, conta dos últimos quartos, tomar conta né, dos últimos quartos, e a cozinha.

P05: Quartos. (ii) seria, os últimos quartos pra, pra está realizando o labor matinal, de fazer a limpeza. (iii) “E por volta das 11 horas eu deixava para Irene os últimos quartos e partia para a cozinha”.

P06: É... “cômodos”. (ii) “habitaciones por reparar” (EU: isso) É, por arrumar, quartos (lendo o TT), até eu acho que seria quartos mesmo. Por arrumar, por fazer o, por arrumar mesmo.

P13: Quartos. (ii) que ainda faltavam ser limpas, né? Faltavam a limpeza. (iii) Cadê... “cuidando dos últimos quartos”, no sentido de organizar.

P07: (Lê o ST e o T1 depois encontra o TT) assim, cômodos, “deixava os últimos cômodos para Irene”. É, na da esquerda está dizendo sobre quartos, estão falando de quartos. Na da direita “aposentos”. Pra não ficar nem um nem outro, eu optei por algo que não deixasse um cômodo específico, e que não usasse “aposentos” (T2), “aposentos” eu acho muito fúnebre, eu prefiro cômodos (risos), porque eu não específico o que é.

P08: quartos (ii) Eu não entendi bem a primeira vez que eu li, (lê o TT e o ST) é o que ainda falta por fazer, né? (iii) coloquei “nos últimos quartos para repassar”

P10: quartos. (ii) (leu o TT e o ST) que seria, como eu traduzi “os últimos quartos” (lendo o ST), que não tinham sido limpos. (iii) (ler) “ las últimas habitaciones por reparar”, eu coloquei (lendo) “deixava os últimos quartos para Irene”, deixando implícito essa questão da limpeza (lê o trecho do TT)

P09: quartos. (ii) quartos que ficaram de, faltava a última arrumação. Eu acho que eles levantavam às sete, faziam a arrumação da casa e... porque o final do texto deixa isso mais claro (olhando a T2), não restava nada mais por fazer além de uns pratos sujos, que era depois da louça, então eu entendi que pela manha faziam a arrumação da casa, e que ficavam estes

dois quartos para dar arrumar, dar uma revisada, por organizar. (lê) “ eu a deixava os últimos quartos e ia para a cozinha”

10. No trecho final, você entende que as personagens almoçavam ao meio-dia porque não tinham mais nenhuma tarefa a não ser lavar uns pratos sujos ou que elas almoçavam e depois só tinham que lavar uns pratos sujos e encerrava-se a rotina do dia?

P01: Repete a pergunta! Essa segunda, depois elas só tinham os pratos pra lavar.

P02: (acompanha o ST com olhar durante a pergunta) (Olhando para o ST) Eles almoçavam porque já tinham terminado tudo o que tinha que fazer... na verdade eu acho que eles acordavam às sete para terminar tudo até o meio-dia, pra que depois do almoço só faltasse lavar os pratos, que não tinham mais nada o que fazer maesmo.

P11: Que elas almoçavam e depois só tinham isso pra fazer, que as atividades do dia acabavam.

P12: Eu entendi que elas almoçavam , que depois do almoço a única coisa que ainda tinha para fazer, era lavar os pratos sujos

P03: hmhhh, deixa eu ver (olha o TT e vai ao ST e lê o trecho final). Eu acredito que, elas (volta a ler o ST) (lendo o ST) almoçavam, elas almoçavam naquele horário e depois disso não tinham nada mais pra fazer, a não se uns pratos sujos, ou seja, a não ser os pratos sujos do almoço.

P04: É. Eles almoçavam, sempre pontuais (lendo TT) e depois só tinham os pratos porque o resto eles já fizeram. (pergunto: e eles almoçavam antes e lavavam depois ou). Não, eles almoçavam antes e lavavam depois (risos).

P05: (enquanto pergunto, acompanha no ST e no TT) Eu acho que elas almoçavam por ser costume, éhhh, às 11 horas terminavam a limpeza, Irene terminava a faxina enquanto eu, o eu do texto aí partia para o almoço, e meio-dia o almoço já tava pronto pra elas almoçarem, não se já tinha acabado e nessa hora só restava o almoço, após o almoço, só os pratos sujos.

P06: (lendo TT) Ao meio dia **já que** não, restava mais nada para fazer, então, é como se tivesse terminado os afazeres mais cedo... depende da (risos) hora que eles (risos) (EU: tá, mas os pratos sujos, eram antes do almoço ou depois do almoço). É, depois do almoço.

P13: Almoçavam, depois só tinham que lavar uns pratos sujos.

P07: Eu fiquei em dúvida nessa parte. Aí essa eu olhei bastante as duas traduções e, optei assim, elas poderiam almoçar pontualmente (olhando o trecho no TT) ao meio-dia ou não, já que a única coisa que restava pra fazer era lavar os pratos. Por isso eu coloquei “pontualmente”, como uma explicativa, que poderia retirar que não faria a menor diferença, é isso. (refiz a pergunta 10, já que tinha ficado sem resposta). Não, elas almoçavam e depois só tinham que lavar uns pratos sujos. (depois de terminado o protocolo). Difícil essa pergunta, Malta.

P08: (enquanto faço a pergunta o P acompanha com o olhar a parte sobre a qual pergunto no TT) eu entendi essa segunda opção (refere-se a TT. Porém, não traduziu como o TT, ou seja, causal e sim temporal)

P10: a segunda opção. Elas almoçavam, por ser um hábito naquele horário, depois do almoço o que restava para fazer era lavar os pratos, e depois de lavar, eles ficavam sem tarefas.

P09: Eu entendi que eles almoçavam ao meio dia, porque eram sempre pontuais desde a hora em que acordavam, então nesse período de 7h ao meio-dia, era o tempo necessário para fazer tudo e que nunca sobrava nenhuma tarefa, então sempre ao meio-dia eles sempre almoçavam e depois não tinham mais nada para fazer, a não ser uns, restantes dos pratos.

APÊNDICE C: Termo de consentimento livre e esclarecido

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
LABORATÓRIO EXPERIMENTAL DE TRADUÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Conhecimento experto em tradução: (re)tradução: um estudo experimental

Este termo de consentimento livre e esclarecido pode conter palavras que você não entenda. Peça ao(à) pesquisador(a) que explique as palavras ou informações não compreendidas completamente.

1. Do convite

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **Conhecimento experto em tradução: (re)tradução: um estudo experimental**. Se decidir participar desta pesquisa, é importante que leia as informações contidas neste documento a respeito do estudo e do seu papel nesta pesquisa. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o(a) pesquisador(a) ou com a Universidade Federal de Minas Gerais. É preciso entender a natureza e os riscos da sua participação e dar o seu consentimento livre e esclarecido por escrito ao final deste documento. Você poderá fazer todas as perguntas que precisar para entender os objetivos da pesquisa, esclarecer dúvidas acerca dos riscos, dos benefícios e quaisquer outras questões. São-lhe garantidos esclarecimentos, antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia. Você receberá uma cópia fidedigna deste termo na qual constam as informações relativas à pesquisa bem como o telefone e endereço do(a) pesquisador(a) responsável (cf. seção 2), por meio dos quais poderá entrar em contato para dirimir quaisquer dúvidas do projeto e de sua participação.

2. Dos pesquisadores e patrocinadores envolvidos:

Esta pesquisa conta com o fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo nº 307964/2011-6, e tem como pesquisador responsável o Prof. Dr. Fabio Alves, Professor Titular da Faculdade de Letras. Seu endereço é Av. Antônio Carlos, 6627 – Pampulha – CEP: 31270-901 – Belo Horizonte/MG – Telefone: +55 (31) 34096013.

Os pesquisadores participantes desta pesquisa são: Profa. Dra. Adriana Silvina Pagano, Prof. Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves, Arlene Koglin (doutoranda), Karina Szpak (doutoranda), Gleiton Malta (doutorando), Kyoko Sekino (doutoranda), Marcell Aquino (doutoranda) e Norma Fonseca (doutoranda).

3. Do objetivo e da justificativa

O objetivo deste estudo é avaliar o desempenho de sujeitos em tarefas de tradução, com vistas à caracterização de perfis tradutórios, observando-se, em particular, aspectos relacionados à solução de problemas. Os resultados desta pesquisa fornecerão subsídios para o avanço das discussões sobre representações da aquisição da competência em tradução e sua possível modelagem para efeitos de desenvolvimento de aplicações computacionais visando ao conhecimento experto em tradução.

4. Dos procedimentos de coleta

Se concordar em participar deste estudo, você será solicitado a realizar as seguintes tarefas. Inicialmente, será feita uma entrevista prospectiva abordando dados pessoais e profissionais. Em seguida, você será solicitado a realizar tarefas de tradução envolvendo textos de aproximadamente 300 palavras. As tarefas deverão ser realizadas em ambiente Translog® (um *software* que registra movimentos de *mouse* e teclado) e gravadas pelo programa Tobii® (um *software* que grava a tela do computador vista por você durante a tarefa tradutória). Ao final de cada tradução, você deverá

comentar alguns aspectos do texto traduzido e do processo de tradução. Todo material coletado será catalogado com um número de referência, preservando-se a confidencialidade de seus dados pessoais, e será analisado de acordo com os fundamentos teóricos e os métodos de análise desta pesquisa.

5. Dos desconfortos e riscos possíveis

A coleta de dados será realizada na Faculdade de Letras da UFMG (sala 4109) e no Laboratório de Línguas do Instituto de Letras da UnB. O local garante condições de trabalho seguras e tranquilas. Não há quaisquer riscos à sua integridade física ou emocional. Salienta-se, no entanto, que esta pesquisa será realizada somente se você se sentir em boas condições físicas e emocionais para realizar todas as atividades solicitadas. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (CEP/UFMG) será informado de todos os fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo.

6. Dos benefícios esperados

A pesquisa poderá ou não trazer-lhe benefícios com relação ao fazer tradutório. Contudo, as informações obtidas por meio deste estudo serão relevantes para a compreensão do processo tradutório.

7. Dos custos e reembolsos para o participante

Não haverá nenhum gasto com sua participação. Como a participação é voluntária e espontânea, você também não receberá nenhum pagamento por sua participação.

8. Da confidencialidade da pesquisa.

Será mantido sigilo absoluto para assegurar a privacidade de todos os participantes quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Entretanto, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais pode precisar consultar seus registros, de modo que, neste momento, você poderá ser identificado. Contudo, você não será identificado quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa. Assim, ao assinar este consentimento livre e esclarecido, você autoriza as inspeções em seus registros.

9. Da declaração de consentimento livre e esclarecido

Eu, _____, RG ou CPF _____, declaro que tive tempo suficiente para ler e entender as informações acima. Declaro também que fui devidamente informado(a) pelo pesquisador(a) _____ sobre os procedimentos que serão utilizados, os riscos e desconfortos, os benefícios, o custo/reembolso dos participantes, a confidencialidade da pesquisa. Confirmando que toda a linguagem técnica utilizada na descrição desta pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Declaro ainda que me foi assegurado que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade ou a perda de benefícios. Confirmando ainda que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Dou meu consentimento de espontânea vontade e sem reservas para participar deste estudo.

Assinatura do(a) participante: _____

Data: ____/____/____

Eu, _____, RG ou CPF _____, atesto que expliquei ao(à) participante cuidadosamente a natureza e o objetivo deste estudo, além dos possíveis riscos e benefícios da participação na pesquisa. Acredito que o(a) participante recebeu todas as informações necessárias, as quais foram fornecidas em uma linguagem adequada e compreensível, e que o(a) participante compreendeu tais explicações.

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

Data: ____/____/____

N.º Registro CEP: 0255.0.203.000-05

Aprovado pelo COEP: parecer ETIC 532/06

APÊNDICE D: Questionário estruturado

QUESTIONÁRIO ÚNICO E PROSPECTIVO LETRA/EXPED

Nome completo:

Sexo *

- Masculino
- Feminino

E-mail:

Ano de nascimento *

Você é: *

Escolhe uma opção abaixo:

- Destro
- Canhoto
- Ambidestro

1. Visão

1.1. Sua visão foi corrigida por cirurgia? *

- Sim
- Não

1.2. Você está usando lentes corretivas agora? *

- Sim
- Não

1.3. Você está usando óculos agora? *

- Sim
- Não

1.4. Qual é a cor aproximada dos seus olhos? *

- Azul
- Verde
- Castanho
- Preto

2. Perfil Acadêmico

2.1. Você está matriculado em algum curso universitário? *

- Sim
- Não (Passe para a pergunta 2.4.)

2.2. Em qual curso e habilitação?

2.3. Em qual instituição?

2.4. Tem bacharelado, licenciatura ou grau equivalente?

Sim

Não (Passe para a pergunta 2.7.)

2.5. Em qual(is) curso(s) e habilitação(ões)?

2.6. Em qual(s) instituição(ões)?

2.7. Você fez especialização(ões)? *

Sim

Não (passe para a pergunta 2.9.)

2.8. Em qual(is) curso(s)?

2.9. Você tem mestrado? *

Sim

Não (Passe para a pergunta 2.12.)

2.10. Em qual(is) área(s)?

2.11. Em qual(s) instituição(ões)?

2.12. Você tem doutorado? *

Sim

Não

2.13. Em qual(is) área(s)?

2.14. Em qual(s) instituição(ões)?

2.15. Você está cursando ou já cursou alguma disciplina da área de tradução? *

Sim

Não (Passe para a pergunta 3.1.)

2.16. Se respondeu sim à questão anterior, especifique a(s) disciplina(s):

3. Proficiência em línguas

3.1. Qual é a sua L1? *

L1: língua materna e/ou língua(s) adquirida(s) na infância e de uso regular

3.1.1. Indique na tabela abaixo o seu grau de proficiência na sua L1 indicada na 3.1. *

	Nenhuma proficiência	Proficiência básica	Proficiência intermediária	Proficiência avançada	Proficiência nativa ou bilíngue
Compreensão auditiva	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fala	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escrita	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Leitura	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3.1.2. Você tem outra L1?

- Sim
- Não (Passe para a pergunta 3.2.)

3.1.3. Se sim, especifique.

3.1.4. Indique na tabela abaixo o seu grau de proficiência na outra L1 especificada na pergunta 3.1.3.

	Nenhuma proficiência	Proficiência básica	Proficiência intermediária	Proficiência avançada	Proficiência bilíngue
Compreensão auditiva	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fala	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escrita	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Leitura	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3.2. Qual é a sua L2?

L2: língua adquirida a partir da adolescência e usada em contextos distintos com regularidade (trabalho, estudo, etc.)

3.2.1 Indique na tabela abaixo o seu grau de proficiência na(s) sua(s) L2.

	Nenhuma proficiência	Proficiência básica	Proficiência intermediária	Proficiência avançada	Proficiência bilíngue
Compreensão auditiva	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fala	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escrita	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Leitura	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3.3. Qual é a sua L3?

L3: língua receptiva, compreendida com facilidade mas expressada com certa dificuldade no uso oral e escrito

3.4. Você possui algum certificado de proficiência?

- Sim
- Não

3.4.1. Se sim, qual(is) certificado(s) possui?

4. Experiência profissional

4.1. Você tem ou teve experiência de ensino na L1? *

- Sim
- Não

4.2. Você tem ou teve experiência de ensino na L2? *

- Sim
- Não

4.3. Qual a sua experiência em tradução? *

- Nenhuma
- Até 2 anos
- De 2 a 4 anos
- De 4 a 6 anos
- De 6 a 10 anos
- Mais de 10 anos

4.4. Com que frequência você faz traduções?

- até 10 horas por semana
- De 10 horas a 20 h por semana
- De 20 horas a 30 h por semana
- De 30 horas a 40 h por semana
- Mais de 40 horas por semana

4.5. Que porcentagem de sua renda advém da prestação de serviços de tradução? *

- Nenhuma
- Menos de 10%
- de 11% a 30%
- de 31% a 50%
- de 51% a 70%
- de 71% a 100%

4.6. Que tipo de tradução você geralmente faz? Marque todas as opções aplicáveis. *

- Tradução literária
- Tradução técnica
- Tradução científica
- Tradução audiovisual
- Outro

4.7. Qual(is) ferramenta(s) de auxílio à tradução (CAT) você utiliza para traduzir? Marque todas as opções aplicáveis. *

- Nenhuma
- Trados
- Trados Studio
- Idiom
- Wordfast
- MemoQ
- Outro

4.8. Quais fontes de consulta ou materiais de referência você consulta com mais frequência quando está traduzindo? Marque todas as opções aplicáveis. *

- Dicionário impresso
- Dicionário digital
- Corpora
- Consulta a especialista e/ou a tradutor experiente
- Sistema de tradução automática
- Outro

4.9. Você ministra ou já ministrou disciplinas da área de tradução em algum nível? Marque todas as opções aplicáveis.

- Não
- Sim, na Graduação
- Sim, na Especialização
- Sim, no Mestrado
- Sim, no Doutorado

5. Experiência na Pós-edição

5.1. Você tem alguma experiência em (re)tradução? *

- Sim
- Não

5.2. Você utiliza a tradução automática em (re)tradução?

- Sim
- Não

5.3. Quantas (re)traduções você já fez?

- Uma
- Duas
- Três
- Quatro
- Mais de cinco

5.4. Que porcentagem de sua renda advém da prestação de serviços de (re)tradução?

- Nenhuma
- Menos de 10%
- de 11 a 30%
- de 31% a 50%
- de 51% a 70%
- de 71% a 100%

5.5. Você ministra ou já ministrou disciplinas da área de (re)tradução em algum nível?

Marque todas as opções aplicáveis

- Não
- Sim, na Graduação
- Sim, na Especialização
- Sim, no Mestrado
- Sim, no Doutorado